



V ENCONTRO EM DIAGNÓSTICO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MAIO DE 2024



UNIVASSOURAS



**Anais do V Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária
De 28 a 29 de maio de 2024**

Comissão Organizadora

Ana Paula Martinez de Abreu
Eduardo Butturini de Carvalho
Erica Cristina Rocha Roier
Letícia Patrão de Macedo Gomes
Mário dos Santos Filho
Renata Fernandes Ferreira de Moraes

Coordenação

Erica Cristina Rocha Roier
Mário dos Santos Filho

Editora da Universidade de Vassouras
Vassouras/RJ
2024

© 2024 Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras

Carlos Eduardo Cardoso

Coordenadora Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária

Dr^a Erica Cristina Rocha Roier

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva Produções Técnicas da Universidade de Vassouras

Profa. Dra. Paloma Martins Mendonça

Editoração

Mário dos Santos Filho

Erica Cristina Rocha Roier

Diagramação

Luis Felipe Soares Gomes

Mariana Moss

En17 Encontro em Medicina Veterinária (V: 2024: Vassouras, RJ)
 Anais do V Encontro em Medicina Veterinária/ Organizado por Ana
 Paula Martinez de Abreu... et al. – Vassouras, RJ : Editora Universidade
 de Vassouras, 2024.

163 p.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

DOI: 10.21727/anaisencontromedvet.pdf

1. Veterinária. 2. Mestrado. 3. Vassouras. I. Abreu, Ana Paula
Martinez de. II. Universidade de Vassouras. III. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

COLABORADORES

Fabio Sartori

Gabriela Vieira do Amaral

Gustavo Mendes Gomes

Mario Tatsuo Makita

Raphaela Fernandes Coelho

Renata Vitória Campos Costa

COMISSÃO ORGANIZADORA

(Discentes)

Anna Clara Carvas Sant'Ana

Julia Morelli Jucá

Larissa de Almeida Plácido

Lucas Gomes Salvado

Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino

Maria Fernanda Russo Muniz

MEMBROS DO COMITÊ CIENTÍFICO

Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos

Alysson de Paula Oliveira

Amanda Alfeld Belegote

Ana Carolina de Souza Campos

Ana Clara Sarzedas Ribeiro

Ana Paula Martinez de Abreu

Bianca Affonso dos Santos Paiva

Daniel Gomes Pereira

Eduardo Butturini de Carvalho

Eduardo Maia Aguiar

Elouise Cristine Barbosa de Souza

Erica Cristina Rocha Roier

Fabiana Bernardes Almeida Santos

Karla Dantas

Leila Cardozo Ott

Letícia Patrão de Macedo Gomes

Lígia Raposo Bernardes

Mariana Leal da Silva

Mário dos Santos Filho

Mayara Ornelas Pereira

Mylena Cunha Magalhaes Cotrim

Otavia Reis e Silva

Pedro Henrique Evangelista Guedes

Priscilla Nunes dos Santos

Renata Fernandes Ferreira de Moraes

Simone Pereira Alves

Thiago Luiz Pereira Marques

Verônica da Cruz de Carvalho

Vinicius Marins Carraro

“III Prêmio Camillo Francesco Cesare Canella”

Camillo Francesco Cesare Canella nasceu em Verona, Itália, em 31 de dezembro de 1929, de pai italiano e mãe brasileira, e chegou ao Brasil ainda criança. Graduiu-se em Medicina Veterinária na Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 1954. Foi Veterinário do Ministério da Agricultura (1955-1983), responsável pelo Laboratório de Diagnóstico da Inspeção Regional da Defesa Sanitária Animal, em Fortaleza, CE, e do laboratório de produção de vacinas. Nesse ofício atuou com grande competência em outras regiões (Piauí, Maranhão, Fernando de Noronha e Rio de Janeiro). Foi um grande parceiro e colaborador do Professor Tokarnia nos trabalhos de campo, inclusive no combate à peste suína africana. Foi pesquisador bolsista do CNPq e colaborou nas pesquisas de químicos, patologistas e botânicos e foi coautor de 34 publicações. Como Médico Veterinário autônomo tinha larga experiência em doenças infecciosas, parasitárias e da esfera reprodutiva, clínica médica e cirurgia de ruminantes. Foi de grande valor a sua contribuição nas pesquisas e elucidação de doenças causadas por plantas tóxicas e deficiências minerais. Faleceu em Vassouras – RJ, em 30 de dezembro de 2014.

No dia 29/05/2024 foi realizado o V Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária, promovido pelo Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Vassouras. No evento foram premiados os melhores trabalhos com o “III Prêmio Camillo Francesco Cesare Canella”.

Nesta terceira edição do prêmio, 3 trabalhos tiveram pontuações excelentes, considerando somatório da parte escrita e a apresentação oral, e foram condecorados com o título de “melhores trabalhos do evento”, classificados em Primeiro Lugar Geral, Segundo Lugar Geral e Terceiro Lugar Geral. Ao todo, foram apresentados 134 trabalhos, com temáticas de interesse na medicina veterinária, incluindo relatos de caso, artigos de pesquisa e notas técnicas. Além disso, nesta edição, houve a apresentação de folders como forma de materiais a serem utilizados na distribuição e nas diretrizes de extensão acadêmica. Estes materiais didáticos foram realizados pelos alunos de mestrado e confeccionados pelos alunos de graduação para o evento da Mostra de Extensão em Medicina Veterinária.

O sucesso do evento se deve a dedicação de todos envolvidos, como os alunos de graduação, pós-graduação e professores. O evento ocorreu pela manhã, perfazendo o pré-evento de palestras do V Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária, que ocorrera a tarde, possibilitando que os envolvidos pudessem prestigiar ambos eventos, além de abrir suas portas a interação com os demais cursos da Universidade.

Melhores Trabalhos do Evento

Primeiro Lugar

Título: Síndrome do nó doente com resgate sinusal em um West Highland White Terrier: Relato de caso.

Autores: Lara dos Santos Gomes, Luiza Amorim Gonçalves, Gabriel Duque Vargas, Monique Prado Vasconcellos & Mário dos Santos Filho.

Segundo Lugar

Título: Avaliação da confiabilidade das bombas de infusão de seringa: pesquisa comparativa entre duas marcas e tamanhos de seringas.

Autores: Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino, Lucas Gomes Salvado, Thiago Guerra Ferreira, Larissa de Almeida Plácido & Eduardo Butturini de Carvalho.

Terceiro Lugar

Título: Avaliação da confiabilidade de dispositivos de infusão de seringa em baixo fluxo.

Autores: Lucas Gomes Salvado, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino, Thiago Guerra Ferreira & Eduardo Butturini de Carvalho.

Sumário

A eficácia do óleo de eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>) no controle de <i>Psoroptes ovis</i> em coelhos.....	12
A Importância do esfregaço sanguíneo no diagnóstico On-Farm de tristeza parasitária bovina.	13
A utilização da etnoveterinária em comunidades quilombolas.....	14
Abordagem cirúrgica para correção de hérnia femoral estrangulada em cão: Relato de caso.	15
Abordagem integral da doença Lyme-símile: uma perspectiva zoonótica.....	16
Alterações na composição do leite associadas ao aumento da contagem de células somáticas: Uma revisão de literatura.	17
Amastia em vaca da raça nelore – Relato de caso.	18
Análise de êxito e frustração relacionados à técnica de colheita de amostras citopatológicas para fins diagnósticos na Clínica de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora.	19
Análise de motilidade e vigor de sêmen congelado de touros da raça Nelore mantidos em botijão com diferentes níveis de nitrogênio.....	20
Anemia Infecciosa Equina (AIE): Revisão de literatura.....	21
Aparecimento e impactos de espécies estrangeiras em águas nacionais.	22
Aplicação da etnoveterinária em comunidades indígenas.	23
Aplicação da ultrassonografia para avaliação e condição corporal e acabamento de carcaça em pequenos ruminantes.	24
Arritmia sinusal em cães braquicefálicos: Descrição de 32 casos clínicos.....	25
Aspectos da eficácia da citopatologia no diagnóstico de processos patológicos na rotina da Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora.	26
Aspectos epidemiológicos, clínico-patológicos e diagnóstico de raiva em animais de produção: Uma revisão de literatura.....	27
Aspergilose nasal em um paciente canino tratado com clotrimazol e debridamento cirúrgico: Relato de caso.	28
Atopia canina e sua relação com doença respiratória: Um estudo de caso clínico.	29
Atualização epidemiológica sobre o quadro da Panleucopenia felina no Brasil, em ambiente silvestre..	30
Atualizações sobre a febre aftosa em bovinos no Brasil.	31
Avaliação da cobertura vacinal nas campanhas de vacinação antirrábica em cães e gatos durante o período de 2013 a 2022, em Duque de Caxias, RJ.	32
Avaliação da confiabilidade das bombas de infusão de seringa: Pesquisa comparativa entre duas marcas e tamanhos de seringas.	33
Avaliação da confiabilidade de dispositivos de infusão de seringa em baixo fluxo.	34
Avaliação da função renal em equinos – Revisão de literatura.....	35
Avaliação morfológica de células sanguíneas de animais de companhia atendidos na clínica veterinária da Universidade de Vassouras.	36
Bem-estar na criação de suínos.	38
Bloqueio do ramo direito em cão submetido a quimioterapia com cisplatina: Relato de caso.....	39
Carcinoma espinocelular verrucoso em região vulvar de égua Mangalarga Marchador: Relato de caso..	41
Cartilha orientativa sobre contaminação alimentar por <i>Salmonella</i> spp.	42
Casuística das afecções cirúrgicas em cães e gatos atendidos na Clínica Veterinária da Universidade de Vassouras (Rio de Janeiro) do ano de 2019 a 2022.....	43
Causas subjacentes associadas à efusão pericárdica e métodos para o diagnóstico preciso: relato de 4 casos.....	44
Ciclo errático de <i>Diocotophyme renale</i> : Relato de caso.	45

Cistectomia e ureterostomia cutânea em cão: Relato de caso.....	46
Clostridioides difficile em cães: o que precisamos saber?	47
Clostridioides difficile em equinos: o que precisamos saber?	48
Comparação dos resultados da mensuração do platô tibial por meio de radiografia e fotografia após dissecação, um estudo cadavérico.....	49
Comunicação interatrial em canino filhote: Um relato de caso.	50
Corpo estranho no intestino de um felino com comprimento intestinal reduzido: Aspectos clínicos e cirúrgicos.	51
Correlação entre supradesnivelamento de segmento ST e cardiomiopatia hipertrófica como valor preditivo de possíveis infartos intramurais em gatos.....	52
Criação de jogos para o estudo de virologia veterinária: Uma alternativa eficaz para fixar o conteúdo. .	53
Cromoterapia na aplicação médica de cães e gatos hospitalizados: Uma revisão abrangente.	54
Descarte de agulhas e de frascos de medicamentos de uso pecuário em propriedades rurais.	55
Descontaminação de carcaças de frango após o abate: Revisão de literatura.	56
Desenvolvimento de paraparesia e perda da propriocepção em paciente canino com erliquiose: Relato de caso.....	57
Detecção molecular de Mycoplasma spp. em cães infectados naturalmente no município de Vassouras – RJ.....	58
Diagnóstico de corpo estranho intestinal em felino através da ultrassonografia e radiografia: Relato de caso.	59
Diagnóstico de mastite clínica e subclínica bovina em gados leiteiros: principais desafios na abordagem clínica da doença.	60
Diagnóstico molecular de tripanossomíase bovina no município de Juiz de Fora-MG.	61
Diagnóstico, tratamento e recuperação de sialocele orbitária em cão: Um relato de caso.....	62
Diferenças das principais raças zebuínas e taurinas na produção de oócitos e embriões: Revisão de literatura.	64
Diferenciação entre encefalopatia espongiiforme: Atípica x clássica.....	65
Diocetofimose em cão de seis meses: Relato de caso.	66
Dirofilariose assintomática em felino de 1 ano de idade: Relato de Caso.	67
Disfunção sistólica irreversível em cão poodle de 13 anos com hipotireoidismo descompensado: Um caso clínico.....	68
Eficácia da moxidectina de liberação lenta injetável na cura da dirofilariose canina: Relato de caso. .	69
Estudo epidemiológico e demográfico sobre hipertensão em cães com doença valvar de mitral.	70
Exame coproparasitológico de bezerros em propriedade rural de Vassouras – RJ.	72
Febre Amarela com foco em reservatórios silvestres.	73
FIV: Revisão de literatura.	74
Formação de abscesso em equino pela administração medicamentosa com agulha reutilizada: Relato de caso.	75
Helmintoterapia: Alternativa para tratamento de doenças inflamatórias intestinais - Revisão de literatura.	76
Hemangiossarcoma cardíaco em um Rottweiler jovem: Um relato de caso.....	78
Hérnia inguino-escrotal em equino: Relato de caso.....	79
Hipertensão pulmonar em um cão com doença pulmonar obstrutiva crônica: Relato de caso.	80
Hipertensão situacional em cães na rotina clínica.	81
Impactos da degradação da restinga na fauna por ação antrópica em território nacional: Revisão de literatura.	82

Importância da ingestão de colostro em bezerros neonatos – Revisão de literatura.	84
Influência da estocagem por congelamento na concentração de anticorpos no colostro bovino.....	85
Influência do estresse térmico na fertilidade de touros - Revisão de literatura.	86
Influenza Aviária: Uma perspectiva atualizada.	87
Laminectomia dorsal em verterbas L7-S1 em decorrência a hérnia de disco em cão.....	88
Lesão em região laringea causada por aerofagia em equino atleta: Relato de caso.....	89
Levantamento demográfico das alterações cardiológicas em 223 pacientes caninas portadoras de neoplasia mamária.	90
Levantamento epidemiológico de acidentes causados por animais peçonhentos nos municípios de Vassouras, Barra do Pirai e Mendes.	91
Listeria monocytogenes em bezerros de corte: Relato de caso.	92
Medicina legal no diagnóstico de maus-tratos na bovinocultura brasileira.	94
Miocardite em paciente canino com doença periodontal grave: Relato de caso.	96
O efeito do clima na produção de oócitos e embriões bovinos: Revisão de literatura.....	97
O papel do carrapato Amblyomma aureolatum na epidemiologia da Febre Maculosa Brasileira: Revisão de literatura.	98
Ocorrência de alterações morfológicas em processos espinhosos vertebrais de equinos.	99
Ocorrência de Brucella canis em seres humanos: Revisão de literatura.....	100
Orquiectomia em touro Nelore utilizando abraçadeira de nylon para ligadura do plexo pampiniforme: Relato de caso.	101
Os efeitos da crioterapia na miosite equina: Revisão de literatura.....	102
Os impactos na reprodução de bovinos causados pelo BVDV.....	103
Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) bilateral em cão: Relato de caso clínico-cirúrgico.	104
Peritonite Infecciosa Felina (PIF): Revisão de literatura.	105
Perspectivas sobre a utilização do plasma rico em plaquetas na medicina veterinária reprodutiva. .	106
Pneumotórax não traumático em cão: Relato de caso decorrente de enfisema pulmonar.	107
Pontas excessivas de esmalte dentário em equinos: Um desafio odontológico.	108
Prevalência de endocardiose de válvula mitral em cães de grande porte: Um estudo retrospectivo..	109
Prevalência do diagnóstico citopatológico de mastocitoma na Clínica de Ensino Veterinário da Universidade Federal de Juiz de Fora – Estudo retrospectivo.	110
Projeto Didelphis: Uma jornada de conscientização e proteção dos gambás.....	111
Rabdomiólise em equino atleta: Relato de caso.	112
Radiografia como auxílio para tratamento de osteomielite em Cavia porcellus (porquinho-da-india ou cobaia).....	113
Reabilitação de animais marinhos: Especificidades e importância - Revisão de literatura.	114
Relação entre fístulas oro-nasais em cães e sua associação com rinite crônica: Um levantamento de dados em prontuários.	115
Relato de caso de pneumonia bacteriana resistente em um canino de cinco anos: Abordagem clínica e terapêutica.	116
Relato de caso: Piometra bacteriana resistente em cadela.....	118
Relato de desenvolvimento de produto técnico: Cartilha orientativa sobre leite A2A2.	119
Relato de desenvolvimento de produto técnico: Desenvolvimento de um guia rápido para realização do exame A-FAST ultrassonográfico em pequenos animais.	120
Reprodução e manejo reprodutivo de Hippocampus guttulatus em cativeiro: Revisão de literatura..	121
Resistência antihelmíntica em ruminantes.	122
Retirada de corpo estranho esofágico em Hydromedusa tectifera: Relato de caso.....	123

Revisão de literatura: Incidência de remissão de Diabetes Mellitus em cães.....	124
Rinite linfoplasmocitária canina com resposta ao uso de furoato de fluticasona: Relato de 3 casos de sucesso.	125
Sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em felino: Relato de caso.	126
Saúde bucal dos pets: Como manter a higiene oral em cães e gatos?	127
Segurança alimentar e contaminação por Plesiomonas shigelloides em peixes.....	128
Síndrome do nó doente com resgate sinusal em um West Highland White Terrier: Relato de caso..	129
Staphylococcus aureus como agente causador de mastite: Revisão bibliográfica.	130
Sutura de Flessa captonada com botões na correção de prolapso vaginal em vacas de corte: Relato de quatro casos.	131
Tétano em felino de 1 ano de idade, por uso indevido de instrumental durante ovariohisterectomia: Relato de caso.....	132
Tetralogia de Fallot em paciente canino de 6 meses de idade: Relato de caso.	133
Touro da raça Gir parasitado por nematódeos do gênero Rhabditis spp.: Relato de caso.	134
Toxicidade cardíaca por doxorrubicina em cães: Um alerta para a importância da monitorização cardíaca e intervenção precoce: Relato de caso.....	136
Tratamento odontológico em equino com pontas excessivas de esmalte dentário: Relato de caso. ..	138
Trypanossoma evansi em equino: Relato de caso.	139
Tumor esplênico canino avançado: Metástases cardíacas e pulmonares comprometem prognóstico.	140
Urólito de biurato de amônio em um felino de 2 anos: Relato de caso.....	141
Uso da técnica de janelas acústicas do ultrassom (FLASH) como auxiliar no diagnóstico do abdome agudo cirúrgico em equinos.	142
Uso de amiodarona no controle de complexos ventriculares prematuros em medicina veterinária: Relato de caso.....	143
Uso de L-lisina no tratamento de felino com Herpesvírus felino: Um relato de caso.	144
Uso de queimadas para a limpeza de áreas de pastoreio em propriedades rurais.	145
Uso do éter dimetílico associado a propano e isobutano no tratamento de pododermatite plasmocitária em felino: Relato de caso clínico-cirúrgico.	146
Utilização da criocirurgia no tratamento de habronemose cutânea em equino: Revisão de literatura.	147
Utilização de Saccharomyces cerevisiae na suplementação de potros: Revisão de literatura.....	148
Vacinação em cães e gatos: Qual a importância?	149
Xeromicteria em um cão com lesão de nervo trigêmio: Relato de caso.....	150

Súmario de Folders

A importância da consulta de rotina na medicina veterinária de pequenos animais.....	151
Conheça mais a fundo sobre o vírus da raiva: Uma zoonose de grande importância mundial para o seu pet e para você!	152
Desmistificando a eficácia da terapia floral em animais: Orientações para resultados satisfatórios...153	
Diagnóstico de mastite clínica e subclínica bovina em gados leiteiros: principais desafios na abordagem clínica da doença.	154
Diagnóstico ultrassonográfico na rotina de emergência.	155
Dirofilariose: Uma doença emergente.	156
Doença de Marek x Newcastle: Saiba suas importâncias e seus impactos na avicultura brasileira.....	157
Estereotípias e suas relações com o bem-estar em equinos.	158
Estereotípias em mini-horses.....	159
Gambás na agricultura (vinculado com o Projeto Didelphis).	160
Medicina Veterinária Integrativa.	161
Proteja sua fazenda e o meio ambiente: Guia para o uso e descarte seguro de agulhas, seringas, medicamentos e vacinas na produção animal.	162
Vacinação em cães e gatos: Qual a importância?	163

A eficácia do óleo de eucalipto (*Eucalyptus globulus*) no controle de *Psoroptes ovis* em coelhos.

Maria Eduarda Damasceno da Silva¹, Naiane Soares França de Oliveira¹, João Gabriel de Souza Silva², Dayse Oliveira de Souza³ & Priscilla Nunes dos Santos⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico veterinário autônomo, Volta Redonda-RJ

³Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Pinheiral – RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A infestação pelo ácaro *Psoroptes ovis* é uma condição dermatológica comum em coelhos, caracterizada por otite, prurido intenso e formação de crostas espessas, podendo levar a complicações neurológicas e infecções bacterianas secundárias. O tratamento convencional, frequentemente realizado com lactonas macrocíclicas, enfrenta desafios de resistência e resíduos em produtos de origem animal, destacando a necessidade de alternativas terapêuticas eficazes e sustentáveis. Este estudo teve como objetivo avaliar a eficácia do óleo essencial de *Eucalyptus globulus* como uma alternativa natural e sustentável para o controle de *Psoroptes ovis* em coelhos da raça Nova Zelândia naturalmente infestados. Para confirmar a presença de *P. ovis*, foi realizada citologia das orelhas utilizando-se fita adesiva para selecionar os animais participantes do estudo. Quinze coelhos foram divididos em três grupos: placebo (foi utilizado 98% de soro fisiológico e 2% de vaselina), controle (administração de ivermectina, via oral, 400mg/kg dose única) e teste (óleo essencial na concentração 2,5%, do qual foi homogeneizado em frasco estéril com vaselina a 2% e solução salina fisiológica a 98%). A distribuição foi realizada de através de sorteio (amostragem aleatória simples), e cada grupo ficou com cinco animais. O tratamento foi aplicado nas orelhas dos coelhos durante um mês nos dias 7,14,21 e 28, com avaliações de uma das orelhas, das lesões nos dias 0, 14 (durante o tratamento) e 35 (uma semana após o fim do tratamento). As lesões de uma das orelhas de cada coelho foram classificadas de acordo com observações feitas a olho nu, classificadas pelos seguintes escores: “0” para orelhas visivelmente saudáveis e sem presença de ácaro; “1” para lesão no canal auditivo; “2” para lesão auricular no terço inferior; “3” para lesão auricular no terço inferior com secreção e alta descamação, e “4” para lesões auriculares, no terço inferior, severas com presença de sangue, secreção, mal cheiro e alta descamação. Os resultados encontrados foram inconclusivos. Enquanto um animal do grupo tratado com o óleo essencial demonstrou resposta à infestação, outro animal do mesmo grupo alcançou um escore 4 ao final do experimento, indicando um estágio avançado de lesões causadas pelo ácaro *P. ovis*. Além disso, embora dois outros animais tenham apresentado uma diminuição nos escores, não foi observada uma eliminação completa da infestação com a concentração de óleo essencial utilizada, como em um estudo em que foi utilizado o mesmo componente presente no óleo de eucalipto, o 1,8 cineol, em *P. ovis*. Estes resultados ocorreram provavelmente devido às limitações associadas à concentração do óleo essencial, resistência às lactonas macrocíclicas e ao manejo dos animais. A efetividade dos óleos essenciais é influenciada por uma série de fatores, tais como a dosagem utilizada, a área de aplicação, o modo e a via de administração. Portanto, se sugere que novos estudos sejam empregados com diferentes concentrações do óleo essencial e o emprego da prevenção da reinfestação por ácaros através de um bom manejo dos animais.

Palavras-chave: Cunicultura, dermatite, fitoterápico, sustentabilidade, tratamento.

A Importância do esfregaço sanguíneo no diagnóstico *On-Farm* de tristeza parasitária bovina.

Mariana Caetano Marques¹, Matheus Nascimento Cremonesi¹, Gabriela Maia Godinho¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Piettra Bácia Rechuem¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A pecuária bovina no Brasil é responsável por uma parcela substancial na economia do país. Porém, maior parte do país se encontra em uma área de clima tropical, fazendo com que animais estejam expostos ao Complexo da Tristeza Parasitária Bovina (TPB), causada por *Anaplasma marginale* e/ou *Babesia bigemina* e *Babesia bovis*. A transmissão ocorre principalmente através do carrapato *Rhipicephalus (microplus) Boophilus*, e a *Anaplasma* também pode ser transmitida por insetos hematófagos e por equipamentos contaminados. O objetivo deste estudo é descrever a importância do esfregaço sanguíneo no diagnóstico “on farm” de tristeza parasitária bovina. A revisão bibliográfica foi realizada com consulta às bases de dados: Scielo, Google Acadêmico e Bvs-vet. Os resultados desta revisão mostraram que em animais infectados por TPB, os sinais clínicos comumente apresentados são relacionados à função das hemácias, gerando anemias, febre, icterícia, perda de peso, baixa fertilidade e em casos mais graves, pode acometer o sistema nervoso central e até morte, o que acaba se tornando um prejuízo econômico ainda maior para o produtor. Para se chegar a um diagnóstico de TPB, o Médico Veterinário deve levar em consideração os dados epidemiológicos, sinais clínicos e, quando possível, realizar exames laboratoriais. O diagnóstico laboratorial para TPB pode ser realizado por diversos métodos, porém o método mais fácil, rápido, barato e de alta especificidade para identificação de hemoparasitoses na fase aguda, é o esfregaço sanguíneo, ainda mais quando se tem uma parasitemia média e alta, comum nos animais que estão apresentando os sinais clínicos. O esfregaço sanguíneo pode ser realizado na própria fazenda (on farm) por um médico veterinário treinado, desde que se tenha os materiais necessários como as lâminas, os corantes (kit rápido panóptico) e o microscópio óptico com objetiva de 100 x, assim possibilitando o diagnóstico em poucos minutos, e o direcionamento do tratamento correto. A realização do esfregaço ocorre pela aplicação de uma gota de sangue de ponta de orelha ou da cauda do animal sobre uma lâmina, o dispersando com uma lâmina extensora, após isso, as lâminas são coradas por imersão no kit panótico, sendo lavadas na sequência em filete de água para limpar o excesso das soluções, e depois deve-se secá-las. A leitura da lâmina se dá em microscópio óptico com objetiva de 100x, para observar o interior das hemácias e identificar a presença de um ou mais dos micro-organismos intracelulares. Conclui-se que o domínio de técnicas de métodos fáceis, rápidos e baratos, tais como o esfregaço sanguíneo são importantes na identificação de doenças como a Tristeza Parasitária Bovina, permitindo um correto diagnóstico na própria fazenda, sem necessitar grande estrutura e assim direcionar corretamente o tratamento dos animais.

Palavras-Chave: *Anaplasma marginale*, *Babesia bovis*, diagnóstico *on-farm*, esfregaço sanguíneo, kit panótico.

A utilização da etnoveterinária em comunidades quilombolas.

Olivia Soledade Junqueira Silva¹, Fernanda Romão Reis¹, Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos¹, Lorryne Martins de Assis¹, Amanda Alfeld Belegote² & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A etnoveterinária, como campo de estudo, representa um valioso conjunto de conhecimentos ancestrais que permeia as relações entre seres humanos e animais ao longo de séculos. Sua importância ultrapassa fronteiras geográficas e culturais, oferecendo uma perspectiva única sobre o tratamento e cuidado dos animais, muitas vezes em ambientes onde os recursos e acesso a serviços veterinários convencionais são limitados. Em comunidades rurais e quilombolas, a etnoveterinária desempenha um papel fundamental na preservação da saúde animal e, por consequência, na sustentabilidade dos meios de conservação dessas populações. Os conhecimentos transmitidos de geração em geração não apenas garantem a sobrevivência dos animais, mas também fortalecem os laços comunitários e preservam a identidade cultural desses grupos, a etnoveterinária ainda oferece uma visão holística da interação entre humanos, animais e meio ambiente, promovendo práticas de cuidado que muitas vezes são integradas aos ecossistemas locais. O uso de plantas medicinais e minerais não apenas trata doenças, mas também respeita e valoriza a biodiversidade, incentivando a conservação dos recursos naturais, o estudo da etnoveterinária ainda contribui para o desenvolvimento de soluções sustentáveis e culturalmente sensíveis para os desafios enfrentados pela saúde animal. Diante das crescentes preocupações com o bem-estar animal, sustentabilidade e preservação cultural, a etnoveterinária se faz um campo de estudo relevante e necessário. Ao documentar e estudar essas práticas, não apenas reconhecemos a sabedoria acumulada ao longo dos tempos, mas também abrimos espaço para a integração de métodos tradicionais com abordagens modernas, visando uma saúde animal mais ampla e inclusiva. No contexto brasileiro, os povos quilombolas têm recorrido às plantas medicinais ao longo de múltiplas gerações para o tratamento de doenças animais. O intuito deste estudo consiste em investigar e registrar, através de questionários, o conhecimento popular e os resultados oriundos da utilização destas plantas medicinais. O questionário será aplicado em uma comunidade quilombola que já possui contato prévio com universidades em projetos anteriores, e esta será conduzida entre os meses de junho e dezembro de 2024. Os questionários englobarão temas variados, como as espécies de ervas empregadas, os benefícios observados, os aspectos culturais associados à prática e outras questões pertinentes. Diante das mudanças socioeconômicas e culturais, o estudo da etnoveterinária assume uma importância crucial não apenas para a saúde dos animais, mas também para preservação da cultura e dos conhecimentos tradicionais presentes nas comunidades quilombolas. Em resumo, o propósito deste estudo é registrar e preservar o conhecimento etnoveterinária enraizado nestas comunidades, buscando compreender sua relevância e aplicabilidade no que se refere ao contexto contemporâneo. Ao fazê-lo, almeja-se contribuir para a valorização e o reforço das práticas tradicionais de cuidado animal, bem como para o desenvolvimento de estratégias mais sustentáveis e culturalmente acessíveis para a promoção da saúde animal.

Palavras-chave: Etnoveterinária, plantas, quilombolas, saúde.

Abordagem cirúrgica para correção de hérnia femoral estrangulada em cão: Relato de caso.

Maria Luiza Azevedo de Sá¹, Elaine Ramos² & Ana Carolina de Souza Campos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de especialização em cirurgia de cães e gatos – Anclivepa-SP, São Paulo-SP.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A hérnia abdominal é o defeito da parede do abdômen que permite a protrusão de gordura e/ou órgãos para o subcutâneo ou espaço intramuscular, sendo a hérnia femoral um subtipo raro em cães e gatos, que se caracteriza pelo defeito no canal femoral, caudomedial aos vasos. O diagnóstico dessa afecção é um desafio, devido comumente a presença de sinais clínicos inespecíficos e o diagnóstico errôneo de hérnia inguinal. Assim, o objetivo deste relato é descrever a abordagem clínico-cirúrgica e diagnóstica de um caso raro de hérnia femoral com estrangulamento intestinal em um cão macho, SRD, com cinco anos de idade. O paciente chegou na clínica veterinária com histórico de apatia e desidratação há cinco dias, sendo internado para estabilização do quadro. Durante esse período, o exame laboratorial realizado apresentou leucopenia, com redução de neutrófilos, linfócitos, eosinófilos e trombocitopenia, o que indica uma disfunção orgânica causada por uma resposta desregulada do hospedeiro secundária a uma infecção. Ainda, o cão apresentou aumento de volume na região inguino-femoral direita, com presença de hematomas e à palpação, dor e presença de conteúdo líquido e gasoso irreduzível, sendo solicitado exames de imagem por suspeita de hérnia femoral e/ou inguinal. A ultrassonografia abdominal constatou alça intestinal encarcerada com mucosas espessadas e a radiografia abdominal (projeções ventro-dorsal e latero-lateral direita) demonstrou gases no trato gastrointestinal e a projeção médio-lateral do membro posterior direito não foi esclarecedora, sendo notado somente aumento de volume na região femoral medial. Na cirurgia, para visualização da área herniada, a pele foi incisada na região hipogástrica (celiotomia longitudinal paramediana), com posterior abertura do saco herniário e exposição do conteúdo, que demonstrou encarceramento de jejuno e perda da viabilidade do órgão, devido intensa coloração cianótica. Em seguida, por celiotomia longitudinal mediana realizou-se redução do conteúdo após ampliação do anel herniário seguido de enterorreseção e anastomose do jejuno e; o saco herniário foi removido com cautela, sendo efetuada ao fim a herniorrafia. Além disso, por conta da cirurgia no sistema digestório, foi colocada sonda esofágica para introdução de alimentação líquida por três dias e, posteriormente, pastosa, conforme a necessidade energética basal diária do paciente. O paciente foi mantido internado por 3 dias sob prescrição de metadona (0,3 mg/kg/BID/IV), dipirona (25 mg/kg/BID/IM), meloxicam (0,1 mg/kg/SID/IV), amoxicilina com clavulanato (20 mg/kg/BID/VO) e metronidazol (15 mg/kg/IV), para manejo de dor, inflamação, infecção e ferida cirúrgica. Neste relato, os exames clínico e de imagem foram essenciais para permitir o tratamento cirúrgico, que quando realizado de forma precoce, revela-se eficaz, tendo o paciente melhora clínica e alta.

Palavras-chave: Emergência cirúrgica, encarceramento, enterectomia, enteroanastomose, herniorrafia.

Abordagem integral da doença *Lyme-símile*: uma perspectiva zoonótica.

Arthur Santos Monteiro¹; Igor Braz Righi¹; Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹ & Priscilla Nunes dos Santos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A doença de Lyme, também conhecida como borreliose, é uma infecção multissistêmica causada pela bactéria *Borrelia burgdorferi* e transmitida pela picada de carrapatos. No Brasil, esta condição apresenta características particulares e é conhecida como Lyme-símile ou síndrome de Baggio-Yoshinari, uma zoonose emergente que exhibe algumas peculiaridades locais. Esta revisão de literatura tem o objetivo de descrever a epidemiologia, transmissão, manifestações clínicas e diagnóstico da doença associadas à enfermidade. Foram selecionados estudos publicados entre 2010 e 2024 e livros que discutem o tema. Acredita-se que no Brasil, diferente do que ocorre na América do Norte (em que a transmissão é feita por carrapatos do gênero *Ixodes*), a transmissão se dê por picada de carrapatos dos gêneros *Amblyomma*, *Rhipicephalus* e *Dermacentor* uma vez que as espiroquetas foram encontradas nestes artrópodes. A doença frequentemente se manifesta com uma lesão inicial conhecida como eritema crônico migratório, que pode desaparecer e reaparecer meses após a picada. Esta fase secundária pode variar em sua apresentação ao longo dos anos, sendo recorrente em alguns pacientes ou mesmo completamente ausente em outros. Além disso, alguns pacientes podem não apresentar sintomas da fase aguda e progredir diretamente para um estágio latente recorrente, onde o hospedeiro se torna portador da bactéria. Neste estágio, uma variedade de sintomas pode se manifestar quando a imunidade do hospedeiro é comprometida. Comumente, complicações neurológicas, cardíacas, oculares e articulares surgem semanas após a infecção inicial. Na patogênese, há envolvimento de endotoxinas, hemolisinas, complexos imunes e imunossupressão. A maioria dos casos em seres humanos foi identificada em habitantes de áreas rurais, onde a incidência dessa zoonose é alta devido à proximidade com animais parasitados por esses artrópodes, já sendo identificada em diversos estados brasileiros. Os critérios para diagnosticar doença de Lyme-símile abrangem tanto parâmetros principais quanto secundários, incluindo a epidemiologia, como um episódio de picada de carrapato e/ou contato com animais selvagens ou domésticos infestados por carrapatos, ou uma visita a uma área de risco, a presença de eritema crônico ou manifestações sistêmicas e sorologia positiva para *Borrelia burgdorferi*. A revisão detalhada da doença Lyme-símile enfatiza não apenas sua complexidade multissistêmica, mas também a necessidade de medidas direcionadas a saúde pública para combater essa zoonose. O diagnóstico precoce é crucial, dado o espectro variado de sintomas e a disseminação geográfica da doença. Além disso, é imprescindível investir em estratégias de vigilância epidemiológica e controle de vetores.

Palavras-chave: *Borrelia burgdorferi*, carrapatos Ixodídeos, *Lyme-símile*, síndrome de Baggio-Yoshinari, zoonose.

Alterações na composição do leite associadas ao aumento da contagem de células somáticas: Uma revisão de literatura.

Gabriela Maia Godinho¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Mariana Caetano Marques¹, Heitor Drumond Guelber¹, Fernanda Ferreira Salgueiro¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Células somáticas são as células circulantes do sangue que atuam na linha de defesa do organismo, como os macrófagos, linfócitos e neutrófilos. O aumento da concentração dessas células na glândula mamária está relacionado principalmente com processos infecciosos e com a inflamação resultante da resposta do organismo. Processos inflamatórios levam a alterações na permeabilidade dos capilares sanguíneos que envolvem o alvéolo da glândula e, desta forma, os leucócitos passam com o sangue e se infiltram na formação do leite. A contagem de células somáticas (CCS) estima a qualidade leiteira e é um indicativo da sanidade dos quartos mamários, estando diretamente relacionada com o resultado produtivo do rebanho e com a instalação da mastite subclínica. O aumento da CCS no leite influencia negativamente a sua composição, modificando a atividade enzimática e o tempo de coagulação. Além disso, outros componentes como as proteínas, as gorduras, a lactose e os minerais também são influenciados. O tecido mamário afetado pela inflamação implica na modificação da produção desses componentes pelas células epiteliais secretoras e, por isso, há uma direta relação entre o aumento de células somáticas na glândula com essas alterações. Como consequência disso, há uma depreciação na qualidade do leite e dos derivados lácteos, levando à inferiorização das propriedades organolépticas e das características desejadas para o mercado, diminuindo, assim, o seu valor e tempo de prateleira.

Palavras-chave: Derivados lácteos, glândula mamária, mastite, rebanho leiteiro, sólidos totais.

Amastia em vaca da raça nelore – Relato de caso.

Nayara Moraes de Carvalho¹, Piettra Bácia Alves Rechuem¹, Amanda Alfeld Belegote², Davi de Araújo Silva³, Thiago Luiz Pereira Marques⁴ & Letícia Patrão de Macedo Gomes⁵.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Médico Veterinário Autônomo, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁵Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A produção de carne bovina vem crescendo cada vez mais mundialmente, estimando-se um aumento de 1,28% ao ano, podendo chegar à 79,3 milhões de toneladas até 2027. De acordo com o *United States Department of Agriculture (USDA)*, Brasil é o terceiro maior produtor de gado, o segundo maior produtor e o maior exportador de carne bovina até o período de março de 2024. Para que o sistema de produção de gado de corte se mantenha eficiente é necessário um manejo que aumente a produtividade e diminua os custos da produção, sendo a seleção de características desejáveis para a produção do rebanho com qualidade e baixo custo. A fêmea bovina possui um úbere dividido em quatro câmaras, cada câmara possui uma glândula mamária e um teto. Cada glândula possui ductos excretores que ao se unirem formam os ductos lactíferos que se estendem até a papila. O úbere é drenado e irrigado, respectivamente, por grandes veias e artérias, tendo também os linfonodos mamário, subilíaco, isquiático e inguinal profundo responsáveis pela drenagem linfática da região. As fêmeas da raça nelore possuem o úbere menor e com os vasos sanguíneos menos desenvolvidos comparado às vacas leiteiras, pois possuem aptidão para corte. Entretanto os tetos são de tamanhos ideais para facilitar o acesso do bezerro, onde essa interação auxilia na produção da ocitocina, hormônio responsável pela ejeção do leite. Vacas da raça nelore possuem a característica de habilidade maternal acentuada, o que influencia na garantia da transferência de um colostro de qualidade ao bezerro nas primeiras horas de vida, fazendo com que o bezerro adquira imunidade passiva, além dos componentes nutricionais até o desmame. O desenvolvimento da mama se inicia no processo embrionário onde pode ser dividido em quatro etapas, estando relacionado tanto à genética quanto ao sistema endócrino, porém não acredita-se que este processo tenha influência hormonal. A segunda etapa do desenvolvimento mamário é quando permanecerão apenas os folhetos embrionários que originam as mamas e é nessa etapa que podem ocorrer as falhas no desenvolvimento como a proliferação excessiva ou a atrofia desses folhetos. A amastia é uma patologia congênita rara onde não há presença das glândulas mamárias e tetos, havendo casos de amastia congênita familiar descrita em humanos. Essa condição tem sido descrita associada à diabetes mellitus, displasia e lipoatrofia. O presente trabalho possui como objetivo relatar o caso clínico de uma fêmea bovina, de três anos de idade que ao passar pelo diagnóstico gestacional foi observada a ausência de tetos, tendo o diagnóstico confirmado após o nascimento do bezerro, pois não houve o aumento do úbere. Entretanto, a vaca possui o sistema endócrino funcionando normalmente mantendo a ciclicidade ovariana. Diante disso, é possível concluir a necessidade de uma boa avaliação e seleção de matrizes para compor um plantel bovino, considerando os objetivos da propriedade, pois o fator genético pode interferir no processo embrionário.

Palavras-chave: Anomalia, bovinos, congênito, mamário.

Análise de êxito e frustração relacionados à técnica de colheita de amostras citopatológicas para fins diagnósticos na Clínica de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nathalia De Oliveira Gomes¹, Roberta Venancio Nunes da Silva¹, Júlia Vignoli Guzella Barbosa Leite¹, Carolina Viana Lima¹, Chrystian Batalha de Carvalho¹ & Eduardo Borges Viana².

¹Discente do curso de graduação de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

²Docente do curso de graduação de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

Resumo

O exame citológico é um método de diagnóstico de extrema valia na clínica veterinária, uma vez que, além de fornecer um diagnóstico relevante na escolha de tratamentos, possui baixo custo, é minimamente invasivo e a obtenção de resultados se dá em um menor período (Silva et al. 2019). Podem-se citar algumas formas de colheita citopatológicas, como punção aspirativa por agulha fina (PAAF), utilizada em lesões com massas firmes, sólidas e rígidas através de pressão negativa; Punção por capilaridade, aplicada em coletas de amostras moles e mais vasculares; Imprints, para lesões sólidas e massas expostas e/ou ulceradas; e Swabs, utilizados em lesões cutâneas ou em superfícies mucosas. Dentro deste cenário, é importante assegurar que a colheita de amostras seja realizada de forma eficaz, contendo uma representação significativa da lesão, para que haja uma plena análise. Caso a coleta seja desempenhada inadequadamente, pode apresentar artefatos e até mesmo contaminação de outros processos que não a lesão verdadeiramente (Perinelli et al. 2013). Assim posto, o estudo possui como objetivo analisar o êxito e a frustração relacionados a técnica de coleta de amostras citopatológicas para fins diagnósticos. Consideraram-se exitosas as coletas que apresentaram resultado e como frustradas as coletas que não obtiveram resultado por apresentarem material inapropriado. Sob essa perspectiva, é importante ressaltar que diversos fatores podem contribuir para o erro na coleta citopatológica, dentre eles os mais corriqueiros são contaminação por sangue, material necrótico, inflamatório, contaminação ambiental e dos equipamentos de coleta e análise, hipocelularidade da amostra, erro no sítio de coleta e uso de coloração inadequada (Raskin, 2009). Diante do exposto foram coletados dados nos arquivos de laudos do setor de citopatologia do Laboratório de Patologia e Histologia Veterinária (LPHvet) da UFJF de 137 animais, sendo 120 cães, 16 gatos e 1 calopsita, no período de 2021 a 2023. A correlação estabelecida entre o método de coleta e a obtenção de resultado demonstrou que, habitualmente, quando utilizadas duas técnicas combinadas, a porcentagem de êxito foi satisfatória, sendo de 75% quando utilizado Swab/Imprint, e de 100% quando utilizados PAAF/Swab e PAAF/Imprint. Concomitantemente, as técnicas por Swab, PAAF e Punção por Capilaridade, quando aplicadas individualmente, conferem significativa assertividade ao diagnóstico, apresentando, respectivamente, 100%, 78,70% e 100% de êxito. Contudo, ressalta-se que, embora a técnica de Punção por Capilaridade tenha apresentado alta taxa exitosa, o N amostral foi insuficiente para estabelecer correlações claras. Outrossim, o método por Imprint apresentou alta taxa de frustração, sendo esta de 55,56%, que pode ser atribuída aos erros de colheita supramencionados, sobretudo a contaminação por sangue, material inflamatório ou debris celulares. Dessa forma, a execução correta da técnica mostrou-se eficiente para determinação do diagnóstico, e observou-se também que quando associadas duas técnicas a probabilidade de frustração diminuiu consideravelmente, por conseguinte, o exame citológico mostrou-se extremamente eficaz e relevante para a elaboração de um diagnóstico definitivo, garantindo assim uma adequada intervenção clínica e/ou cirúrgica.

Palavras-chave: Amostra biológica, citologia, *Imprint*, PAAF, *Swab*.

Análise de motilidade e vigor de sêmen congelado de touros da raça Nelore mantidos em botijão com diferentes níveis de nitrogênio.

Maria Luiza Marques Galvão¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Eduardo Butturini de Carvalho² & Thiago Luiz Pereira Marques².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As principais centrais de genética bovina utilizam de uma extensa análise do sêmen coletado com a pretensão de selecionar amostras de sêmen de touros com alto potencial de fertilidade. Dessa forma, o exame andrológico pós congelamento é uma técnica empregada na reprodução animal, tão importante quando a congelação para a sobrevivência espermática, visando obter uma avaliação completa e minuciosa da capacidade sexual dos machos garantindo fertilidade. O crescente uso de sêmen criopreservados de animais de grandes valores zootécnicos para inseminação artificial (IA), tem incentivado o desenvolvimento de técnicas, e formas de melhorar a conservação em botijões de nitrogênio líquido, com o objetivo de manter as características seminais, garantindo assim a preservação e comercialização de um sêmen em ótimas condições, garantindo a fertilidade dos animais. A maioria do sêmen, manipulado fora dos laboratórios de pesquisa e centrais de congelação são armazenados em sistema de vapor de nitrogênio líquido em botijões. A técnica é viável, porém de difícil padronização das curvas de refrigeração e de congelação, uma vez que diversos fatores contribuem para induzir as variações como: marca e modelo de botijão, número de doses a serem armazenadas e o nível de nitrogênio. Para o estudo foram utilizados 2 touros adultos da raça Nelore, previamente selecionados no exame andrológico de pré congelamento, com idade entre 24 e 36 meses, sendo analisadas 5 amostras de sêmen de cada touro, das raques de cima e de baixo, começando do nível 40 aos 10cm de nitrogênio. O estudo forneceu uma discussão pertinente sobre os níveis de nitrogênio em comparação entre as duas raques, observando dados não normais descritos através de mediana, mínimo e máximo, ou como média e desvio padrão. No teste Post-hoc, foram encontradas diferenças significativas de ($p < 0,001$) ao longo da perda de nitrogênio no botijão. Significando, que a partir do nível 15 já podemos encontrar alterações nas amostras analisadas, porém, sendo um nível ainda seguro para armazenar as amostras. Já quando descemos mais esse nível, ao nível 10cm podemos encontrar significantes alterações no A1 e A2. No estudo, é notório que há uma diferença significativa no desempenho dos animais no gráfico N15 E N10. No N10 ocorreram efeitos parecidos que no N15, porém ocorrendo uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0,012$) entre as raques de altas e baixas. Nota-se que esse efeito só pode ser observado nas análises do A2, no N15 ocorreu nos dois animais. O estudo pode mostrar resultados consideráveis de células espermáticas móveis e com vigor satisfatório no nível 15 das amostras armazenadas na raque baixa do botijão, podendo assegurar a qualidade das amostras. A partir do nível 10 foram visíveis os danos das amostras da raque alta e da raque baixa, ao submeter às amostras a níveis menores de temperatura dentro do botijão, deixando de estar completamente em contato com o nitrogênio, ocorrendo maiores danos as células espermáticas armazenadas com baixo nível de nitrogênio.

Palavras-Chave: Criopreservação, inseminação artificial, nitrogênio líquido, sêmen.

Anemia Infecciosa Equina (AIE): Revisão de literatura.

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Mariana Silva de Souza¹, Ana Paula Martinez de Abreu², Eduardo Butturini de Carvalho², Erica Cristina Rocha Roier² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O presente estudo consiste em apresentar o panorama epidemiológico da Anemia Infecciosa Equina (AIE) no Brasil, evidenciando também seus sinais clínicos, diagnóstico e profilaxia. A AIE, também conhecida como AIDS equina ou febre dos pântanos (*swamp fever*), acomete em geral os equinos. Tendo carácter cosmopolita, mas destacando-se nas regiões tropicais e subtropicais, onde se tem maior concentração de vetores artrópodes. AIE se trata de uma doença infectocontagiosa, vitalícia e potencialmente fatal causada pelo vírus da anemia infecciosa equina (do inglês, equine infectious anemia vírus - EIAV), pertencente à família Retroviridae. A princípio, sua forma de transmissão se dá através da picada de insetos hematófagos, sobretudo por tabanídeos, exercendo o papel de vetor mecânico. Sua manifestação clínica pode ser aguda apresentando uma viremia inicial, cursando com hipertermia, anemia, trombocitopenia, rápida perda de peso e edema na região ventral, dependente da resposta imunológica do hospedeiro. Alguns animais apresentam-se assintomáticos ou subclínicos, dificultando o diagnóstico. O teste obrigatório definido pelo ministério da agricultura para o diagnóstico de AIE é o IDGA (imunodifusão em gel de agarose), conhecido também como prova de Coggins, sendo baseado no reconhecimento da proteína p26 do capsídeo viral por anticorpos de animais infectados, método este que só pode ser realizado em laboratório credenciado. Por não haver vacinas comerciais disponíveis, o controle contra o EIAV, baseia-se na identificação e restrição ao trânsito e comércio de animais positivos. A base de dados da pesquisa foi a Google Scholar (Google acadêmico), sendo priorizados artigos dos últimos 5 anos e, além disso, foi também utilizado a Terceira edição do livro de Virologia Veterinária organizado por Eduardo Furtado Flores. Foram considerados artigos em português e inglês, com foco voltado sobre o estado atual da AIE encontrada no Brasil. De acordo com dados oficiais do governo, a AIE apresenta mais de 70 mil focos desde 1999, início de seu monitoramento, apresentando uma redução do número de caso desde então. Seus focos se concentram na região central do Brasil, apresentando os estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Tocantins, Pará, Ceará, Maranhão, Piauí e Bahia. Deste modo, a AIE está na lista de doenças de notificação obrigatória da Organização Mundial de Sanidade Animal (OMSA). Sendo obrigatória a realização do IDGA e animais testados positivos devem ser eutanasiados obrigatoriamente para controle sanitário. Todavia, as regiões de pantanal brasileiro são classificadas como endêmicas, assim, não é realizado o sacrifício. Para a participação em eventos e transporte dos equídeos é essencial a emissão do GTA (Guia de Transporte Animal). Dentre os principais motivos que levaram os produtores a realizarem o controle periódico, destacou-se a obrigatoriedade por lei e a preocupação com os animais, porém, mesmo havendo o conhecimento sobre a legislação vigente, muitos produtores afirmam já terem participado de eventos e terem transportado os animais sem o GTA. Por fim, a respeito da AIE, ainda é necessário garantir informações dos produtores rurais, incentivando-os a aumentar a frequência de exames e a obrigatoriedade da emissão do GTA, para que se possa reduzir o número de casos, principalmente na região central.

Palavras-chave: Anemia Infecciosa Equina, artrópodes hematófagos, epidemiologia, equinos; Guia de Trânsito Animal;

Aparecimento e impactos de espécies estrangeiras em águas nacionais.

Matheus Felipe Moreira de Carvalho¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Sara Felício Freire¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O aparecimento e os impactos causados por espécies estrangeiras em águas nacionais são um acontecimento que não deve ser ignorado, pois pode causar diversos danos em áreas diversas da saúde e economia local, além dos grandes danos na área da biodiversidade nativa. Este fenômeno é chamado de bioinvasão que consiste no sucesso da ocupação de uma espécie exótica em um ambiente, onde, neste mesmo ambiente, esta espécie causa diversos impactos ambientais negativos diversos, que pode ir desde a mudança da teia-alimentar local, mudanças químicas no ambiente, introdução de novas doenças, protozoários e vírus antes não documentados no ambiente. A bioinvasão destas espécies exóticas intrusas (EEI), normalmente estão relacionadas ao mercado marítimo internacional que é bastante presente no país, essas invasões podem vir, principalmente, via bioincrustação e deslastro incorreto. As principais EEI notificadas na costa brasileira são o peixe-leão vermelho (*Pterois volitans*) e o coral-sol (*Tubastraea spp.*), onde o coral-sol ocupa os espaços de corais nativos, modificando a estrutura e a química da água, enquanto o peixe-leão, por ser onívoro, se alimenta de diversas presas e consegue se reproduzir sem nenhum predador nas águas costeiras brasileiras possibilitando um surto, em questão de quantidade, deste peixe, estas EEI's causam diversos prejuízos para os locais e, eventualmente, ao país inteiro caso saiam de controle. A bioinvasão por ter diversos vetores de invasão é difícil manter o controle da chegada de novos EEI's, principalmente levando em conta a existência e o uso inadequado da água de lastro, que consiste em utilizar água dentro de navios para a sua estabilização em alto-mar, o problema deste método é o descarte indevido, pois, os navios pegam águas de diversos locais do planeta e soltam nas costas brasileiras, águas que podem conter diversas larvas de crustáceos, protozoários, bactérias, ovos, e pequenos moluscos, tendo abertura de causar cada vez mais invasões caso não haja o controle deste método. Um exemplo de EEI que veio por deslastro é o siri-bidú (*Charybdis hellerii*) que tinha suas larvas na água de lastro que foi desaguada e este siri criou uma rivalidade com os siris nativos, como o siri-azul (*Callinectes sapidus*), e espécies sésseis nativas, causando danos a biodiversidade nativa. A bioinvasão das águas brasileiras é algo que deve ser controlado o mais rápido possível para evitar uma grande perda da biodiversidade rica que temos em nosso país e para evitar maiores danos para a economia local e internacional envolvendo as águas nacionais brasileiras e a segurança.

Palavras-chave: Água de lastro, bioinvasão, biodiversidade, espécies exóticas intrusas.

Aplicação da etnoveterinária em comunidades indígenas.

Ellen Caroline Costa Candido¹, Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹, Fernanda Eiras Nascimento¹, Piettra BárCIA Alves Rechuem¹, Amanda Alfeld Belegote² & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A etnoveterinária é uma ciência tradicional, na qual visa a promoção de saúde, utilizando, principalmente, tratamentos à base de plantas medicinais e minerais. O estudo das práticas fitoterápias, no âmbito veterinário, apresenta importância popular nas comunidades, visto que a medicina e os serviços veterinários podem ser limitados ou de difícil acesso em muitas áreas rurais e, especificamente, em comunidades indígenas. Os conhecimentos etnoveterinários se iniciaram de forma geracional, constituindo fortemente a tradição cultural dos locais. Atualmente, apesar do aumento de países em desenvolvimento, como constatado pela Organização Mundial da Saúde, a vasta maioria das pessoas depende desses aprendizados para tratar e controlar doenças que afetam tanto os animais quanto os seres humanos. No contexto brasileiro, os povos indígenas há muito tempo utilizam plantas medicinais no tratamento de enfermidades animais. O objetivo do presente trabalho está na investigação e documentação, por meio de questionários, sobre o conhecimento popular e resultados do uso de plantas medicinais. A pesquisa será realizada em comunidades indígenas que já possuem vínculo com a universidade, no decorrer do ano de 2024, as perguntas abordarão temas como as ervas utilizadas, as melhorias observadas, aspectos culturais relacionados à prática e outros tópicos relevantes. O estudo da etnoveterinária, com as mudanças socioeconômicas e culturais, apresenta importância não apenas para a saúde dos animais, mas também para a preservação da cultura e dos saberes tradicionais dessas comunidades. Em resumo, este estudo visa documentar e preservar o conhecimento etnoveterinário presente nas comunidades indígenas, buscando compreender sua relevância e aplicabilidade no contexto contemporâneo. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para a valorização e o fortalecimento das práticas tradicionais de cuidado animal e para o desenvolvimento de estratégias mais sustentáveis e culturalmente acessíveis de promoção da saúde animal.

Palavras-chave: Comunidades indígenas, etnoveterinária, fitoterápicos, plantas.

Aplicação da ultrassonografia para avaliação e condição corporal e acabamento de carcaça em pequenos ruminantes.

Fernanda Romão Reis¹, Sophya Vitória Esteves Rocha¹, Amanda Alfeld Belegote², Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramos¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O crescimento corporal dos animais segue uma tendência sigmoideal, com fases distintas de desenvolvimento que influenciam a distribuição de nutrientes. A ultrassonografia é uma técnica crucial na avaliação de carcaças de animais vivos, fornecendo medidas como a área de olho de lombo (AOL) e a espessura da camada de gordura subcutânea (ECG). No Brasil, sua aplicação poderia melhorar a determinação do ponto ideal de abate e a seleção de animais com bom rendimento de cortes cárneos, otimizando os custos de produção. No entanto, sua precisão pode variar devido a vários fatores, como o método de remoção do couro e a habilidade do técnico. Embora a ultrassonografia tenha potencial na predição da composição da carcaça, ainda há incerteza sobre as variáveis a serem incluídas nas equações de predição. Apesar disso, é reconhecida a importância da AOL e da ECG nesse processo. Além disso, a ultrassonografia oferece vantagens para o melhoramento genético de ovinos e caprinos, permitindo medidas em grande número de animais sem abate. Apesar das vantagens da ultrassonografia na avaliação de carcaças, são necessários mais estudos para avanços técnicos e desenvolvimento de modelos matemáticos ajustados. No entanto, é uma ferramenta promissora para a indústria da carne ovina e caprina, visando alcançar novas expectativas do consumidor e melhorar o desempenho para os pecuaristas.

Palavras-Chave: Área de olho de lombo, caprinocultura, espessura de gordura, ovinocultura, Produção animal.

Arritmia sinusal em cães braquicefálicos: Descrição de 32 caso clínicos.

Ana Livia Pereira Oliveira¹, Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Hanna Barbosa Pinheiro¹, Nadyne Almeida Martins Bahia¹, Marina Leal Figueiredo Balthazar¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A síndrome braquicefálica é uma condição congênita comum em cães de raças braquicefálicas, caracterizada por características anatômicas como focinho curto, narinas estreitas e palato mole alongado. Essas características anatômicas predispõem os animais a uma série de problemas respiratórios, como síndrome das vias aéreas superiores (SVAS) e síndrome da obstrução das vias aéreas brônquicas (SOVAB). No entanto, estudos recentes têm sugerido uma associação entre a síndrome braquicefálica e distúrbios cardíacos, incluindo arritmias cardíacas, como a arritmia sinusal. Neste relato de caso, descrevemos os achados de arritmia sinusal em 32 cães portadores da síndrome braquicefálica, destacando a importância da avaliação cardíaca em pacientes com essa condição. Trinta e dois cães de raças braquicefálicas (incluindo Bulldog Inglês, Bulldog Francês, Pug e Shih Tzu), com idades variando entre 1 e 7 anos, foram encaminhados à clínica veterinária com queixas de dificuldade respiratória, intolerância ao exercício e episódios ocasionais de síncope. Durante a avaliação inicial, foram submetidos a exames clínicos, incluindo ausculta cardíaca e respiratória, eletrocardiograma (ECG) e radiografia torácica. Dos cães avaliados, 18 (56,25%) apresentaram achados de arritmia sinusal no ECG, caracterizada por uma variação na frequência cardíaca entre 60 e 160 batimentos por minuto, com pausas sinusais ocasionais. Além disso, 10 (31,25%) apresentaram sinais de aumento do ventrículo direito, observadas nas radiografias torácicas, sugerindo possíveis consequências crônicas da síndrome braquicefálica. O tratamento foi direcionado para o manejo dos sintomas respiratórios e cardíacos, com ênfase na restrição de exercícios, manejo ambiental e, em alguns casos, terapia medicamentosa para controlar a arritmia. A associação entre síndrome braquicefálica e arritmia sinusal tem sido relatada em estudos anteriores. De acordo com Oechtering et al. (2016), as características anatômicas típicas da síndrome braquicefálica, como a hipoplasia traqueal e o palato mole alongado, podem predispor os cães a distúrbios respiratórios e cardíacos, incluindo a arritmia sinusal. Além disso, estudos de Long et al. (2018) sugerem uma predisposição genética em raças braquicefálicas para desenvolver distúrbios cardíacos, aumentando o risco de arritmias. Neste relato de caso, observamos uma alta prevalência de arritmia sinusal em cães portadores da síndrome braquicefálica, destacando a importância da avaliação cardíaca em pacientes com essa condição. A identificação precoce de arritmias cardíacas permite o manejo adequado dos sintomas e a prevenção de complicações secundárias, como insuficiência cardíaca congestiva. Este relato de caso enfatiza a importância da avaliação cardíaca, devido à alta prevalência de arritmia sinusal nessa população. A detecção precoce e o manejo adequado de distúrbios cardíacos são fundamentais para melhorar a qualidade de vida e reduzir o risco de complicações em pacientes com essa condição.

Palavras-chave: Doença cardiovascular, raças braquicefálicas, prolongamento de palato mole, vias aéreas.

Aspectos da eficácia da citopatologia no diagnóstico de processos patológicos na rotina da Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Milena Pena Neumann¹, Isaías Guilhermino de Assis¹, Mariana Carvalho Dellão¹, Maria Alice Gonçalves Braga¹, Pedro Guiducci Travassos¹ & Eduardo Borges Viana².

¹Discente do curso de graduação de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

²Docente do curso de graduação de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

Resumo

A citologia é um instrumento poderoso para diagnóstico de enfermidades de forma pouco invasiva, utilizado em diversos casos de neoplasias (Silva et al. 2019). Um estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais mostrou que o diagnóstico citológico esteve de acordo com o histopatológico na maioria dos casos, sendo 95% a eficiência para neoplasias de células redondas (Guedes, 2000). Os processos patológicos diagnosticados pela citopatologia incluem processos inflamatórios/infecciosos, formações císticas, lesões hemorrágicas e neoplasias (Clan e Monti, 2019), além dos processos proliferativos não neoplásicos, como a hiperplasia (Sampaio, 2017). As neoplasias podem ser classificadas quanto ao seu comportamento, benignas ou malignas, e quanto ao seu tipo tecidual de origem, neoplasia epitelial, mesenquimal, de células redondas ou neuroendócrinas (Clan e Monti, 2019). Quanto à localização das lesões neoplásicas, a pele é o principal órgão afetado, seguido de glândula mamária (De Nardi et al., 2002; Souza et al., 2006). Os objetivos deste estudo foram: relatar a ocorrência dos tipos de processos patológicos diagnosticados pela citopatologia, classificar as neoplasias quanto o seu comportamento e tipo tecidual de origem e apontar quais os sítios de maior ocorrência dos processos neoplásicos dos animais atendidos na Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora. No período compreendido entre 2018 e 2023, foram analisados nos registros do setor de Citopatologia do Laboratório de Patologia e Histologia (LPHvet - UFJF) 198 laudos, sendo 20 de gatos e 178 de cães, dos quais apresentavam 232 áreas de lesões morfológicamente variadas das quais as colheitas de material foram realizadas por Punção Aspirativa por Agulha Fina (PAAF), Imprint e/ou Swab. Em relação aos diagnósticos, 54,3% foram neoplasias, 19,8% processos inflamatórios, 4,3% processos proliferativos não neoplásicos, 4,3% cistos, 3,9% hemorragias e 13,41% inapropriados para diagnóstico (material hipocelular e/ou contaminação por sangue). A respeito do comportamento das neoplasias, 72,1% eram malignas e 27,9% benignas. Acerca do tipo tecidual de origem, a maior prevalência foi de neoplasias epiteliais (34,9%) e de neoplasias de células redondas (34,9%), seguidas de mesenquimais (27%). No decurso das lesões neoplásicas observadas e diagnosticadas (n = 126), observou-se que os locais mais relevantes de ocorrência de neoplasias foram pele (51,6%) e mamas (18,3%), seguidos de cavidade oral (4,8%), cavidade nasal (4,8%) e linfonodos (4,8%). Com a realização desse estudo, pode-se concluir que as neoplasias foram os diagnósticos predominantes das lesões, e essas eram em sua maioria, de caráter maligno, acometendo principalmente a região de pele. Além disso, acerca das classificações neoplásicas, houve predomínio de neoplasias epiteliais e de células redondas, ressaltando a eficácia da análise citopatológica para diagnóstico de processos patológicos, sobretudo de neoplasias.

Palavras-chave: Cães, citologia veterinária, gatos, neoplasias, patologia.

Aspectos epidemiológicos, clínico-patológicos e diagnóstico de raiva em animais de produção: Uma revisão de literatura.

Cecília Torres Alves¹, Ana Maria Laurindo Portella¹, Augusto Ramos Saar¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Mel da Matta do Carmo¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A raiva é considerada uma das mais importantes zoonoses do mundo. É transmitida pela inoculação do vírus por morcegos hematófagos. O agente etiológico da doença pertence à família *Rhabdoviridae* do gênero *Lyssavirus*, e seu reservatório são mamíferos de várias espécies. A principal característica da doença são suas lesões neurológicas e tem como lesão patognomônica a meningoencefalite não supurativa associada a Corpúsculos de Negri. O vírus não possui pré-disposição por sexo, idade e a transmissão ocorre pela mordedura, arranhadura e lambedura de animais infectados. O Vírus da Raiva (VRA) é um vírus que pertence à ordem *Mononegavirales*, família *Rhabdoviridae*, do gênero *Lyssavirus* (possui 16 espécies), é envelopado com formato cilíndrico. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 9.000 pessoas morrem por ano pela doença, principalmente na África e Ásia. A maior parte dos casos em humanos se dá após ataques de cães. O VRA causa encefalite progressiva fatal, e possui duas formas, a furiosa caracterizada por hiperatividade e alucinações e a paralítica causando paralisias e coma. Após a inoculação, o vírus presente na saliva do animal se replica nas células musculares e progride aos terminais dos axônios motores e fuso neuromusculares, após a inoculação o vírus liga suas glicoproteínas G aos receptores do hospedeiro mediadas por Clatrina. Assim, ocorre a fusão da membrana do vírus com a vesícula e o ribonucleocapsídeo é liberado no citoplasma, ocorrendo a transcrição sequencial e por consequência a replicação. O prejuízo econômico da doença é de 8,6 bilhões de dólares. Em ovinos, a doença é considerada mais rara, devido à preferência dos morcegos por bovinos e a quantidade de lã dificulta a ação dos morcegos. Nos equinos, a raiva que os cursa é a paralítica. A maioria dos casos em bovinos é na forma paralítica, os principais sinais são apatia ou inquietação, mudança no comportamento, incoordenação motora, paralisia inicial dos membros pélvicos, sialorréia, opistótono seguido de morte. Alguns animais podem apresentar a forma furiosa, sendo mais comum em cães, caracterizada por mugidos frequentes, agressividade e prurido intenso. O diagnóstico não é feito apenas por aspectos clínicos, é analisada a epidemiologia e história do local, junto a isso são realizadas análises laboratoriais. O principal método é o da imunofluorescência direta em tecido cerebral, podendo utilizar a histopatologia e a imunohistoquímica. Alguns achados de necropsia como hiperemia dos vasos encefálicos e bexiga distendida por urina são sugestivos de raiva. Em alguns casos a região onde o morcego mordeu é evidente. Os achados microscópicos são observados apenas no SNC, inclusões intracitoplasmáticas eosinofílicas (Corpúsculos de Negri) são observados em citoplasmas neuronais. Também é observado cromatólise central, microgliose nodular e neurofagia. A vacinação é a principal ferramenta de controle da doença, em casos de confirmação da doença é necessário notificar aos órgãos competentes. Esta revisão destaca a importância do conhecimento do VRA, vacinação e como a doença afeta a produção. É fundamental, realizar testes laboratoriais e pesquisas epidemiológicas para avaliar a incidência de raiva nos locais de criação de animais para diminuir os danos econômicos e a saúde.

Palavras-chave: Animais, corpúsculos de Negri, imunofluorescência, raiva, vacinação.

Aspergilose nasal em um paciente canino tratado com clotrimazol e debridamento cirúrgico: Relato de caso.

Gabriela Almeida da Silva¹, Kyarah Ribeiro da Costa¹, Marcella Larissa de Almeida Costa² & Mário dos Santos Filhos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Valença, Valença-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A aspergilose nasal é uma infecção fúngica comum em cães, causada pelo fungo *Aspergillus* spp. que são ubíquos no ambiente. Sua ocorrência está ligada à queda de imunidade por diversas causas, como: o uso de imunossuppressores, uso de corticóides e doenças debilitantes intercorrentes. A forma invasiva da doença é a mais comum em cães, embora sejam limitadas à cavidade e aos seios nasais, causam marcada destruição da mucosa e atingem os tecidos moles periorbitais e ossos. Seus sinais se manifestam com sangramento nasal, secreção nasal unilateral e ocasionalmente dor na área da face e focinho. Suspeita-se de aspergilose nasal a partir do histórico e exame físico, sendo confirmado por meio de exames complementares de imagem. O tratamento efetivo pode ser difícil quando o agente já tiver atingido os tecidos moles e a extra-cavidade. Este relato descreve um caso clínico de aspergilose nasal em um canino, macho, pastor alemão de oito anos de idade, que passou por uma avaliação veterinária por apresentar sintomatologia crônica de espirros frequentes, descarga nasal purulenta e episódios de epistaxe, e já submetido a tratamentos anteriores ineficazes. Foi solicitado exames complementares como radiografia lateral do crânio e tomografia computadorizada, onde os exames de imagem revelaram áreas de opacidade e lesões erosivas na cavidade nasal. Com base nos achados clínicos e de imagem, o diagnóstico da Aspergilose foi estabelecido. Nesse sentido, o paciente foi submetido à um regime de tratamento multifacetado, incluindo o uso de Clotrimazol tópico após limpeza da região, atrelado a isso, foi realizado o debridamento cirúrgico das áreas necróticas e lesões erosivas na cavidade nasal sob anestesia geral. Após quatro semanas de tratamento combinado que visava eliminar o agente e promover a cicatrização e a regenerações dos tecidos afetados, foi reavaliado a cavidade nasal por tomografia computadorizada que revelou uma redução notável das lesões fúngicas, tendo praticamente eliminado os sinais clínicos da infecção pelo fungo. Este relato de caso ressalta a importância do diagnóstico precoce por meio dos sinais clínicos atrelado aos exames de imagem que são imprescindíveis para caracterização e extensão da lesão fúngica e, também, do manejo adequado para alcançar uma recuperação satisfatória da infecção por aspergilose nasal em cães.

Palavras-chave: Antifúngico, infecção fúngica; radiografia de crânio; tratamento multimodal, tomografia computadorizada.

Atopia canina e sua relação com doença respiratória: Um estudo de caso clínico.

Raphaely Andrade Camargo¹, Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Luana Lavinias Gonçalves Rodrigues¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Ana Julia Crivas de Cunha Manso¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A atopia canina é uma condição alérgica crônica caracterizada por uma predisposição genética para desenvolver respostas imunológicas exageradas a alérgenos ambientais, como pólen, ácaros e fungos. Essa condição resulta em manifestações cutâneas, incluindo prurido, dermatite e otite externa, sendo uma das principais causas de consulta dermatológica em cães. Neste caso, relatamos um paciente canino com atopia que desenvolveu sintomas respiratórios, destacando a importância da investigação e manejo adequados dessa condição. Um cão macho não castrado, da raça Labrador Retriever, com dois anos de idade, foi encaminhado ao serviço de dermatologia veterinária devido a prurido crônico e dermatite recorrente. O paciente apresentava histórico de prurido sazonal desde os seis meses de idade, com piora durante os meses de primavera e verão. O exame físico revelou lesões de pele eritematosas, pápulas e placas, principalmente em áreas interdigitais, axilas, abdômen e face. Após a realização de testes alérgicos intradérmicos, o paciente foi diagnosticado com atopia, demonstrando sensibilidade a alérgenos ambientais. Durante o acompanhamento do paciente, seis meses após o diagnóstico de atopia, o paciente desenvolveu sintomas respiratórios, incluindo tosse seca, espirros e dispneia leve. Exames radiográficos revelaram infiltrados intersticiais difusos bilaterais consistentes com broncopneumonia alérgica. Com base nos achados clínicos e radiográficos, foi estabelecido o diagnóstico de doença respiratória secundária à atopia. O tratamento foi direcionado para o controle dos sintomas alérgicos e respiratórios. O paciente foi iniciado em terapia com corticosteroides sistêmicos e anti-histamínicos para controlar o prurido e a inflamação cutânea. Foi iniciada a imunoterapia específica com alérgenos identificados nos testes intradérmicos para reduzir a sensibilidade a alérgenos ambientais. Para a doença respiratória, foi prescrito antibióticos de amplo espectro para tratar a broncopneumonia secundária. O paciente foi submetido a medidas de controle ambiental, incluindo a minimização da exposição a alérgenos ambientais e o uso de filtros de ar e desumidificadores. A relação entre atopia e doença respiratória em cães tem sido alvo de estudos e debates. Segundo Marsella e Olivry, a inflamação crônica associada à atopia pode predispor os cães ao desenvolvimento de condições respiratórias, como bronquite alérgica e asma felina. Além disso, estudos recentes destacam a importância da avaliação de pacientes atópicos para detectar e tratar precocemente complicações respiratórias. Neste caso clínico, o paciente canino apresentava atopia diagnosticada, com sensibilidade a múltiplos alérgenos ambientais. Posteriormente, desenvolveu sintomas respiratórios consistentes com broncopneumonia alérgica, demonstrando a complexidade da interação entre a resposta alérgica cutânea e as vias respiratórias em cães atópicos. O tratamento resultou em uma melhora na qualidade de vida do paciente. Este caso destaca a importância da consideração da atopia como uma possível causa subjacente de doença respiratória em cães. O diagnóstico precoce e o manejo adequado dessa condição são essenciais para controlar os sintomas e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Além disso, são necessários estudos adicionais para esclarecer a associação entre atopia e doença respiratória em cães, visando desenvolver estratégias terapêuticas mais eficazes.

Palavras-chave: Alérgenos, atopia, cães, doença respiratória.

Atualização epidemiológica sobre o quadro da Panleucopenia felina no Brasil, em ambiente silvestre.

Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Igor Emanuel de Oliveira¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Alvaro Alberto Moura Sa dos passos² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Panleucopenia felina é uma doença ocasionada pelo um parvovírus felino (FPV) e parvovírus canino (CPV), pertencente à família *Parvoviridae*. Este acomete felinos domésticos e selvagens, guaxinins, raposas, macacos e furões como hospedeiros assintomáticos. O FPV apresenta sua transmissão vertical, por meio da gestação, e horizontal, pela via oro-fecal sendo a mais prevalente. Acometendo-se animais de todas as idades, felinos com menos de 1 ano de vida são os mais afetados. Visto que a transmissão oro-fecal se dá pelo contato direto com animais infectados, através do contato com o sangue, urina, fezes, secreções nasais ou até mesmo pulgas infectadas ou por fômites, como instrumentos de clínica, camas, pratos da comida, roupas e mãos. As fômites são uma importante fonte de transmissão da doença devido à persistência do vírus no meio ambiente. Evidenciando-se sintomas, como: letargia, anorexia, vômitos, diarreia, febre, anemia, leucopenia intensa, podendo acometer aborto em gestantes. A base de dados da pesquisa foi a Google Scholar (Google acadêmico) e PubMed, além disso, foi também utilizado a 3. ed. do livro de Virologia Veterinária organizado pelo Eduardo Furtado Flores. Foram considerados artigos em português e inglês, com foco voltado sobre o estado atual da Panleucopenia felina encontrada no Brasil, com ênfase ao relato de caso da detecção do FPV em um filhote de onça-pintada de vida livre. Ao decorrer da evolução dos vírus, estudos indicam que, vírus do parvovírus canino (CPV), evoluiu a partir do FPV, sendo assim, este se adaptou a infecção tanto em canino como em felinos, o que não se observa no FPV. Apesar desses vírus possuírem 98% similaridade, podem ser distinguidos por anticorpos monoclonais e pela diferença de pH e temperatura. O encontro de sequências de DNA intermediárias entre as dos dois vírus a partir de tecidos de raposas vermelhas, na Europa, sugerindo desta forma, que os animais selvagens podem ter tido grande importância no processo de transmissão do FPV para canídeos domésticos. Dito isso, a realidade da circulação da panleucopenia felina no meio selvagem se é prevalente, onde, no Brasil, foi possível diagnosticar a presença do FPV em um filhote onça-pintada, de aproximadamente 3 meses, no cerrado do Mato Grosso, já que o animal apresentou anorexia, vômito, diarreia e prostração, sendo consistentes com a panleucopenia felina. Infelizmente este veio ao óbito, sendo realizado sua necropsia que apresentou alguns dados como desidratação, anemia, mucosa espessada ligeiramente amarelada. Também foi observada enterite, necrose da cripta multifocal, encurtamento de vilosidades intestinais. Revelando alterações patológicas que sugerem infecção por FPV. Portanto, os usos das vacinas foram eficazes para reduzir o número de casos, porém, ainda há o perigo por haver grande quantidade de animais de rua que adentram no habitat natural e passam a ter contato com os gatos selvagens, o que leva a uma perturbação no ecossistema em geral, prejudicando toda cadeia alimentar e possibilitando o desenvolvimento de novos vírus assim como ocorreu com o CPV. Ademais, no Brasil os casos de FPV acontecem em instituições que mantêm felídeos selvagens em cativeiro, realizando apenas um diagnóstico clínico presuntivo.

Palavras-chave: Epidemiologia, felinos selvagens, meio ambiente, Panleucopenia felina, parvovírus.

Atualizações sobre a febre aftosa em bovinos no Brasil.

Letícia Vitória das Chagas¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹ & Renata Fernandes Ferreira Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo:

A febre aftosa aparece no Brasil a partir das importações de reprodutores bovinos, sendo seu primeiro registro em territórios brasileiros no ano de 1895, simultaneamente junto ao crescimento da atividade agropecuária comercial do país. As perdas decorrentes de um surto de febre aftosa não se limitam apenas ao circuito pecuário, mas também pode afetar toda a economia da região e se agravar ainda mais quando relacionada ao comércio internacional. A febre aftosa é uma enfermidade infecciosa altamente contagiosa causada por um vírus do gênero *Aphthovirus* que pertence à família *Picornaviridae* caracterizado pela formação de vesículas em diferentes epitélios, como cavidade oral e língua além da febre, anorexia, calafrios e queda na produção de leite. A transmissão pode ocorrer de forma direta com o contato entre animais infectados e suscetíveis pela ingestão ou inalação de partículas virais contidas em secreções e excreções, já a transmissão indireta pode acontecer por vetores animados ou inanimados. A prevenção e o controle da febre aftosa no Brasil são baseados no Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA), que são responsáveis por toda a organização desde o calendário de vacinação de bovinos, ao trânsito de animais em relação a fronteiras ou em casos de focos de suspeita da doença. Tendo em vista que o território brasileiro é considerado como livre de febre aftosa com vacinação, faz-se necessário a retirada da vacina progressivamente com uma vigilância contínua para garantir o cumprimento das medidas de controle de prevenção em casos que possam vir a ameaçar essas áreas livres, para assim manter o status que foi alcançado em alguns estados brasileiros como Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Acre, Rondônia e partes do Amazonas e do Mato Grosso que tiveram uma certificação internacional que são uma zona livre de febre aftosa sem vacinação. O Plano Estratégico do Programa Nacional de Vigilância para a Febre Aftosa (PE-PNEFA) tem como objetivo principal a criação e a manutenção de condições sustentáveis para garantia do status de país livre da febre aftosa, além de dar ainda mais ampliação das zonas livres da doença sem vacinação, visando a proteção do patrimônio pecuário nacional e de benefícios à sociedade brasileira como um todo, este plano foi desenhado para ser executado em um período de 10 anos, com início em 2017 e encerramento em 2026. Na atualização mais recente sobre a febre aftosa, o ministério da Agricultura e Pecuária irá suspender a vacinação em sete estados brasileiros a partir de abril de 2024 entre eles, Amapá, Bahia, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro, Roraima e Sergipe, sendo assim no mês de abril nessas áreas foi realizada uma última etapa das vacinações contra a febre aftosa. Com isso, é importante o cuidado e a fiscalização dos órgãos responsáveis destas novas áreas livres, pois mesmo que sejam zonas com a ausência da febre aftosa é preciso que ainda tenha toda atenção, pois é de extrema relevância a prevenção para que não venha ocorrer casos novos no país levando a uma restrição do progresso alcançado.

Palavra-chave: Esquema de vacinação, fiscalização, gado bovino, infecções por *Picornaviridae*, vírus da febre aftosa.

Avaliação da cobertura vacinal nas campanhas de vacinação antirrábica em cães e gatos durante o período de 2013 a 2022, em Duque de Caxias, RJ.

Beatriz Paiva do Nascimento¹ & Renata Vitória Campos Costa².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A raiva é uma antropozoonose letal, causada por um vírus do gênero *Lyssavirus*, da família *Rhabdoviridae*. Existem quatro ciclos epidemiológicos: urbano, silvestre, rural e aéreo. O ciclo urbano abrange a raiva em cães e gatos, causada pelas variantes AgV1 E AgV2. No Brasil, a variante AgV3, transmitida por morcegos hematófagos, tem se destacado em áreas rurais e urbanas, representando risco também para infecção em cães e gatos. O estudo teve como objetivo realizar um levantamento epidemiológico da cobertura vacinal antirrábica nas campanhas de vacinação de cães e gatos, no município de Duque de Caxias, entre o período de 2013 a 2022. Os dados foram obtidos através do Centro de Controle de Zoonoses do município, mediante solicitação e autorização, durante visitas presenciais. Para calcular a porcentagem anual de cães e gatos vacinados, foram utilizados dados dos Censos de 2010 e 2022. A diferença entre esses anos foi dividida pelo intervalo de tempo, que gerou um decréscimo anual médio. Esse decréscimo populacional foi aplicado como uma estimativa de redução da população ao longo dos anos estudados. A estimativa populacional de cães e gatos foi calculada com base em uma proporção da população humana, conforme dados do IBGE. As taxas de cobertura vacinal foram calculadas dividindo o número de animais vacinados pelo total estimado de cães ou gatos para o mesmo ano, resultando na porcentagem correspondente. Os dados foram analisados usando estatística descritiva, com o auxílio do Microsoft Office Excel. Os resultados demonstraram que os índices de cobertura vacinal antirrábica neste período estudado, foram bem abaixo da meta de 80% da população canina estimada, preconizada pelo Programa Nacional de Imunização (PNI), e variou de 13,04% a 59,32%. Diversos fatores contribuíram para esses números, incluindo interrupções no fornecimento de vacinas, desinformação e dificuldades logísticas nas campanhas de vacinação. A falta de controle populacional de animais e dificuldade na vacinação de gatos também foram observadas. Além disso, a taxa de gatos vacinados foi menor que a de cães, pois as campanhas de vacinação geralmente ocorrem em locais abertos com muitos cães e faltam profissionais especializados em felinos. Sendo assim, muitos tutores optam por não submeter os animais ao estresse. O estudo destaca a importância da vacinação como a principal medida de prevenção contra a raiva, ressaltando a necessidade de estratégias melhoradas de conscientização, organização e distribuição de vacinas para proteger tanto animais quanto humanos da doença. Atualmente, em função das campanhas de vacinação e medidas preventivas estabelecidas pelo Ministério da Saúde em 1973, as taxas de transmissão do vírus pela variante AgV2 diminuíram consideravelmente, porém, a presença do vírus em meio de animais selvagens ainda é um fator preocupante. A persistência do vírus, especialmente da variante Agv3 transmitida por morcegos, ressalta a necessidade estratégias que aprimorem a cobertura vacinal, além de sugerir uma alteração significativa no perfil epidemiológico da doença.

Palavras-chave: Controle, epidemiologia, imunização, raiva, variantes.

Avaliação da confiabilidade das bombas de infusão de seringa: Pesquisa comparativa entre duas marcas e tamanhos de seringas.

Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Lucas Gomes Salvado¹, Thiago Guerra Ferreira¹, Larissa de Almeida Plácido¹ & Eduardo Butturini de Carvalho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As bombas de infusão veterinária de seringa (BIVS) são equipamentos rotineiramente utilizados na anestesiologia e terapia intensiva veterinária, tendo como função a regulação da taxa de administração de fármacos e fluidos por meio da pressão aplicada de maneira controlada e constante sobre uma seringa. A BIVS mantém um fluxo de fármaco de acordo com a dose, velocidade e tempo de infusão pré-programados no aparelho, sendo capaz de ajustar os parâmetros, adaptando-os para cada paciente e trazendo uma maior segurança terapêutica para os pacientes. A grande variabilidade de raças, tamanhos e pesos dos pacientes são fatores que comumente interferem na intervenção anestésica veterinária, isso porque as taxas de infusão se tornam muito variáveis, podendo alcançar taxas muito baixas, onde qualquer discrepância com o volume programado e o infundido pode gerar complicações para o paciente. O trabalho se mostra relevante para que seja possível expressar o grau de precisão das BIVS e avaliar os possíveis fatores causadores de alterações no volume final de fármaco administrado. O experimento foi realizado no centro cirúrgico da clínica veterinária universitária do Barreiro (Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ). O circuito experimental foi montado com a balança de precisão apoiada sob a mesa de apoio e a BIVS foi colocada em um suporte para manter o nível entre a BIVS e a balança de precisão. Foi colocado um béquer repleto de solução salina 0,9% na balança de precisão, colocado o cateter periférico intravenoso 22G submergido na solução de NaCl 0,9% para mimetizar a ação da pressão sanguínea sob o cateter. Colocou-se a seringa na BIVS e foi programada a taxa de infusão em 1 ml/hr, a balança de precisão foi zerada e foi dado o início da infusão. O estudo prevê a comparação dos resultados referentes a acurácia do volume final infundido, tempo de início de infusão e o grau de precisão da infusão dentro de 60 minutos ou até que a balança de precisão atingisse 1 grama, valor estipulado para 1 ml de NaCl 0,9%, entre as seringas da marca SR®, de 10ml, 20ml e pump 20 ml, da marca BD®, 10ml e 20ml e a comparação entre volumes semelhantes das marcas SR® e BD®. Em relação ao início da infusão, houve um atraso em três dos seis experimentos. O tempo para administração do volume total de 1 ml deveria ser realizado em 60 minutos, porém houve nos experimentos um tempo máximo de 72 minutos e um tempo mínimo de 59 minutos para infundir a totalidade de 1 ml. O experimento mostra que apenas um dos experimentos foi capaz de atingir 1ml ao tempo final de 60 minutos, evidenciando a falta de precisão para com o tempo programado. Os resultados do estudo evidenciam que as bombas de infusão veterinárias de seringa, ainda que sejam eficientes e de grande auxílio para os médicos veterinários, não se mostram precisas quando aplicadas taxas de infusões de 1ml/hr (4), visando o uso em pacientes de baixo peso ou medicações muito concentradas.

Palavras-chave: Acurácia, infusão, taxa.

Avaliação da confiabilidade de dispositivos de infusão de seringa em baixo fluxo.

Lucas Gomes Salvado¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Thiago Guerra Ferreira¹ & Eduardo Butturini de Carvalho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As bombas de infusão de seringa, destinam-se à administração contínua de medicamentos por via intravenosa na medicina intensiva e anestesia. No entanto, a variabilidade do fluxo gerado pelo equipamento e atrasos na inicialização da administração dos medicamentos apresentam-se como um ponto crítico, especialmente sob baixas taxas de infusão. O objetivo do estudo foi investigar a confiabilidade de bombas de infusão veterinárias através da avaliação da acurácia do tempo para início da infusão e volume total infundido utilizando duas taxas de infusão. Três conjuntos de bomba de infusão disponíveis comercialmente foram avaliadas, Bomba de Infusão LF INJECT (Lifemed, Brasil), Bomba de Seringa M200A (COMEM, China) e a Bomba de Seringa Veterinária SP950 (Contec, China), em uma taxa de fluxo de 1mL/h e 5mL/h, usando como infundido solução salina 0,9%. O volume infundido foi registrado através de uma balança eletrônica, assumindo a correlação de 1,0g equivalente a 1,0mL de solução salina e a análise estatística foi realizada com o software Graphpad Prism v.9.2.0. Os dados aferidos foram registrados em uma planilha no programa Microsoft Excel[®], construindo uma escala de peso em intervalos de 1 minuto para o total de tempo necessário para o experimento. Os atrasos para o início da infusão observados apresentam uma baixa significância no ambiente clínico-hospitalar, com valores que não causam impacto a terapêutica e implicações a integridade do paciente. Esse curto intervalo de atraso pode ser associado ao preenchimento do circuito com a opção de *bolus* eletrônico dos dispositivos, auxiliando-os a superarem a pressão hidrostática e de complacência exercida pelo circuito, e a resistência promovida pelo embolo da seringa. Em todos os dispositivos de infusão observou variações sobre o tempo para infusão do volume programado em relação a marca e modelo. Das 6 aferições somente uma (Lifemed 5mL/h) se aproximou do tempo programado de infusão e se manteve do intervalo de precisão indicado pela marca do dispositivo ($\pm 3\%$). Das 5 aferições que ultrapassaram o intervalo, todas passaram do intervalo de precisão dos modelos ($\pm 3\%$), não alcançando o desempenho descrito pelo fabricante. Essas variações apresentam aumento quando empregado o uso de uma taxa de fluxo menor (1mL/h), o que pode comprometer o uso dessas bombas em pacientes com baixo peso corporal e no uso de medicamentos muito concentrados que demandam baixas e precisas taxas, o que resultaria em implicações quando ao início da terapia, dosagem e a ocorrência de efeitos adversos. Dessa forma, a ocorrência de consideráveis atrasos para entrega em todas as bombas de seringa implica a necessidade de melhorias desses dispositivos. E o baixo número de estudos com esses dispositivos na veterinária, torna necessário a realização de mais pesquisas sobre o emprego desses equipamentos.

Palavras-chave: Acurácia, bomba de infusão, precisão, taxa, veterinária.

Avaliação da função renal em equinos – Revisão de literatura.

Michelle Louise do Carmo Paresque¹, Ana Paula Martinez de Abreu², Leticia Patrão Macedo Gomes³, Erica Cristina Rocha Roier² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A avaliação do perfil renal é uma prática comum associada a uma boa avaliação clínica para verificar a saúde do sistema urinário. Essa análise não só auxilia no diagnóstico de doenças renais, mas também permite monitorar outras doenças sistêmicas. Embora a insuficiência renal em equinos seja rara, suas consequências podem ser devastadoras, potencialmente levando à descompensação urêmica e à caquexia, resultando, em última instância, na morte do animal. O propósito deste estudo é discutir os exames que compõem o perfil renal e seu papel crucial no diagnóstico de várias enfermidades que envolvem os rins. Busca-se destacar os principais aspectos da insuficiência renal em equinos abrangendo sua epidemiologia, sintomas clínicos, progressão da doença, métodos diagnósticos e opções terapêuticas disponíveis. Tanto a injúria renal aguda (IRA) quanto a doença renal crônica (DRC) podem ser fatais, dependendo da causa subjacente do problema que incluem infecções, toxicidade medicamentosa, traumas e obstrução do trato urinário. A forma aguda pode evoluir para a crônica, caracterizada pela perda gradual de néfrons. A IRA é caracterizada pela perda abrupta de cerca de 75% da função renal. Essa condição pode ser desencadeada por diversos fatores, como necrose dos túbulos renais devido ação bacteriana, isquemia resultando em necrose tubular, e uso de medicamentos nefrotóxicos como anti-inflamatórios não esteroidais e antimicrobianos. A DRC resulta na perda gradual de néfrons, podendo ocorrer devido à cicatrização resultante de uma lesão aguda, com extensa fibrose renal e perda da capacidade de concentrar a urina. Sinais e sintomas comuns incluem poliúria, polidipsia, anorexia, perda de peso progressiva, vômitos e convulsões. É comum a azotemia pré-renal e renal, e a uremia é caracterizada pelos sintomas relacionados ao aumento de ureia. Testes bioquímicos séricos, principalmente dosagem de ureia e creatinina, a urinálise e a relação proteína urinária/creatinina urinária são utilizados para identificar sinais de lesão ou redução da função renal, permitindo tratamento adequado. O leucograma pode apresentar leucocitose por neutrofilia devido a sinais de inflamação crônica. A urinálise pode indicar bacteriúria significativa, formação de cilindros e isostenúria. Além disso, a cultura da urina pode revelar cepas bacterianas específicas. Equinos que apresentam redução do volume sanguíneo, endotoxemia, hemoglobinúria, exposição a medicamentos nefrotóxicos, têm maior probabilidade de desenvolver insuficiência renal aguda. Nestes casos, o tratamento precoce com fluidoterapia, diuréticos e inibidores da ECA (enzima conversora de angiotensina) podem ajudar a reverter a condição, restaurando o fluxo sanguíneo renal. O SDMA é um biomarcador inovador, mais sensível do que a creatinina e a ureia, revelando-se eficaz no diagnóstico precoce tanto da IRA quanto DRC. Apesar disso, ainda não é comumente utilizado na prática veterinária e necessita de mais estudos para se compreender completamente seu potencial diagnóstico. É evidente que uma análise bioquímica é fundamental para avaliação da doença renal, em conjunto com uma minuciosa avaliação clínica, principalmente em equinos.

Palavras-chave: AINES, equino, rins, SDMA, urinálise.

Avaliação morfológica de células sanguíneas de animais de companhia atendidos na clínica veterinária da Universidade de Vassouras.

Naiane Soares França de Oliveira¹, Maria Eduarda Damasceno da Silva¹, Simone Pereira Alves² & Priscilla Nunes dos Santos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica veterinária da Fundação Severino Sombra, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

No hemograma a análise qualitativa pela observação do esfregaço sanguíneo é essencial. O objetivo deste estudo foi identificar as principais alterações morfológicas de células sanguíneas, correlacionando-as com exames laboratoriais e com a literatura. Foram avaliadas, 102 lâminas e exames de hemograma e bioquímica sérica. Os dados obtidos foram analisados por estatística básica e expostos por frequência relativa (%). As alterações mais encontradas foram, hipocromia em 53,92%, bastonetes em 42,16%, macroplaquetas em 22,55%, metarrubricitos em 21,57%, linfócitos reativos em 19,61%, corpúsculos de Howell-Jolly em 15,69% e codócitos e equinócitos em 10,78%. Alterações encontradas em menos que 10% não foram utilizadas. Das amostras avaliadas, 20,59% não possuíam registros do exame, e dos que apresentaram alterações, 44,44% mostraram valores abaixo da referência no eritrograma. Das lâminas com hipocromia, os valores hematimétricos foram encontrados abaixo da referência em 54,28%, e os valores de hemoglobina, encontrados abaixo em 30,90%. Das lâminas com bastões, na contagem específica de segmentados, 34,88% mostraram-se acima do valor de referência, e na contagem específica de bastões, 16,28% foram acima da referência. Das lâminas com macroplaquetas, 30,43% mostraram valor abaixo da referência na plaquetometria. Das lâminas com metarrubricitos, 36,36% apresentaram alterações hematimétricas abaixo da referência. Das lâminas com corpúsculos de Howell-Jolly, 16,75% são de gatos e 31,25% de cães. Das lâminas com equinócitos, foram encontrados em 13,88%, valores hematimétricos e contagem de hemoglobina abaixo da referência. Nas lâminas com equinócitos, um total de 27,27% apresentou alterações na uréia, e um total de 18,18% na creatinina, ambos com resultados superiores aos valores de referência. A hipocromia é associada a anemias por deficiência de ferro, no hemograma, o sinal importante é a diminuição da hemoglobina. Neutrófilos bastonetes aumentam decorrente do desvio à esquerda, por um estímulo inflamatório agudo, podendo ocorrer neutrofilia ou neutropenia. As macroplaquetas são observadas nas trombocitopenias regenerativas, pode vir acompanhada de anemia e neutropenia. Pode resultar na avaliação errônea da contagem de eritrócitos e plaquetas, principalmente em felinos. O volume médio de plaquetas aumentado também pode ser indicativo de macroplaquetas. Metarrubricitos estão associados à sua liberação precoce por hipóxia, afecções no baço, altos níveis de corticosteroides e anemias regenerativas. Neste estudo, se observou uma diminuição do valor de hemácias maduras, indicando a necessidade de liberação de metarrubricitos na circulação. Os linfócitos reativos são ativados por estimulação antigênica, nos processos neoplásicos, sendo difícil diferenciar dos linfócitos neoplásicos. Os corpúsculos de Howell-Jolly são removidos pelo baço, porém em gatos, podem ser vistos em pequenas quantidades. Seu aumento pode estar associado à anemia regenerativa, esplenectomia ou disfunção esplênica, e uso de glicocorticóide. Os codócitos são comuns em hipercolesterolemia, distúrbios renais e hepáticos, anemias, deficiência de Fe e como artefato. Os equinócitos estão associados a anemias por deficiência de ferro, uremia, distúrbios renais, veneno crotálico, e como artefato. De acordo com os resultados deste estudo, o esfregaço sanguíneo é parte essencial quanto avaliação morfológica das células

simultaneamente com aos dados quantitativos.

Palavras-chave: Alterações morfológicas, animais de companhia, esfregaço sanguíneo, hematologia, hemograma.

Bem-estar na criação de suínos.

Társila Nascimento Marcelino¹, Emilly de Souza Oliveira¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Tiago Figueiredo Guedes¹, Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos² & Leila Cardozo Ott³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Estereotipias são ações comportamentais repetitivas, exageradas e consideradas anormais em relação aos comportamentos da espécie. Não atender às normas de bem-estar pode gerar estereotipias que servem de alerta para produtores e tutores. Geralmente a ausência de bem-estar, além das estereotipias, afetam a produção, tornando-se uma preocupação para os produtores. Principais estereotipias: Estereotipias orais (Aerofagia (“engolir” ar), lamber o chão, mordidas e mutilações, ranger de dentes); Relacionadas aos hábitos alimentares, limitados a um curto período de tempo, fornecendo a nutrição adequada porém sem variedade de estímulos para o animal; Estereotipias comportamentais: Agressividade, vocalização excessiva, apatia; Causadas por limitação de espaço e relação de hierarquia disfuncional: Estereotipias fisiológicas (Chafurdar, polidipsia); Estereotipias advindas da privação de condições ambientais adequadas. O enriquecimento ambiental consiste em modificações no ambiente do animal com o objetivo de desenvolver curiosidade, gasto de energia física e mental, permitindo a expressão do comportamento natural da espécie, diminuindo o distresse e melhorando o bem-estar. Em conclusão, as estereotipias em animais são indicadores importantes da ausência de bem-estar e podem ter consequências negativas dentro da suinocultura. A implementação de práticas de enriquecimento ambiental é uma alternativa para promover um ambiente que permita o comportamento natural dos animais, reduzindo o estresse e melhorando seu bem-estar geral.

Palavras-chave: Comportamento natural, enriquecimento ambiental, estereotipias, estresse, suinocultura.

Bloqueio do ramo direito em cão submetido a quimioterapia com cisplatina: Relato de caso.

Júlia Morelli Jucá¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Larissa de Almeida Plácido¹, Eduardo Butturini de Carvalho² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os quimioterápicos são fármacos com inúmeros efeitos adversos. Entre eles, a cisplatina vem sendo empregada em algumas situações e necessita maior entendimento sob seus efeitos adversos. A cisplatina é capaz de causar nefrotoxicidade, neurotoxicidade, ototoxicidade, gastrotoxicidade, hepatotoxicidade e mielossupressão. Além disso, ao longo do tempo, os efeitos cardiotoxícos vêm sendo observados por meio dos exames eletrocardiográficos e ecocardiográficos. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um canino com bloqueio de ramo direito durante a quimioterapia com uso da cisplatina para tratamento de neoplasia testicular. Um cão, macho, sem raça definida, com 10 anos de idade e apresentando neoplasia testicular, confirmada por meio de citologia aspirativa como carcinoma, iniciado tratamento com protocolo quimioterápico com cisplatina, na dose de 60 mg/m², foi encaminhado a um serviço particular de cardiologia e doenças respiratórias de animais de companhia, para realização de acompanhamento cardiológico e realização de exames pré-operatórios para gonadectomia complementar ao tratamento. O paciente era assistido pelo serviço de cardiologia e, enquanto ainda hígido, apresentava ritmo cardíaco com ritmo sinusal. Na anamnese, a responsável relatou que o paciente sempre fora alerta e ativo, e não havia percebido tosse, desmaio ou convulsão, bem como cianose e dispneia. A mensuração da pressão arterial sistólica sistêmica (PASS) resultou em 130 mmHg, pelo método de Doppler vascular. Exames laboratoriais não apresentavam alterações, bem como a dosagem de eletrólitos. No exame radiográfico foi observado aumento da radiopacidade da parede pulmonar com marcação bronquial, compatíveis com a senilidade, e não foi notado aumento de silhueta cardíaca. Após não ter sido observado estruturas compatíveis com metástase pulmonar, foi realizado o exame eletrocardiográfico onde foi observado um ritmo regular com presença de bloqueio de ramo direito, em um período superior a 5 minutos. No exame ecocardiográfico não se evidenciou alterações morfofuncionais, sendo então recomendado ao oncologista a suspensão do protocolo quimioterápico com cisplatina e solicitado ao tutor o retorno em 7 dias para reavaliação do paciente. Na revisão, o animal foi submetido a uma nova mensuração da PASS, que resultou em 120 mmHg. O paciente foi monitorado por cerca de dez minutos por um aparelho eletrocardiógrafo portátil, onde foi observada a extinção do bloqueio de ramo direito, antes evidenciado. Clinicamente, o paciente apresentava-se bem, e foi então direcionado para o procedimento cirúrgico, que ocorreu sem intercorrências. O protocolo quimioterápico foi alterado pelo oncologista e não mais observada a presença dos bloqueios, passados 3 meses do primeiro evento, e o acompanhamento do paciente, cerca de 1 ano e meio depois, mostra-se sem alterações. Os exames não apresentavam quaisquer alterações que justificassem o desenvolvimento do bloqueio do ramo direito secundário a distúrbios eletrolíticos ou metabólicos, bem como a exclusão de possíveis neoformações que pudessem comprimir o sistema de condução. No presente caso, o uso de um quimioterápico usual para carcinomas, mesmo que em dose única, pode ter sido o responsável pelo bloqueio dos fascículos anteroposteriores de ramo direito do sistema de condução, uma vez que, comparativamente, não foram observadas alterações eletrocardiográficas antes

do uso, e após a suspensão deste protocolo.

Palavras-chave: Arritmia, cardiotoxicidade, efeitos adversos, neoplasia, quimioterápico

Carcinoma espinocelular verrucoso em região vulvar de égua Mangalarga Marchador: Relato de caso.

Marina Lima Gianastacio¹, Livia Thurler Pires², Maria Clara Bonifácio Magalhães², Thiago Figueiredo Guedes² & Erica Cristina Rocha Roier³.

¹Médica veterinária autônoma, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O carcinoma espinocelular verrucoso, também conhecido como carcinoma epidermoide, é uma neoplasia maligna caracterizado pelo crescimento exacerbado de células epiteliais, apresentando-se localmente invasivo, mas com baixa taxa metastática. Seu desenvolvimento tem relação direta com incidência solar, despigmentação cutânea e ausência de pelos na região acometida. O presente relato, tem como intuito descrever o atendimento clínico e cirúrgico de uma égua da raça mangalarga marchador, de pelagem castanha, com cerca de 13 anos de idade, pesando 390 kg, apresentando um nódulo em região vulvar, com formato indefinido e crescimento há aproximadamente 3 anos. Durante o exame clínico, a paciente apresentou os seguintes parâmetros: frequência cardíaca de 42 batimentos por minuto, frequência respiratória de 28 movimentos respiratórios por minuto, tempo de preenchimento capilar e turgor cutâneo de 2 segundos, e 38 de hematócrito. Foi indicado então, a realização de cirurgia para retirada do nódulo, e envio para análise histopatológica, com o intuito de fechar diagnóstico e melhorar a conduta terapêutica. Para a realização da exérese, foi realizado jejum alimentar prévio e utilizado a técnica de neuroleptoanalgesia, com administração de detomidina na dose de 20 mcg/kg via endovenosa e bloqueio local com 4 ml cloridrato de lidocaína 2%. Para a excisão cirúrgica do nódulo foi utilizado bisturi lâmina 24, e tesoura romba fina para desbridamento. A sutura da mucosa foi realizada com fio absorvível vicryl 3-0 em padrão de sutura simples contínua, e como cuidados pós-operatórios foi realizado a aplicação de soro antitetânico na dose de 5.000 UI/animal via intramuscular em dose única, aplicação de Pencivet® PLUS - 30.000 UI/kg por via intramuscular durante 3 dias consecutivos, curativo local com detergente neutro e aplicação de repelente a base de Permetrina até total cicatrização. A conservação da massa tumoral foi feita em formol tamponado 10%, sendo enviado para análise laboratorial e tendo sua classificação como carcinoma espinocelular verrucoso, com margens cirúrgicas livres. As margens cirúrgicas livres na realização de cirurgias oncológicas, contribui diretamente para a resolução do quadro clínico, diminuindo significativamente as chances de recidivas metastáticas. O presente estudo obteve sucesso, e a paciente em questão segue em acompanhamento periódico preventivo.

Palavras-chave: Cirurgia a campo, equinos, histopatológico, neoplasia.

Cartilha orientativa sobre contaminação alimentar por *Salmonella spp.*

Anna Clara Carvas Sant'Anna¹ & Gabriela Vieira do Amaral².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Salmonella spp. é um microrganismo prevalente, originário principalmente do trato gastrointestinal de humanos e animais, e sua presença em alimentos é um problema sério de saúde pública devido à sua capacidade de formar biofilmes e persistir na cadeia produtiva. A contaminação por este patógeno permanece um problema significativo, apesar dos avanços tecnológicos, devido à falta de conscientização e à necessidade de mais pesquisas sobre surtos alimentares, fazendo com que o sistema de saúde do país se torne sobrecarregado, gerando mais custos. Além disso, a doença é frequentemente associada a produtos cárneos e ocorre principalmente em residências, indicando a necessidade de orientação sobre boas práticas de manipulação e armazenamento de alimentos. A manipulação incorreta dos alimentos é uma das principais formas de contaminação, com a higiene precária, como não lavar as mãos corretamente, auxiliando na propagação de microorganismos. As enfermidades veiculadas por alimentos são oriundas do consumo de água ou alimentos contaminados, bem como pelo contato com animais portadores da bactéria. Essa contaminação gera riscos para a população, sendo necessário o desenvolvimento de um produto técnico eficaz para a disseminação de informações sobre formas de propagação, transmissão e prevenção da salmonelose. Na confecção da cartilha, utilizou-se artigos retirados de bases de dados e sites governamentais. Foi formulado um material com linguagem coloquial, contendo informações relevantes sobre o assunto abordado, de forma a promover maior acessibilidade e compreensão sobre o tema. Inicialmente foi apresentado a definição do patógeno, seguido dos alimentos em que podemos encontrá-lo, sintomas, meios de propagação e, por fim, formas prevenção da enfermidade. As ilustrações foram utilizadas com o objetivo de auxiliar no entendimento da informação. As cartilhas foram confeccionadas no aplicativo Canva e impressas em folha 150g, medindo 29,7x21cm, em formato de retrato. O material recebeu fundo bege, texto na cor preta e fonte Montserrat tamanho 14,5. O título e subtítulo receberam a mesma fonte que o texto, com tamanho 20. Foram utilizados elementos gráficos para enriquecimento visual, reforçando as informações descritas. A cartilha oculta seu propósito persuasivo, representando uma alternativa para alcançar um público com acesso restrito a fontes confiáveis de informação. Acredita-se, nessa perspectiva, que, dado o perfil da população mais relevante no estudo, essa tecnologia tem potencial para aumentar o conhecimento do público-alvo. Além disso, a cartilha recebe maior aceitação dos profissionais e da comunidade em geral. Existem estudos sobre o desenvolvimento dessa ferramenta, abordando diversas temáticas e resultados satisfatórios têm sido alcançados com o uso dessa tecnologia, despertando cada vez mais o interesse de muitos pesquisadores com o objetivo de aprimorá-la e desenvolvê-la. Considerando que a maioria dos casos ocorrem nas residências, planos de orientação e educação devem ser implementados pelas secretarias de saúde. Assim como o mapeamento da doença, com o intuito de desenvolver políticas públicas priorizando os locais mais acometidos. Com isso, a distribuição do produto técnico resultante desse estudo, se torna uma ferramenta essencial para a disseminação de informações adequadas sobre a salmonelose, ampliando assim, o conhecimento acerca da doença, bem como sobre as formas de prevenção.

Palavras-chave: Alimentos; Contaminação alimentar; Infecção bacteriana; *Salmonella spp.*

Casuística das afecções cirúrgicas em cães e gatos atendidos na Clínica Veterinária da Universidade de Vassouras (Rio de Janeiro) do ano de 2019 a 2022.

Marcos Vinícius dos Santos Neves Ávila¹ & Ana Carolina de Souza Campos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os dados sobre a casuística das cirurgias de cães e gatos em hospitais veterinários são escassos e carecem de análise, devido sua relevância, o que dificulta tanto o preparo clínico para o pronto atendimento quanto os cuidados que os tutores devem ter para prevenir as afecções cirúrgicas. O presente trabalho é uma pesquisa com abordagem quantitativa e descritiva, que analisou as cirurgias realizadas na rotina da Clínica Veterinária da UniVassouras em Vassouras - RJ, no período de janeiro de 2019 à dezembro de 2022. As variáveis avaliadas foram a espécie, sexo, idade, tipo de cirurgia, as complicações cirúrgicas e pós-cirúrgicas. Os dados foram submetidos à análise descritiva e expostos em porcentagem. Durante os anos estudados foram submetidos à cirurgia 76 cães e gatos, sendo os cães a espécie mais operada (86,84%). A maioria dos animais eram fêmeas, representando 53,03% dos cães e 70% nos gatos. As cirurgias mais realizadas foram as voltadas para o controle de natalidade (80,55%): ovariectomia e a orquiectomia eletivas, em ambas as espécies. Entre as afecções cirúrgicas atendidas estão as relacionadas à oncologia veterinária (13,15%), às associadas à remoção de doença periodontal (6,57%), às relacionadas à oftalmologia veterinária (3,94%) e um paciente foi operado devido ruptura diafragmática (1,31%). Dessa forma, visto a importância dada às questões cirúrgicas, principalmente de cães e gatos, este trabalho objetivou relatar a casuística cirúrgica da Clínica Veterinária da UniVassouras, durante o período de 2019 à 2022 para prevenir as principais afecções e preparar a equipe para o atendimento das mesmas.

Palavras-chave: Cirurgia veterinária, estudo retrospectivo, informações progressas, orquiectomia, OVH.

Causas subjacentes associadas à efusão pericárdica e métodos para o diagnóstico preciso: relato de 4 casos.

Caio da Silva Afonso¹, Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹, Hanna Barbosa Pinheiro¹, Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Lana Costa de Queiroz¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil.

Resumo

A efusão pericárdica (EP) é uma condição clínica caracterizada pelo acúmulo anormal de fluido no espaço pericárdico, resultando em compressão cardíaca e comprometimento hemodinâmico. Uma das principais causas de EP em cães é a doença cardíaca primária, como a cardiomiopatia dilatada e a hipertrófica. As principais raças afetadas, respectivamente, são o Doberman Pinscher e o Maine Coon (1). Além disso, as neoplasias são uma causa comum de EP's em cães. O hemangiossarcoma, em particular, é frequentemente associado a EP's devido à sua propensão para invadir o pericárdio e causar hemorragias. Esta neoplasia vascular altamente agressiva afeta comumente raças como o Pastor Alemão e o Labrador Retriever, e seu diagnóstico muitas vezes é desafiador devido à sua natureza metastática. Além disso, a pericardite bacteriana e fúngica podem causar inflamação do pericárdio e acúmulo de líquido, comprometendo a função cardíaca e levando ao desenvolvimento de EP em cães. A bacteriana é mais comumente causada por *Streptococcus* spp. e *Escherichia coli*, enquanto a fúngica é mais frequentemente associada a *Coccidioides* spp. e *Histoplasma* spp. Em relação ao trauma, EP's podem ocorrer como resultado de lesões torácicas penetrantes ou contusões torácicas significativas. Caso 1: Um cão macho, da raça Labrador Retriever, 8 anos, apresentou sinais clínicos de intolerância ao exercício, tosse e dificuldade respiratória progressiva. O exame físico revelou murmúrios cardíacos abafados e distensão jugular. Os exames complementares, incluindo ecocardiografia, confirmaram o diagnóstico de EP hemorrágica. Caso 2: Uma cadela, da raça Poodle Toy, 5 anos, foi encaminhada com histórico de letargia, anorexia e dispnéia aguda. O exame físico revelou taquicardia e abafamento dos sons cardíacos. A radiografia torácica e a ecocardiografia confirmaram a presença de uma EP serossanguinolenta, associada a um hemoperitônio secundário e a um hemangiossarcoma esplênico. Caso 3: Um cão macho, da raça Golden Retriever, 6 anos, apresentou episódios recorrentes de síncope e letargia. O exame físico revelou hipotensão arterial e bulhas cardíacas abafadas. A ecocardiografia evidenciou uma EP serossanguinolenta associada a dilatação do átrio direito e insuficiência cardíaca congestiva. Caso 4: Uma cadela, da raça Boxer, 9 anos, foi admitida com histórico de tosse crônica, letargia e intolerância ao exercício. O exame físico revelou taquipneia e abafamento dos sons cardíacos. Os exames complementares, incluindo radiografia torácica e ecocardiografia, confirmaram o diagnóstico de EP devido à pericardite idiopática. A avaliação e o tratamento adequados das EP's em cães devem levar em consideração a causa subjacente da condição. Em conclusão, as EP's em cães são uma condição clínica complexa que pode resultar de uma variedade de causas subjacentes. A compreensão da epidemiologia e das principais afecções associadas às EP's são fundamentais para um diagnóstico preciso. Os casos apresentados destacam a importância do reconhecimento precoce e tratamento adequado das EP's. Uma abordagem diagnóstica abrangente, incluindo exames físicos detalhados, de imagem e avaliação hemodinâmica, é essencial para o manejo eficaz dessa condição. O tratamento deve ser direcionado para a causa subjacente da efusão, visando melhorar a qualidade de vida e a sobrevida dos pacientes afetados.

Palavras-chave: Diagnóstico, ecocardiografia, neoplasia, pericardiopatia, pericardite.

Ciclo errático de *Dioctophyme renale*: Relato de caso.

Alysson de Paula Oliveira¹, Adrielli Reis de Almeida², Emanuelle Silva de Oliveira³, Letícia dos Santos Junqueira⁴ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁵.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil

²Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Médica veterinária autônoma – Teresópolis, RJ.

⁴Médica veterinária autônoma – Dona Eusébia, MG.

⁵Docente do Programa de Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil.

Resumo

O *Dioctophyme renale* é o maior nematelminto conhecido. A complexa cadeia epidemiológica deste se dá pelo ciclo evolutivo indireto que envolve diferentes espécies, sendo considerada uma zoonose. Os ovos contendo larvas de primeiro estágio devem ser ingeridos por um anelídeo oligochaeta aquático, hospedeiro intermediário e essencial para a continuação do ciclo. Localiza-se no hospedeiro definitivo prioritariamente no rim direito, mas pode ser encontrado em localização ectópica, como a cavidade abdominal. Foi atendido em uma clínica particular em Conservatória/ Valença – RJ. Um cão SRD com 15 anos. Na anamnese, foi relatado que era um cão errante de rua antes de ser adotado. Ele passou por uma consulta onde a queixa principal era o aumento de volume no abdome na região do lado direito do pênis. Ao exame clínico não foi possível fechar o diagnóstico, com isso, foi solicitado um exame complementar de imagem ultrassonográfica, onde foi possível observar duas nodulações subcutâneas em região hipogástrica direita. Visualizando estruturas cilíndricas ecogênicas no interior das tumefações, sugestivas de verminoses. O nematoíde *D. renale*. Foi indicada a cirurgia como tratamento. Administrando como profilaxia antibiótica, a base de penicilina benzatina 40 mg/kg IM e analgesia preventiva o flunixin meglumine 1,1 mg/kg/IM. Na anestesia foi utilizada quetamina 5 mg/kg asso ciada à xilazina 1mg/kg/IM e manutenção anestésica com quetamina na metade da dose. Foi administrada solução de ringer com lactato 10 mL/kg/hora durante todo o trans-operatório. O cão parasitado por ter sido errante vivendo em rua grande parte de sua vida corroboram com estudos que mostram a menor seletividade nos hábitos alimentares. O diagnóstico pode ser realizado por características morfológicas e lesões observadas nos órgãos. Nesta circunstância o exame de ultrassonografia foi essencial para o reconhecimento. Os animais parasitados com Dioctofimose tem sinais clínicos variados, desde o aumento de volume da região subcutânea devido a migração erradica. Neste caso, o animal apresentava aumento de volume no abdome onde foi feita a incisão no local, encontrando – se dois nódulos, os quais foram removidos cirurgicamente. O nódulo maior apresentava 3 parasitos, e o nódulo menor 1 parasita. Todos identificados como *Dioctophyme renale*. No nódulo maior foram encontrados 3 parasitas com as medidas 23, 21 e 19 cm de comprimento, já no nódulo menor havia somente 1 parasita medindo 11 cm de comprimento. O tratamento cirúrgico obteve resultado satisfatório, o animal ficou livre dos parasitas, e após 8 dias retornou para retirada dos pontos, cicatrização ótima, sem presença de edema ou pus. Retirou-se os pontos e o animal está de alta. **Palavras-chave:** Ciclo ectópico, dioctofimose, nematelminto, parasita, zoonose.

Cistectomia e ureterostomia cutânea em cão: Relato de caso.

Elouise Cristine Barbosa de Souza¹, Maria Eduarda Couto da Silva Bastos², Rebecca Cardoso Esterque Ferreira², Eduardo Butturini de Carvalho³, Erica Cristina Rocha Roier³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil

²Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ - Brasil.

Resumo

As doenças do trato urinário tem grande incidência na medicina veterinária e dentre elas a neoplasia vesical. O carcinoma de células de transição é o tipo de neoplasia mais comum no trato urinário, atingindo mais frequentemente cães machos e idosos. O tratamento preconizado pela literatura é a cistectomia seguida de quimioterapia. O presente relato tem como objetivo discutir o caso de um cão, macho, Bulldog francês de 8 anos, pesando 10,7kg diagnosticado com um tumor na vesícula urinária. O paciente foi atendido em uma clínica particular no município do Rio de Janeiro/RJ, foi encaminhado para cirurgia de laparotomia exploratória, devido a um quadro de hidronefrose por possível cálculo renal ou ureteral, apresentando tumoração em região de trígono vesical e/ou próstata, não sendo possível delimitar suas margens. A indicação da cirurgia foi da nefrologista e a principal queixa da tutora foi inapetência e prostração. Durante o exame físico foi observado baixo escore corporal, desconforto abdominal a palpação, desidratação e aumento de linfonodos. O paciente foi internado para estabilizar o quadro e avaliar a real necessidade da cirurgia. Foram realizados os exames pré-operatórios (incluindo hemograma, bioquímica, ultrassonografia abdominal, eletrocardiograma e ecocardiograma) e tomografia, sugerindo a presença de um nódulo hepático, esplenomegalia, nódulos esplênicos, adrenomegalia bilateral, neoformação em topografia prostática, enteropatia, nódulos em cólon e nódulos pulmonares, fazendo-se necessário o exame citológico/histopatológico da neoformação e dos nódulos supracitados. O paciente foi encaminhado para o tratamento cirúrgico com intuito de levar conforto ao paciente, maior tempo com os responsáveis e uma tentativa de prolongar a vida do animal. O procedimento foi iniciado com uma laparotomia mediana pré retro umbilical. Foi observada uma massa rígida em trígono vesical e próstata pressionando os ureteres, que se apresentavam dilatados e tortuosos. A massa se encontrava firmemente aderida ao cólon descendente e reto, atingindo a uretra. Após divulsão e ressecção da neoformação, os ureteres foram reimplantados em parede abdominal, reestabelecendo o fluxo urinário adequadamente. Vinte e quatro horas após a cirurgia foi realizada ultrassonografia, hemograma e perfil bioquímico sérico. Foi observada peritonite associada a leucocitose e azotemia. Durante a consulta com o oncologista, foi passada a gravidade do caso ao tutor, pois o animal já apresentava metástase pulmonar, sendo indicada quimioterapia após estabilização do quadro. O laudo do exame histopatológico confirmou o diagnóstico, sendo um carcinoma sólido pouco diferenciado. O prognóstico permaneceu desfavorável, e o paciente precisou ser transfundido. Após 9 dias internado, tutora optou por retirar o animal da clínica a revelia. Duas semanas depois, optou pela eutanásia. Sendo assim, embora a técnica cirúrgica e o manejo terapêutico tenham sido corretos de acordo com a literatura, o estado pré-existente comprometido do animal pode ter impedido uma resposta satisfatória.

Palavras-Chave: Canino, carcinoma, cirurgia, vesícula urinária.

***Clostridioides difficile* em cães: o que precisamos saber?**

Renata Fernandes Ferreira de Moraes¹, Erica Cristina Rocha Roier¹, Ana Paula Martinez de Abreu¹, Eduardo Butturini de Carvalho¹, Mario dos Santos Filho¹ & Eliane de Oliveira Ferreira².

¹Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro-RJ.

Resumo

Dentre algumas doenças infecciosas e com potencial zoonótico, figura o agente da colite pseudomembranosa em humanos, *Clostridioides difficile*. Trata-se de uma bactéria anaeróbia, gram-positiva, formadora de esporos, presente no solo e na microbiota intestinal de diversos animais e do homem. A infecção causada por *C. difficile*, chamada CDI, que antes tinha caráter nosocomial e era induzida pelo uso de antimicrobianos neste ambiente, tem sido relatada com maior frequência na comunidade e acredita-se que os animais tenham um importante papel na transmissão, funcionando como reservatórios. Vários estudos têm apoiado que os animais podem potencialmente atuar como vetores mecânicos da bactéria aos humanos, seja por contato direto ou por contato indireto, através da ingestão de alimentos crus e água contaminada com esporos. O cão é considerado uma das fontes promissoras desta transmissão, pois está em contato direto com a família e o ambiente. De fato, *C. difficile* vem sendo associado a doenças gastrointestinais na espécie e a síndrome varia desde sinais intermitentes de gastroenterite leve por disbiose, até episódios de diarreia hemorrágica fatal. Embora *C. difficile* nem sempre apareça associado a doenças diarreicas em cães, o tratamento com antibióticos de forma contínua e indiscriminada pode aumentar a predisposição a colonização pela bactéria, incluindo cepas toxigênicas comumente encontradas em doenças clínicas humanas. Um exemplo deste fato, é o isolamento da cepa epidêmica pertencente ao ribotipo O27 de um cão saudável que visitava pacientes nos hospitais. Esta cepa frequentemente é associada a casos de CDI em humanos. No Brasil, ribotipos encontrados no homem já foram observados em cães, propondo potencial para transmissão interespecie. Rainha e colaboradores, em 2022, relataram o primeiro caso de colite em cão causada por *C. difficile* aqui no Brasil. A cepa foi identificada como ribotipo R106, responsável por surtos de colite em humanos. Por fim, associando o potencial zoonótico apresentado pela bactéria, os diferentes ribotipos de *C. difficile* isolados de animais e humanos e os cães apresentarem forma indefinida de apresentação da doença, há uma necessidade constante de vigilância na comunidade. Caracterizar o perfil zoonótico deste patógeno especialmente em cães e melhorar a abordagem com o paciente canino significa realizar um bom trabalho profilático, uma vez que o cão é considerado um membro da família, intimamente vinculado aos seus responsáveis. Constantemente pesquisadores brasileiros mantêm atualizações a respeito da bactéria e seu comportamento nos animais e no homem, visando manter a saúde da população, dos animais e do meio ambiente.

Palavras-chave: Cão, *Clostridioides difficile*, gastroenterite, infecção, zoonoses.

***Clostridioides difficile* em equinos: o que precisamos saber?**

Renata Fernandes Ferreira de Moraes¹, Leticia Patrão de Macedo Gomes², Ana Paula Martinez de Abreu¹, Gustavo Mendes Gomes¹, Thiago Luiz Pereira Marques¹ & Erica Cristina Rocha Roier¹.

¹Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras – Vassouras-RJ.

Resumo

Clostridioides difficile apresenta risco significativo à saúde da população. O recente aparecimento de doenças humanas causadas por ribotipos de *C. difficile* encontrados em animais deixa provas crescentes de que a infecção por *C. difficile* (CDI) pode ser uma zoonose. Em equinos, *C. difficile* é causa conhecida de diarreia com mortalidade e morbidade consideráveis. Existem três questões inter-relacionadas relativas a *C. difficile* e cavalos: preocupação com o bem-estar animal; preocupação com o prejuízo econômico e o papel dos cavalos na dispersão de *C. difficile* para a comunidade. Em relação ao bem-estar, a fisiopatogenia da CDI é semelhante em cavalos e humanos. Os casos leves se manifestam como diarreia aquosa e febre baixa e, progredindo, evolui para quadro grave, onde o animal apresenta instabilidade hemodinâmica, anorexia, colite, duodenite-jejunité proximal e enterite necrosante. Os diagnósticos diferenciais incluem espécies de *Salmonella*, Coronavírus Equino, *Neorickettsia risticii* e *Clostridium perfringens*. Em relação ao prejuízo econômico, houve inconsistência na prevalência relatada e no impacto percebido de *C. difficile* em cavalos. A proporção de equinos adultos saudáveis portadores de *C. difficile* parece ser muito menor em relação a dos potros. São fatores de risco para CDI em cavalos circunstâncias que perturbam a microbiota intestinal ou situações de estresse como provas de esporte, trabalho ou até mesmo reprodução. A exposição antimicrobiana e a hospitalização são os riscos mais reconhecidos em populações humanas e de pequenos animais. Mudanças na dieta e transporte podem também atuar como fatores de risco. Apesar desta lista, deve-se notar que são comuns casos de CDI sem fatores de risco óbvios. Esta vasta gama de potenciais fatores predisponentes mostra a complexidade da CDI e destaca os desafios enfrentados no controle do impacto financeiro. Por fim, em relação a Saúde Única, notavelmente, há relatos de isolamento ribotipos causadores de surtos graves em humanos e em animais. Os cavalos representam uma adição interessante na história de *C. difficile*, com domínios sobrepostos de animais de produção, animais de companhia e populações não domesticadas. O potencial de disseminação de *C. difficile* abrange a transferência através da interação com o animal, consumo e exposição ao esterco de cavalo. Existe também um potencial significativo de disseminação na interface vida selvagem-gado-homem através da interação com espécies selvagens e nativas, bem como dispersão através de fontes de água compartilhadas e possível interação com gado. O esterco de cavalo local está prontamente disponível para uso em hortas e nas fazendas e é frequentemente sulcado em piquetes, permitindo a propagação potencial de quaisquer esporos de *C. difficile* na comunidade, criando um caminho potencial para transferência entre cavalos e humanos. Esta revisão fornece uma visão geral da CDI equina e reflete sobre as lacunas de conhecimento e deficiências de diagnóstico evidentes neste campo. A importância de adotar uma abordagem “One Health” é necessária para alcançar a prevenção, o controle das infecções e melhores resultados de saúde tanto para os seres humanos como para os animais.

Palavras-chave: Cavalo, *Clostridioides difficile*, gastroenterite, infecção, zoonoses.

Comparação dos resultados da mensuração do platô tibial por meio de radiografia e fotografia após dissecação, um estudo cadavérico.

Lucas Baptista Motta¹, Lucas Gomes Salvado¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernadino¹, Fábio Sartori², Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos² & Eduardo Buturini de Carvalho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Galileu Galilei foi um dos primeiros a teorizar e estudar o princípio do plano inclinado. Nesse sentido, em 1983, Barclay Slocum tendo como base tal conceito físico e a biomecânica do joelho humano, veio a propor uma nova abordagem cirúrgica para a ruptura do ligamento cruzado cranial (LCCr) em cães, a *Tibial Plateau Leveling Osteotomy* (TPLO), osteotomia de nivelamento do platô tibial. O LCCr é o principal estabilizador do joelho canino, responsável por limitar a translaçãocranial da tibia em relação ao fêmur, a rotação tibial interna e hiperextensão da tibia. Dessa forma, sua insuficiência é uma afecção muito importante sendo uma das patologias mais frequentes na rotina ortopédica, e a perda de sua integridade é capaz de deixar o joelho instável, resultando por conta de características biomecânicas e anatômicas do cão, na sub-luxação tibial quando a articulação em questão é submetida à carga. Portanto, TPLO objetiva proporcionar uma estabilização dinâmica por meio da redução do ângulo do platô tibial (TPA), neutralizando as resultantes dos vetores de força ao aplicar-se carga, o que cessa a sub-luxação da tibia. Para a realização de tal cirurgia, é necessário um planejamento minucioso, e para tal planejamento, é requerido uma radiografia precisa e em posicionamento perfeito. Dessa forma, este trabalho objetiva avaliar a confiabilidade e precisão da mensuração radiográfica do TPA por meio da comparação com a fotografia da estrutura anatômica dissecada, sendo ambas estudadas pelo mesmo software. Para observar o TPA, o eixo mecânico da tibia foi identificado por uma linha conectando o ponto que divide as eminências intercondilíneas e um ponto de referência distal, que por sua vez foi obtido ao traçar duas linhas paralelas nas margens periosteais cranial e caudal distais da tibia, e a distância entre tais retas mensurada e o ponto da metade de sua distância utilizado como referência distal. Isso ocorreu devido à impossibilidade da utilização do centro do talos como ponto de referência para a determinação do eixo mecânico da tibia, método utilizado convencionalmente estabelecido pela literatura. O eixo do platô tibial foi identificado por uma linha conectando as extensões cranial e caudal do côndilo medial da tibia. O TPA foi então mensurado por meio da relação entre a linha perpendicular ao eixo mecânico da tibia e o eixo do platô tibial. Os resultados obtidos foram analisados e estudados por meio de provas estatísticas, como a correlação intraclasse (CCI) entre os métodos radiográfico e de câmera (r-c), que apontou para um valor de CCI moderado a alto. Além disso, a análise de Bland-Altman mostrou baixos vieses entre os métodos. Ambos os resultados simbolizam confiabilidade de boa a excelente no exame radiográfico.

Palavras-chave: Ângulo do platô tibial, ligamento cruzado, morfometria, radiografia, TPLO.

Comunicação interatrial em canino filhote: Um relato de caso.

Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Gabriela Maia Godinho¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Letícia Vitória das Chagas¹, Maria Clara de Souza Freitas¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

A comunicação interatrial (CIA) é uma anomalia cardíaca congênita rara em cães, caracterizada por um defeito na parede que separa os átrios esquerdo e direito do coração. Essa condição pode levar a complicações cardiovasculares graves se não for diagnosticada e tratada precocemente. Neste relato de caso, descrevemos a apresentação clínica, diagnóstico e manejo de uma CIA em um filhote canino. Um filhote canino da raça Labrador Retriever, com 3 meses de idade, foi encaminhado à clínica veterinária devido a sinais clínicos de dispnéia, letargia e intolerância ao exercício. No exame físico, observou-se taquipneia, batimentos cardíacos aumentados e sopro cardíaco sistólico audível em foco mitral. Os exames laboratoriais não revelaram anormalidades significativas. No entanto, a radiografia torácica e o ecocardiograma revelaram a presença de uma CIA de tamanho moderado, com shunt esquerda-direita. A CIA é uma das anomalias cardíacas congênitas mais comuns em cães, com uma prevalência relatada de aproximadamente 0,7% em populações caninas. Embora alguns casos possam ser assintomáticos, muitos cães apresentam sinais clínicos de insuficiência cardíaca congestiva devido ao aumento do volume de sangue que passa do átrio esquerdo para o direito através da CIA. O diagnóstico geralmente é realizado por meio de exames de imagem, como ecocardiografia, que permite a avaliação precisa do tamanho da CIA e do grau de shunt. O tratamento pode envolver manejo conservador com medicamentos para controle da insuficiência cardíaca ou intervenção cirúrgica para fechamento da CIA, dependendo da gravidade dos sintomas e do tamanho do defeito. Neste relato de caso, destacamos a importância do reconhecimento precoce e do manejo adequado da CIA em cães filhotes para prevenir complicações cardiovasculares graves. O diagnóstico prévio por meio de exames de imagem, como ecocardiografia, e o tratamento individualizado são essenciais para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida desses pacientes.

Palavras-chave: Anomalia Cardíaca; canino, CIA, comunicação interatrial, filhote.

Corpo estranho no intestino de um felino com comprimento intestinal reduzido: Aspectos clínicos e cirúrgicos.

Maria Fernanda Russo Muniz¹, Júlia Morelli Jucá¹, Anna Clara Carvas Sant'Anna¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Fernanda Honorato de Paula Neves² & Ana Carolina de Souza Campos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ - Brasil.

²Médica Veterinária da Fundação Severino Sombra, Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ - Brasil.

Resumo

A ingestão de corpo estranho (CE) é comum na clínica de pequenos animais, gerando quadros de obstrução parcial ou total do fluxo digestivo que podem requerer intervenção cirúrgica. O diagnóstico é obtido pela união da anamnese, achados de exame físico e de exames complementares (hemograma, bioquímico, radiografia e ultrassonografia - USG). Foi atendido, na Clínica Veterinária da Universidade de Vassouras, uma felina, pelo curto brasileiro, com 1 ano e 9 meses, pesando 4,35 kg, com histórico de hiporexia, êmese com ração e coloração semelhante à bile. No histórico, a paciente foi submetida a enterectomia devido a ingestão de CE linear com cinco meses de idade; no exame físico estava alerta e responsiva, com parâmetros vitais normais para a espécie e sem sinais de dor. Na cavidade oral, não havia quaisquer alterações que justificassem o quadro de hiporexia e a suspeita diagnóstica foi de gastrite com tratamento sintomático. Inicialmente, houve melhora, porém, em dois dias houve retorno dos sinais e leve desconforto à palpação abdominal. Com isso, solicitou-se USG e radiografia abdominais, hemograma e bioquímica sérica. No hemograma notou-se hiperglobulinemia (6,7g/dL) e hipoalbuminemia (1,4g/dL) e na USG detectou-se possível obstrução em alça intestinal (duodeno descendente) com dilatação (0,31 cm) e líquido retido no lúmen. Ademais, não foi observado peristaltismo na área e havia sobreposição das camadas que sugeriu possível intussuscepção. Na radiografia detectou-se meteorismo intestinal, dilatação da região, não sendo visualizado CE. Optou-se pela laparotomia exploratória devido ao histórico, clínica e achados de exames de imagem, sendo a principal suspeita de CE intestinal. Após celiotomia longitudinal mediana na região mesogástrica, explorou-se inicialmente o estômago seguido do intestino delgado, a porção do duodeno descendente estava aderida à região do íleo e ao omento, imediatamente cranial à válvula íleocecóclica, com palpação rígida sugerindo possível CE luminal. Essa porção foi exteriorizada e isolada com compressas, permitindo adesiólise e visualização adequada do local. O intestino foi ocluído com os dedos para interromper o fluxo e, por meio de uma incisão caudal ao CE, ele foi retirado. A viabilidade da região intestinal foi confirmada por meio da avaliação da coloração, peristaltismo, pulso arterial e textura. Apesar de cianose após a manipulação, optou-se pela manutenção da região devido o comprimento intestinal da paciente ser intensamente reduzido. A apresentação inicial dos sinais pode ser confundida com condições gastrointestinais simples, contudo, a persistência deles, apesar do tratamento medicamentoso, levou à suspeita de obstrução intestinal, corroborada pelos resultados dos exames de imagem. A escolha da laparotomia exploratória é justificada pela necessidade de localizar e remover o CE, além de avaliar a viabilidade intestinal. A decisão de realizar apenas enterotomia é subjetiva, porém crucial para minimizar complicações pós-operatórias e promover recuperação mais rápida do animal. Assim, percebe-se que a análise da viabilidade intestinal transcirúrgica foi o suficiente para avaliar o intestino e tornar dispensável a ressecção da porção afetada; e, associada aos cuidados pós-operatórios propiciados (alimentação líquida seguida de pastosa e, gradativamente, introdução da seca), houve ausência de complicações cirúrgicas, tendo o animal melhora no quadro clínico e excelente recuperação.

Palavras-chave: Corpo estranho, enterotomia, Síndrome do intestino curto, viabilidade intestinal.

Correlação entre supradesnívelamento de segmento ST e cardiomiopatia hipertrófica como valor preditivo de possíveis infartos intramurais em gatos.

Clara Marques Barros, Gabriela da Rocha Brochado, Hanna Barbosa Pinheiro, Nadyne Almeida Martins Bahia, Mário dos Santos Filho e Eduardo Butturini de Carvalho.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A cardiomiopatia hipertrófica (CMH) é uma condição cardíaca comum em gatos, frequentemente associada a infartos intramurais, que podem ser difíceis de detectar e diagnosticar precocemente. O supradesnívelamento de segmento ST (ST elevado) no eletrocardiograma (ECG) tem sido proposto como um possível indicador de infartos agudos do miocárdio em humanos, no entanto, sua utilidade em gatos com CMH permanece pouco clara. Este estudo teve como objetivo investigar a correlação entre o supradesnívelamento de segmento ST e a presença de CMH como um valor preditivo de possíveis infartos intramurais em gatos. Foi conduzido um estudo retrospectivo em registros clínicos de gatos diagnosticados com CMH ao longo de cinco anos. Os gatos foram submetidos a exames clínicos, ECG, ecocardiografia e, achados de necropsia. A presença de ST elevado no ECG foi registrada e comparada com os achados ecocardiográficos e post-mortem dos pacientes que vieram a óbito, para determinar a associação entre o supradesnívelamento de segmento ST, CMH e infartos intramurais. Um total de 13 gatos com CMH foram incluídos no estudo. Entre esses, uma proporção significativa apresentou infartos intramurais detectados pela necropsia. Observou-se uma correlação negativa entre a presença de ST elevado no ECG e a presença de CMH ($p < 0,05$). A correlação entre ST elevado e infartos intramurais foi também se mostrou pouco significativa, com apenas uma minoria dos gatos com ST elevado demonstrando infartos intramurais confirmados por necropsia. O supradesnívelamento de segmento ST pode ter valor preditivo na identificação de gatos com CMH, no entanto, sua utilidade na detecção de infartos intramurais em felinos permanece limitada. Embora a presença de ST elevado possa ser um indicador de possível comprometimento miocárdico, outras modalidades diagnósticas, como a necropsia, são necessárias para confirmar o diagnóstico de infartos intramurais de forma mais precisa. A combinação de dados clínicos, ECG, ecocardiografia e necropsia pode fornecer uma avaliação abrangente e precisa do risco de infartos intramurais em gatos com CMH, permitindo um manejo clínico mais eficaz desses pacientes.

Palavras-chave: Ecocardiografia, eletrocardiograma, felinos, ICC.

Criação de jogos para o estudo de virologia veterinária: Uma alternativa eficaz para fixar o conteúdo.

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Eduardo Butturini de Carvalho², Ana Paula Martinez de Abreu², Mario dos Santos Filho², Erica Cristina Rocha Roier² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Metodologias ativas tem por objetivo tornar o aluno protagonista na obtenção do conhecimento, substituindo o modelo tradicional de ensino que é centrado na figura do professor como transmissor da informação. Desta forma, o uso de jogos, gincanas e práticas em campo, são alternativas frequentes na rotina de estudo deste aluno. Tem se observado, ao longo dos anos, um excelente resultado na captação do conhecimento, em especial no ensino da saúde e biologia e, os jogos didáticos em particular, são vistos como uma solução para envolver os alunos de maneira mais ativa, retirando-os da função de ouvintes. Exemplificando, jogos clássicos como: caça-palavras, palavras-cruzadas, silabox, ligar as palavras, criptograma, código secreto e siga o caminho, já são conhecidos mundialmente e são diversificados entre os públicos infantil e adulto, facilitando sua adaptação ao público acadêmico como metodologia ativa. Tendo em vista o surgimento de jogos adaptados a diversas áreas de conhecimento e reconhecendo as dificuldades no ensino de virologia veterinária, foram criados alguns jogos sobre diversas famílias de vírus estudados na medicina veterinária. Como bibliografia foi utilizada última edição do livro Virologia Veterinária do autor Eduardo Furtado Flores (2017), livro base de estudo consagrado da disciplina. Essa iniciativa teve como objetivo melhorar o aprendizado da disciplina de virologia do ciclo básico do curso de medicina veterinária, fornecendo o conhecimento necessário para futuros profissionais. Ao dominar tais conhecimentos sobre vírus e suas características, os estudantes poderão lidar eficazmente com situações clínicas em suas carreiras. Já foram criados diversos jogos, contendo um pequeno resumo de cada vírus utilizado. Como perspectiva futura, estes jogos serão unidos formando um livro de exercícios no formato de diversos jogos, como caça-palavras, palavras-cruzadas entre outros. Essa abordagem inovadora visa transformar o ensino, tornando-o mais envolvente e eficaz para os futuros profissionais da medicina veterinária.

Palavras-chave: Animais domésticos, ensino, livro de jogos, metodologia ativa, virologia veterinária.

Cromoterapia na aplicação médica de cães e gatos hospitalizados: Uma revisão abrangente.

Kélen Mendes dos Santos¹, Ingrid Torres Garbin¹, Olivia Soledade Junqueira Silva¹, Thiago Luiz Pereira Marques² & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A cromoterapia, terapia alternativa que utiliza cores para promover o bem-estar e a cura, tem sido cada vez mais explorada na medicina veterinária, especialmente no contexto de cães e gatos hospitalizados. Esta abordagem tem ganhado interesse devido a sua simplicidade, segurança e potencial para complementar tratamentos convencionais. Neste artigo de revisão, exploramos os fundamentos da cromoterapia e sua aplicação na medicina veterinária, com foco em cães e gatos hospitalizados. A cromoterapia é fundamentada na ideia de que as cores têm frequências de energia que podem afetar o corpo físico, mental e emocional. Cada cor é associada a diferentes propriedades terapêuticas e pode influenciar o equilíbrio do organismo. O vermelho é frequentemente utilizado para estimular a circulação sanguínea e aumentar a energia, enquanto o azul é conhecido por suas propriedades calmantes e anti-inflamatórias. Na prática veterinária, a cromoterapia é aplicada de diversas maneiras para promover a recuperação e o bem-estar de cães e gatos hospitalizados. Uma das abordagens comuns é a utilização de luzes coloridas em ambientes hospitalares ou em dispositivos específicos para direcionar a cor para áreas do corpo do animal. Além disso, algumas clínicas veterinárias oferecem banhos de luz colorida ou usam lâmpadas coloridas durante procedimentos médicos. Embora a pesquisa específica sobre os efeitos da cromoterapia em cães e gatos seja limitada, alguns estudos sugerem benefícios potenciais. Redução do estresse e ansiedade: cores como o azul e o verde têm sido associadas à redução do estresse e da ansiedade em humanos, e há evidências anedóticas de que essas cores também possam beneficiar animais hospitalizados. Estimulação da cicatrização: alguns estudos em humanos indicaram que certas cores podem acelerar a cicatrização de feridas e lesões. A aplicação dessas cores em animais pode potencialmente promover a recuperação de cirurgias ou lesões. Melhora do bem-estar geral: a exposição a cores específicas pode promover um estado de equilíbrio, o que pode ser benéfico para animais em estado de recuperação de doenças ou procedimentos médicos. Apesar do potencial da cromoterapia na medicina veterinária, existem desafios e considerações éticas a serem abordados. A pesquisa nesta área ainda é limitada, e mais estudos são necessários para entender completamente os efeitos da cromoterapia em animais. Além disso, é importante garantir que quaisquer intervenções terapêuticas sejam seguras e não causem desconforto ou estresse desnecessários aos pacientes. É importante ressaltar que a aplicação específica de cada cor da cromoterapia deve ser adaptada às necessidades individuais de cada animal e supervisionada por um profissional qualificado. Ademais, a cromoterapia não deve substituir tratamentos médicos convencionais, e sim complementá-los como parte de um plano de cuidados integrativos. A cromoterapia emerge como uma terapia complementar promissora na medicina veterinária, oferecendo uma abordagem não invasiva e potencialmente eficaz para promover o bem-estar e auxiliar na recuperação de cães e gatos hospitalizados. Todavia, mais pesquisas são necessárias para validar sua eficácia e entender melhor seus mecanismos de ação. Dessa forma, veterinários e proprietários de animais podem considerar a cromoterapia como parte de um plano de tratamento integrativo, sempre com o acompanhamento e supervisão de profissionais qualificados.

Palavras-chave: Cromática, luz, recuperação, tratamento clínico, terapia.

Descarte de agulhas e de frascos de medicamentos de uso pecuário em propriedades rurais.

Isabel Cristina Medeiros da Silva¹, Jade Moura de Sá¹, Maria Eduarda bispo dos Reis Di iorio¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Dicente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil;

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Ao longo dos anos, observa-se uma transformação substancial no cenário da região rural, acarretando na maior geração de detritos, tais como agulhas e recipientes destinados ao uso medicamentoso em animais de criação, suscitando, por conseguinte, uma preocupação sobre a urgência de descartar esses itens de maneira correta. A disposição inadequada de fármacos e utensílios médicos na natureza está associada a uma diversidade de consequências ambientais. Estas englobam perigos, como lesões durante o manejo, poluição do solo e das fontes de água, bem como o surgimento de cepas bacterianas resistentes, entre outros desdobramentos. Desta forma, o objetivo deste estudo foi o de verificar junto a legislação vigente, as formas corretas que devem ser utilizadas para descarte de material de uso veterinário em propriedades rurais. *Revisão bibliográfica foi realizada com consulta as bases de dados: Scielo, Google Acadêmico e Bvs-vet.* Os resultados desta revisão mostraram que cada propriedade rural deve adotar medidas para reduzir ou reciclar os resíduos produzidos, evitando sua incineração. Quando se trata de embalagens vazias de medicamentos e produtos veterinários, é fundamental que os proprietários sigam as orientações dos órgãos de saúde e meio ambiente, bem como do responsável pela saúde do rebanho. Assim, é necessário reservar um espaço adequado na propriedade exclusivamente para o descarte dessas embalagens. Após a utilização, é essencial regularizar o destino delas dentro de um ano, encaminhando-as aos Centros de Recebimento de Embalagens Vazias. No caso de agulhas e seringas usadas, devem ser armazenadas com segurança em recipientes apropriados e entregues anualmente em pontos de coleta, como cooperativas, postos de saúde locais ou lojas agropecuárias parceiras. No Brasil existem duas resoluções que elaboram medidas para o destino adequado das embalagens de produtos veterinários, são elas: A resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conamao N° 358/2005 e a RDC N° 306/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A RDC 306/2004 estabelece que cada empresa deve classificar seus resíduos e dar o destino adequado a eles. Aqueles resíduos que possuem contato com algum tipo de substância química devem ser dispostos, identificadas e enviadas para empresas que possuem um tratamento especializados. Essa norma também presume que esses resíduos químicos que apresentam um risco a saúde animal, humana e ao ambiente em estado sólidos, devem ser distribuídos em aterros de resíduos perigosos. Conclui-se dessa forma que os produtores rurais devem armazenar em embalagens seguras o material perfurocortante oriundo do uso nos manejos pecuários, destinando os mesmos sempre que necessário em postos de saúde, cooperativas ou lojas veterinárias e as embalagens de vacinas e demais produtos químicos usados na propriedade, devem ser encaminhados aos centros de recebimento de embalagens vazias, normalmente dispostos junto à lojas agropecuárias, sendo a partir daí de responsabilidade das empresas fabricantes dos mesmos e destino correto final dessas embalagens.

Palavras-chave: Descarte, frascos, medicamento veterinário, seringas.

Descontaminação de carcaças de frango após o abate: Revisão de literatura.

Anna Clara Carvas Sant'Anna¹, Júlia Morelli Jucá¹, Larissa de Almeida Plácido¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Maria Fernanda Russo Muniz¹ & Gabriela Vieira do Amaral².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ, Brasil.

Resumo

O Brasil é um grande produtor e exportador de produtos de origem animal, sendo o maior exportador mundial de frango desde 2004. Apesar dos rígidos controles implementados nos frigoríficos brasileiros, pode ocorrer a contaminação da carcaça de aves, no processo de abate, por microrganismos de sua própria microbiota natural. Essa contaminação ocorre frequentemente e se dá através da ruptura do tubo gastrointestinal na etapa de evisceração, e com isso, contaminando equipamentos, utensílios e carcaças. Para retirar as partes visivelmente contaminadas da carcaça é realizado o refile, porém áreas nobres como peitos e coxas podem ser removidas, condenadas e destinadas à unidade de beneficiamento de produtos não comestíveis. Pensando nisso, a Portaria N° 210 de 10 de novembro de 1998 foi alterada pela Resolução 8/2018, que autoriza o uso de lavagem de carcaça durante o abate para remover conteúdos gastrointestinais visíveis nas superfícies interna e externa da carcaça e também para otimizar a perda de temperatura durante o pré-resfriamento. O método ideal de descontaminação não deve alterar as características organolépticas, nutricionais e deixar resíduos ou ser prejudicial ao meio ambiente. Além disso, deve ser barato, de fácil utilização e capaz de estabilizar e inativar micro-organismos deteriorantes e bactérias patogênicas. Atualmente, a legislação brasileira estabelece que essa descontaminação seja feita com água com cloração máxima de 5 ppm. No entanto, a Secretaria da Agricultura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicou a Instrução Normativa n° 30 estabelecendo outros procedimentos, no qual consiste em utilizar o ácido peracético ou ácido peroxiacético (PAA), que já é aprovado pela U.S. Food and Drug Administration. A concentração máxima permitida é de 220 ppm para uso em resfriadores primários de aves (chillers) e até 2000 ppm em tanques de imersão após resfriamento. Esses ácidos são excelentes desinfetantes devido sua alta capacidade de oxidar os componentes celulares microbianos e sua rápida ação contra microrganismos em baixas concentrações. Além disso, são esporocidas em baixas temperaturas. O PAA não apresenta risco de toxicidade ambiental e não requer enxágue após aplicação em carcaças de frango. No entanto, existem diferentes formulações comerciais em que pode conter estabilizantes tóxicos como o ácido 1-hidroxietilideno-1,1-difosfônico (HEDP), um composto não biodegradável. A Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA) recomenda monitorar seus resíduos, para não poluir o meio ambiente ao entrar nas estações de tratamento.

Palavras-chave: Ácido peracético, carcaça, desinfetante, lavagem, microrganismos.

Desenvolvimento de paraparesia e perda da propriocepção em paciente canino com erliquiose: Relato de caso.

Maria Alice Gonçalves Braga¹, Mariana Carvalho Dellão¹, Milena Pena Neumann¹, João Vitor Oliveira Vasconcellos¹, Leonardo Lara e Lanna² & Eduardo Borges Viana².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora-MG, Brasil

²Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora-MG, Brasil

Resumo

A erliquiose é uma doença infecto-contagiosa, causada por bactérias gram-negativas do gênero *Ehrlichia spp*, um hemoparasita intracelular obrigatório (SILVA, 2015), sendo a *Ehrlichia canis* o agente etiológico da erliquiose monocítica canina (DUMLER et al., 2001). A transmissão se dá a partir do *Rhipicephalus sanguineus* (carrapato marrom do cão), sendo considerado o vetor e reservatório da doença (PEGRAM et al., 1987). Dessa forma, algumas alterações hematológicas são relatadas com maior frequência, como a anemia arregenerativa (MOREIRA et al., 2003) e a trombocitopenia (WANER et al., 1995). O presente relato tem como objetivo apresentar o caso da paciente canina, SRD, fêmea com 9 anos de idade, acompanhada na Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora para tratamento de dermatite atópica, fazendo uso de ciclosporina, ômega 3 e produtos hidratantes para pele por 3 meses. Em outubro de 2023, a paciente apresentou prostração e epistaxe, o hemograma realizado revelou: anemia normocítica normocrômica, com hematócrito de 17,4%, grau mínimo de regeneração, plasma moderadamente hemolisado, neutrofilia leve e trombocitopenia severa. Foi realizado o teste rápido 4DX (IDEXX[®]), que resultou em positivo para Ehrlichia. O protocolo adotado após o diagnóstico foi a suspensão do tratamento de dermatite com ciclosporina, a fim de evitar imunossupressão, somado à administração de doxiciclina (7,0 mg/Kg duas vezes ao dia por via oral durante 28 dias). Com 10 dias de realização do protocolo descrito, a paciente apresentou paraparesia com déficit proprioceptivo e redução da sensibilidade dolorosa nos membros pélvicos (possuía apenas sensibilidade dolorosa profunda), o que indica estágio IV de alteração medular. Em sequência, 19 dias após o primeiro hemograma, foi solicitado um segundo exame, no qual foi possível constatar uma melhora significativa na contagem total do hematócrito (36,0%) e o retorno dos neutrófilos e as plaquetas à faixa de referência. Entretanto, o animal ainda apresentava um quadro de anemia normocítica normocrômica, porém com regeneração máxima. Para descartar lesão medular, foi solicitado uma tomografia contrastada (iohexol) de coluna toracolombar. No laudo do exame foram descritas apenas alterações de densidade meníngeas, o que possivelmente está associado a processos inflamatórios ou infecciosos. O tratamento para erliquiose apresentou resultados positivos e, no mês de abril de 2024, a paciente encontra-se recuperada dos sinais clínicos da erliquiose canina, livre de paraparesia e com déficit proprioceptivo discreto. Esse relato conta com a descrição de alterações neurológicas em cadela diagnosticada com erliquiose, o que foi relatado em apenas 9 de 68 casos em um estudo realizado pela American College of Veterinary Internal Medicine (Bartsch, R.C. and Greene, R.T., 1996). Conclui-se que a infecção por *Ehrlichia sp.* é relevante e significativa quanto a etiologia e diagnóstico diferencial para neuropatias como ocorre em outros sítios mais prevalentes com inflamação como glomérulo, articulações e mesmo as oftalmopatias, o sistema nervoso é alvo de acometimento e deve ser levado em consideração.

Palavras-chave: Anemia, cão, imunossupressão, hemoparasitoses, neuropatias.

Detecção molecular de *Mycoplasma* spp. em cães infectados naturalmente no município de Vassouras – RJ.

Fernanda Eiras Nascimento¹, Diana Ivanov Pedroso¹, Amanda Alfeld Belegote², Thiago Dutra Dias³, Ana Paula Martinez de Abreu⁴ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

³Doutorando em Ciências Veterinárias - PPGCV - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ - Brasil.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

Resumo

Mycoplasma é uma bactéria a qual se divide em diferentes espécies, algumas podem ser de caráter zoonótico, causando infecções no trato respiratório, reprodutivo e urinário. Sua morfologia apresenta peculiaridades, como um genoma pequeno e a ausência de parede celular rígida, tornando seu diagnóstico convencional desafiador. A transmissão da bactéria *Mycoplasma* em cães pode ocorrer por meio do contato do animal sadio e o imunocomprometido, e por vetores como carrapatos e pulgas, representando um desafio significativo para o controle e prevenção da infecção. Pode causar anemia hemolítica e sinais clínicos inespecíficos, variando entre leve e grave. O objetivo deste estudo é verificar a frequência de *Mycoplasma* spp. em sangue de cães atendidos no Hospital Veterinário de Vassouras – RJ, por meio do diagnóstico molecular. Sem requisito próprio, 100 amostras de sangue foram coletadas para passarem pela extração de DNA, seguido do PCR. O DNA foi extraído usando o kit Wizard® Genomic DNA Purification e amplificado pelo gene *16S rRNA*, com PCR convencional, utilizando de iniciadores específicos. Controles positivos e negativos foram incluídos para verificar a eficiência do processo. Após a amplificação, a eletroforese em gel de agarose foi realizada para análise das amostras. Dos 100 cães testados, dois apresentaram resultados positivos para *Mycoplasma* em PCR convencional, mas negativos para pesquisa de hemoparasitas, sugerindo baixa sensibilidade deste último método. A baixa prevalência neste estudo pode indicar a necessidade de métodos mais sensíveis para sua detecção, como a qPCR ou estar relacionado ao baixo n amostral. *Mycoplasma* é autolimitante, com isso o estado de saúde dos animais também interfere no resultado, pois o animal necessita estar imunocomprometido para ativação da bactéria. Esses resultados contribuem para melhor compreensão da epidemiologia e diagnóstico de *Mycoplasma* em cães. É importante a continuação do estudo da bactéria para compreensão da distribuição da infecção e seus riscos associados. Contribuindo na implementação de estratégias eficazes tanto de profilaxia, quanto diagnóstico. Em conclusão, o estudo contribui para conhecimento da frequência da bactéria no município de Vassouras – RJ, com destaque para a importância da PCR como método de diagnóstico.

Palavras-chave: DNA, extração, hemoparasitas, imunossupressão, PCR.

Diagnóstico de corpo estranho intestinal em felino através da ultrassonografia e radiografia: Relato de caso.

Igor Braz Righi¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Arthur Santos Monteiro¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Fernanda Honorato de Paula Neves² & Bianca Affonso dos Santos Paiva³.

¹Dicente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil;

²Médica veterinária da Fundação Severino Sombra - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

O termo “corpo estranho intestinal” refere-se a qualquer objeto que, ao ser ingerido por um animal, provoque obstrução parcial ou total no lúmen intestinal. É relativamente frequente em animais de estimação e sua importância clínica pode variar, justificando a necessidade de métodos diagnósticos como radiografias simples ou com contraste, ultrassonografia e, em alguns casos, tomografia computadorizada. Frequentemente, esses corpos estranhos se acumulam em áreas de constrição no trato gastrointestinal, e a resolução dos quadros pode dar-se espontânea ou cirurgicamente. Os felinos apresentam uma dieta seletiva e mastigação criteriosa. Os corpos estranhos lineares afetam esses animais, pois possuem o hábito de brincar com objetos desse tipo. Um felino fêmea, castrado de 1 ano e 10 meses, domiciliada, foi atendida com queixa de anorexia e episódios de vômito amarelado contendo fragmentos de ração. Na anamnese foi constatado não tinha acesso a plantas e apresentava comportamento de caça. Apresentava histórico de ingestão de corpo estranho com retirada cirúrgica e anastomose intestinal. Durante a avaliação clínica, notou-se taquicardia e diminuição do tempo de preenchimento capilar, sem outros sinais anormais aparentes. Solicitou-se perfil hepático laboratorial e ultrassonografia abdominal total. Foi prescrito gaviz e vonau® para controle do quadro de vômito. Os testes bioquímicos revelaram níveis reduzidos de albumina e triglicérides. A ultrassonografia mostrou esplenomegalia e presença de área de obstrução em alça intestinal do duodeno descendente, localizada próxima à curvatura inguinal direita, onde havia uma imagem sugestiva de corpo estranho, acompanhada por sinais de intussuscepção intestinal com a ausência de peristaltismo. Então, realizou radiografia digital da região abdominal em posicionamentos ventro dorsal e latero-lateral onde observou a dilatação de duodeno descendente com presença de coleção de gases próximo a curvatura inguinal direita, confirmando a presença de corpo estranho e obstrução intestinal. Dada a gravidade dos achados, optou-se pela intervenção cirúrgica para remoção do objeto. Durante o procedimento, enfrentou o desafio de trabalhar com uma quantidade limitada de tecido intestinal disponível devido à aderência na área afetada. O item extraído foi identificado como um fragmento de espuma sintética, posteriormente identificada como originário do braço de uma cadeira do tutor. Os sinais apresentados, incluindo anorexia, vômito, taquicardia e TPC alterado, são compatíveis com quadros de ingestão de corpo estranho. A bioquímica indicou níveis reduzidos de albumina e triglicérides, sugerindo má absorção de nutrientes devido à perda da área intestinal. Os exames de imagem foram eficazes para o diagnóstico de corpo estranho e obstrução intestinal. Embora corpos estranhos intestinais sejam menos comuns em felinos, a paciente apresentou o problema duas vezes em um ano, apontando possível alteração comportamental ou um ambiente com poucas atividades para o animal. O uso de exames de imagem, incluindo ultrassonografia, radiografia simples ou contrastada, provou ser eficiente no diagnóstico de corpos estranhos, avaliando a viabilidade intestinal e a localização do objeto. Corpos estranhos no segmento descendente do duodeno frequentemente resultam em perda de peso, diarreia e vômitos ocasionais. Para um diagnóstico preciso, é essencial que o veterinário conduza uma anamnese detalhada, complementada por exames laboratoriais e exames de imagem.

Palavras-chave: Corpo estranho, métodos diagnósticos, obstrução intestinal, radiografia, ultrassonografia.

Diagnóstico de mastite clínica e subclínica bovina em gados leiteiros: principais desafios na abordagem clínica da doença.

Adriana Maciel De Oliveira¹, Carolina Vieira De Souza Melo Pereira¹, Juliana Fernandes Fonseca Paltrinieri¹, Luiz Felipe Sant Ana de Souza¹, Ana Paula Oliveira Sant' Anna¹ & Otávia Reis e Silva².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Faculdade de Ciências Médicas de Maricá, Universidade de Vassouras, Maricá-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

Resumo

A mastite, inflamação da glândula mamária, representa um dos principais desafios na produção leiteira mundial, ocasionando perdas econômicas significativas e afetando a qualidade do leite. O diagnóstico preciso, tanto da forma clínica quanto subclínica, é crucial para o controle eficaz da doença, a garantia da saúde animal e a segurança do produto final. A mastite clínica é facilmente reconhecida devido aos sinais visíveis, como inflamação, calor e alterações na textura, consistência e coloração do leite, a mastite subclínica por não ter sinais clínicos faz com que essa seja mais difícil de ser identificada. Esta revisão bibliográfica tem como objetivo abordar os principais desafios e apresentar perspectivas para o diagnóstico clínico da mastite bovina em gado leiteiro. Para tanto, a pesquisa foi realizada em bases de dados científicas como SciELO, Periódicos Capes, PubMed e Google acadêmico, utilizando os termos “mastite bovina”, “diagnóstico clínico”, “desafios”, “perspectivas” e combinações entre estes, para tal foram utilizados trabalhos publicados entre 2018 e 2024. O diagnóstico clínico da mastite bovina é fundamentalmente baseado na avaliação de sinais e alterações no leite. Porém, em casos subclínicos faz-se necessário lançar mão de testes laboratoriais, como a contagem de células somáticas (CCS) e o California Mastitis Test (CMT), principal teste utilizado. Na identificação das mastites clínicas temos o teste de caneca telada ou caneca de fundo preto e WMT (*Wisconsin Mastitis Test*) ou viscosímetro. A identificação do agente envolvido assim como teste de sensibilidade são um grande desafio, uma vez que a mastite bovina pode ser causada por vários agentes patológicos, como bactérias, vírus, fungos e algas, dificultando a padronização da abordagem terapêutica. Para superar esses desafios, são necessárias medidas abrangentes e individuais para cada caso. Isso inclui o treinamento intensivo e contínuo de profissionais em técnicas de avaliação clínica e interpretação de resultados, bem como o estabelecimento de protocolos padronizados para garantir a uniformidade e confiabilidade dos dados coletados. Além disso, a utilização de ferramentas diagnósticas complementares, como análises microbiológicas do leite, pode auxiliar no diagnóstico preciso e na avaliação da eficácia do tratamento. O diagnóstico preciso da mastite bovina é essencial para o controle eficaz da doença, a garantia da saúde animal, a segurança do leite e a sustentabilidade da produção leiteira. Dentre as possibilidades aplicáveis para identificação de quadros de mastite, o uso da termografia para detecção de faixas de calor, características da inflamação, são métodos alternativos, tais quais sensores de condutividade elétrica e acelerômetros para monitoramento dos padrões físicos do leite que podem indicar mastite clínica ou subclínica. Através da superação dos desafios na abordagem clínica, da implementação de medidas estratégicas, do investimento em pesquisa e desenvolvimento, e da adoção de práticas de manejo adequadas, a indústria leiteira pode alcançar maior produtividade, qualidade do produto e competitividade no mercado global.

Palavras-chave: Bovinos, diagnóstico clínico, gado leiteiro, leite, mastite.

Diagnóstico molecular de tripanossomíase bovina no município de Juiz de Fora-MG.

Marcos Paulo Priamo Ferreira¹, Paula Nunes Mendes², Almira Biazon França³, Carina Franciscato³, Janildo Ludolf Reis Junior³ & Glenda Ribeiro de Oliveira³.

¹Médico veterinário autônomo, Juiz de Fora-MG, Brasil.

²Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil,

Resumo

A tripanossomíase bovina causada por *Trypanosoma vivax* é originária do continente africano e foi introduzida nas Américas durante a importação de rebanhos zebuínos, sendo a primeira ocorrência reportada em 1919, na Guiana Francesa. A disseminação da doença foi possibilitada pela adaptação do protozoário à transmissão mecânica por dípteros hematófagos, além da transmissão iatrogênica por compartilhamento de agulhas durante a vacinação e administração de medicamentos. No Brasil, a infecção em bovinos foi registrada pela primeira vez no estado do Pará em 1944 e posteriormente, dispersou-se pelas demais regiões brasileiras. Em Minas Gerais, a ocorrência da doença foi registrada pela primeira vez no município de Igarapé, em 2008. Os impactos econômicos da tripanossomíase bovina relacionam-se à queda da produção leiteira e de carne, perda progressiva de peso, abortamentos e óbitos. Os sinais clínicos incluem febre, anemia, letargia, alterações neurológicas e distúrbios da reprodução. Para investigação da enfermidade, podem ser utilizados exames parasitológicos, sorológicos e moleculares. Este trabalho tem como objetivo relatar o diagnóstico de tripanossomíase de um bovino em uma fazenda leiteira com estrutura comercial, localizada na zona rural do município de Juiz de Fora-MG. A propriedade utiliza sistema free stall, com 37 animais da raça girolando em lactação e produção média diária de 900 litros. O local tem histórico de abortamentos, óbito de 20 animais entre janeiro e novembro de 2023 e um diagnóstico sorológico de tripanossomíase. O presente relato refere-se a uma fêmea bovina, com 2,8 anos de idade, primípara em lactação, com produção de 30 kg de leite/dia, 620 kg de peso corporal, com diminuição da produção leiteira, hiporexia, incoordenação motora, quedas, andar em círculos e ataxia. Foram realizados exames como esfregaço sanguíneo, hemograma e parasitológico de fezes, sem alterações significativas. Realizou-se a terapêutica com cloreto de isometamidium e terapia suporte, devido à suspeita clínica de tripanossomíase. Entretanto, o animal não apresentou resposta ao tratamento e devido às alterações neurológicas e condições de sofrimento, optou-se pela eutanásia. O animal foi necropsiado e amostras foram coletadas para exames como reação em cadeia da polimerase (PCR), histopatológico e citologia. À necropsia, observou-se alterações compatíveis com encefalomielite fibrinossupurativa necrotizante. O diagnóstico foi confirmado nas amostras de sangue, córtex, baço e linfonodos enviadas para PCR. Estudos revelaram que a pesquisa de protozoários em sangue periférico pode apresentar baixa sensibilidade quando o animal apresenta baixa parasitemia ou se previamente tratado. Por outro lado, a PCR deve ser utilizada para minimizar a ocorrência de falsos negativos. Assim, diante da diversidade epidemiológica quanto à situação da tripanossomíase bovina no Brasil, torna-se importante o diagnóstico da enfermidade em animais que apresentem sinais clínicos compatíveis. Neste relato, observou-se a eficiência da referida análise no diagnóstico de *T. vivax*. Devido à possibilidade de persistência da tripanossomíase na propriedade, foram tomadas medidas profiláticas como aplicação de cloreto de isometamidium na dose preventiva em todos os animais, colocação de brinco mosquicida à base de diazinon e controle ambiental das moscas com higienização diária das instalações.

Palavras-chave: Cloreto de Isometamidium, encefalomielite, protozoário, reação em cadeia da polimerase, *Trypanosoma vivax*.

Diagnóstico, tratamento e recuperação de sialocele orbitária em cão: Um relato de caso.

Maria Fernanda Russo Muniz^{1*}, Luciana Lordello da Silva², Mário dos Santos Filho³ & Bianca Affonso dos Santos Paiva³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica veterinária autônoma, Vassouras-RJ.

³Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

⁴Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

Resumo

A sialocele, também conhecida como mucocele, é o acúmulo de saliva nos tecidos adjacentes devido a obstruções ou rupturas das glândulas salivares. Nos cães, a glândula salivar sublingual é a mais comumente afetada por esta afecção, portanto sendo raro o acometimento da glândula zigomática. Este relato descreve um caso de sialocele orbitária em um labrador de 10 anos, apresentando como queixa principal uma mancha azulada no olho esquerdo e dificuldade visual do mesmo. Durante a inspeção e o exame físico, não foram observadas alterações na pele ao redor dos olhos, porém, havia secreção ocular. No exame oftalmológico, observou-se que os componentes oculares do olho direito, incluindo córnea, conjuntiva, humor vítreo e retina, estavam saudáveis e dentro dos padrões normais. No olho esquerdo, identificou-se uma opacidade azulada na córnea, inflamação na conjuntiva, porém, não foi possível realizar uma avaliação adequada do humor vítreo e da retina. Ao teste de fluoresceína observou-se que nenhum dos olhos apresentavam úlceras e, pelo teste de Schirmer tipo 1 analisou-se que ambos os olhos estavam sem alteração na produção lacrimal. A pressão ocular se apresentava dentro do valor de referência em ambos os olhos e o reflexo córneo-palpebral e tapetal estavam negativos. Através do teste com *finoff* conseguiu-se observar protuberância no interior do cristalino, assim sugerindo-se que o conteúdo estivesse na câmara posterior do olho. Para que se pudesse ter mais clareza, solicitou-se a realização da ultrassonografia ocular. Dessa maneira, constatou-se que o olho esquerdo havia espessamento de córnea, aumento de corpo posterior, presença de área vascular com proliferação tecidual lateral e aumento da espessura do nervo óptico com ecogenicidade preservada. Solicitou-se também exame de sangue com dosagem de colesterol e de triglicérides, para se diferenciar de síncrise cintilante na câmara anterior, apresentando valores dentro do índice de referência. Então, a partir do exame físico, exames oftalmológicos e ultrassonográfico foi indicada biópsia excisional para efetuação da histopatologia. Dessa maneira, optou-se pela exenteração orbitária como tratamento. Assim, sucedeu-se a remoção do conteúdo orbitário incluindo o bulbo ocular, gordura orbitária, músculos periorculares, fórnice conjuntival e toda a pálpebra. Complicações pós-cirúrgicas foram mínimas, incluindo formação de seroma, controlada com drenagem, e leve hemorragia, tratada com ácido tranexâmico. Os sinais clínicos característicos da sialocele zigomática geralmente incluem exoftalmia, protrusão da terceira pálpebra e aumento de volume abaixo da conjuntiva palpebral inferior. No entanto, o paciente descrito apresentou uma mancha azulada e dificuldade visual, indicativos de neurite óptica e disfunção do nervo óptico associadas à doença orbitária. Para distinguir adequadamente uma sialocele de outras condições, como sialoadenite, sialoadenose, neoplasias das glândulas salivares, sialólitos, e abscessos, a análise histopatológica é fundamental. O tratamento escolhido para a sialocele orbitária foi a exenteração orbitária, sem associação com a sialoadenectomia, pois analisou-se o paciente individualmente e, constatou-se que o mesmo apresentava apenas alterações oftalmológicas, sem indicação de intervir cirurgicamente na glândula salivar zigomática. Logo, este

caso destaca a importância do diagnóstico precoce e tratamento adequado para sialoceles, ressaltando a eficácia da exenteração orbitária nesse caso.

Palavras-chave: Exenteração orbitária, mucocele, oftalmologia, zigomática.

Diferenças das principais raças zebuínas e taurinas na produção de oócitos e embriões: Revisão de literatura.

Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramos¹, Sophya Vitória Esteves Rocha¹, Amanda Alfeld Belegote²,
Fernanda Romão Reis¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras – Vassouras, RJ – Brasil.

Resumo

A produção *in vitro* de embriões (PIVE) corresponde a uma importante biotécnica da reprodução utilizada para o melhoramento genético de animais de produção, tornando possível o aumento de descendentes de uma única matriz. Além disso, dá suporte ao desenvolvimento de outras biotécnicas da reprodução animal, como clonagem e produção de animais transgênicos. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca das diferenças na produção de oócitos e embriões em raças bovinas com aptidão para produção leiteira e produção de corte. Foram realizadas pesquisas coletando dados de artigos científicos selecionados das plataformas digitais de pesquisa acadêmica scielo, pubmed e google acadêmico. Através da pesquisa realizada, foi observado que doadoras de oócitos zebuínas, como animais das raças nelore, gir e sindi, em três anos de estudos, apresentaram maior quantidade de oócitos totais quando comparadas com doadoras taurinas, como animais das raças angus, simental e senepol. Além disso, também apresentaram maior taxa de conversão embrionária. Esta característica se deve ao fato de que as fêmeas zebuínas possuem maior número de folículos antrais por ciclo estral, quando comparadas com as fêmeas taurinas. Foi observado também que há uma influência em relação ao tipo de sêmen utilizado para realização da fertilização *in vitro*. O sêmen convencional possui maior concentração de espermatozoides, diferentemente do sêmen sexado, que é submetido a um processamento para seleção dos espermatozoides que gerarão fêmeas ou macho, o que promove a redução da concentração de espermatozoides. Sendo assim, o sêmen convencional apresenta maior taxa de embriões produzidos quando comparados ao sêmen sexado, tanto em doadoras taurinas quanto em doadoras zebuínas, indicando que o processo de sexagem prejudica a capacidade de fecundação dos espermatozoides e o desenvolvimento embrionário subsequente, mesmo após as primeiras clivagens. Diante dos fatos mencionados, conclui-se que a produção *in vitro* de embriões bovinos desempenha um papel fundamental dentro do agronegócio, contribuindo para avanços genéticos significativos e o desenvolvimento de características desejáveis para cada rebanho e sistema de produção utilizado, representando uma ferramenta de alta tecnologia para produtores rurais. Ademais, as diferenças de produção entre as raças taurinas e zebuínas ressaltam a importância de uma escolha acurada de matrizes com base em uma análise das características de produção de oócitos e embriões de cada espécie. Em função disto, a realização do presente trabalho busca contribuir com a comunidade acadêmica atualizadas sobre as diferenças de produção entre as espécies, uma vez que a utilização da produção *in vitro* de embriões para melhoramento genético de bovinos vem crescendo de forma ascendente em todo território nacional.

Palavras-chave: Embriões taurinos, embriões zebuínos, PIVE.

Diferenciação entre encefalopatia espongiforme: Atípica x clássica.

Maria Clara de Souza Freitas¹, Letícia Vitória das Chagas¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

A Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), também conhecida como doença da vaca louca, é uma doença neurodegenerativa que acomete o sistema nervoso central dos bovinos. Essa doença faz com que esses animais apresentem sinais clínicos como dificuldade motora, tremores musculares e reações exacerbadas à estímulos, como por exemplo a agressividade. É de grande importância ao conhecimento pois faz parte do grupo das Encefalopatias Espongiformes Transmissíveis (EET), as quais têm um príon como agente causador, agindo na estrutura de proteínas saudáveis e as modificando. A EEB é uma doença crônica, sem tratamento ou vacina, e seu diagnóstico é feito somente no pós-mortem do animal, ela possui um período de incubação muito variável, que pode levar de 2 até 8 anos. Há duas formas ou cepas da encefalopatia espongiforme que podem ser descritas como clássica ou atípica. A forma clássica ocorre em bovinos após a ingestão de alimentos, assim sua principal via de contaminação é a oral, sendo geralmente causadas por rações concentradas, farinhas de carne ou osso ou algum subproduto contaminado com o príon. Já a atípica, acredita-se que ocorra a contaminação de forma espontânea da própria proteína com o passar da idade do animal, sem estar relacionada à ingestão de alimentos contaminados pelo príon. O período de incubação é maior e ocorre em bovinos com sete anos ou mais, porém em uma taxa muito baixa, só identificadas em animais já em idade mais avançada. Em relação aos sinais clínicos, as formas clássicas e atípicas de EEB em bovinos aparentam produzir dois fenótipos clínicos principais: a forma nervosa e a forma apática, sendo que a clássica vem a apresentar os sinais clínicos mais intensos e uniformes principalmente em relação ao nervosismo. Os sinais clínicos apresentados pela forma apática só foram observados em bovinos com curso clínico prolongado, e que previamente apresentaram a forma nervosa da doença. Isso pode sugerir que todos os bovinos acometidos com as formas atípicas da EEB podem eventualmente desenvolver a forma apática, caso não sejam sacrificados ou abatidos antes. Apesar de estudos demonstrarem não haver diferenças estatísticas entre a síndrome nervosa observadas em bovinos inoculados tanto com a forma atípicas ou a clássica de EEB, há algumas diferenças notáveis em relação à forma clássica como a ausência de tremores, a dificuldade de levantar e a dismetria já nas fases iniciais da doença. A EEB é classificada como doença de notificação obrigatória desde 1997 e pode ser realizada através do sistema e-SISBRAVET ou ao Serviço Veterinário Oficial, preferencialmente à Unidade Veterinária Local (UVL) mais próxima. Portanto, a forma atípica da doença não é considerada para fins de reconhecimento oficial do status de risco. O diagnóstico diferencial das atípicas consiste nas características moleculares do PrPRES, identificadas através da técnica de WB. Após a digestão pela proteinase K, o PrPRES pode apresentar três glicofomas: a não glicosilada, a monoglicosilada e a diglicosilada. Dependendo da quantidade de cada uma dessas glicofomas e sua posição na banda do WB, faz-se a separação dos agentes da EEB nos tipos clássico.

Palavras-chave: Atípica, bovino, classicam encefalopatia espongiforme, Príon.

Dioctofimose em cão de seis meses: Relato de caso.

Mariah Clara dos Santos Paiva¹, Fernanda Honorato de Paula Neves² & Priscilla Nunes dos Santos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Médica Veterinária da Fundação Severino Sombra – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

Dictyophyma renale é um grande parasito que pode acometer canídeos e outras espécies de animais. A infecção se dá pela ingestão de larvas oriundas de hospedeiros intermediários ou paratênicos. No hospedeiro definitivo comumente se aloja no rim direito, aonde atingem a fase adulta, possuindo um ciclo biológico longo levando meses para completar o seu desenvolvimento, fator que torna raro achados em cães menores de um ano. A infecção causada no hospedeiro definitivo é chamada de dioctofimose, é normalmente assintomática, ou apresenta sinais inespecíficos, de difícil diagnóstico. O trabalho a seguir apresenta um relato de caso, de um canino, do sexo feminino, apresentando 6 meses de idade, que deu entrada na clínica médica veterinária da Universidade de Vassouras, em fevereiro de 2023, com queixa de hematúria e disúria. O histórico da paciente indicava que ela havia sido adotada aos 30 dias de idade e desde então vivia domiciliada e se alimentava somente de ração. A paciente foi submetida a exames hematológicos e bioquímicos, além de ultrassonografia abdominal e urinálise. Os exames laboratoriais apresentavam alterações condizentes com um quadro de lesão renal. Na avaliação ultrassonográfica foi observado um aumento da ecogenicidade urinária devido à presença de ecos puntiformes, sugestivos de presença de hemácias em vesícula urinária, o rim esquerdo se apresentava dentro da normalidade e o rim direito apresentava alterações, sugerindo uma possível infecção por *Dictyophyma renale*. O exame de sedimentoscopia urinária revelou a presença de ovos do parasito. A paciente foi então encaminhada para uma cirurgia de nefrectomia total do órgão afetado. Foi feita a abertura da cápsula renal, aonde observou-se ausência do parênquima renal e a presença de helmintos adultos, de tamanho aproximado de 72 cm. A dioctofimose é uma patologia comumente assintomática, o que contribui para o seu difícil diagnóstico. Entretanto, estudos e relatos desta doença apontam como seus principais sinais clínicos hematúria e disúria, ambos apresentados pela paciente, estes porem são sinais inespecíficos. Por este motivo, os sinais clínicos foram essenciais para auxiliar na suspeita de dioctofimose, guiando para exames complementares, que permitiram o diagnóstico antem mortem do animal, seguido de tratamento cirúrgico efetivo. O exame de eleição para diagnóstico diferencial de dioctofimose usado neste relato foi a ultrassonografia. A nefrectomia total do rim parasitado é indicada como cirurgia de eleição para dioctofimose, e foi possível, uma vez que o rim esquerdo mantinha sua funcionalidade normal, suprimindo a necessidade do organismo. Com base no relato apresentado conclui-se que, este caso apresenta particular importância ao apresentar um animal com poucos meses de idade (6 meses) e domiciliado já apresentando a forma adulta do helminto, em estágio de liberação de ovos, uma vez que não é tão comumente relatada a presença deste parasito nestas circunstâncias. Além disto, a paciente apresentou como sintomas hematúria e disúria, sinais clínicos mais frequentes em detrimento da ausência de sintomas em animais quando infectados por *Dictyophyma renale*. A cirurgia de nefrectomia total se mostrou uma boa opção de tratamento, promovendo boa e rápida recuperação ao animal, uma vez que o rim oposto se encontrava funcional.

Palavras-chave: *Dictyophyma renale*, helminto, nefrectomia, parasito, rim.

Dirofilariose assintomática em felino de 1 ano de idade: Relato de Caso.

Yasmin Severo Pullig Sad Coelho¹, Thomas Jordão¹, Manoela Helena de Souza¹, Bárbara Katagi Nogueira Cassano¹, Lucas Pereira de Moura Jorge¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A dirofilariose, causada pelo parasita *Dirofilaria immitis*, é uma doença parasitária comum em cães, mas é menos frequentemente diagnosticada em felinos. Esta enfermidade é transmitida através da picada de mosquitos infectados e pode resultar em sintomas variados, desde leves até graves, incluindo insuficiência cardíaca e respiratória. Embora seja menos prevalente em gatos, é importante reconhecer e compreender casos assintomáticos, uma vez que esses animais podem servir como reservatórios da doença. Desta forma, este relato descreve uma ocorrência de dirofilariose assintomática em felino. Um felino macho, de um ano de idade, sem raça definida, foi apresentado para avaliação de rotina. O animal estava aparentemente saudável, sem histórico de sintomas relevantes. Durante o exame físico, nenhum sinal clínico indicativo de doença foi observado. Os exames de sangue revelaram leucograma e hemograma dentro dos limites normais. Contudo, durante o exame de esfregaço sanguíneo, foram detectadas microfírias de *Dirofilaria immitis* no sangue periférico do felino. Testes adicionais, como o teste de antígeno e ecocardiografia, confirmaram o diagnóstico de dirofilariose assintomática. O animal foi tratado com terapia antiparasitária e orientações foram fornecidas ao proprietário sobre medidas preventivas para evitar a transmissão da doença. A dirofilariose em felinos é frequentemente subdiagnosticada devido à sua apresentação assintomática ou a sintomas sutis que podem ser confundidos com outras condições clínicas. No entanto, o diagnóstico precoce e o tratamento são fundamentais para evitar complicações graves como insuficiência cardíaca. Embora a prevalência de dirofilariose em felinos seja menor em comparação com cães, a detecção de casos assintomáticos é crucial para o manejo adequado da doença e para prevenir sua disseminação. Medidas preventivas, como o uso de repelentes de mosquitos e a administração de terapia antiparasitária, são essenciais para reduzir o risco de infecção em animais domésticos. Sob essa visão destaca-se a importância da suspeita clínica e do diagnóstico precoce da dirofilariose em felinos, mesmo na ausência de sintomas evidentes. A conscientização sobre a prevalência da doença e a implementação de medidas preventivas são essenciais para proteger a saúde dos animais de estimação e evitar a disseminação do parasita. Mais estudos são necessários para entender melhor a epidemiologia e a patogênese da dirofilariose em felinos, a fim de desenvolver estratégias de controle mais eficazes.

Palavras-Chave: Assintomático; Dirofilariose; Felino; Verme do coração.

Disfunção sistólica irreversível em cão poodle de 13 anos com hipotireoidismo descompensado: Um caso clínico.

Augusto Ramos Saar¹, Cecília Torres Alves¹, Luana Costa Ferreira¹, Mel da Matta do Carmo¹, Fabiana Bernardes Almeida Santos² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

A disfunção sistólica irreversível é uma condição cardíaca grave e muitas vezes fatal em cães, caracterizada pela incapacidade do coração de bombear eficientemente o sangue para o resto do corpo. Essa disfunção pode ocorrer como resultado de uma variedade de condições subjacentes, incluindo cardiomiopatia dilatada, valvulopatias ou miocardite. O hipotireoidismo é uma condição endócrina comum em cães, que pode afetar negativamente o sistema cardiovascular e contribuir para o desenvolvimento de disfunção cardíaca. Neste relato de caso, descrevemos o caso de um cão da raça Poodle de 13 anos com hipotireoidismo descompensado, que apresentou disfunção sistólica irreversível. O cão foi encaminhado para a clínica veterinária com histórico de letargia, tosse e dificuldade respiratória progressiva. O animal apresentava diagnóstico prévio de hipotireoidismo, mas não estava em tratamento adequado de reposição hormonal. No exame físico, o cão apresentava mucosas pálidas, taquipneia e sopro cardíaco audível. Os exames complementares revelaram cardiomegalia evidente no exame radiográfico de tórax e ecocardiografia que demonstrou dilatação ventricular esquerda significativa e fração de ejeção reduzida (<30%), indicando disfunção sistólica irreversível. Os resultados laboratoriais também mostraram níveis séricos elevados de colesterol e triglicerídeos, compatíveis com hipotireoidismo descompensado. O hipotireoidismo é conhecido por causar uma variedade de alterações cardiovasculares em cães, incluindo disfunção sistólica do ventrículo esquerdo. Estudos recentes têm destacado a importância do tratamento adequado do hipotireoidismo na prevenção e manejo de doenças cardíacas em cães. A reposição hormonal com levotiroxina é considerada a pedra angular do tratamento do hipotireoidismo em cães e tem sido associada a melhorias significativas na função cardíaca. No entanto, em casos de disfunção sistólica irreversível, como neste relato de caso, o prognóstico é geralmente reservado, e o tratamento visa principalmente o controle dos sintomas e o suporte do paciente. Estudos recentes de Harjes et al. (2019) destacaram a relação entre o hipotireoidismo e a disfunção cardíaca em cães, enfatizando a importância do monitoramento regular da função cardíaca em pacientes com hipotireoidismo. Além disso, Jones et al. (2021) demonstraram que a reposição hormonal precoce e adequada em cães com hipotireoidismo pode prevenir o desenvolvimento de complicações cardiovasculares graves, como a disfunção sistólica irreversível. O relato apresentou um cão idoso com uma endocrinopatia descompensada que desenvolveu disfunção sistólica irreversível, o caso destaca a importância do diagnóstico precoce e do tratamento adequado do hipotireoidismo em cães para prevenir complicações cardiovasculares graves. No entanto, em casos de disfunção sistólica irreversível, o prognóstico é reservado, e o tratamento é principalmente de suporte. Mais estudos são necessários para entender completamente a relação entre o hipotireoidismo e a disfunção cardíaca em cães e para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e manejo.

Palavras-chave: Disfunção sistólica, hipotireoidismo, poodle, reposição hormonal, taquipneia.

Eficácia da moxidectina de liberação lenta injetável na cura da dirofilariose canina: Relato de caso.

Juliana de Miranda Alves Pereira¹, Antônio Lúcio de Oliveira Manhães², Daniel Carvalho Hainfellner³ & Mário dos Santos Filho⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Médico veterinário autônomo, Araruama, Rio de Janeiro, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras – campus Maricá, Maricá-RJ, Brasil.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A dirofilariose canina é causada pelo parasita *Dirofilaria immitis*, transmitido por mosquitos culicídeos como *Culex quinquefasciatus*. A relação simbiótica com a bactéria *Wolbachia* spp. é crucial para sua sobrevivência e necessita de atenção durante o tratamento. Os sintomas variam de tosse, dispnéia e hepatomegalia. O diagnóstico é feito por métodos como ELISA, que pode falhar em casos de baixa carga parasitária. Tratamentos alternativos, como a moxidectina de liberação lenta estão sendo explorados de forma promissora. Este relato oferece uma visão detalhada dos desafios no diagnóstico e tratamento da dirofilariose canina. O paciente, um poodle toy de 10 anos, residente em Araruama, Rio de Janeiro, apresentava sintomas como apatia e cansaço anormal. O exame físico revelou discreta taquicardia, levantando suspeita da condição, especialmente devido à localização geográfica endêmica. Esses achados destacam a importância do diagnóstico precoce em áreas de alta prevalência da doença. Após exames complementares, incluindo hemograma, perfil bioquímico e teste rápido (ELISA), foi confirmado o diagnóstico de dirofilariose canina. Na avaliação cardiológica o ecodopplercardiograma revelou presença de dirofilárias. O tratamento consistiu em ciclos de doxiciclina e moxidectina de liberação lenta a cada 180 dias. Após o teste positivo para dirofilariose canina no dia 0, o tratamento foi iniciado com moxidectina injetável, doxiciclina e omeprazol. No dia 180º, após o segundo ciclo, o teste foi negativo, mas só após o segundo teste negativo o animal é considerado livre da doença, ocorreu no dia 180º. A prevenção foi mantida com solução de moxidectina, este protocolo demonstra eficácia no combate à dirofilariose canina. Este caso destaca a importância da consideração da epidemiologia regional no diagnóstico da dirofilariose. Sintomas inespecíficos indicaram a necessidade de métodos diagnósticos, ressaltando a relevância da detecção precoce para melhorar a qualidade de vida do animal. Sintomas inespecíficos e histórico médico sugeriram a suspeita clínica, ressaltando a necessidade de métodos diagnósticos para detectar precocemente essa condição endêmica. O exame físico inicial revelou sinais sutis de possível disfunção cardiopulmonar, demandando avaliação adicional. Avaliação cardiológica detalhada reforçou o diagnóstico, destacando a importância do tratamento direcionado e da prevenção de complicações. O protocolo terapêutico com doxiciclina e moxidectina de liberação lenta mostrou eficácia na eliminação dos parasitas, confirmada por testes negativos após o segundo ciclo. A necessidade de dois resultados negativos destaca a importância do acompanhamento rigoroso. Este caso exemplifica a complexidade do tratamento da dirofilariose canina e ressalta a importância da prevenção. O uso da moxidectina injetável oferece uma opção terapêutica promissora, reduzindo a frequência de administração de medicamentos orais. O protocolo moxi-doxi mostrou eficácia na erradicação dos parasitas adultos e microfilárias, mas a constatação da cura requer dois testes negativos consecutivos. O uso da moxidectina de liberação lenta simplifica o tratamento da dirofilariose, dispensando a administração frequente de medicamentos orais.

Palavras-chave: Doença do verme do coração em cães, *Dirofilaria immitis*, epidemiologia, mosquitos.

Estudo epidemiológico e demográfico sobre hipertensão em cães com doença valvar de mitral.

Maria Clara da Silva Arruda Pereira¹, Ana Livia Pereira Oliveira¹, Isabella Esteves Silveira¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Aline Maria Andrade da Silva² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Médica veterinária autônoma, Angra dos Reis, RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A doença da válvula mitral (DVM) é uma condição comum em cães, especialmente em raças pequenas e mais velhas, podendo levar a complicações sérias como insuficiência cardíaca congestiva (ICC) e, por vezes, hipertensão sistêmica. A DVM afeta a válvula mitral, que controla o fluxo sanguíneo entre o átrio esquerdo e o ventrículo esquerdo do coração, essa válvula se torna anormal, o que leva ao refluxo de sangue do ventrículo para o átrio durante a contração do coração. Os casos de hipertensão sistêmica, pode elevar ainda mais a condição cardíaca do animal, aumentando o risco de morbidade e mortalidade, e quando não tratada, pode levar a complicações graves, como danos nos órgãos alvo, incluindo os rins, olhos e cérebro. Este estudo visa analisar quão prevalente é a hipertensão em cães com DVM e quais fatores demográficos podem estar relacionados a essa condição. Durante dois anos, um hospital veterinário renomado conduziu um estudo com cães diagnosticados com doença valvar mitral (DVM) através de diferentes exames, como avaliações clínicas, radiografias e ecocardiogramas. Todos os cães participantes tiveram sua pressão arterial sistêmica medida com um equipamento aprovado para uso veterinário. Além disso, os pesquisadores coletaram informações demográficas, como idade, sexo, raça e peso dos cães. O estudo incluiu 120 cães com doença valvar mitral (DVM), com uma idade média de 9 anos, variando entre 5 e 14 anos. A maioria dos cães era de raças pequenas, como Poodle, Dachshund e Shih Tzu. Descobriu-se que 40% dos cães com DVM tinham pressão arterial elevada, especialmente entre os mais velhos. Não foram encontradas diferenças significativas com base no sexo, raça ou peso dos cães. A alta incidência de pressão arterial alta em cães com doença valvar mitral destaca a importância de monitorar regularmente a pressão arterial nessa população canina. A relação entre idade avançada e hipertensão sugere que o envelhecimento pode ser um fator de risco importante para o desenvolvimento dessa complicação em cães com essa doença. Além disso, a falta de diferenças significativas com base no sexo, raça ou peso corporal sugere que outros fatores além dessas características demográficas podem influenciar o surgimento da hipertensão em cães com doença valvar mitral. Assim faz-se necessária a importância de monitorar a pressão arterial em cães com doença valvar mitral, especialmente em cães mais velhos. Identificar e tratar a hipertensão de forma precoce pode ajudar a diminuir o risco de complicações cardíacas e melhorar a qualidade de vida desses animais. São necessárias mais investigações para compreender melhor os fatores de risco e os processos subjacentes ao desenvolvimento da hipertensão em cães com doença valvar mitral.

Palavras-Chave: Endocardiose, insuficiência cardíaca, pressão arterial, válvula.

Estudo retrospectivo do perfil de pacientes com neoplasias atendidos na Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Mariana Carvalho Dellão¹, Milena Pena Neumann¹, Maria Alice Gonçalves Braga¹, Isaías Guilhermino de Assis¹, Pedro Guiducci Travassos¹ & Eduardo Borges Viana².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, Brasil

²Docente do curso de graduação em Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora - MG, Brasil

Resumo

A oncologia é uma área em crescente desenvolvimento na Medicina Veterinária, o que proporciona um maior conhecimento a respeito da patogênese, epidemiologia e achados clínicos e laboratoriais das neoplasias. Um estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais apresentou o uso da citopatologia como método de diagnóstico eficaz para distúrbios proliferativos, entre eles as neoplasias, visto que os resultados possuem concordância com a histopatologia. O desenvolvimento de lesões neoplásicas em cães, provavelmente, possui influência de fatores como a idade, raça e sexo. Quanto à prevalência, observou-se que as neoplasias cutâneas ocorrem mais frequentemente, e representam 30% das neoplasias em cães. O objetivo deste estudo é fazer uma correlação entre sexo, idade e raça à presença de processos neoplásicos, e suas prevalências nos animais atendidos na Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Durante o período compreendido entre 2018 e 2023, foram examinados 116 animais, dos quais 107 eram da espécie canina e 9 da espécie felina. Segundo observação dos laudos dos arquivos do setor de citopatologia do Laboratório de Patologia e Histologia Veterinária (LPHvet -UFJF), foram reveladas 126 lesões neoplásicas nesses animais. Com respeito às raças, constatou-se que a maior parte dos animais que apresentaram neoplasias eram Sem Raça Definida (56,1%), seguidos de Labrador (6,1%) e Pinscher (5,3%). No que refere-se ao sexo, observou-se uma maior prevalência em fêmeas (62%) em detrimento de machos (38%). Quanto à prevalência, há mais neoplasias cutâneas, predominantemente mastocitoma (18,3%), seguida de carcinoma (15,1%). Com esse estudo, conclui-se que durante o período abordado a ocorrência de neoplasias apresenta um viés de correlação entre sexo, idade e manifestação de lesões neoplásicas em cães e gatos, mostrando um perfil de maior acometimento em animais Sem Raça Definida (SRD), fêmeas e adultos. Quando compara-se a idade, os animais compreendidos entre a faixa etária de 7 a 13 anos são os que mais apresentaram neoplasias. Além disso, foi possível identificar que o número de pacientes caninos foi significativamente maior em relação aos pacientes felinos, dado que ainda se relaciona com o número de atendimentos clínicos maiores em cães, não podendo com isso inferir que cães apresentam prevalência maior de neoplasias que gatos.

Palavras-chave: Cão, citopatologia, gato, mastocitoma, tumores.

Exame coproparasitológico de bezerros em propriedade rural de Vassouras – RJ.

Fernanda Ferreira Salgueiro¹, Amanda Alfed Belegote², Thiago Luiz Pereira Marques³ & Leila Cardozo Ott³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Bezerros infectados por parasitas têm seu desenvolvimento ponderal retardado. Por esse motivo, há quedas na produtividade dos rebanhos, sendo um grande problema para os produtores de gado de corte e leite. Como forma de tratamento de tais parasitas, Heckler^[9] menciona a administração de antiparasitários, aprimoramento de manejo sanitário e suplementações. Dentre os antiparasitários mais utilizados à campo, destacam-se a Doramectina e o Albendazol. Visto isso, o objetivo deste estudo foi comparar a eficácia dos medicamentos Doramectina e Albendazol no tratamento de verminoses de bezerros em uma propriedade rural de Vassouras - RJ, utilizando a análise de OPG como indicador. Na propriedade selecionada, todos os animais do lote “bezerros” (n=27), incluindo machos e fêmeas, com idade média de 12 meses, que já tivessem acesso à pastagem, foram pesados e dos mesmos foram coletadas diretamente da ampola retal 50 gr de amostras de fezes (DO), para realização das análises de OPG (método de McMaster (GORDON e WHITLOCK, 1939). Neste dia o (DO), todos os animais que obtiveram resultado de OPG acima de 0, foram divididos aleatoriamente em três grupos compostos por nove animais em cada grupo, sendo um “controle” (não tratado) e outros dois tratados, denominados “Albendazol” e “Doramectina”, com estes vermífugos sendo escolhidos entre marcas comerciais oferecidas na região do estudo. Ainda no dia 0, os animais dos grupos que seriam vermifugados, receberam aplicação dos produtos escolhidos para cada grupo tratado, na dose conforme seu peso. Ocorreu uma coleta de amostras no D7 (sete dias após o dia 0), para novas análises de OPG com posterior cálculo da eficácia dos produtos. Tabelaram-se os dados e a partir disso, segundo Wood et al. 2011^[11], calculou-se a Eficácia (%) = [(média do grupo controle – média do grupo do tratado)/ média do grupo controle] x 100, onde média = média aritmética de nematóides recuperados. Foi calculado uma maior eficácia do Albendazol comparado à Doramectina 3,5, aos quais apresentaram eficácia de, respectivamente, 95,2% e 31% (Tabela 2). No Estado de São Paulo, 92% das propriedades de bovinos examinadas mostraram-se resistentes a lactona Ivermectina, o que confirma a existência de resistência a essa molécula por nematóides de bovinos no Brasil.^[17], o que concorda com os dados do presente trabalho, que utilizou a Doramectina, também uma lactona. Ademais, nota-se na maioria dos estudos a boa eficácia do Albendazol. Neves et al. 2014^[20] defende a alta eficácia do antiparasitário, reforçando sobre a conscientização dos agricultores sobre o uso racional de anti-helmínticos ser fundamental para o tratamento adequado de bovinos Utilizando a contagem de ovos por grama de fezes (OPG) como indicador de eficácia de tratamento antiparasitário, após sete dias de aplicação para tratamento, o Albendazol demonstrou eficácia significativamente superior em comparação com a Doramectina em bezerros de uma propriedade rural no município de Vassouras – RJ.

Palavras-chave: Albendazol, doramectina, eficácia, parasitas, verminoses.

Febre Amarela com foco em reservatórios silvestres.

Sophya Vitória Esteves Rocha¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Igor Emanuel de Oliveira¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Alvaro Alberto Moura Sá dos passos² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

Resumo

A febre amarela é uma doença viral endêmica das regiões tropicais da América e África, sendo transmitida por mosquitos, e caracterizada por ciclos complexos de transmissão que envolvem tanto ambientes urbanos quanto silvestres, a doença coloca em risco a saúde pública e a biodiversidade local. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca da febre amarela com foco em reservatórios silvestres. Foram realizadas pesquisas coletando dados de artigos científicos selecionados das plataformas Scielo, Pubmed e Google Acadêmico. A partir do estudo realizado, foi observado que a febre amarela é uma doença infecciosa causada por um arbovírus do gênero *Flavivirus*, transmitida por mosquitos hematófagos, principalmente dos gêneros

Aedes e *Haemagogus*. Não transmissível diretamente entre humanos, ela é endêmica em regiões de florestas tropicais na América e África, podendo causar surtos e epidemias. O vírus tem um genoma de RNA simples e mantém ciclos de transmissão urbano e silvestre. No ciclo urbano, o *Aedes aegypti* é o vetor principal, enquanto no silvestre, diferentes espécies de mosquitos atuam como vetores e hospedeiros. Os hospedeiros silvestres são vitais para a ecologia da febre amarela, representando um elemento essencial para a continuidade e expansão do vírus em zonas florestais, sendo que esse ciclo da doença é sustentado majoritariamente por mosquitos e hospedeiros não humanos, especialmente macacos. Neste caso, os mosquitos, particularmente das espécies *Haemagogus* e *Sabethes* na América do Sul, picam os macacos, que são os principais depósitos do vírus nesses locais. Esses mosquitos se infectam ao se alimentarem de um animal já portador do vírus no sangue. Após um período de incubação no mosquito, que pode variar entre 10 a 14 dias, o mosquito fica apto a transmitir o vírus para outros macacos ou, em ocasiões raras, para humanos que adentram esses ambientes florestais. Além disso, os macacos das Américas são mais suscetíveis ao vírus que os africanos, influenciando a dinâmica de surtos e a manutenção do vírus. Pesquisas mostram que os primatas do gênero *Alouatta* (bugios) são especialmente suscetíveis ao vírus, com uma alta taxa de mortalidade, enquanto outras espécies, como o macaco-prego-amarelo (*Sapajus libidinosus*), manifestam infecções mais suaves e de curta duração, o que pode, sem intenção, facilitar a disseminação do vírus pelos mosquitos vetores. A variação na susceptibilidade entre as espécies de primatas reflete fatores ecológicos que podem afetar a dinâmica de transmissão da doença. Diante dos fatos mencionados conclui-se que febre amarela é uma doença endêmica das áreas tropicais da América e África, caracterizada por complexos ciclos de transmissão que envolvem mosquitos e primatas. A interação entre esses vetores e reservatórios naturais, bem como a variabilidade na susceptibilidade dos hospedeiros, torna o controle da doença desafiador e requer uma abordagem integrada. O presente trabalho busca consolidar informações sobre os ciclos de transmissão da doença, envolvendo mosquitos e primatas, tendo em vista que as diferenças de susceptibilidade entre as espécies de primatas refletem fatores ecológicos que podem influenciar a dinâmica de transmissão da doença.

Palavras-chave: Biodiversidade, febre amarela, mosquitos hematófagos, primatas, reservatório.

FIV: Revisão de literatura.

Anna Júlia Brandão de Souza¹, Augusto Ramos Saar¹, Cecília Torres Alves¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Mel da Matta do Carmo¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

O vírus da imunodeficiência felina (FIV) é um lentivírus que causa distúrbios hematopoiéticos, linfadenopatias e infecções oportunistas em gatos. Semelhante ao HIV na integração ao genoma da célula hospedeira e replicação em células quiescentes. A estrutura do FIV é semelhante à de um lentivírus, com dois filamentos de RNA envolvidos pelas proteínas do núcleo viral e um envelope de peplômeros que rodeia um núcleo cuneiforme e eletrodense. A replicação viral ocorre após a integração do pró-vírus no DNA cromossômico. Isso inclui genes como gag, pol, env e outros relacionados à regulação viral. Os subtipos de FIV (A, B, C, D e E) demonstram diferenças na distribuição geográfica e genética. Na medicina veterinária, a síndrome da imunodeficiência felina requer atenção clínica e epidemiológica. Esse vírus tem menos proteínas reguladoras e acessórias do que o HIV. A resposta imune dos gatos infectados é desencadeada por genes não estruturais como vif e vpr, que estão localizados na região da ORF-A ou ORF-2. Os subtipos virais do FIV variam geneticamente e geograficamente, como os subtipos A e B sendo os mais comuns. A doença é prevalente em todo o mundo e varia de acordo com a região. Febre, linfadenopatia, doenças da cavidade oral, trato respiratório e gastrointestinal, letargia, mal-estar, perda de peso e anormalidades neurológicas são sinais clínicos da infecção por FIV. Existem diversas maneiras para detectar a infecção por FIV pode ser diagnosticada, na detecção do vírus no linfócito T ativado pela amplificação da sequência de ácidos nucleicos do FIV no sangue periférico ou em outras células pela técnica reação em cadeia da polimerase (PCR) e testes sorológicos como ELISA, IFA, RIPA e WB. O tratamento visa principalmente diminuir sintomas como febre e estomatite com corticosteroides e doenças secundárias com antibióticos. Atualmente, não existe um tratamento específico para a infecção pelo FIV que seja eficaz por um período prolongado. Diversos métodos, como modificadores da resposta biológica, inibidores da transcriptase reversa, bloqueadores dos receptores virais, terapia genética e transplante de medula óssea, fazem parte da pesquisa nessa área. O método ideal para prevenir e controlar a infecção pelo FIV seria vacinar os gatos, mais o desenvolvimento de vacinas eficazes é difícil devido à diversidade genética dos lentivírus. Atualmente, os estudos estão se concentrando em vacinas de vírus inativados, subunidades virais e vacinas de DNA viral, as vacinas de DNA representam uma esperança no desenvolvimento de vacinas eficazes contra o FIV. A imunodeficiência felina (FIV) é uma condição difícil de tratar. Ocorre principalmente devido à falta de uma cura definitiva. Estabelecer estratégias eficazes para controlar e prevenir infecções requer um diagnóstico preciso. O desenvolvimento de novas terapias depende de avanços nos estudos da variabilidade genética e dos componentes moleculares do vírus. Como relatado anteriormente, existem tratamentos sintomáticos disponíveis para lidar com os sintomas e melhorar a qualidade de vida dos gatos infectados pelo FIV. Há necessidade de pesquisas para criar novos medicamentos antivirais ou imunomoduladores mais específicos para essa condição. Estas drogas podem prolongar a vida e melhorar a qualidade de vida dos gatos infectados.

Palavras-chave: FIV, gatos, tratamento, vacinas, vírus.

Formação de abscesso em equino pela administração medicamentosa com agulha reutilizada: Relato de caso.

Mariana Dantas Galvano¹, Marina Lima Gianastacio², Alice Vargas Peralta¹, Maria Clara Bonifácio Magalhães¹, Erica Cristina Rocha Roier³ & Renata Fernandes de Ferreira Moraes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Médica veterinária autônoma, Vassouras – RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

Os abscessos são descritos na literatura como um cisto de tamanho variável, que dentro de seu interior contam com presença de debris celulares e pus. A formação desse cisto ocorre através de proliferação bacteriana e a porta de entrada da infecção é causada principalmente por um objeto perfurocortante contaminado. Na rotina clínica do atendimento a animais de grande porte, a reutilização de insumos descartáveis, como seringas e agulhas, afetam diretamente na ocorrência de abscessos por aplicação medicamentosa. O presente trabalho tem como objetivo descrever um caso de um abscesso em região de pescoço em um equino macho, castrado, da raça Mangalarga Marchador, com 5 anos de idade e pelagem tordilha. O abscesso possivelmente foi causado pela reutilização de agulha, para aplicação de 10 ml de Reviplus® por via intramuscular profunda. Após a aplicação, o animal em questão apresentou sensibilidade ao toque, aumento de temperatura local e edema, sem outras alterações clínicas relevantes. Como medida inicial, foi instaurado tratamento de suporte com administração de anti-inflamatório Flunixin Meglumine na dose 1,1 mg/kg por via intramuscular durante 5 dias consecutivos, e massagem da região com gel a base de Dimetil-sulfóxido e dexametasona diariamente. Como o tratamento inicial não obteve uma resposta eficaz, foi realizado então a tricotomia ampla da região, antissepsia com álcool 70% e drenagem do abscesso com o auxílio de um bisturi e lâmina 24, sendo feita a higienização diária com clorexidine degermante e solução fisiológica. Além disso, foi instaurado tratamento visando a cicatrização por segunda intenção, com aplicação tópica de pomada a base de penicilina e estreptomicina, a cada 24 horas e aplicação de Pencivet® PLUS na dose de 30.000 UI/kg por via intramuscular durante 7 dias consecutivos. Após 21 dias da lesão inicial, o paciente se encontrava completamente recuperado, e com cicatrização total da ferida. As perfurações causadas por agulhas contaminadas, introduzem bactérias piogênicas no organismo do animal, desencadeando uma resposta autoimune inflamatória para eliminar o agente infeccioso e isso diversas vezes resulta na formação de abscessos cutâneos, podendo inclusive prejudicar o rendimento físico do animal. Quando não se tem sucesso na regressão do abscesso, o mesmo deve ser drenado para conseguir tratar a infecção de forma mais específica, como no presente trabalho. Além disso, é importante alertar os proprietários e funcionários sobre a reutilização de insumos descartáveis, pois tal medida, pode influenciar diretamente na sanidade da propriedade, além de ser responsável pela disseminação de doenças.

Palavras-chave: Abscesso, agulha contaminada, aplicação medicamentosa, desenvolvimento bacteriano, infecção.

Helmintoterapia: Alternativa para tratamento de doenças inflamatórias intestinais - Revisão de literatura.

Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Emilly de Souza Oliveira¹, Livia Thurler Pires¹, Tiago Figueiredo Guedes¹, Priscilla Nunes dos Santos² & Vinicius Marins Carraro³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Com o aumento da incidência de doenças autoimunes e doenças inflamatórias crônicas em países em desenvolvimento (Hipótese da Higiene), a exploração de terapias não convencionais e seus potenciais terapêuticos, ainda que incipiente, é altamente estimada pela comunidade científica. A helmintoterapia consiste no uso de infecções controladas de endoparasitas, que realizam uma imunomodulação para a sua própria sobrevivência, reduzindo a intensidade das respostas inflamatórias em doenças inflamatórias intestinais (DII). Esta revisão busca apresentar terapias alternativas com o uso de helmintos, ainda experimentais, que podem auxiliar no combate a diversas doenças do grupo DII e seus sintomas. A revisão se baseia em trabalhos tratando da helmintoterapia, publicados entre 2015 e 2024 visando coletar dados sobre seus benefícios na fisiologia e sintomatologia das DII. A etiologia das DII, ainda que obscura, consiste na resposta imunitária exacerbada mediada por linfócitos T auxiliares (Th) do tipo 1 direcionada a bactérias da microbiota intestinal. Em consequência, há perda da tolerância imunitária resultando no desequilíbrio da microbiota intestinal e prejuízo de sua mucosa, estimulando o processo inflamatório. A presença de bactérias, iniciam respostas de células do sistema imune inato, como macrófagos e células dendríticas, produzindo citocinas pró-inflamatórias. Este processo acarreta a intensificação da produção de citocinas inflamatórias (IL-17A, IFN- γ e TNF- α) pelos linfócitos Th1 e Th17, monócitos e granulócitos, que são recrutados para o local. Já a resposta imunitária Th2, provocada por helmintos, induz a produção de citocinas anti-inflamatórias e fatores de regeneração tecidual (IL-22 e TGF- β). Isto reduz a inflamação local e promove a proteção da mucosa intestinal, dificultando a adesão de bactérias nocivas que provocam disbiose, impedindo que ultrapassem a barreira intestinal e sejam apresentadas a linfócitos Th. Há relatos de ensaios clínicos em que se avaliou a segurança e eficácia da helmintoterapia em pacientes com Doença de Crohn, utilizando uma suspensão de ovos de *Trichuris suis*, ingerido via oral, durante 24 semanas, e a infecção cutânea por *Necator americanus*, durante 20 semanas. Como resultado, observou-se a remissão da doença nos pacientes, com a alteração do mecanismo responsável pela resposta imunitária dos pacientes de Th1 para Th2. Concluiu-se que há melhoria considerável no índice de atividade da doença e relato de sintomas e, apesar do prurido associado à entrada de *N. americanus* via cutânea, bem como de enteropatias terem sido relatadas, a terapia foi considerada segura e eficaz. Não obstante seu potencial promissor, a terapia helmíntica pode acarretar alguns efeitos adversos, principalmente por agravamento acidental das helmintíases, redução imunitária, hipersensibilidade e casos de imunocomprometimento, que representam desafios nesta área de pesquisa. Sendo assim, diante do caráter inicial da helmintoterapia, são necessários maiores estudos sobre a efetividade de seus efeitos, primordialmente na expansão de espécies e seleção dos parasitas, visando mínimo malefício ao hospedeiro ao passo que se aproximem da homeostasia. Em paralelo, o avanço medicinal vem permitindo a utilização de produtos excretados/secretados de *Heligmosomoides polygyrus* e separação de antígenos solúveis de ovos de *Schistosoma mansoni* em modelos animais,

evitando-se a necessidade da infecção propriamente dita.

Palavras-chave: Doença de Crohn, helmintos, imunomodulação, resposta imune, resposta inflamatória.

Hemangiossarcoma cardíaco em um Rottweiler jovem: Um relato de caso.

Maria Eduarda Bispo dos Reis Di Iorio¹, Jade Moura de Sá¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Fernanda Ferreira Salgueiro¹, Fabiana Bernardes Almeida Santos² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³ Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

O hemangiossarcoma é uma neoplasia vascular maligna que pode afetar diversos órgãos em cães, sendo comumente relatado em tecidos como fígado, baço e pele. No entanto, sua ocorrência no coração é rara. Este relato de caso descreve um hemangiossarcoma cardíaco diagnosticado em um rottweiler jovem, destacando a importância do diagnóstico precoce e do manejo adequado dessa condição. Um rottweiler macho, com 2 anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com histórico de intolerância ao exercício, letargia e episódios de síncope. Durante o exame físico, foi observada taquipneia e mucosas pálidas. Auscultação cardíaca revelou taquicardia e um sopro cardíaco sistólico de grau III/VI. O exame de ultrassom cardíaco revelou uma massa intracavitária na região do átrio direito, com características sugestivas de neoplasia vascular. Uma amostra da massa foi obtida por punção guiada por ultrassom e submetida à citologia, que confirmou a presença de células neoplásicas compatíveis com hemangiossarcoma. Dada a extensão da neoplasia e o prognóstico reservado, o tutor optou por não realizar procedimentos invasivos e optou por um manejo paliativo com analgésicos e diuréticos para controle dos sintomas. O paciente foi acompanhado regularmente, porém, veio a óbito seis meses após o diagnóstico devido à progressão da doença. O hemangiossarcoma cardíaco é uma neoplasia rara em cães, com poucos relatos na literatura veterinária. Sua apresentação clínica é variável, podendo incluir sintomas como intolerância ao exercício, letargia, síncope, e em casos avançados, tamponamento cardíaco. O diagnóstico definitivo geralmente é obtido por meio de ultrassonografia cardíaca e confirmado por citologia ou histopatologia de amostras obtidas por punção guiada. O prognóstico para cães com hemangiossarcoma cardíaco é reservado, com uma sobrevida média de apenas alguns meses após o diagnóstico. O hemangiossarcoma cardíaco é uma neoplasia rara, porém devastadora, em cães, com um prognóstico reservado e sobrevida média curta após o diagnóstico. Este relato de caso destaca a importância do diagnóstico precoce e do manejo adequado para proporcionar qualidade de vida aos pacientes afetados por essa condição.

Palavras-chave: Cardiologia, diagnóstico, hemangiossarcoma, neoplasia, Rottweiler.

Hérnia inguino-escrotal em equino: Relato de caso.

Heitor Drumond Guelber¹, Anna Clara Carvas Sant' Anna¹, Bruna Patrícia Siqueira Raimundo², Vitor Vieira de Resende Souza² & Erica Cristina Rocha Roier³.

¹Discente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

²Médico(a) Veterinário(a) Autônomo(a), Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

³Docente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Equinos possuem uma alta suscetibilidade a encarceramentos em aberturas naturais ou adquiridas, como as hérnias inguinais, isso devido esses animais possuírem um extenso comprimento intestinal, longo mesentério e também movimentos naturais que predispondo a ocorrência desses encarceramentos. Esse trabalho tem como objetivo relatar um caso de abdome agudo decorrente de uma hérnia inguino-escrotal em um equino da raça Mangalarga Marchador, descrevendo a possível causa, o diagnóstico e o tratamento. O paciente, um equino macho de 4 anos, com 301 kg de peso vivo, foi atendido no Horse Center, em Petrópolis, 7 horas após apresentar sinais clínicos de abdome agudo. Os valores dos exames laboratoriais, hemograma e bioquímica, se encontravam dentro dos parâmetros de normalidade para a espécie. No exame físico da bolsa escrotal, ao realizar a palpação observou aumento e sensibilidade no testículo direito, enquanto um exame adicional com ultrassom mostrou aumento de volume testicular e alças intestinais presentes na bolsa escrotal, caracterizando um quadro de hérnia inguino-escrotal e a necessidade de correção cirúrgica. Como medicação pré-anestésica, foi utilizada xilazina na dose de 1,1 miligrama por quilo (mg/kg) associada a morfina 0,1 mg/kg, por via intravenosa (IV). Para a indução anestésica foram utilizados cloridrato de cetamina (2,2 mg/kg, IV) associado com diazepam (0,5 mg/kg, IV). Durante o procedimento cirúrgico foi administrada solução de Ringer com Lactato e Lidocaína na dose de 3,0 mg/kg/h em bolus, seguida de infusão de Morfina a 0,05 mg/kg/h (IV), Cetamina a 0,6mg/kg/h e Detomidina a 5 µg/kg/h. O procedimento cirúrgico foi iniciado com uma incisão na pele da região testicular direita, as bordas da ferida cirúrgica foram estabilizadas com pinças Allis, seguido pela abertura da túnica vaginal para realização da orquiectomia unilateral direita. Foi realizada a ligadura do cordão espermático através de transfixação com fio Vicryl[®] 0, emasculação com emasculador Reimers e retirada do testículo. Devido à dificuldade de avaliar a viabilidade do segmento intestinal encarcerado e de reposicioná-lo na cavidade abdominal através do anel inguinal, optou-se pela realização de uma celiotomia. Após exploração da cavidade foi possível localizar o segmento intestinal que havia sido encarcerado para ser avaliado quanto a sua viabilidade. Após avaliação clínica do segmento, levando em consideração critérios como coloração, motilidade, resposta ao teste de beliscamento e irrigação com solução salina fria, foi constatado a inviabilidade do segmento, optando por uma enterectomia seguida por enteroanastomose. O tratamento da ferida cirúrgica foi realizado com limpeza com soro fisiológico 0,9% e gaze, duas vezes ao dia, até a alta do paciente, que ocorreu 6 dias após o procedimento cirúrgico. A recuperação do equino até o dia da escrita desse relato foi satisfatória. No caso da hérnia inguino-escrotal apresentada neste relato a obtenção de um resultado favorável foi possível pois o animal foi encaminhado rapidamente a clínica e a decisão e o procedimento cirúrgicos também foram realizados em tempo hábil. Além disso, o sucesso no caso se deve a opção de realizar a celiotomia para melhor exploração do segmento intestinal acometido, o que resultou na enterectomia e enteroanastomose.

Palavras-chave: Equino, hérnia, testículos.

Hipertensão pulmonar em um cão com doença pulmonar obstrutiva crônica: Relato de caso.

Ingrid Torres Garbin¹, Kélen Mendes dos Santos¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes², Erica Cristina Rocha Roier², Eduardo Butturini de Carvalho² & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A hipertensão pulmonar (HP) é uma condição caracterizada pelo aumento da pressão arterial nos vasos sanguíneos que transportam sangue dos pulmões para o coração. Essa condição pode ocorrer como resultado de diversas patologias pulmonares, incluindo a doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), que é uma condição comum em cães, principalmente em animais expostos a fatores ambientais adversos, como fumaça de cigarro ou poluição. Um cão da raça Labrador Retriever, macho, não castrado, de oito anos de idade, foi encaminhado para a clínica veterinária com histórico de tosse crônica, dispneia e diminuição da tolerância ao exercício. O proprietário relatou que o cão vivia em um ambiente com fumaça de cigarro e que havia sido diagnosticado com DPOC. No exame físico, o cão apresentava sinais de desconforto respiratório e aumento da frequência respiratória. A ausculta pulmonar revelou crepitações bilaterais e sibilos difusos. Os exames de laboratório revelaram uma leve anemia e elevação das enzimas hepáticas, sugerindo possível disfunção hepática secundária à HP. Com base nos sinais clínicos e nos exames, foi suspeitada a presença de hipertensão pulmonar secundária à DPOC. Foram realizados exames de imagem, incluindo radiografia torácica e ecocardiografia Doppler. A radiografia torácica revelou aumento da silhueta cardíaca em topografia direitas, e padrão pulmonar intersticial difuso. A ecocardiografia Doppler mostrou evidências de hipertensão arterial pulmonar, com aumento da pressão sistólica da artéria pulmonar em 80mmHg (ref.: até 30mmHg). O tratamento foi iniciado com o objetivo de aliviar os sintomas respiratórios e reduzir a pressão arterial pulmonar. O cão foi medicado com broncodilatadores e corticosteroides para reduzir a inflamação dos pulmões, e anti-hipertensivos pulmonares, como o sildenafil. Além disso, foi recomendada a remoção do animal do ambiente com fumaça de cigarro para evitar irritantes respiratórios adicionais. Após algumas semanas, houve redução da tosse e da dispneia. Os exames de controle mostraram uma diminuição da pressão arterial pulmonar e uma melhora na função cardíaca e hepática. Neste relato de caso, a abordagem terapêutica incluiu o uso de medicamentos para melhorar a função pulmonar e reduzir a pressão arterial pulmonar, além de medidas para controlar os fatores ambientais desencadeantes. A radiografia torácica é frequentemente utilizada como ferramenta inicial de triagem, revelando achados como aumento do tamanho do coração, padrão pulmonar intersticial e possíveis sinais de congestão pulmonar. A ecocardiografia Doppler é crucial para confirmar a presença de hipertensão arterial pulmonar, e monitorar a resposta ao tratamento. O tratamento da HP em cães visa aliviar os sintomas respiratórios e reduzir a pressão arterial pulmonar. Isso geralmente envolve uma abordagem multimodal, para melhorar a função pulmonar e, em alguns casos, terapia de oxigênio suplementar. A remoção do animal do ambiente com fumaça e cigarro é fundamental para prevenir irritantes adicionais e reduzir a progressão da doença. A progressão da HP em cães pode levar a complicações graves, como insuficiência cardíaca direita, disfunção hepática e comprometimento da função pulmonar, portanto, uma abordagem abrangente é fundamental para garantir o bem-estar a longo prazo do paciente.

Palavras-chave: Cão, diagnóstico, doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), hipertensão pulmonar, tratamento.

Hipertensão situacional em cães na rotina clínica.

Melissa Quintella Santinon¹, Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Lana Costa de Queiroz¹, Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Valentina Ventura Marques Cacciola¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A hipertensão arterial é uma condição clínica que pode afetar cães. Embora a hipertensão primária seja menos comum em comparação com humanos, a hipertensão secundária, incluindo a hipertensão de estresse situacional, é observada com certa frequência em ambientes clínicos, o que desencadeia fatores como manipulação, restrição, medo ou ansiedade durante exames veterinários, resultando em complicações cardiovasculares e outros problemas de saúde. Três cães de diferentes raças e idades foram atendidos na clínica, por diferentes motivos e em todos foram verificadas a pressão arterial sistólica. Um Golden Retriever, fêmea, de 7 anos de idade, apresentou sinais de ansiedade, salivação excessiva e tentativas de fuga na sua vacinação de rotina. A pressão arterial sistólica foi medida, e uma leitura elevada de 170 mmHg foi registrada, após isso, uma implementação de técnicas de contenção suaves e administração de um sedativo leve, uma segunda medicação foi realizada, revelando uma redução para 140 mmHg. Um Yorkshire Terrier, macho, de 4 anos de idade, estava com uma ferida na pata e visivelmente tenso durante o exame, com aumento da frequência cardíaca e respiratória. A pressão arterial sistólica foi medida e apresentou uma leitura de 160 mmHg. Após a aplicação de um curativo na ferida e um período de acalmação no consultório, uma segunda medição foi realizada, revelando uma redução para 150 mmHg. Um Bulldog Inglês, macho, de 6 anos de idade, se demonstrou agitado e vocalizava constantemente no seu check-up de rotina. A pressão arterial sistólica foi medida e apresentou uma leitura de 180 mmHg. Após a aplicação de técnicas de manejo gentil e a oferta de petiscos para distração, uma segunda medição foi realizada, revelando uma redução para 155 mmHg. A hipertensão de estresse situacional em cães durante visitas à clínica veterinária é uma resposta fisiológica ao estresse agudo ou crônico. Os casos relatados destacam a importância da identificação precoce e do manejo adequado do estresse para prevenir complicações cardiovasculares. De acordo com estudo de Rodrigues et al. (2019), a hipertensão de estresse em cães pode ser desencadeada por diversos fatores, incluindo manipulação física e ambiente clínico. Destacam-se a importância de abordagens gentis e de baixo estresse para minimizar as respostas de ansiedade em cães durante procedimentos veterinários. Além disso, o trabalho de Smith e Jones (2020) ressalta que a hipertensão de estresse situacional pode ser um fator de risco para complicações cardiovasculares em cães, como doença cardíaca e acidente vascular cerebral. Portanto, a identificação e o manejo eficaz do estresse em ambientes clínicos são fundamentais para garantir o bem-estar cardiovascular dos pacientes caninos. Este estudo de caso enfatiza a necessidade de abordagens compassivas e eficazes no manejo da hipertensão de estresse situacional em cães durante as visitas à clínica veterinária. A implementação de medidas para reduzir o estresse pode não apenas prevenir complicações cardiovasculares, mas também melhorar a experiência do paciente canino e promover o bem-estar geral.

Palavras-chave: Ansiedade, cães, estresse, hipertensão arterial, pressão arterial sistólica.

Impactos da degradação da restinga na fauna por ação antrópica em território nacional: Revisão de literatura.

Luiza Magalhães de Oliveira Santos¹, Fernanda Eiras Nascimento¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹, Yasmin Duarte Pessanha¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Muito se discute acerca da importância da saúde única dentro da medicina veterinária. Esse conceito frisa a mobilização do equilíbrio entre as espécies e ecossistemas, reconhecendo a conexão entre a saúde humana, animal e ambiental de forma integrada. Todavia, a má gestão ambiental no crescimento das cidades litorâneas, tem prejudicado, ano após ano, a estabilidade do bem estar animal nas áreas de restinga, pondo em risco a fauna nativa. O presente trabalho aborda uma revisão de literatura sobre impactos ambientais das ações antrópicas nas áreas de restinga em território nacional, evidenciando as consequências da não preservação desses ecossistemas. Denomina-se como restinga a vegetação que cresce nas faixas de areia ao redor das praias. Sua fisionomia abrange desde formações herbáceas até conjuntos florestais mais densos. São constantemente degradadas por processos naturais como erosão marinha e drenagem fluvial, o que as torna naturalmente frágeis. No entanto, a atividade antrópica tem tido destaque na extinção desses ecossistemas. As restingas e manguezais representam papel fundamental na proteção das espécies marinhas e terrestres, fornecendo abrigo e alimento para a fauna nativa de regiões costeiras, são considerados berçários naturais. Seu desaparecimento representa a perda do principal agente estabilizador em cidades litorâneas, uma vez que possuem capacidade de fixar as dunas e sedimentos, impedindo o avanço do mar e reduzindo a erosão causada pelas chuvas. Além disso, a perda desse habitat traz ameaça direta a diversas espécies de aves migratórias, visto que seu território também apresenta abrigo em temporadas de reprodução. A ameaça nesse tipo de vegetação pode ocorrer diretamente, através da especulação imobiliária, ou decorrente da poluição oriunda de sedimentos em processos de dragagem, os resíduos e rejeitos liberados são compostos orgânicos halogenados, plásticos, mercúrio, cádmio, petróleo, óleos, substâncias radioativas e outras produzidas para a guerra química e biológica. A dragagem, especificamente, atribui impactos severos pela intoxicação da fauna e flora marítima. Tudo se resume em uma série de sequelas do desmonte de políticas públicas de legislação ambiental. De 1986 à 1998 o Brasil passou pelo período de reforço de licenciamento ambiental, iniciado pela exigência de um Estudo de Impacto Ambiental, a aprovação em 1988 da Constituição Federal, criação do Ministério Público, do Instituto Nacional do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis em 1989 e do Ministério do Meio Ambiente começando em 1990, e a aprovação da "Lei de Crimes Ambientais" em 1998. Hodiernamente, se tem um sistema de tomada de decisão que ignora qualquer dano ambiental antes da implementação de construções civis e dragagens em áreas de restinga, o atual sistema de licenciamento perde espaço para um sistema focado somente no lucro. O resultado, além da perda de habitat, é o desequilíbrio da cadeia alimentar regional. O sumiço das espécies marinhas acarreta na perda de alimento de aves e mamíferos que vivem em áreas costeiras. O impacto na população nativa, dependente da pesca e turismo em cidades litorâneas é a perda da fonte de renda e qualidade de vida, demonstrando o desmonte da saúde única, fundamental no exercício da medicina veterinária. Atualmente o bioma da mata atlântica, aonde se encontram as restingas e manguezais, possui apenas 12,5% do seu território original, representando o bioma brasileiro mais degradado desde a colonização. Sendo assim, evidencia-se a importância de medidas eficazes de preservação das regiões de restinga para o equilíbrio

entre o bem estar humano, animal e ambiental, viabilizadas através de políticas públicas que destaquem a relevância dessa problemática no cotidiano brasileiro.

Palavras-chave: Conservação, construção, extinção, impacto ambiental, Saúde Única.

Importância da ingestão de colostro em bezerros neonatos – Revisão de literatura.

Piettra Bácia Alves Rechuem¹, Lorrán de Oliveira Rosa do Vale¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O primeiro leite obtido após o parto é denominado colostro e representa uma fonte crucial de imunoglobulinas que fortalecem o sistema imunológico dos bezerros. Além disso, ele apresenta níveis mais elevados de proteínas, gorduras, hormônios, minerais e vitaminas em comparação ao leite integral, sendo essencial pois os ruminantes recém-nascidos podem apresentar restrições fisiológicas, como hipoglicemia, hipóxia e hipercapnia, hipogamaglobulinemia, além de possíveis quadros de acidose metabólica e respiratória, cuja gravidade pode ser influenciada pela dificuldade do parto. Sendo assim, a partir da hora em que nasce, o bezerro tem de 4 a 6 horas para se levantar e mamar. A falta de qualidade no manejo ou na administração do colostro pode resultar na falha da transferência de imunidade passiva. A relevância do colostro varia conforme a espécie. Nas fêmeas ruminantes, devido às características fisiológicas da própria placenta, não ocorre a transferência de macromoléculas para o feto, o que resulta na ausência de aquisição de imunoglobulinas durante a gestação. As imunoglobulinas, especialmente a IgG, são os compostos bioativos mais amplamente pesquisados quando se trata da qualidade do colostro, muitas vezes sendo avaliada pela sua concentração em IgG. O colostro é digerido no abomaso, onde chega através da goteira esofágica, que impede que passe pelo rúmen e não sofra desnaturação das proteínas. O método convencional de armazenamento de colostro é através do congelamento a -20°C com validade de 1 ano, porém também pode ser preservado por diferentes métodos, como a adição de conservantes químicos, ou ainda pela introdução de culturas bacterianas. Além disso, a preservação pode ser realizada através de fermentação aeróbica ou anaeróbica “natural”. O descongelamento deve ser feito em banho-maria a 37°C e oferecido a neonatos impossibilitados de mamar na própria mãe.

Palavras-chave: Bezerro, colostro, imunidade passiva, imunoglobulina, neonatologia bovina.

Influência da estocagem por congelamento na concentração de anticorpos no colostro bovino.

Isabela do Carmo Guedes¹, Eduardo Pena Paiva¹, Yasmin Severo Pullig Sad Coelho¹, Gabriela Maia Godinho¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes².

Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A imunidade resultante da transferência de anticorpos e outros elementos protetores de origem materna, tanto através da placenta durante a gestação como pela ingestão de colostro, denomina-se imunidade passiva. Nos bezerros a transferência de imunidade obtém-se apenas através da ingestão do colostro materno, tendo em conta que a estrutura placentária bovina não permite a transferência de imunoglobulinas para o feto durante a gestação. Esta transferência de imunidade é essencial para os bezerros durante os primeiros meses de vida, pois, apesar de produzirem anticorpos endógenos desde o período fetal, continuam susceptíveis a infecções durante as primeiras semanas de idade. É importante que a bezerra ingira o colostro dentro das 3 primeiras horas de vida, já que logo após o nascimento o intestino começa a perder a capacidade de absorver os anticorpos, há a produção de enzimas digestivas e a qualidade do colostro diminui após a primeira ordenha. Sendo assim, banco de colostro é um importante recurso de manejo em bovinocultura. Quando bem conduzido, possibilita o fornecimento de colostro aos bezerros, em quantidade e qualidade adequadas para garantir a transferência de imunidade passiva, preservando a saúde e bem estar dos animais. Um dos indicadores mais importantes para avaliação da qualidade imunológica do colostro é o teor de sólidos, uma vez que grande parte das proteínas totais do colostro são representadas por imunoglobulinas. Por se tratarem de proteínas, as imunoglobulinas são termossensíveis, por isso as etapas de congelamento e descongelamento do colostro podem determinar perdas de parte destas moléculas. Com isso, ao realizar a avaliação do nível do teor de sólidos, é possível ajustar os procedimentos de congelamento e descongelamento, de forma que ocorram as menores perdas possíveis, garantindo assim um nível mais adequado de transferência de imunidade passiva aos bezerros.

Palavras-chave: Anticorpos, bovinocultura, colostro, imunidade passiva, imunoglobulina.

Influência do estresse térmico na fertilidade de touros - Revisão de literatura.

Pietra BárCIA Alves Rechuem¹, Amanda Alfeld Belegote², Davi de Araujo Silva³, Thiago Luiz Pereira Marques⁴, Pedro Henrique Evangelista Guedes⁵ & Leticia Patrão de Macedo Gomes⁵.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Médico Veterinário da Fundação Severino Sombra- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁵Docente da Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O sistema reprodutor masculino é composto por: pênis, bolsa escrotal, testículos, ductos eferentes, epidídimos, ductos deferentes, glândulas acessórias incluindo ampolas, próstata, glândulas vesiculares e bulbouretrais. O estresse térmico se manifesta quando os mecanismos fisiológicos habituais do corpo para regular a temperatura corporal se mostram inadequados diante das condições ambientais. Os testículos e o escroto apresentam sistemas regulatórios complexos próprios, destinados a preservar os espermatozoides em desenvolvimento durante fases críticas, porém, esses sistemas podem ser sobrecarregados por condições externas adversas. A regulação da temperatura no escroto segue os mesmos princípios do restante do corpo. Em touros, a pele do escroto é caracterizada por sua finura, ausência de gordura subcutânea e relativa ausência de pelos. Esta área é mais densamente dotada de glândulas sudoríparas do que outras regiões do corpo do touro, facilitando a dissipação de calor por meio da transpiração e auxiliando na regulação térmica, onde a temperatura ideal para espermatogênese é de 32°C. As altas temperaturas ambientais, isoladamente ou em conjunto com elevada umidade, interferem na dissipação de calor por evaporação da superfície escrotal. Esta condição, aliada a um aumento da temperatura corporal decorrente da dificuldade na transferência de calor para fora do organismo e à elevada atividade metabólica do tecido em questão, resultam em uma elevação da temperatura dentro dos testículos. Durante o processo de espermatogênese, os espermatozoides demonstram uma suscetibilidade particular aos efeitos do estresse térmico, principalmente durante a meiose, antes que ocorra a compactação do DNA. O estresse térmico pode exercer um efeito considerável na fertilidade, onde observamos sinais de degeneração testicular, queda na motilidade espermática e aumento de defeitos morfológicos, perda integridade da membrana plasmática e o potencial da membrana mitocondrial. A temperatura ambiente ideal para a produção de espermatozoides foi identificada como sendo de 15 a 18°C ao longo de todo o período da espermatogênese, ou seja, aproximadamente 65 a 70 dias antes da coleta. Para prevenir o estresse térmico, estratégias como a seleção adequada da raça para o ambiente específico, considerando a idade do animal, planejamento da época e frequência de coleta de sêmen, bem como a realização de avaliações clínicas e andrológicas regulares, podem ser implementadas.

Palavras-chave: Andrologia, espermatozoide; estresse térmico, reprodução bovina, sêmen.

Influenza Aviária: Uma perspectiva atualizada.

Anna Clara do Nascimento Fernandes Gomes¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Igor Emanuel de Oliveira¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Influenza aviária, comumente conhecida como gripe aviária, é uma doença viral que afeta o sistema respiratório de aves domésticas e selvagens. O Brasil confirmou mais de 160 casos até o momento, mostrado em dados atualizados no dia 5 de maio de 2024. O principal modo de transmissão da gripe aviária é o contato direto com aves contaminadas e conteúdos respiratórios contendo o vírus influenza tipo A, geralmente através das cepas H5N1, H7N9 e H9N2, causando tosse, dificuldade em respirar, inchaço da cabeça e dos olhos e até morte súbita. O diagnóstico é feito por meio de exames laboratoriais, como reação em cadeia da polimerase (PCR), sequenciamento genético e cultura viral. Além disso, seu tratamento é baseado em medicamentos antivirais específicos contra a presença do vírus influenza tipo A, além de medidas de suporte, como fornecimento de calor, hidratação e nutrição adequada à ave. Portanto, esta revisão de literatura é baseada em dados e informações disponibilizadas pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, pela Biblioteca Nacional de Medicina (PubMed) e pelo Google Academy Brasil, que fornecem informações importantes para profissionais de saúde, produtores avícolas e até mesmo para o público em geral, para assim obterem uma compreensão mais ampla dos riscos associados à Influenza Aviária e das medidas necessárias para sua prevenção e controle.

Palavras-chave: Aves, conscientização, epidemiologia; Influenza Aviária, saúde pública.

Laminectomia dorsal em verterbas L7-S1 em decorrência a hérnia de disco em cão.

Lucas Baptita Motta¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Lucas Gomes salvado¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Pedro Paulo de Assis Motta² & Eduardo Buturini de Carvalho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico(a) veterinário(a) autônomo(a), Nova Friburgo-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As vertebrae são estruturas ósseas que protegem a medula e suas raízes nervosas, e se relacionam por meio de discos intervertebrais. Tais discos intervertebrais são compostos por um âmulo fibroso e núcleo pulposo, contendo um material denso e viscoso que permitem a sua articulação e movimentação ampla. Dessa forma, por conta de processos degenerativos, tal disco pode se romper e seu material ser ejetado em direção a medula, à comprimindo dorsalmente contra a vértebra, o que é denominado hérnia de disco. Em relação a isso, uma das modalidades de tratamento é a intervenção cirúrgica, e uma das técnicas é a descompressão por laminectomia dorsal e remoção do material de disco infiltrado. Nesse sentido, foi atendido um cão *Golden Retriever* macho inteiro de 36 kg cuja queixa de seu tutor era dificuldade para andar com os membros pélvicos. Durante o exame geral foi observado um estado geral ruim, com uma infestação maciça por pulgas, sarcopenia, comportamento agressivo e dor intensa ao palpar o lado direito de L3-L4. Já na avaliação do sistema musculoesquelético foi percebido perda de toda massa muscular epaxial lombar e da musculatura posterior das coxas. Em relação a avaliação neurológica foi notado reflexo femoral refuzido e ciático ausente no membro pélvico direito, e reflexos femoral e ciático reduzidos no membro pélvico esquerdo. Em consequência aos sinais clínicos observados e anamnese do paciente, em virtude da impossibilidade da obtenção de ressonância magnética, foi requisitado uma tomografia computadorizada da coluna lombar e sacral. Além disso, também foi realizado exames hematológicos de hemograma e bioquímica, foram prescritos medicamentos com fins analgésicos e para combater a infestação por artrópodes. Por conseguinte, após a avaliação minuciosa da tomografia computadorizada foi possível observar a presença de alterações importantes na coluna vertebral que indicavam hérnia de disco, estando notáveis em segmentos torácicos e lombossacro. Portanto, foi optado a correção cirúrgica por meio da descompressão associada a laminectomia dorsal em L6-L7 e L7-S1, técnica baseada na remoção da porção lâmina vertebral junto à remoção do material de disco que está comprimindo a medula. Para confirmar o acesso correto e preciso, logo antes de realizar a incisão, uma agulha foi inserida na região dorsal do animal, e por meio de um aparelho de radiografia, foram realizadas imagens radiográficas, o que permitiu confirmar a localização da agulha na área da cirurgia, dessa forma servindo como guia e marco preciso. Após o acesso, a lâmina foi removida por intermédio de uma serra esférica e goivas. A posteriori, utilizando curetas de gross o material invasor foi removido e os tecidos devidamente fechados. Posterior ao ato cirúrgico, o animal foi internado por 2 dias, sendo devidamente medicado com antibiótico analgésicos e anti-inflamatório. Ao receber a alta da internação, foi recomendado repouso, esvaziamento forçado da bexiga pelo menos 3 vezes ao dia, higiene cuidadosa do animal e da ferida cirúrgica e aplicação de gelo sobre a região da cirurgia. Finalmente, o animal foi reavaliado duas semanas após o procedimento, e constou uma recuperação excelente.

Palavras-chave: Coluna vertebral, descompressão, hérnia de disco, laminectomia, vértebra.

Lesão em região laringea causada por aerofagia em equino atleta: Relato de caso.

Helena Bianco Rosas¹, Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Patricia Paes Machado¹, Igor Braga Azambuja¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Dicente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil;

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A aerofagia em cavalos de alto rendimento é um comportamento bastante comum, uma vez que em diversas hípicas e centros de treinamento o hábito de soltura do animal não é rotina. O aprisionamento em baias inibe o animal de expressar seu comportamento natural, situação que gera estresse para a espécie em questão. É visto como alternativa para esses animais o ato de deglutição excessiva de ar, seja com apoio ou sem apoio. Tal deglutição é um instrumento aliviador, visto que, definida como um vício redibitório, a aerofagia resulta na produção de dopamina exacerbada e, conseqüentemente, sensação de alívio e euforia. Uma égua, da raça Brasileiro de Hipismo, de 13 anos de idade, não teve acesso a soltura diária enquanto potra, fator colaborador para o início da aerofagia aos seus 2 anos de idade e ainda persistente. Quando presa, o animal se apoiava contra a porta da baia, fazendo compressão da faringe e, em seguida, sucção. Esse ato constante gerou lesão na região da laringe, com presença de pus internamente ao edema, além de sangue, externamente. A região era sensível ao toque, a égua apresentava perda de performance esportiva por dor em dias de piora. O comportamento não acontecia quando o animal se encontrava solto em piquetes. A coleira contra aerofagia não mostrou eficácia, logo, optou-se pela intervenção da medicina integrativa. Eram realizadas sessões de acupuntura semanais, principalmente na região afetada, a fim de diminuir o estresse da rotina do animal e amenizar a dor da lesão. No edema, eram realizadas duas sessões de crioterapia diárias de vinte minutos cada, junto ao uso de pomadas repelentes que visavam afastar possíveis ectoparasitas da lesão e massagens em movimentos circulares com ducha de alta pressão no edema, com água gelada, por vinte minutos. A realização constante de sessões de acupuntura em pontos corporais específicos com o auxílio da moxabustão mostrou-se eficaz na parte da diminuição do estresse. A medicina integrativa, nesse caso, não apresentou eficiência quando o animal não teve contato com outros animais ou quando não havia soltura nos dias das seções. Tratamentos integrativos ainda tem sua eficácia pouco documentada e valorizada na literatura veterinária, entretanto, eram essenciais no tratamento do caso em questão, que foi definido como sem cura por médicos veterinários. Esse relato de caso destaca a importância do manejo dos equinos, cuidado com a vida social e necessidades de expressar seu comportamento natural. No entanto, é importante a conscientização de tutores e criadores de equinos, seja de alta performance ou pouco valor comercial ou esportivo agregado, a fim de garantir o bem-estar animal de todos e evitar que surjam vícios redibitórios. Vale afirmar, por fim, que animais submetidos a estresse perdem parte do seu rendimento atlético, uma vez que suas naturezas são omitidas e minimizadas pela figura humana.

Palavras-chave: Acupuntura, aerofagia, bem-estar, equino, lesão.

Levantamento demográfico das alterações cardiológicas em 223 pacientes caninas portadoras de neoplasia mamária.

Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Guilherme Reis Carneiro¹, Larissa de Almeida Plácido¹, Gabriela Costa da Silva², Fabiana Bernardes Almeida Santos³ & Mário dos Santos Filho⁴.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

²Médica Veterinária Residente da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

³Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

⁴Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

As neoplasias mamárias são uma das condições mais comuns em cães não castradas, representando uma parcela significativa dos casos de câncer nessa espécie. Enquanto o foco principal geralmente se concentra na avaliação e tratamento das neoplasias, pouco se sabe sobre as possíveis complicações cardíacas associadas a essas condições. A relação entre neoplasias mamárias e alterações cardíacas em cães ainda não está completamente compreendida, mas estudos recentes sugerem uma possível ligação entre essas duas condições. Este estudo realizou um levantamento demográfico das alterações cardiológicas encontradas em uma amostra de 223 pacientes caninas portadoras de neoplasia mamária. Serão analisadas variáveis como idade, raça e estado reprodutivo, juntamente com a presença de alterações cardíacas, como arritmias, sopros cardíacos e sinais de insuficiência cardíaca congestiva. Das 223 cadelas, 127 (56,9%) apresentaram neoplasias mamárias benignas, enquanto 96 (43,1%) tinham neoplasias malignas. A idade média dos cães foi de 9,6 anos (intervalo de 4 a 15 anos). Quanto à raça, os cães sem raça definida (SRD) prevaleceram, com 120 (53,8%) casos, seguidos por Poodles (15,7%) e Labradores Retriever (10,3%). Das 223 pacientes, 42 (18,8%) apresentaram alterações cardíacas detectadas durante o exame físico inicial. Entre essas alterações, as mais comuns foram sopros cardíacos, encontrados em 25 (59,5%) pacientes, seguidos por arritmias em 12 (28,6%) pacientes e sinais de insuficiência cardíaca congestiva em 5 (11,9%) pacientes. A prevalência de alterações cardíacas em pacientes caninas portadoras de neoplasia mamária encontrada neste estudo é consistente com achados anteriores que sugerem uma associação entre doenças mamárias e alterações cardíacas em cães. A idade avançada dos pacientes incluídos na amostra pode ter contribuído para a alta incidência de alterações cardíacas, já que tanto as neoplasias mamárias quanto às doenças cardíacas são mais prevalentes em cães idosos. A presença de sopros cardíacos foi a alteração mais frequente encontrada, o que sugere a possibilidade de cardiomiopatia adquirida secundária ou doença valvar em associação com neoplasias mamárias. A detecção de arritmias em um número significativo de pacientes também é digna de nota e pode indicar uma predisposição genética ou efeitos sistêmicos do câncer sobre o sistema cardiovascular. Este estudo demonstra que uma proporção significativa de cães portadores de neoplasia mamária apresentam alterações cardíacas concomitantes. A identificação precoce dessas alterações é crucial para a implementação de estratégias de manejo adequadas da saúde cardiovascular desses pacientes. Sugere-se que veterinários que lidam com casos de neoplasias mamárias em cães estejam atentos à possibilidade de complicações cardíacas associadas e considerem a avaliação cardíaca como parte integrante do protocolo de diagnóstico e tratamento. Pesquisas futuras são necessárias para aprofundar nossa compreensão dessa relação e desenvolver abordagens terapêuticas mais eficazes.

Palavras-chave: Cardiopatias, estudo nosológico, neoplasia mamária, veterinária.

Levantamento epidemiológico de acidentes causados por animais peçonhentos nos municípios de Vassouras, Barra do Piraí e Mendes.

Elisângela Soares da Silva¹, Sebastião Jorge da Cunha Gonçalves² & Renata Vitória Campos Costa³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Enfermagem e Medicina – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

Animais peçonhentos são aqueles que possuem aparato especial em seu corpo que os permite injetar veneno. Essa injeção pode ser através de dentes especiais, ferrões, nematocistos, picadas e pelos, e pode acontecer como forma de autodefesa ou ainda para captura de presas. Podem ser classificados em cnidários, peixes venenosos, himenópteros, aranhas, escorpiões e serpentes venenosas. Os acidentes causados por animais peçonhentos são um problema de alta importância na saúde pública. Os objetivos do presente estudo são: realizar um levantamento das notificações causadas por acidentes por animais peçonhentos, nos municípios de Vassouras, Mendes e Barra do Piraí, nos anos 2022, 2023 e 2024, e discutir os dados epidemiológicos. Foi feito um levantamento de dados analisando registros de notificações recebidos pela vigilância epidemiológica de Vassouras e ilustrados em forma de gráficos. Em Barra do Piraí, no ano de 2022, foram relatados 2 casos relacionados a escorpiões, 3 casos envolvendo serpentes e nenhum incidente com aranhas. Em 2023, os números apresentaram um pequeno aumento, totalizando 3 casos por escorpiões, 4 casos por serpentes e apenas 1 caso por aranha, e em 2024, houve uma redução significativa, com apenas 1 caso envolvendo escorpiões. No município de Vassouras, em 2022, os registros indicaram 23 casos por escorpiões, 4 por serpentes e 20 por aranhas. No ano seguinte, houve um aumento para 31 casos por escorpiões, 10 por serpentes e 27 por aranhas, e em 2024, os números permaneceram significativos, com 3 casos por escorpiões, 9 por serpentes e 4 por aranhas. O município de Mendes apresentou os menores índices de acidentes dentre os locais estudados: em 2022, foram registrados apenas 2 casos por escorpiões, 5 por serpentes e 3 por aranhas, em 2023, apenas 2 casos por escorpiões e 1 por aranha, e em 2024, os registros foram de apenas 1 caso por escorpião e 4 por serpentes. Em relação as áreas rurais e urbanas, no ano de 2022, foram registrados 13 casos nas zonas rurais e 28 nas áreas urbanas. Já em 2023, observou-se um aumento nos incidentes em regiões rurais, atingindo um total de 39, ao passo que a quantidade de ocorrências urbanas permaneceu estável em 32. No ano subsequente, 2024, houve uma notável queda nos casos em áreas rurais, reduzindo-se para apenas 3, enquanto nas áreas urbanas totalizaram 10. As características de temperatura, umidade, vegetação densa e próximas a corpos d'água, da região em estudo, são fatores-chave que influenciam a atividade e a distribuição de animais peçonhentos, semelhante ao que ocorre em outras áreas tropicais onde estudos de acidentes com animais peçonhentos foram conduzidos. Os escorpiões foram os animais peçonhentos mais frequentemente envolvidos nos acidentes, o que reforça a importância de estratégias direcionadas para o manejo e controle dessas espécies. Os homens foram os mais envolvidos nos acidentes, o que pode ser justificado pelo fato de realizarem mais atividades agrícolas do que mulheres. Diante disso, fica evidente a urgência de implementação de políticas públicas e ações educativas voltadas para a prevenção e o manejo de acidentes com animais peçonhentos.

Palavras-chave: Aranhas, escorpiões, saúde pública, serpentes.

***Listeria monocytogenes* em bezerros de corte: Relato de caso.**

Amanda Alfeld Belegote¹, Thiago Luiz Pereira Marques², Davi de Araujo Silva³, Pedro Henrique Evangelista Guedes⁴, Erica Cristina Rocha Roier² & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Médico Veterinário da Fundação Severino Sombra – Vassouras, RJ.

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A listeriose corresponde a uma enfermidade zoonótica infecciosa causada por bactérias psicotróficas patogênicas do gênero *Listeria* spp. São bastonetes Gram positivos não produtoras de esporos e não ácido resistente, porém apresentam grande resistência a condições ambientais adversas, como pH baixo e concentrações altas de NaCl. O gênero possui diversos sorovares, porém a espécie considerada mais patogênica para homens e animais corresponde a *Listeria monocytogenes*, por possuir grande heterogeneidade antigênica, fator relacionado ao grande número de hospedeiros animais onde se multiplica. Possui três formas de manifestação clínica, a septicêmica com abscessos em vísceras como fígado e baço, aborto e doença neurológica (meningoencefalite). Sua transmissão pode ocorrer de forma direta, através de fontes contaminadas através da via oral, ocular, cutânea, respiratória e urogenital e de forma indireta, sendo a transmissão por alimentos considerada a mais importante. Em ruminantes a manifestação clínica mais comum é a nervosa, ocorrendo de forma esporádica ou em surtos e geralmente associada ao consumo de silagem mal acondicionada, que sofreram deterioração aeróbica, baixa fermentação e pH acima de cinco. Os sinais clínicos dos animais acometidos que apresentam a forma nervosa (meningoencefálica) variam de acordo com o nervo utilizado pelo microorganismo como via de acesso, porém, geralmente estão envolvidos os nervos cranianos V, VII, IX, e X sendo assim, os sinais clínicos mais comuns correspondem a incoordenação motora (andar em círculos), queda auricular, ptose, flacidez labial, desvio lateral da cabeça, anorexia e sialorreia. O diagnóstico pode ser concluído através da observação dos sinais clínicos associado ao histórico de consumo de silagem, porém para sua conclusão deve ser realizado diagnóstico post-mortem através exame histopatológico utilizando amostras do cérebro, medula espinhal, fígado, baço coração, pulmão e rins. As amostras devem ser acondicionadas de forma estéril, refrigeradas e em formol. Por se tratar de uma enfermidade neurológica, é importante que seja realizado diagnóstico diferencial para raiva dos herbívoros. Com isso, o presente estudo busca relatar cinco casos de listeriose em bezerros em uma propriedade rural do estado do Rio de Janeiro. Todos os animais possuíam de 3 a 5 meses de idade e eram alimentados com silagem e ração no cocho. Os animais pertenciam a lotes diferentes e apresentaram sinais clínicos como incoordenação motora, anorexia e sialorreia. Todos os animais acometidos receberam tratamento com antibioticoterapia associando penicilina a tetraciclina, reposição hidroeletrólítica e tratamento sintomático. Porém, devido a manifestação nervosa grave da doença, todos os animais acometidos evoluíram em óbito e foi realizada necropsia para coleta de amostras para realização de diagnóstico post-mortem. Foram coletadas amostras do cérebro, fígado, baço e pulmão, acondicionadas em formol e enviadas para laboratório especializado para realização do diagnóstico para listeriose e diagnóstico diferencial para raiva e herpesvírus. Após realização do exame histopatológico o diagnóstico foi conclusivo para listeriose. Diante dos fatos mencionados, é possível ressaltar a importância de que informações corretas a respeito da doença sejam difundidas visando

promover um melhor entendimento e direcionamento, principalmente de produtores rurais, em função do fato de sua transmissão ocorrer principalmente através da silagem mal acondicionada.

Palavras-chave: Bezerros, listeriose, meningoencefalite, neurologia, silagem.

Medicina legal no diagnóstico de maus-tratos na bovinocultura brasileira.

Amanda da Costa Santos¹, Nalah de Almeida Teixeira¹, Washington Ramos de Oliveira¹, Livia de Aquino Ribeiro¹, Rafael Alberto Oliveira Nessrala¹ & Otávia Reis e Silva².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, *campus* Maricá, Maricá-RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A bovinocultura é uma atividade econômica significativa no Brasil, sendo essencial garantir o bem-estar dos animais para alcançar eficiência na produção de carne e leite. Investir no bem-estar animal não apenas atende às preocupações éticas, mas também aumenta os lucros, satisfaz os consumidores e melhora a produtividade. No entanto, há ainda produtores que negligenciam essas práticas, resultando em condições de vida precárias, maus-tratos e consequências negativas, como estresse elevado, baixo desempenho produtivo e impacto na qualidade dos produtos finais. A Medicina Veterinária Legal visa proteger o bem-estar dos animais, inclusive bovinos, por meio de avaliações que identificam qualquer comprometimento desse bem-estar. Métodos como exames clínicos, análise do manejo sanitário, reprodutivo, nutricional, inspeção das instalações, observação do comportamento e manejo dos animais são utilizados para diagnosticar problemas. O objetivo desse trabalho é destacar como a Medicina Veterinária Legal pode contribuir para garantir o bem-estar dos bovinos. Para tanto, pesquisas bibliográficas foram realizadas nas bases de dados Scielo, Periódicos Capes e Pubmed, com ênfase nos publicados entre 2018-2024, contendo as palavras-chaves bem estar animal, medicina veterinária legal, animais de produção e maus-tratos. Para garantir a prevenção dos maus-tratos, tornou-se imperativo o cumprimento de regulamentações específicas que abrangem o manejo, transporte e abate de animais, como a Lei Federal nº 9.605/1998, referente a crimes ambientais que prevê penalidades para aqueles que cometem atos de crueldade contra animais. No entanto, a persistência dos maus-tratos animais ainda é frequente em nossa sociedade. A falta de punições adequadas e fiscalização insuficiente são fatores que contribuem para a perpetuação dessas práticas. Os maus-tratos na bovinocultura são multifatoriais, se apresentando, como superlotação no transporte, prescrição indevida de medicamentos, sofrimento durante o abate, omissão sanitária, manejo agressivo, procedimentos cirúrgicos sem adequada analgesia e marcação a ferro em regiões sensíveis. Visando solucionar as ocorrências de maus-tratos, a Medicina Veterinária Legal atua exercendo seu papel jurídico, identificando e investigando casos de maus-tratos, na assessoria legislativa, desenvolvimento de diretrizes e regulamentações, como a recente medida tomada pelo estado de SP da não obrigatoriedade da marcação a ferro para brucelose na face após vacinação de brucelose. Foram selecionados sete artigos que abordam maus-tratos e o papel da medicina veterinária legal de forma direto, incluindo os tipos de maus-tratos na bovinocultura, suas classificações, manifestações e a atuação da medicina veterinária legal no combate dessa prática. A pouca quantidade de unidades certificadas em bem-estar animal no Brasil também é um fator importante. A percepção do público sobre bem-estar na bovinocultura é pouco baseada em bem-estar, uma vez que muitos pensam que se um animal é criado a pasto livre, automaticamente seu bem-estar está garantido, destacando a importância de iniciativas que promovam a certificação e o monitoramento de protocolos de bem-estar garantindo o tratamento ético e compassivo dos animais em todas as etapas da cadeia de sua produção. A Medicina Veterinária Legal além de diagnosticar também busca fornecer recomendações e orientações para melhorar as condições de vida desses animais, visando a promoção do bem-estar e a prevenção de futuros problemas de saúde e comportamento.

Palavras-chave: Animais de produção, bem-estar animal, legislação, maus-tratos, medicina veterinária legal.

Miocardite em paciente canino com doença periodontal grave: Relato de caso.

Helena Costa da Silva¹, Maria Eduarda Bispo dos Reis Di Iorio¹, Jade Moura de Sá¹, Manuela Helena de Souza¹, Giulia Rodrigues Rubim Kessler¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

A miocardite é uma inflamação do músculo cardíaco que pode ser difícil de diagnosticar em cães devido à variedade de sintomas e à falta de especificidade. A doença periodontal é comum em cães e pode causar uma resposta inflamatória sistêmica, que às vezes pode contribuir para problemas cardíacos, como a miocardite. Este caso descreve a apresentação clínica, diagnóstico e tratamento de um cão com miocardite relacionada à doença periodontal grave. Um cão da raça Labrador Retriever, macho, com 8 anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com histórico de letargia, falta de apetite e tosse persistente. O exame clínico revelou gengivas inflamadas, com acúmulo significativo de tártaro e halitose pronunciada. O paciente apresentava também sinais de insuficiência cardíaca congestiva, incluindo dispneia e ascite. Os exames laboratoriais apresentaram leucocitose moderada e aumento dos marcadores de inflamação. O ecocardiograma demonstrou dilatação das câmaras cardíacas e diminuição da contratilidade global, sugerindo miocardite. A radiografia torácica confirmou a presença de congestão pulmonar e cardiomegalia. A avaliação da cavidade oral revelou gengivite severa e perda de tecido periodontal, indicando uma doença periodontal grave. Com base nos achados clínicos e diagnósticos, o paciente foi diagnosticado com miocardite associada à doença periodontal. A conexão entre doença periodontal e problemas cardiovasculares em cães está se tornando cada vez mais evidente. A inflamação crônica associada à doença periodontal pode desencadear uma resposta inflamatória em todo o corpo, o que pode levar ao desenvolvimento de condições como miocardite e outras doenças cardiovasculares. Identificar e tratar precocemente a doença periodontal pode desempenhar um papel importante na prevenção de complicações cardiovasculares em cães. No caso presente, o tratamento incluiu terapia medicamentosa para controle da insuficiência cardíaca congestiva, juntamente com procedimentos odontológicos para tratar a doença periodontal. Conclusão: Este caso ressalta a necessidade de examinar minuciosamente a cavidade oral em cães com problemas cardíacos, especialmente aqueles com doença periodontal avançada. Identificar e tratar precocemente a doença periodontal pode ajudar a evitar complicações cardiovasculares, como miocardite, o que conseqüentemente melhora a qualidade de vida e a expectativa de vida desses pacientes caninos.

Palavras-chave: Cão, doença periodontal, infecção sistêmica, miocardite,

O efeito do clima na produção de oócitos e embriões bovinos: Revisão de literatura.

Sophya Vitória Esteves Rocha¹, Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramo¹, Amanda Alfeld Belegote², Fernanda Romão Reis¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

A crescente demanda por biotecnologias avançadas de reprodução na busca por melhoramento genético de rebanhos bovinos em todo o Brasil tem impulsionado o desenvolvimento de técnicas como a produção in vitro de embriões. Sua utilização permite um aproveitamento genético mais eficiente das matrizes em um período de tempo reduzido. No entanto, o sucesso dessa técnica depende da análise do impacto de diversas variáveis que podem influenciar de forma negativa durante o processo. Uma dessas variáveis corresponde ao clima, que pode impactar todas as etapas da produção in vitro de embriões. As variações climáticas, especialmente em regiões tropicais, exercem interferência marcante na eficiência reprodutiva animal, influenciando tanto a quantidade quanto a qualidade dos oócitos produzidos, bem como o desenvolvimento embrionário durante o cultivo in vitro. Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca dos estudos existentes sobre o efeito do clima na produção de oócitos e embriões. Foram realizadas pesquisas utilizando artigos científicos disponíveis em plataformas de pesquisa indexadas. Observou-se que cerca de 50% do rebanho bovino mundial está localizado em regiões tropicais, onde as condições climáticas apresentam desafios significativos devido ao estresse térmico causado pelas altas temperaturas. Este estresse térmico tem efeitos prejudiciais sobre os índices reprodutivos, afetando negativamente a fisiologia e viabilidade dos oócitos e embriões. Isso resulta em uma redução na taxa de concepção, aumento das perdas gestacionais e interferência na qualidade de oócitos e embriões. Além disso, o estresse térmico induz ao estresse oxidativo, causando danos celulares e comprometendo a eficiência reprodutiva dos animais. Ele também exerce uma influência negativa sobre o desenvolvimento embrionário inicial, resultando em taxas reduzidas de clivagem e desenvolvimento de blastocistos, bem como uma redução na expressão de interferon tau (IFNT), essencial para o reconhecimento materno da gestação. Os efeitos do estresse térmico são mais pronunciados nas fases iniciais da gestação e também prejudicam a produção de progesterona devido ao subdesenvolvimento do corpo lúteo. No entanto, algumas raças bovinas, especialmente as zebuínas, evoluíram em ambientes tropicais e desenvolveram vantagens genéticas para uma melhor termorregulação, o que pode minimizar o impacto do estresse térmico no desempenho reprodutivo. Portanto, a seleção genética focada na tolerância ao calor emerge como uma estratégia valiosa para melhorar os resultados reprodutivos sob condições de altas temperaturas. Este estudo visa ressaltar junto à comunidade acadêmica a vital importância do estresse térmico na reprodução animal, especialmente considerando o aumento da utilização de métodos como a transferência de embriões e a fertilização in vitro em todo o país. É crucial compreender as interações entre as condições climáticas, particularmente as variações sazonais, e os processos reprodutivos para otimizar o sucesso de todas as biotecnologias que vem crescendo muito em importância.

Palavras-chave: Estresse térmico, PIVE, reprodução animal.

O papel do carrapato *Amblyomma aureolatum* na epidemiologia da Febre Maculosa Brasileira: Revisão de literatura.

Maria Clara da Silva Arruda Pereira¹, Ana Livia Pereira Oliveira¹, Isabella Esteves Silveira¹, Laura Andrade de Oliveira¹, Aline Maria Andrade da Silva² & Priscilla Nunes dos Santos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Médica veterinária autônoma, Vassouras, RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

A febre maculosa, uma doença endêmica, é causada pela bactéria *Rickettsia rickettsii* e está presente no Brasil desde 1920. Nos últimos anos, tem sido observada em várias partes do país, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. A disseminação dessa doença está intimamente ligada à distribuição dos seus vetores, os carrapatos do gênero *Amblyomma*. Duas espécies foram identificadas em diferentes cenários: a espécie *A. sculptum*, a principal envolvida na epidemiologia da doença, predominante na região Sudeste, com cavalos e capivaras como principais hospedeiros tanto na fase imatura quanto na adulta. No entanto, conhecido como o “carrapato amarelo do cão”, o carrapato *A. aureolatum*, adaptado a climas amenos, apresenta importância nas áreas degradadas em que há fragmentos florestais. Em sua fase imatura é ectoparasita de aves passeriformes, como o Sabiá das Laranjeiras e o Olho-de-Fogo, com poucos registros de infestação em roedores silvestres. Na fase adulta, esse carrapato infesta carnívoros silvestres, porém, pode infestar cães domésticos, e também seres humanos. O acesso de cães e gatos a fragmentos de floresta pode representar um risco, pois podem transportar os carrapatos para as residências. Embora os carrapatos completem seu ciclo na mata, os humanos geralmente são infectados em suas próprias casas. Os cães geralmente não apresentam sintomas, mas podem desenvolver sinais clínicos. Ao contrário de outros carrapatos com padrões sazonais, a espécie *A. aureolatum* adulto pode ser encontrado parasitando hospedeiros em qualquer época do ano, possibilitando a transmissão da febre maculosa em qualquer estação. Outro aspecto relevante na transmissão da febre maculosa por *A. aureolatum* é que, ao se alimentar da pessoa, o carrapato se alimentou previamente em um hospedeiro, o que reativa a bactéria, pronta para infectar o organismo humano. Consequentemente, a transmissão por esse vetor específico pode ocorrer após apenas 10 minutos de alimentação no ser humano. O diagnóstico da febre maculosa é desafiador devido aos sinais clínicos pouco específicos, que se assemelham a outras doenças como leptospirose, dengue, meningoencefalite, zika, entre outras, dificultando sua detecção precoce. As estratégias de controle para o *A. aureolatum* no seu habitat natural não são muito eficazes, uma vez que esses carrapatos são encontrados em áreas de floresta onde o uso de produtos químicos não é aconselhável e em locais com baixa umidade relativa, como ambientes domésticos, sua presença é incomum. É importante manter os animais dentro de casa para evitar que entrem em contato com essas áreas de mata. Recomenda-se o uso de coleiras repelentes nos animais para prevenir infestações e é aconselhável utilizar roupas adequadas ao frequentar essas áreas, como roupas claras e botas, para detectar qualquer presença do vetor. Em caso de suspeita da doença, é crucial contatar as autoridades de saúde pública para uma investigação apropriada.

Palavras-chave: Carrapato-estrela, rickettsia, risco, vetores.

Ocorrência de alterações morfológicas em processos espinhosos vertebrais de equinos.

Karla Jorge Dantas de Oliveira¹, Fernanda de Almeida teixeira² & Erica Cristina Rocha Roier³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

²Docente de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário do ES – FAESA.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

Equinos atletas apresentam grande risco de lesões específicas em determinadas regiões do sistema locomotor e o tipo de lesão pode variar de acordo com categoria de esporte praticado e nível de desempenho desses animais. Os problemas no dorso associados à coluna vertebral são causas importantes de alterações no desempenho e comportamento do animal. A lombalgia é uma das causas principais para queda de desempenho atlético dos equinos. No entanto, ainda é pouco explorada, em função de vários fatores, como a deficiência no conhecimento da anatomia funcional da coluna vertebral toracolombar, a falta de informações a respeito da etiopatogenia das enfermidades e a dificuldade de acesso às estruturas anatômicas envolvidas por meio da palpação e imagens diagnósticas. O tamanho e a anatomia funcional complexa, em conjunto com a alta exigência da coluna vertebral toracolombar dos equinos na prática das modalidades atléticas os predispõem a lesões que podem levar à dor ou disfunções locomotoras. Alterações morfológicas que acometem os processos espinhosos vertebrais são também conhecidas como *Kissing Spines*, que é um dos distúrbios mais comuns em cavalos de esporte, sendo caracterizada por um estreitamento do espaço entre processos espinhosos e a modificação de suas margens dorsais. A localização mais comum da lesão na região torácica está no segmento entre T10-T18 e entre L1-L6 no segmento lombar. Tivemos como objetivo avaliar a presença de *kissing spines* nos equinos. Foram avaliados dez animais estabulados no Jockey Clube do Espírito Santo, de duas modalidades esportivas diferentes sendo elas tambor (cinco animais) e salto (cinco animais). Todos animais incluídos no presente estudo tinham idade superior a 5 anos e foram submetidos a um exame dos parâmetros vitais, com aferição das frequências cardíaca (FC) e respiratória (FR), temperatura retal (TR), tempo de perfusão capilar (TPC) e inspeção das mucosas aparentes, além de exame físico estático dirigido ao dorso, mais especificamente à região toracolombar, tendo sido realizada a inspeção e palpação e, seguidamente, executados testes de mobilidade de flexão, extensão e lateroflexão, seguido do exame físico, em cada um dos equinos foi realizado um exame radiográfico das vértebras da região da cernelha da T3 a T11, e toracolombar, precisamente de T11 a T18. As imagens radiográficas foram obtidas sem sedação dos animais, estando estes em estação, com os membros bem apoiados no chão e paralelo entre si e a cabeça e pescoço para frente, alinhados com o corpo, numa posição neutra. Realizaram-se, então, a cada animal na região toracolombar uma projeção lateral e uma projeção lateral oblíqua e sempre que necessário repetiram-se as mesmas, de modo a que permitissem visualizar as estruturas com definição, para um correto diagnóstico. O exame radiográfico da região toracolombar quanto da região da cernelha, buscou avaliar a ocorrência de *kissing spines*. No entanto, nenhum animal apresentou lesão radiográfica característica dessa afecção. No término deste estudo, podemos afirmar que alterações localizadas na coluna de equinos atletas são comumente encontradas, porém em nenhum dos animais avaliados utilizados foi possível identificar lesões compatíveis com *kissing spines*.

Palavras-chave: Equinos, *kissing spines*, lesões em coluna, ortopedia.

Ocorrência de *Brucella canis* em seres humanos: Revisão de literatura.

Aline Maria Andrade da Silva¹, Jackeline Faria Souza¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos², Maria Clara da Silva Arruda Pereira² & Renata Vitória Campos Costa³.

¹Médica veterinária autônoma, Vassouras – RJ, Brasil.

²Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

Resumo

A brucelose canina é uma doença infectocontagiosa de natureza crônica e que afeta cães domésticos e canídeos selvagens, causada pela bactéria *Brucella canis*, que possui caráter zoonótico e de grande ocorrência mundial, sendo listada pela Organização Mundial da Saúde como uma das zoonoses negligenciada na atualidade. Estima-se que por ano ocorra cerca de meio milhão de novos casos de brucelose humana pelo mundo, sendo cerca de 1% causados pela *Brucella canis*, mas estima-se que os números relatados sejam menores que na realidade, pelo fato de muitos casos serem subdiagnosticados. A infecção em cães ocorre pela porta de entrada oronasal através do contato com secreções ou tecidos contaminados, ou pela cópula natural. Nos humanos a brucelose canina pode ser adquirida pela via oronasal, através do contato com secreções contaminadas, sendo considerada uma doença ocupacional, onde profissionais como médicos veterinários, tratadores de animais e microbiologistas podem ser infectados. Nos cães a infecção pode ser assintomática, ou apresentar sinais clínicos em fêmeas como o aborto no terço final da gestação, e em machos, epididimite, prostatite e infertilidade. Nos seres humanos os sinais clínicos são inespecíficos, e incluem sinais respiratórios, complicações no sistema nervoso e cardíaco, e na musculatura esquelética. O diagnóstico da brucelose é feito a partir de exames laboratoriais, como isolamento, testes bioquímicos e Reação em cadeia de polimerase (PCR), sendo importante salientar que no método de isolamento podem ocorrer resultados falsos negativos por apresentar baixa sensibilidade, enquanto na PCR possui maior sensibilidade para diagnóstico desta patologia. O tratamento em cães é realizado com antibioticoterapia associada à castração, com intuito de eliminar secreções genitais e a transmissão venérea, apesar de que esses cuidados não excluem totalmente a possibilidade do animal permanecer como fonte de infecção para outros animais e humanos. Em algumas situações pode ser aconselhada a eutanásia desses animais, devido ao período prolongado do tratamento e pelas recidivas. No homem o tratamento feito com associações de antibióticos específicos, é eficiente. Não existe nenhuma vacina para brucelose canina, sendo as medidas de controle a realização de testes de triagem em canis suspeitos de terem a infecção, tratamento ou eutanásia de cães infectados e eliminação da bactéria no ambiente. Outras medidas também incluem a distribuição de materiais educativos sobre o potencial zoonótico que esta doença possui, educando os tutores sobre as opções para o manejo de cães positivos para brucelose, e uso de equipamentos de proteção individual. A brucelose é uma doença endêmica em boa parte do mundo, o que torna necessário aplicação de medidas de controle mais precisas, conscientização da população, melhoras nos métodos diagnósticos, assim como estudos para formulação de vacinas eficientes.

Palavras-chave: *Brucella canis*, brucelose, doença ocupacional, saúde pública, zoonose.

Orquiectomia em touro Nelore utilizando abraçadeira de nylon para ligadura do plexo pampiniforme: Relato de caso.

Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Michelle Louise do Carmo Paresque¹, Marcela Magno dos Reis Barcelos¹, Leila Cardozo Ott² & Pedro Henrique Evangelista Guedes³.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

Resumo

A pecuária no Brasil desempenha um papel crucial no equilíbrio comercial, pois o país lidera as exportações mundiais de carne bovina. Para isso, são implementadas estratégias que aprimoram o rendimento do gado de corte, sendo a orquiectomia uma prática convencionalmente adotada em diferentes modelos de criação. Animais castrados têm um maior desenvolvimento da musculatura posterior, onde se encontram os cortes nobres, proporcionando um aumento da cobertura de gordura e acabamento de melhor qualidade da carcaça, viabilizando melhor a precificação nos frigoríficos. Este relato descreve a realização de uma orquiectomia empregando a abraçadeira de nylon (lacre de nylon) como alternativa para a ligadura do plexo pampiniforme/funículo espermático. O procedimento ocorreu em um touro Nelore, de 550 kg e 3 anos de idade, em uma propriedade de gado de corte em Paraíba do Sul – RJ. O animal apresentava boas condições físicas e, após avaliação da bolsa escrotal, foi contido em tronco e sedado com xilazina 2% na dose de 0,05mg/kg, via intramuscular (IM). Com o auxílio de cordas, o touro foi posicionado em decúbito lateral esquerdo, com membros posteriores e um dos membros anteriores atados. Na antisepsia, foi utilizada solução de água com amônia quaternária, realizando uma limpeza minuciosa da bolsa escrotal e áreas circundantes. Para bloqueio anestésico local, aplicou-se 5mL de lidocaína em cada ponto (5mL via perineural em cada funículo e 5mL em cada testículo), totalizando 20mL. Foi realizada uma incisão com bisturi na pele do ápice do escroto (ponto mais distal), seguida de incisão na túnica dartos, túnica parietal e túnica vaginal, permitindo exposição dos testículos. O funículo espermático foi tracionado manualmente e dissecado com auxílio da pinça hemostática para aplicação da abraçadeira de nylon em meia distância entre o polo proximal do testículo e o anel inguinal externo. Após a ligadura, procedeu-se o corte do cordão espermático com bisturi. O procedimento foi repetido da mesma maneira no testículo contralateral. A abraçadeira de nylon emergiu como uma solução viável para a orquiectomia em bovinos, oferecendo uma hemostasia preventiva eficaz, facilitando uma execução rápida e eficiente do procedimento, pois seu sistema de travas, evita o afrouxamento do dispositivo, tornando esse método mais prático a campo. Como toda cirurgia a campo tem seus riscos, foi necessário adotar alternativas para evitar ao máximo infecções bacterianas, como a higienização da área cirúrgica antes e após o procedimento, além da administração de antibacteriano oxitetraciclina (Terramicina® LA -Zoetis) na dosagem de 1mL para cada 10Kg de peso, por via IM, em dose única. Ademais, foi utilizado meloxicam associado à dipirona (Prador®, JA Saúde Animal), na dose de 1mL para cada 20Kg de peso, IM, por 5 dias, para controle da dor e inflamação. Localmente usou-se spray prata como cicatrizante e repelente, por 7 dias. O animal deste relato apresentou bons sinais de recuperação. Conclui-se que a abraçadeira de nylon na orquiectomia é uma excelente alternativa, tornando o procedimento rápido e seguro.

Palavras-chave: Bovinocultura, castração, cirurgia a campo, funículo espermático, hemostasia.

Os efeitos da crioterapia na miosite equina: Revisão de literatura.

Ana Livia Pereira Oliveira¹, Isabella Esteves Silveira¹, Maria Clara da Silva Arruda Pereira¹, Laura Andrade de Oliveira¹, Gabriel Leal do Nascimento¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

A fisioterapia é uma prática importante para equinos atletas, sendo necessária em casos de recuperação de lesões, manutenção do sistema musculoesquelético, prevenção do agravamento de lesões e melhora do condicionamento físico. Nesse sentido, existem diferentes técnicas fisioterápicas que podem auxiliar esse trabalho de tratamento e prevenção, entre elas, a crioterapia. Este procedimento consiste no controle algico e diminuição e/ou total prevenção da hipóxia secundária a processos inflamatórios, a partir da aplicação local de compressa com gelo ou imersão da região em baldes contendo água e gelo. Este processo irá promover a redução da temperatura do tecido afetado. A crioterapia deve ser preferencialmente utilizada durante os cuidados de lesões agudas pois, diferente dos casos crônicos, há um processo inflamatório inicial, espasmos musculares e má oxigenação dos tecidos em razão da inflamação e dor. Miosite é um termo utilizado para definir reações inflamatórias e degenerações, causadas por traumatismo direto ou indireto no músculo, sendo acompanhadas por claudicação variando de leve a grave, edema, calor e dor durante a palpação. As miosites são geralmente observadas em cavalos de trabalho ou de esporte, submetidos a intenso trabalho muscular. Em geral, esse tipo de afecção é resultado de trabalho inadequado, em que o animal após um período de inatividade sem alteração na alimentação, é submetido a exercício de média a alta intensidade, de forma abrupta. Esta doença, chamada de “Mal da Segunda Feira” pode ocorrer também em animais que participam de provas de resistência, o que gera um esgotamento dos estoques de glicogênio, sendo agravado em animais ansiosos e estressados. O papel da crioterapia nestes casos é promover a redução do calor e do edema provocado pela lesão e inflamação no tecido muscular. Esta terapia associada a massagens pode ser mais eficaz reduzindo o tempo de convalescença do animal, já que reduz a inflamação, o acúmulo de líquidos nos tecidos, a elevação da temperatura, a dor e a dificuldade dos movimentos, causada pelo conjunto de sintomas apresentados.

Palavras-chave: Equinos, fisioterapia, lesões, reabilitação, terapias alternativas.

Os impactos na reprodução de bovinos causados pelo BVDV.

Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Letícia Vitória das Chagas¹, Igor Emanuel de Oliveira Ferreira¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹ & Renata Fernandes Ferreira Moraes².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

O vírus da Diarreia Viral Bovina (BVDV) pertence à família *Flaviviridae* do gênero *Pestivirus*, possuindo uma relação também com os vírus da Peste Suína Clássica e o vírus da Doença das Fronteiras em ovinos. Estes vírus geralmente são pequenos e envelopados, contendo uma molécula de RNA linear, fita simples e polaridade positiva. Uma das principais formas de transmissão são os animais persistentemente infectados (PI), sendo o ponto chave epidemiológico da perpetuação e disseminação do vírus, entretanto a transmissão pode ocorrer de maneira direta, através do contato entre os focinhos, ou indireta, através do contato do focinho com secreções/excreções (como leite e fezes) ou pelo contato com fetos abortados ou placentas. O vírus geralmente multiplica-se em tecidos linfoides e atinge a corrente sanguínea, sendo comumente detectado altas concentrações em vias aéreas e órgãos como baço e linfonodos. Alguns dos sinais clínicos observados são lesões na cavidade oral, pneumonias, gastroenterite e lesões no trato gastrointestinal. Um dos fatores que contribui ativamente para o impacto econômico, é a presença da diarreia profusa e erosões na mucosa intestinal, aumentando o índice de mortalidade em bezerros acometidos. A virose pode acometer todo o rebanho, além de diversas espécies de animais, como suínos, coelhos ou bubalinos. O diagnóstico pode ser feito através de exames clínicos, técnicas de necropsia, ELISA e RT-PCR, entretanto, é necessário realizar o diagnóstico diferencial para outras enfermidades, como Brucelose e Leptospirose. O vírus, além de causar danos para a saúde do animal, é responsável por vários problemas reprodutivos em bovinos. Dependendo do momento da gestação em que a fêmea adquira o vírus, ela pode vir: I) a ter quadros de infertilidade, morte ou reabsorção fetal, pois o vírus possui a capacidade de atravessar a barreira placentária; II) gerar animais PI; III) gerar animais com defeitos congênitos ou fetos malformados, podendo vir à óbito em poucas horas; IV) apresentar repetição do cio; e V) reter a placenta. Os machos, tanto PI quanto com vida ativa, em quadros agudos, apresentam redução da motilidade do sêmen e da densidade, e um aumento de espermatozoides. Além disso, observou-se que o vírus pode persistir no sêmen em até 3 anos após a infecção, gerando um quadro de hipoplasia testicular em animais PI. Visando evitar esses transtornos, o controle da infecção pode ser realizado com vacinação, geralmente recomendado para rebanhos com alta rotatividade de animais, com soropositivo ou doenças clínicas e abortivas que remetam ao BVDV, e sem vacinação, recomendado para rebanhos com baixa rotatividade de animais ou fechados, porém vacas prenhes e bezerros devem ser especialmente testados, por serem grandes formas de introdução do vírus no rebanho. Como bibliografia foi utilizada última edição do livro *Virologia Veterinária* do autor Eduardo Furtado Flores (2017), livro base de estudo consagrado da disciplina. Concluímos que fazer o diagnóstico precoce da BVDV é importante para que ocorra o manejo correto previamente ao aparecimento dos sinais clínicos, prevenindo uma maior disseminação entre o rebanho e podendo assim evitar casos como de animais persistentes infectados, levando ao uso da vacina gerando mais segurança.

Palavras-chave: Esquema de vacinação, gado bovino, prenhez, reprodução, Vírus da Diarreia Viral Bovina.

Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) bilateral em cão: Relato de caso clínico-cirúrgico.

Guilherme Reis Carneiro¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Lucas Baptista Motta¹, Thiago Guerra Ferreira¹, Lucas Camargo de Paula¹ & Ana Carolina de Souza Campos².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

Resumo

A cirurgia de osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) é comumente executada na área da ortopedia veterinária, devido à forte incidência de lesões do ligamento cruzado cranial (LCCr) por processos traumáticos e degenerativos, estando intimamente associados à idade e porte do animal. A estabilidade passiva da articulação do joelho é mantida principalmente pelo LCCr, de forma que a perda da sua integridade pode resultar na sub-luxação da tibia conforme a articulação é submetida a carga, além de sua rotação interna, devido à característica e conformação anatômica e biomecânica tibial. O diagnóstico é majoritariamente clínico, e pode ser baseado por meio da interpretação de manobras, como o teste de gaveta, o teste de compressão tibial e a rotação interna da tibia. Foi atendido uma cadela da raça Labrador Retriever, não castrada, de 3 anos apresentando claudicação de ambos os membros pélvicos com início após um episódio traumático. Diante dos sinais clínicos apresentados, realizou-se o teste de gaveta cranial e o teste de compressão tibial que foram positivos, confirmando o diagnóstico de ruptura do LCCr em ambos os membros pélvicos. Após, foi indicada a resolução cirúrgica por meio da TPLO bilateral, tendo como finalidade a correção da angulação do platô tibial, proporcionando uma resultante de forças neutra ao animal apoiar carga sob os membros, resultando na cessão do deslocamento cranial da tibia. Para avaliação do risco cirúrgico e de possível degeneração da articulação e do planejamento cirúrgico foram requisitados os exames de hemograma, bioquímica sérica (creatinina, uréia, alanina aminotransferase, aspartato aminotransferase, fosfatase alcalina e glicose) e radiografias em incidência anteroposterior, lateral e médio lateral em região femorotibiopatelar para ambos os membros acometidos. Durante a avaliação clínico-física notou-se que a cadela se apresentava em sobrepeso, sendo esse um fator predisponente para a sobrecarga dos LCCr, tendo sido a possível causa dos rompimentos ligamentares. Esse rompimento de maneira bilateral e simultâneo não se mostra comum no ramo da ortopedia veterinária, do mesmo modo que a correção cirúrgica bilateral também não ocorre com frequência, porém a técnica se fez necessária para minimizar danos articulares decorrentes da instabilidade causada pela lesão do ligamento cruzado cranial. Calculou-se o ângulo de rotação do platô tibial, devendo este estar entre 0 e 8 graus. Para o acesso cirúrgico foi realizada uma incisão sob a articulação femorotibiopatelar medialmente, movimentando as estruturas musculares em direção aos bordos da incisão para ampliação do campo cirúrgico. Em sequência, foi realizado o corte da cabeça da tibia com o auxílio da serra oscilatória, e foi realizada a rotação da estrutura óssea cortada a fim de ajustar a angulação. Por fim, foi realizada a fixação temporária utilizando pino de steinmann (anti-rotacional) de modo a evitar a perda da rotação realizada na tibia distal, e por conseguinte a fixação permanente para a osteossíntese por meio de placa bloqueada (Sistema 3,5, tamanho P da marca New Vet). O procedimento foi realizado em ambos os membros em uma única abordagem cirúrgica, a fim de otimizar a recuperação e evitar submeter a paciente a uma nova intervenção cirúrgica. A paciente apresentou pronta recuperação, se adaptando bem ao processo cirúrgico, foi indicado recuperação com auxílio de fisioterapia, inicialmente visando a formação de fibrose utilizando-se laserterapia durante a primeira semana, e posteriormente técnicas para manutenção da massa muscular e fortalecimento gradual dos membros acometidos.

Palavras-chave: Cirurgia ortopédica, platô tibial, ruptura do ligamento cruzado cranial, TPLO.

Peritonite Infecciosa Felina (PIF): Revisão de literatura.

Luana Costa Ferreira¹, Augusto Ramos Saar¹; Caio Fachini Lopes de Almeida¹; Cecília Torres Alves¹; Mel da Matta do Carmo¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ.

Resumo

O presente estudo visa apresentar uma revisão de literatura da doença Peritonite Infecciosa Felina (PIF), este acometido pelo coronavírus felino sob a forma dos sorotipos I e II e dos biótipos Coronavírus Entérico Felino (FECV) e vírus da Peritonite Infecciosa Felina (FIPV), com destaque aos métodos de tratamento que tem sido presente na rotina clínica nos últimos anos. Exemplificando a utilização do análogo de nucleocapsídeo GS-441524, conhecido também como “GS”, tratamento este que era inviável a poucos anos atrás que trouxe consigo um prognóstico favorável de muitos pacientes felinos. Desta forma, objetivou-se com o trabalho transmitir dados obtidos de referências bibliográficas recentes, com o intuito de aprimorar os conhecimentos gerais e proporcionar atualizações sobre a PIF. Um estudo realizado com 307 gatos tratados com GS-441524 ou remdesivir legal “antiviral injetável”, muito comum na clínica. Os gatos eram 63% de raça pura, 52% com menos de 12 meses e 63% eram machos. Os sinais clínicos foram inespecíficos, na maioria dos casos apresentavam letargia, inapetência e perda de peso. Os sinais clínicos específicos foram sinais neurológicos, sinais oculares, icterícia e distensão abdominal. Maior parte desses gatos tinham PIF efusiva onde 77% deles apresentaram um derrame abdominal. Em 80% dos gatos foi vista uma resposta completa e apenas 9% não tiveram respostas, isso por conta dos sinais neurológicos mais severos e sepses. Um pequeno grupo desses animais teve uma recaída durante e ao final do tratamento. Algumas anormalidades patológicas foram vistas como elevação leve de alanina transaminase em □ dos gatos, elevação de fosfatase alcalina era menos comum e raro o aumento da creatinina. No exame hematológico foi visto eosinofilia e linfocitose. A hipotensão após a aplicação do remdesivir ocorreu com pouca frequência. Assim sendo, gatos com o tratamento de GS-441524, apresentaram boa resposta em relação a pirexia, derrames e bilirrubinemia, já a anemia apresentou um pouco mais de demora na sua resposta e a hipercoagulabilidade foi a resolução mais lenta. Documentado que a sobrevivência a longo prazo é possível e o tratamento é altamente eficaz. Ao contrário do GS, o remdesivir tem baixa disponibilidade oral, e para isso, em gatos sua via de aplicação é intravenosa lenta, com terapia de suporte. Desta forma o tratamento com ambos medicamentos, é inicialmente recomendável, por um período mínimo de 12 semanas. Caso paciente apresentar facilidade em aceitar medicação por via oral, inicialmente é recomendável somente utilizar o GS, todavia, gatos muito doentes se beneficiam do remdesivir, já que a aplicação oral pode ser um desafio, além de apresentar resposta clínica rápida e melhora do apetite, facilitando a adesão. Se é recomendável administrar o GS com o estômago totalmente vazio, para que assim haja maior biodisponibilidade, porém, o uso de petiscos associados ao medicamento não acarretou numa resposta clínica reduzida. Deve-se interromper o tratamento com GS, após o paciente apresentar-se clinicamente normal e todos os seus parâmetros laboratoriais estarem normalizados. As taxas de respostas positivas são altas, entretanto, a forma neurológica e os gatos muito doentes continuam sendo difíceis de tratar, apresentando respostas e recaídas fracas, após a descontinuação do medicamento antiviral.

Palavras-chave: Felinos domésticos, GS-441524, Peritonite Infecciosa Felina, remdesivir, tratamento.

Perspectivas sobre a utilização do plasma rico em plaquetas na medicina veterinária reprodutiva.

Amanda Alfeld Belegote¹, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino², Thiago Luiz Pereira Marques³, Pedro Henrique Evangelista Guedes⁴, Erica Cristina Rocha Roier³ & Ana Paula Martinez de Abreu³.

¹Discente do Programa de Mestrado profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A utilização do plasma rico em plaquetas (PRP) tem apresentado resultados surpreendentes em diversas áreas da saúde, principalmente dentro da medicina regenerativa, esportiva, dermatologia e odontologia. Isso se deve as suas propriedades regenerativas, anti-inflamatórias e cicatriciais. A obtenção do PRP ocorre através da concentração do plasma do sangue autógeno do paciente, que após centrifugada forma o plasma pobre em plaquetas e plasma rico em plaquetas, sendo o último utilizado para fins terapêuticos. Além das propriedades já citadas, outros componentes atuam juntamente do PRP, como os leucócitos, fatores de crescimento e fatores de coagulação. Em função disto, as possibilidades de aplicação do PRP têm sido amplamente estudadas, uma vez que há uma carência de estudos que abordem sua utilização em outras áreas da saúde, principalmente dentro da medicina veterinária, a qual até o presente momento, vem sendo utilizado como tratamento coadjuvante em casos de lesões articulares e também dentro da medicina reprodutiva em equinos. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica utilizando publicações nacionais e internacionais na área de ciências da saúde, visando buscar a aplicabilidade do plasma rico em plaquetas na medicina reprodutiva de bovinos. Como resultado desta busca, foi possível observar que ainda há uma escassez de estudos que comprovem a eficácia da utilização do PRP dentro da medicina veterinária reprodutiva, tornando-se necessária a realização de projetos que explorem sua aplicabilidade na eficiência reprodutiva e o tempo de vida reprodutiva dos animais, principalmente da espécie bovina, em função da sua importância dentro do cenário econômico mundial. A utilização do plasma rico em plaquetas na reprodução bovina pode ser de grande valia em diversos casos, como na recuperação uterina em casos de endometrite, no auxílio da recuperação do tecido ovariano após o procedimento de aspiração folicular, etapa principal da produção in vitro de embriões e na melhoria da qualidade de oócitos, aumento da taxa de conversão embrionária e na qualidade dos embriões produzidos. Diante dos fatos mencionados, o emprego de biotecnologias reprodutivas como a produção in vitro de embriões, agrega mais valor zootécnico às raças e a utilização de uma técnica inovadora como o plasma rico em plaquetas, como um componente de fácil obtenção e que não traz riscos de efeitos adversos ou toxicidade para o animal torna ainda mais evidente a necessidade de mais estudos que contribuam com a comunidade acadêmica acerca deste tema.

Palavras-chave: Bovinos, medicina reprodutiva, plasma rico em plaquetas, reprodução bovina.

Pneumotórax não traumático em cão: Relato de caso decorrente de enfisema pulmonar.

Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹, Hanna Barbosa Pinheiro¹, Lana Costa de Queiroz¹, Lara dos Santos Gomes¹, Marcela Larissa de Almeida Costa¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O pneumotórax não traumático é uma condição incomum em cães, geralmente associada a doenças pulmonares subjacentes, como enfisema, este caracterizado pela distensão anormal e destruição dos alvéolos pulmonares, levando à retenção de ar nos tecidos pulmonares. A presença de ar na cavidade pleural resulta em pneumotórax, causando dispneia aguda e desconforto respiratório nos pacientes. Neste relato de caso, descrevemos um paciente canino com pneumotórax não traumático decorrente de enfisema pulmonar. Um cão macho, da raça Labrador Retriever, com seis anos de idade, foi encaminhado à clínica veterinária devido a episódios recorrentes de dispneia aguda e desconforto respiratório. No exame físico inicial, o paciente apresentava taquipneia, aumento do esforço respiratório e cianose de mucosas. **A** Ausculta pulmonar revelou diminuição dos murmúrios vesiculares e hipersonoridade à percussão torácica. Exames complementares, incluindo radiografia torácica e ultrassonografia, foram realizados para avaliar a causa da dispneia. A radiografia torácica revelou a presença de ar na cavidade pleural, bilateralmente, acompanhada de padrão pulmonar reticulonodular difuso. A ultrassonografia confirmou a presença de pneumotórax e evidenciou a presença de enfisema pulmonar difuso, com aumento da ecogenicidade pulmonar e hiperinsuflação. Com base nos achados clínicos e de imagem, o diagnóstico de pneumotórax não traumático decorrente de enfisema pulmonar foi estabelecido. O paciente foi submetido à drenagem torácica para remover o ar acumulado na cavidade pleural e à oxigenioterapia para melhorar a oxigenação tecidual. Além disso, foi iniciado tratamento medicamentoso para o manejo do enfisema pulmonar, incluindo broncodiladores e corticosteroides. Após o tratamento, o paciente apresentou uma melhora significativa nos sinais clínicos de dispneia e desconforto respiratório. O acompanhamento radiográfico demonstrou resolução gradual do pneumotórax e melhora na aeração pulmonar, indicando uma recuperação favorável do paciente. O diagnóstico e manejo de pneumotórax não traumático em cães são desafios clínicos devido à raridade da condição e à variedade de doenças pulmonares associadas. De acordo com estudos de Johnson et al. (2015), o enfisema pulmonar é uma das causas comuns de pneumotórax não traumático em cães, resultando da distensão anormal dos alvéolos e acúmulo de ar nos tecidos pulmonares. Além disso, estudos de Jones et al. (2018) destacam a importância da drenagem torácica e da oxigenioterapia no manejo agudo de pneumotórax em cães, visando à remoção do ar da cavidade pleural e à melhora na oxigenação tecidual. O tratamento medicamentoso, incluindo broncodiladores e corticosteroides, desempenha um papel importante no controle do enfisema pulmonar e na prevenção de recorrências de pneumotórax. Este relato de caso ressalta a importância do diagnóstico precoce e do manejo adequado de pneumotórax não traumático em cães, especialmente quando associado a enfisema pulmonar. A abordagem terapêutica, incluindo drenagem torácica, oxigenioterapia e tratamento medicamentoso, pode resultar na recuperação favorável e melhora na qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Cão, dispneia, enfisema, pneumotórax.

Pontas excessivas de esmalte dentário em equinos: Um desafio odontológico.

Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Manuely Rufino Nonato², Aline Maria Andrade da Silva² & Pedro Henrique Evangelista Guedes³.

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica veterinária autônoma, Vassouras-RJ.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A odontologia equina está se tornando cada vez mais importante na prática clínica e esse crescimento ocorre devido a importância de prevenir afecções que possam acometer a cavidade oral dos equinos, como as lesões nos tecidos moles que dificultam a mastigação e posterior prejuízo ao seu desempenho. As pontas excessivas de esmalte dentário são alterações proeminentes causadas pelo desgaste desigual, principalmente dos dentes pré-molares e molares desses animais, ocasionando lesões ulceradas, má trituração dos alimentos, digestão demorada, perda de peso gradual e tendência ao quadro de cólica, além de alterações comportamentais como, por exemplo, movimentos intensos e frequentes com a cabeça, rejeição de bridão ou freio, refugo ao virar para os lados e baixo desempenho, o que dificulta o seu manejo. Foram investigados diversos parâmetros para evidenciar os benefícios dos cuidados odontológicos em equinos, a fim de proporcionar alívio após a correção, nítida melhora na mastigação e, conseqüentemente, na trituração do alimento, o que auxilia a digestão e absorção dos nutrientes fundamentais ao animal. O exame é realizado visualmente e com o passar o dedo indicador sobre a mesa dentária, junto a sua face lateral, para identificar as formações puntiformes. O tratamento dessa enfermidade exige que o médico veterinário tenha materiais específicos como o espéculo oral, fotóforo, canetas odontológicas e um motor que gere força ideal para retificar o problema sem o risco de desgastar os dentes além do necessário e garantir assimetria de forma natural, permitindo a excursão lateral da mandíbula. Após o tratamento é notória a melhora do escore de condição corporal e do desempenho em suas atividades, favorecendo, assim, o bem-estar e longevidade do equino.

Palavras-chave: Bem-estar, cavalo, dentes, desempenho atlético, odontologia.

Prevalência de endocardiose de válvula mitral em cães de grande porte: Um estudo retrospectivo.

Aline Maria Andrade da Silva¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos², Jackeline Faria Souza¹, Maria Clara da Silva Arruda Pereira², Ricardo Antônio de Souza Nascimento² & Mário dos Santos Filho³.

¹Médica veterinária autônoma, Vassouras – RJ, Brasil.

²Discente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A endocardiose é uma patologia cardíaca degenerativa comumente observada em cães, caracterizada pelo espessamento das margens da valva mitral, levando à disfunção valvular e ao refluxo sanguíneo, culminando em insuficiência cardíaca congestiva. Essa condição é mais prevalente em raças de pequeno porte, como Poodle Toy, Chihuahua, Pinscher, Fox Terrier, Boston Terrier, entre outras, e está associada ao envelhecimento. Foram revisados os prontuários de todos os cães de grande porte atendidos na clínica veterinária entre janeiro de 2020 e dezembro de 2023, os dados foram coletados dos prontuários dos pacientes e incluíram informações sobre raça, idade, sexo, presença de sopro cardíaco, sintomas clínicos, exames complementares e diagnóstico de endocardiose de válvula mitral. Um total de 150 cães de grande porte foram incluídos no estudo, a prevalência de endocardiose de válvula mitral foi de 20% nesta população. As raças mais representadas foram Labrador Retriever (30%), Golden Retriever (20%), Pastor Alemão (15%), Rottweiler (10%) e Doberman (10%). Entre os cães diagnosticados com endocardiose, 70% apresentavam sopro cardíaco e 30% eram assintomáticos. Os resultados deste estudo revelaram uma prevalência significativa de endocardiose de válvula mitral em cães de grande porte, indicando que essa condição não está limitada apenas a raças de pequeno porte. A predominância de raças como Labrador Retrievers, Golden Retrievers e Pastores Alemães entre os cães incluídos no estudo sugere uma possível predisposição genética a essa condição em determinadas linhagens. Este estudo demonstrou uma prevalência significativa de endocardiose de válvula mitral em cães de grande porte, enfatizando a importância da vigilância clínica e do diagnóstico precoce, visto que é uma doença de alta ocorrência nos cães e que pode ser fatal.

Palavras-chave: Cardiopatia, doença genética, endocardiose, raças grandes, válvula mitral.

Prevalência do diagnóstico citopatológico de mastocitoma na Clínica de Ensino Veterinário da Universidade Federal de Juiz de Fora — Estudo retrospectivo.

Chrystian Batalha de Carvalho¹, Carolina Viana Lima¹, Júlia Vignoli Guzella Barbosa Leite¹, Roberta Venancio Nunes da Silva¹, Nathalia de Oliveira Gomes¹ & Eduardo Borges Viana².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Juiz de Fora-MG.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Juiz de Fora-MG.

Resumo

O mastocitoma é uma neoplasia de origem mesenquimal e caráter maligno, classificada como tumor de células redondas, frequente na clínica veterinária de pequenos animais, resultado de uma proliferação celular desordenada na medula óssea e no tecido conjuntivo. Considerado o segundo tumor cutâneo mais comum em cães, pode atingir os animais em qualquer faixa etária, mas, principalmente, entre 8 e 9 anos. As formas mais comuns de manifestação dessa neoplasia são nódulos acompanhados de úlceras e granulomas. A etiologia do mastocitoma é incerta, mas pode resultar de uma combinação de fatores, incluindo inflamação crônica, exposição a carcinógenos locais, dermatites, lesões persistentes e predisposição genética. O objetivo do estudo foi determinar a prevalência de mastocitoma na rotina de diagnóstico citopatológico da Clínica de Ensino do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), correlacionando idade, raças, sexo e sítios anatômicos de apresentação das lesões no período de 4 anos. Foram revisados os arquivos de laudos do setor de Citopatologia do Laboratório de Patologia e Histologia Veterinária (LPHvet) da UFJF referentes aos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023, revelando 154 casos caninos dos quais 62 (40,25%) possuíam idade igual ou superior a 7 anos e apresentavam diagnóstico de neoplasia, sendo 35 fêmeas (22,72%) e 27 machos (17,53%). Dentre os 62 casos considerados, foram encontrados 11 diagnósticos para mastocitomas (7,14%), sendo 6 em fêmeas (3,89%) e 5 em machos (3,24%). Os cães sem raça definida (SRD) apresentaram com maior frequência o aparecimento de mastocitomas; durante o período analisado, dos 11 casos registrados, 5 ocorreram em cães SRD (3,24%). Os outros 6 casos ocorreram em animais de raça definida, sendo 1 caso em Bulldog Inglês (0,65%), 1 em Schnauzer (0,65%), 1 em Boxer (0,65%), 1 em Pinscher (0,65%), 1 em Labrador (0,65%) e 1 em Pitbull (0,65%). A localização anatômica destas neoplasias se deu, majoritariamente, nos membros pélvicos e região do tronco, seguido por região perineal e genital, região do pescoço e baço, sendo importante pontuar que alguns animais apresentavam mastocitomas em mais de um sítio. Desta forma, foi observado neste breve estudo que o mastocitoma emergiu como a segunda neoplasia maligna de principal ocorrência durante o período investigado dentre os arquivos de laudos colhidos pelo LPHvet, perdendo apenas para os carcinomas. No entanto, é a principal neoplasia em cães com idade igual ou superior a sete anos, destacando também sua elevada incidência tanto em machos quanto em fêmeas e em cães SRD. Notavelmente, o mastocitoma não apresenta uma localização anatômica específica, afetando principalmente os membros pélvicos e tronco. Contudo, é crucial salientar a necessidade de uma investigação mais abrangente para determinar a prevalência deste tumor na região de Juiz de Fora, assim como para melhor caracterizar o perfil dos pacientes afetados.

Palavras-chave: Cão, citologia, mastócito, neoplasia, tumores.

Projeto *Didelphis*: Uma jornada de conscientização e proteção dos gambás.

Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos², Mariana Cortes Alves¹, Ana Paula Martinez de Abreu³, Erica Cristina Rocha Roier³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O Projeto *Didelphis*, coordenado pela professora Dra. Renata Fernandes Ferreira de Moraes, desde 2022 tem como cerne o importante papel dos gambás na ecologia e na saúde dos ecossistemas. Muitas vezes subestimados, os gambás desempenham funções essenciais na natureza, incluindo a sua contribuição para a estrutura das comunidades de pequenos mamíferos e as suas complexas interações como hospedeiros de parasitas. Além de serem dispersores de sementes e monitores naturais de diversas populações, os gambás ajudam a repelir pragas como roedores, baratas, caramujos, carrapatos, cobras e escorpiões. O principal objetivo do projeto *Didelphis* é ampliar o conhecimento teórico e prático sobre a saúde da espécie *Didelphis aurita* comum na área de estudo. O projeto produz informações básicas para a conservação desses animais e seus habitats utilizando abordagens multidisciplinares que combinam métodos de biologia de conservação e medicina natural. Uma das principais estratégias do projeto é a criação contínua de conteúdos educativos e informativos na plataforma social Instagram[®] sobre diferentes aspectos da vida e da ecologia do gambá, feitos pelas alunas Renata Garcia Rentes dos Santos e Mariana Cortes Alves. Estes posts não só sensibilizam para a importância destes animais, mas também incentivam o público a participar na conservação. Ainda sobre informação, panfletos foram desenvolvidos e distribuídos em eventos como a Mostra de extensão do curso de Medicina Veterinária, que tem como objetivo informar e conscientizar a comunidade sobre diferentes ações e assuntos fundamentais para o desenvolvimento social do município de Vassouras. A contribuição deste estudo, que já é feito há 2 anos, é o conhecimento teórico e prático do monitoramento de saúde em populações de *D. aurita* de vida livre do município de Vassouras, recebidos no Hospital Veterinário da Universidade e informar a comunidade sobre sua importância ambiental. Já foram recebidos 100 animais, a maioria filhotes muito jovens, no marsúpio. A taxa de sobrevivência ainda é pequena (20%) mas espera-se que ao final dos 5 anos o sucesso de reintrodução desses animais seja maior e recebimento destes, menor. Este estudo gera informações básicas sobre a espécie através de ações interdisciplinares, dentro do escopo da Biologia da Conservação e da Medicina da Conservação.

Palavras-chave: Conscientização, conservação, *Didelphis aurita*, ecossistema, gambás.

Rabdomiólise em equino atleta: Relato de caso.

Mylena Cunha Magalhães Cotrim¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A rabdomiólise é um processo inflamatório, de etiologia multifatorial, que acomete o tecido muscular de equinos, submetidos a esforços físicos após ficarem em repouso por longos períodos sendo alimentados com rações ricas em carboidratos. Além da sobrecarga de carboidratos, a hipóxia tecidual, a deficiência de tiamina, vitamina E e Selênio e o desbalanceamento eletrolítico podem desencadear a doença. Ocorre lise das células dos músculos esqueléticos e conseqüentemente a liberação de mioglobina e outras substâncias intracelulares para circulação. O caso a ser descrito é de um equino, mangalarga marchador, 3 anos, macho, alimentado com volumoso (capim, feno e alfafa), além de ração comercial energética a base de beterraba com 12% de proteína bruta (4 kg/dia). O animal já havia apresentado um episódio anterior de rabdomiólise quando ainda era potro, e no atual apresentou sinais de “travamento” da musculatura ao ser solto em seu piquete, após ser trabalhado montado, demonstrando muita sensibilidade dolorosa ao toque, sudorese intensa e relutância em se movimentar. Na avaliação clínica foi possível observar aumento do tempo de prega cutânea e ressecamento da mucosa oral, indicando desidratação. Na avaliação hematológica e bioquímica houve linfopenia e aumento na bilirrubina total e indireta. O animal foi submetido a tratamento composto por fluidoterapia venosa com soro Ringer com lactato e administração de anti-inflamatório não esteroideal Flunixin Meglumine (Banamine®) na dose de 1,1 mg/kg IV, que só foi administrado após correção hidroeletrólítica do animal. Após 18 litros de soro a urina do animal apresentava coloração escurecida, típica dos casos de rabdomiólise. Foram administrados mais 7 litros de soro e a urina apresentou, após esse período, coloração normal para a espécie, além disso foi possível verificar uma melhora no aspecto geral do animal. Para complementar o tratamento, o animal foi submetido à liberação miofascial com o auxílio de uma pistola de massagem. Para prevenir episódios futuros foi realizada alteração na dieta do animal, que anteriormente era composta por concentrado rico em energia, e alteração na rotina de exercícios, sendo estes realizados de forma mais regular e consistente, sem longos períodos de inatividade. Além disso foi adicionada suplementação com vitamina E e selênio que possuem efeito preventivo em lesão muscular induzida por radicais livres. No presente relato o diagnóstico foi baseado no histórico de alimentação e exercício do animal, assim como na avaliação dos parâmetros clínicos e laboratoriais. O tratamento instituído baseado em fluidoterapia, uso de anti-inflamatório não esteroideal e manipulação da musculatura com pistola de miorelaxamento mostrou-se eficaz nesse caso de rabdomiólise que foi um episódio leve, entretanto o tratamento depende da gravidade da afecção, sendo necessária a instituição de outros protocolos em casos mais graves. Até o momento o animal mantém-se sem alterações após modificação da dieta, atualmente 3 kg/dia de ração comercial e rotina de treinamento. Devido ao fato do animal ter apresentado dois episódios de miosite há a necessidade de um acompanhamento nutricional e físico frequente, assim como monitoramento da sua preparação atlética para as competições futuras.

Palavras-chave: Bilirrubina, dieta, lesão muscular, mioglobinúria, miopatia.

Radiografia como auxílio para tratamento de osteomielite em *Cavia porcellus* (porquinho-da-índia ou cobaia).

Natan Delazeri Gomes¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Ciências Médicas de Maricá, Maricá, RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Ciências Médicas de Maricá, Maricá, RJ.

Resumo

Osteomielite se trata de uma infecção mais focada na região da medula óssea, podendo ser caracterizada como aguda ou crônica, pode ter origem hematológica ou por meio de fraturas e pode afetar regiões adjacentes à medula. Neste caso, trata-se de um porquinho-da-índia (*Cavia porcellus*) e pelos sinais aparenta se tratar de uma osteomielite aguda, ao ser atendido, a anamnese feita relatou um histórico de apatia, perda de peso e não interação com outros animais da colônia. Na inspeção, foi observado a presença de descamação podal em membro pélvico direito, além da presença de um aumento na região da articulação tibiotársica, foi feita a radiografia e se notou a presença de lise óssea, reabsorção óssea e uma massa anormal de radiodensidade sugestiva de abscesso na porção distal tibiofibular, após esse exame foi feita a punção, a drenagem denota um líquido serosanguinolento. Posteriormente, foi feita uma fixação nessa articulação com o propósito de criar um artrodese O uso da imagem radiográfica foi crucial para se ter noção da gravidade e o que era possível fazer, a imagem esclareceu o quão avançado estava o quadro e estipular o melhor prosseguimento de acordo com o quadro geral.

Palavras-chave: *Cavia porcellus*, osteomielite, pets exóticos, porquinho-da-índia, radiografia.

Reabilitação de animais marinhos: Especificidades e importância - Revisão de literatura.

Sara Felício Freire¹, Fernanda Romão Reis¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Maria Eduarda Gonçalves Barbosa¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹ & Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A reabilitação da fauna selvagem envolve a realização de cuidados necessários aos animais resgatados, sejam eles órfãos, doentes ou feridos, até que estejam aptos à devolução para a natureza. Para que seja possível o resgate dos animais que careçam de tratamento, o alerta deve ser feito para entidades como a Polícia Marítima, a Guarda Nacional, os Bombeiros, o ICNF ou clínicas particulares. Acrescentando o fator de importância a ser considerado de que, dependendo da região, apesar do resgate ocorrer durante todo ano, há períodos em que a quantidade de animais que chega nas clínicas aumenta, como durante o inverno, muitos pinguins e tartarugas chegam ao mesmo tempo no centro de tratamento. É necessário realizar o resgate de maneira que cause menos stress ao animal, ou seja, deve ser feito de forma rápida e por pessoas qualificadas, para que, assim, não haja alteração no potencial de reabilitação do animal. Também é importante observar as especificidades de cada animal quanto a captura, pois, dependendo da espécie do animal, há individualidades e técnicas que podem facilitar a captura e impedir que mais ferimentos sejam ocasionados ao animal, por exemplo, a captura de tartarugas marinhas deve ser feita pela zona nugal da carapaça, caso contrário podem ocorrer fraturas e lesões por manejo inadequado, enquanto em aves essa contenção deve ser feita majoritariamente pelas asas e o uso de um pano para manter o animal desorientado em relação à sua visão. Ao chegar nos centros de reabilitação é preciso fazer a averiguação e registro do animal, efetuando a identificação, exames físicos e complementares, a fim de avaliar e diagnosticar o animal a respeito de seu estado clínico, que deve ser acompanhado durante seu processo de restabelecimento até sua soltura de volta na natureza. O processo de reabilitação de animais resgatados ocorre por meio de tratamentos e cuidados necessários, além de sua observação e preparação. Ao decorrer do processo a avaliação quanto ao estado clínico desses animais permanece sendo realizado observando, também fatores exógenos como enfermidade ou ferimento, sua evolução durante a reabilitação, protocolos utilizados, etc., para que, assim, seja possível observar quando a etapa de soltura de volta à natureza deva ser realizada, de modo em que possam sobreviver sem que haja riscos de afetar a saúde de outros animais, sejam da mesma espécie ou de outras. A devolução à natureza é o principal objetivo da reabilitação de qualquer animal selvagem, então essa liberação deve ser bem planejada, de forma que o animal tenha a maior probabilidade de sobrevivência, sendo de extrema importância a análise clínica e a decisão correta quanto momento a região e a área escolhidos, que sofrem intervenção dos hábitos de cada espécie, tais como a alimentação e reprodução, para que, desta forma, os animais sejam corretamente reintroduzidos na natureza.

Palavras-chave: Devolução, importância, reabilitação, resgate, tratamento.

Relação entre fístulas oro-nasais em cães e sua associação com rinite crônica: Um levantamento de dados em prontuários.

Ana Clara Cabral Abdu¹, Lavínia Alzeman Dias Delfino¹, Letícia Aparecida Alves dos Reis¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Fístulas oro-nasais são uma condição clínica incomum em cães, caracterizada pela presença de aberturas anormais que conectam a cavidade oral à cavidade nasal em cães, podendo resultar em sintomas como espirros, secreção nasal purulenta e halitose. Essas fístulas podem resultar em complicações respiratórias, como rinite crônica, devido à entrada de material oral na cavidade nasal. No entanto, as associações entre fístulas oro-nasais e rinite crônica em cães ainda não foi amplamente investigada. Este estudo teve como objetivo investigar as relações entre fístulas oro-nasais e rinite crônica em cães por meio de um levantamento de dados em prontuários médicos. Foram analisados prontuários de cães com diagnóstico de fístula oro-nasal para determinar a prevalência e características da associação com rinite crônica. Foi realizado um levantamento retrospectivo de prontuários médicos de cães atendidos em uma clínica veterinária durante um período de 2 anos (2022 a 2024). Foram incluídos prontuários de cães com diagnóstico confirmado de fístula oro-nasal por meio de exame clínico, radiografia e/ou tomografia computadorizada. Os prontuários foram revisados para coletar informações sobre idade, raça, sexo, sintomas clínicos, resultados de exames diagnósticos e presença de rinite crônica. Um total de 25 prontuários de cães com diagnóstico de fístula oro-nasal foram incluídos na análise. A idade média dos cães foi de 5 anos, variando de 2 a 10 anos. As raças mais comumente afetadas foram Pastor Alemão (32%), Labrador Retriever (20%) e Golden Retriever (16%). Os sintomas clínicos mais relatados foram secreção nasal purulenta (84%), espirros frequentes (72%) e halitose (64%). A análise dos prontuários revelou que 60% dos cães com fístula oro-nasal também apresentavam diagnóstico de rinite crônica. Além disso, observou-se uma associação significativa entre a presença de fístula oro-nasal e o desenvolvimento de rinite crônica ($p < 0,05$). A presença de fístulas oro-nasais em cães é um problema relevante, frequentemente associado a complicações respiratórias, como a rinite crônica. Este estudo analisou prontuários e identificou que muitos cães com fístulas também apresentavam sintomas de rinite crônica, indicando uma conexão entre essas condições. A fístula cria uma comunicação anormal entre a boca e o nariz, permitindo a entrada de materiais que desencadeiam uma resposta inflamatória na mucosa nasal, levando a sintomas como secreção nasal, espirros e congestão. O tratamento geralmente envolve cirurgia para fechar a fístula e terapia antimicrobiana para controlar infecções. Mais pesquisas são necessárias para entender melhor essa associação e melhorar as estratégias de diagnóstico, prevenção e tratamento em cães.

Palavras-chave: Cães, fístulas oro-nasais, rinite canina, saúde bucal, saúde respiratória.

Relato de caso de pneumonia bacteriana resistente em um canino de cinco anos: Abordagem clínica e terapêutica.

João Felipe Halfeld Carraca¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Igor Braz Righi¹, Mário Tatsuo Makita² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A pneumonia bacteriana é uma das principais causas de morbidade e mortalidade em cães, e seu tratamento pode ser complicado pelas cepas bacterianas resistentes aos antibióticos. A resistência antimicrobiana é um problema crescente e pode resultar em falha terapêutica, aumento dos custos de tratamento e pior prognóstico aos pacientes. Neste relato, descrevemos o manejo clínico e terapêutico de um canino de cinco anos, diagnosticado com pneumonia bacteriana resistente, causada pelo *Staphylococcus pseudintermedius*. Um cão macho não castrado, da raça Labrador Retriever, de cinco anos de idade, apresentou-se à clínica veterinária com histórico de tosse persistente, dispneia e letargia progressiva. O tutor relatou que os sintomas começaram há aproximadamente duas semanas e pioraram apesar do tratamento com amoxicilina com ácido clavulânico. Ao exame físico, o paciente apresentava temperatura retal de 39,5°C, frequência respiratória aumentada e taquipneia. Auscultação pulmonar revelou crepitações e estertores bilaterais. Com base nos sinais clínicos e nos achados do exame físico, suspeitou-se de pneumonia e foram realizados exames complementares. A radiografia revelou opacidades difusas nos campos pulmonares cranial e médio. Uma amostra de escarro foi coletada para cultura bacteriana e teste de sensibilidade. Enquanto aguardava os resultados dos testes microbiológicos, o paciente foi tratado empiricamente com oxigenoterapia, fluidoterapia e antibioticoterapia de amplo espectro (amoxicilina com ácido clavulânico). Após 72 horas de tratamento, o paciente não apresentou melhora e os resultados da cultura bacteriana revelaram presença de *S. pseudintermedius* resistente à amoxicilina com ácido clavulânico, cefalosporinas de primeira geração e fluoroquinolonas. A terapia antimicrobiana foi ajustada com combinação de vancomicina e doxiciclina. Após sete dias de tratamento com a nova terapia antimicrobiana, o paciente demonstrou melhora significativa dos sintomas respiratórios. Uma nova radiografia foi realizada, mostrando redução das opacidades pulmonares. O paciente recebeu alta hospitalar com orientações para continuar o tratamento domiciliar com doxiciclina por mais duas semanas. A pneumonia bacteriana em cães pode ser desafiadora de tratar, especialmente quando as cepas bacterianas são resistentes aos antibióticos comumente utilizados. Neste caso, o paciente não respondeu ao tratamento inicial com amoxicilina com ácido clavulânico devido à resistência bacteriana do *S. pseudintermedius*. A identificação do agente e a realização de testes de sensibilidade foram cruciais para selecionar a terapia adequada. A vancomicina e a doxiciclina foram escolhidas com base nos resultados dos testes de sensibilidade, levando em consideração a eficácia antimicrobiana e a disponibilidade de formulações apropriadas para uso em cães. A combinação desses antibióticos proporcionou uma resposta terapêutica satisfatória, resultando em melhora clínica do paciente e resolução das opacidades pulmonares. Este relato de caso destaca a importância do diagnóstico preciso e do tratamento individualizado na gestão de infecções respiratórias em cães, especialmente quando se trata de cepas bacterianas resistentes aos antibióticos, como *S. pseudintermedius*. A identificação do agente etiológico e a realização de testes de sensibilidade são essenciais para orientar a terapia antimicrobiana adequada, que neste caso foi o uso combinado de

vancomicina e doxiciclina, sendo eficaz na terapêutica.

Palavras-chave: Cães, infecções respiratórias, resistência bacteriana, *Staphylococcus pseudintermedius*, tratamento.

Relato de caso: Piometra bacteriana resistente em cadela.

João Felipe Halfeld Carraca¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Alessandra Soares Nunes Tovar Elias², Luiz Otávio Velloso de Souza², Carolina de Oliveira Chaves² & Mário Tatsuo Makita³.

¹Dicente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Médico(a) Veterinário(a) Autônomo(a) – Mendes-RJ, Brasil.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A bactéria *Pseudomonas aeruginosa* causa uma ampla gama de infecções, normalmente no trato urinário e apresenta resistência intrínseca a diversos antibióticos. A resistência bacteriana é desenvolvida pela recombinação genética da bactéria depois de ser exposta a um antibiótico, muitas vezes devido ao mau uso do fármaco. O presente trabalho relata o caso de um paciente que chegou com abdome agudo. Foi realizada histerectomia e ovariosalpingohisterectomia, e apresentou úlcera na córnea. Foi realizado o atendimento de uma cadela incapaz de se movimentar devido a um episódio de abdome agudo. Foram administrados analgésicos, para mitigar o desconforto, embora a paciente apresentasse uma resposta lenta. A ultrassonografia revelou a presença de piometra e acúmulo significativo de líquido na cavidade abdominal. Face a esses achados, decidiu-se pela realização de uma histerectomia. Durante o procedimento cirúrgico, observou-se a ruptura do útero e peritonite com extensa formação de fibrina, optando-se pela realização da ovariosalpingohisterectomia. Após cirurgia implementou-se tratamento com cefazolina e fluidoterapia durante quatro dias enquanto o animal permaneceu hospitalizado, seguindo-se administração de ceftriaxona por mais quatro dias antes de iniciar terapia com amoxicilina com ácido clavulânico. Nove dias após o procedimento, a cadela desenvolveu uma úlcera de córnea bilateral, extensa e profunda devido ao estado comatoso de três dias. Prescreveu-se pomada oftálmica contendo tacrolimus. A alta foi concedida após a estabilização do quadro clínico da paciente, que mostrou boa aceitação à alimentação oral. Análises subsequentes incluíram um hemograma que evidenciou uma elevação acentuada dos leucócitos e hemocultura que identificou a presença da bactéria *Pseudomonas aeruginosa*. Foi usado cefazolina injetável durante dez dias. Depois do retorno do paciente, o número aumentado de leucócitos sugeriu que ainda havia infecção. Sendo realizado então, teste de sensibilidade aos antimicrobianos, que mostrou que grande parte dos antibióticos eram resistentes e que a enrofloxacin era sensível, sendo assim, feita a alteração do tratamento. Um hemograma subsequente confirmou a normalização dos leucócitos, indicando o sucesso terapêutico. A histerectomia geralmente não é associada a muitas complicações, mas a resistência bacteriana após a cirurgia pode tornar o caso desafiador de tratar, especialmente quando as cepas bacterianas mostram resistência aos antibióticos comuns. No presente caso, o paciente não respondeu ao tratamento inicial com cefazolina devido à resistência intrínseca da *Pseudomonas aeruginosa*. A identificação do agente causador e do teste de sensibilidade foram essenciais para escolher uma terapia antimicrobiana mais eficaz. Baseado nos resultados dos testes de sensibilidade, optou-se pela enrofloxacin, levando em conta sua eficácia antimicrobiana e a disponibilidade de formulações adequadas para uso em cães. O uso desse medicamento resultou em uma resposta terapêutica satisfatória, levando à melhora clínica do paciente. Este caso ilustra a relevância de um diagnóstico preciso e de um tratamento personalizado no manejo de infecções, especialmente diante de cepas bacterianas resistentes a antibióticos, como a *Pseudomonas aeruginosa*. A identificação do agente causador e a realização de testes de sensibilidade são fundamentais para direcionar a escolha de uma terapia antimicrobiana adequada. No presente caso, a enrofloxacin foi empregada com sucesso, demonstrando eficácia no alcance do resultado terapêutico desejado.

Palavras-chave: Antibioticoterapia, infecções, piometra, *Pseudomonas aeruginosa*, resistência intrínseca.

Relato de desenvolvimento de produto técnico: Cartilha orientativa sobre leite A2A2.

Julia Marins e Silva Rabellais¹ & Gabriela Vieira do Amaral².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

Resumo

O leite é um produto derivado da ordenha de vacas saudáveis e bem alimentadas, reconhecido por sua composição nutricional rica, incluindo proteínas de alto valor biológico, carboidratos, lipídios, vitaminas e minerais. É amplamente consumido no mundo e desempenha um papel fundamental na saúde, especialmente no crescimento e fortalecimento ósseo, no desenvolvimento infantil e em uma dieta equilibrada. O leite é essencialmente composto por proteínas, sendo 80% caseínas e 20% proteínas do soro. Dentro das caseínas, existem diferentes variantes, sendo o leite classificado como A1 ou A2 com base na predominância. O leite A2A2 é caracterizado pela presença exclusiva de β -caseína A2, diferente do leite convencional que pode conter A1 e/ou A2. Estudos sugerem que a diferença entre as variantes está relacionada à liberação de peptídeos bioativos, como a beta-casomorfina-7 (BCM-7), que pode ter efeitos diferentes no trato gastrointestinal e estar associada a diversas condições de saúde. A cartilha desenvolvida tem como objetivo educar e informar os consumidores sobre o leite A2A2, destacando seus potenciais benefícios para a saúde. Apesar de algumas controvérsias e a necessidade de mais pesquisas, o leite A2A2 é visto como uma inovação e uma alternativa no mercado de laticínios. Espera-se que essa iniciativa contribua para uma melhor compreensão do leite A2A2 entre os consumidores e estimule o interesse por pesquisas adicionais nesse campo, visando uma abordagem mais informada e equilibrada em relação aos produtos lácteos.

Palavras-chave: Cartilha, caseína, leite a2a2.

Relato de desenvolvimento de produto técnico: Desenvolvimento de um guia rápido para realização do exame A-FAST ultrassonográfico em pequenos animais.

Larissa de Almeida Plácido¹, Eduardo Butturini de Carvalho², Bianca dos Santos Paiva³, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Lucas Gomes Salvado¹ & Ana Carolina de Souza Campos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ.

Resumo

A aplicação da ultrassonografia (USG) cresceu de forma significativa, dando origem ao Focused Assessment with Sonography for Trauma (FAST), um exame de avaliação rápida, não invasivo, realizado em pacientes com trauma abdominal durante a triagem. Este exame permite a visualização de áreas estratégicas no abdômen e no tórax, visando identificar a presença de fluido livre. O A-FAST avalia a presença de líquido livre na região abdominal com base na avaliação de quatro locais padrões, sendo eles o sítio hepatodiafragmático (SHD), sítio esplenorrenal (SER), sítio cistocólico (SCC) e sítio hepatorenal (SHR). Na medicina veterinária, é evidente a escassez de recursos rápidos e acessíveis sobre a realização de exame A-FAST em pequenos animais. Portanto, o presente estudo tem como objetivo desenvolver um guia informativo sobre o exame A-FAST em cães e gatos para estudantes e médicos veterinários que atuam na área de emergência. Para elaboração do guia técnico intitulado “Guia rápido de exame A-FAST”, foram consultados artigos e livros especializados em ultrassonografia. A estrutura do guia abrange os seguintes tópicos: capa, contracapa, sumário, definição e técnicas do exame, configuração do aparelho e ajustes, tipos de transdutores e frequências, principais janelas avaliadas, além das técnicas de ultrassom utilizada em cada janela e classificação do paciente. O guia é finalizado com a conclusão e referências bibliográficas. As ilustrações incorporadas neste material são de autoria própria. Para a seleção das imagens sem alteração, foram utilizados dois cães que não possuíam líquido livre, e para produção das imagens com alteração, foi realizada ultrassonografia de um paciente que apresentava líquido livre abdominal e também foram realizadas simulações utilizando cadáveres de cães descongelados, nos quais foram injetadas soluções fisiológicas para simular a presença de líquido livre. As imagens foram obtidas pelo equipamento da marca Sonoscape S2V. Neste estudo, durante a simulação de líquido livre em cadáveres caninos, uma limitação encontrada foi o estado de decomposição dos cadáveres de cães, onde a visualização das estruturas anatômicas foi comprometida devido à autólise. O estudo obteve sucesso somente quando a simulação foi realizada em cadáveres frescos. Além disso, outra dificuldade encontrada foi na avaliação da janela hepatorenal, no qual estudos sugerem que o decúbito lateral direito pode ser preferível. Durante o estudo observou-se que o rim direito era mais desafiador de visualizar neste decúbito pela sua posição anatômica mais cranial sob a caixa torácica e pela dificuldade na manipulação do transdutor posicionado abaixo do paciente. Atualmente, os guias de A-FAST para veterinários são extensos e pagos, dificultando seu acesso. Por isso, um guia rápido, direto e gratuito, é fundamental para o aprimoramento profissional na área veterinária. O guia oferece instruções com o objetivo de melhorar a acurácia diagnóstica do exame A-FAST nos pacientes em estado crítico. No entanto, destaca-se a importância do treinamento prático para o desenvolvimento das habilidades técnicas necessárias. Adicionalmente, o êxito na simulação de líquido livre em cadáveres no estudo, possibilita a condução de estudos complementares com o treinamento prático do exame A-FAST em simulações utilizando cadáveres frescos.

Palavras-chave: A-FAST, FAST, guia, ultrassonografia, veterinária.

Reprodução e manejo reprodutivo de *Hippocampus guttulatus* em cativeiro: Revisão de literatura.

Maria Eduarda Gonçalves Barbosa¹; Juliana Galardo Martins dos Santos¹; Luiza Magalhães de O. Santos¹; Mariana Quintanilha Eller Viana¹; Yasmin Duarte Pessanha¹; Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discentes em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

Os cavalos marinhos são do gênero *Hippocampus spp.*, um dos muitos pertencentes à família Syngnathidae. Nessa família, os machos desempenham os cuidados parentais, incluindo o período de gestação. Esta característica tem levado muitos pesquisadores a estudar mais acerca do comportamento reprodutivo de algumas espécies pertencentes ao gênero, e do papel de cada um dos sexos na reprodução. Neste estudo, foram utilizadas ninhadas de juvenis que nasceram entre 14 de outubro de 2013 e 16 de maio de 2014 no centro Sea Life em Bray, Irlanda. Para uma análise justa, a alimentação dos cavalos marinhos foi adequada para que as ninhadas tivessem maior de probabilidade de sobrevivência. Nesta pesquisa foram utilizados oito cavalos marinhos, sendo cinco fêmeas e três machos. Todos foram colocados em um tanque de exposição hexagonal. Os parâmetros de água eram mantidos a: temperatura 19°C, pH 7,80, salinidade 33 ppt. Foram obtidas cinco ninhadas durante o processo. A primeira não funcionou corretamente pois os animais foram analisados separadamente, e não em grupo. Na segunda, o fotoperíodo foi ajustado para corresponder à época de acasalamento. Na terceira, foi feito o primeiro reajuste na alimentação dos progenitores. Na quarta, foi observada a presença de parasitas nas culturas de *T. suecica* e *N. oculata*, que é letal para os juvenis, portanto, o uso de microalgas foi suspenso. Além disso, copépodes passaram a ser oferecidos aos filhotes e progenitores, sendo observado, posteriormente, uma resposta positiva. Ainda nessa ninhada, os juvenis foram colocados em um tanque de suporte que apresentava uma corrente para mantê-los em suspensão. Na quinta ninhada, observou-se que esse tanque não funcionou bem devido à baixa mobilidade dos filhotes. O enriquecimento nutricional continuou funcionando adequadamente. Os pontos mais importantes a serem destacados são: a mobilidade dos juvenis e o seu tamanho no momento do nascimento, visto que, dessa forma, eles se tornaram mais capacitados para se alimentar de presas maiores e caçar desde o primeiro dia de nascido. Durante o estudo, dois casos foram destacados, sendo um negativo e outro positivo. Na quarta ninhada, o número de filhotes foi muito grande e, por isso, o tamanho dos mesmos foi bem reduzido, visto que os nutrientes consumidos pelos progenitores, são redistribuídos igualmente. Já a quinta ninhada foi menor, portanto, os filhotes nasceram maiores e com mais mobilidade, porque os nutrientes, dessa vez, foram suficientes para todos. É notória a maior fragilidade dos cavalos marinhos que vivem em cativeiro, além disso, estes demonstram ter uma certa dificuldade em produzir uma nova geração de juvenis, sendo necessário haver um progresso até que a reprodução em cativeiro seja vista como uma opção de suporte de populações selvagens. Também é preciso elaborar um protocolo de alimentação mais adequado a juvenis mais desenvolvidos, visando que a mortalidade após os 30 dias não seja tão elevada como o ocorrido na quinta ninhada.

Palavras-chave: Cativeiro, cavalo marinho, *Hippocampus guttulatus*, manejo reprodutivo, reprodução.

Resistência antihelmíntica em ruminantes.

Fernanda Ferreira Salgueiro¹, Matheus Nascimento Cremonezi¹, Mariana Caetano Marques¹, Yasmin Severo Pullig Sad Coelho¹, Lorrann de Oliveira Rosa do Vale¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

O controle eficaz de parasitas gastrointestinais é crucial para a produção de ruminantes. Além dos problemas de saúde que podem acarretar, como anemia, diarreia e perda de peso, essas infecções parasitárias comprometem a eficiência alimentar, a reprodução e aumentam os custos com tratamento. Além disso, pesquisas comprovam que a eficácia dos anti-helmínticos pode variar devido a diferentes práticas de manejo e dosagem, tornando essencial a realização de estudos de eficácia para apoiar a escolha adequada de tratamentos. Portanto, é fundamental implementar rotinas regulares de desparasitação e realização de exames parasitológicos, especialmente em animais que vivem em ambientes externos e têm contato com outros. A literatura aponta que diversas pesquisas vem sendo realizadas por cientistas e profissionais da saúde, desde a década de 1960, com objetivo de alcançar estratégias de controle de parasitas. No entanto, apenas três grupos principais de drogas de amplo espectro foram desenvolvidos: os benzimidazóis, imidotiazóis e lactonas macrocíclicas. Apesar da importância desses avanços para a medicina veterinária, a resistência aos agentes antiparasitários tornou-se generalizada em ruminantes em todo o mundo. Estudos realizados nos Estados Unidos, África, Paraguai e Itália, por exemplo, destacam a resistência existente a diversos vermífugos, como a Ivermectina, Albendazol, Levamisol, entre outros. Essa escassez resultou na redução da eficácia dos tratamentos e, conseqüentemente, impactou negativamente o retorno econômico associado aos esforços antiparasitários. Em estudo recente, em Minas Gerais, envolvendo 381 ovinos tratados com diferentes anti-helmínticos, constatou-se preocupante resistência aos três medicamentos testados. Tanto o Albendazol quanto a Ivermectina não foram eficazes em nenhum dos grupos avaliados, enquanto o Levamisol mostrou eficácia, mesmo que em apenas 25% dos casos. Ademais, em investigações anteriores, discutiu-se fatores que contribuem para o desenvolvimento da resistência, como subdosagem e uso repetido de anti-helmínticos, proporção de estágios do parasita em refúgios no momento do tratamento e introdução de parasitas resistentes por meio da compra de animais infectados. Pesquisas atuais recomendam o controle seletivo e a avaliação anual da eficácia dos produtos como medidas para retardar o desenvolvimento da resistência. Em resumo, o manejo eficiente das infecções parasitárias gastrointestinais e seus tratamentos são essenciais para preservar a saúde e a produtividade de ruminantes. A implementação de rotinas regulares de desparasitação e exames parasitológicos é fundamental para minimizar os efeitos negativos dessas infecções no estado geral dos animais. No entanto, o desafio emergente da resistência aos antiparasitários é uma preocupação global em constante crescimento. Por isso, é de extrema importância continuar investindo em pesquisas e implementar estratégias de manejo integrado de parasitas para enfrentar esse problema. Através de uma abordagem colaborativa entre produtores, veterinários e pesquisadores, será possível promover práticas sustentáveis de controle de parasitas e garantir o bem-estar a longo prazo dos rebanhos ruminantes.

Palavras-chave: Antiparasitários, eficácia, infecção, parasitologia, tratamento.

Retirada de corpo estranho esofágico em *Hydromedusa tectifera*: Relato de caso.

Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Gabriel Loura Ramalho², Leticia de Alencar Ramon², Bianca dos Santos Paiva³, Eduardo Butturini de Carvalho⁴, Ana Carolina de Souza Campos³.

¹Discente curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico veterinário autônomo, Vassouras- RJ, Brasil.

³Docente curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O cágado pescoço de cobra (*Hydromedusa tectifera*), um espécime da família dos quelônios que tem como habitat natural os banhados de águas de baixo fluxo, temporários e com abundância de vegetação. Porém, atualmente se tornaram endêmicos na região da bacia do rio Paraíba do Sul, fazendo com que esses animais sofram com a pesca de subsistência praticada pela população da região, tornando os acidentes com anzóis frequentes para a espécie. Foi atendido em uma clínica particular do distrito de Engenheiro Paulo de Frontin, Morro Azul do Tinguá, um cágado pescoço de cobra de 1,5Kg que havia sido abandonado em uma caixa em frente a clínica. Durante o exame físico do animal foi notado desidratação (8-9%) e apatia e havia uma linha saindo pela cavidade oral, criando a suspeita do animal ter ingerido uma isca presa em um anzol. O cágado foi levado para a clínica veterinária da Universidade de Vassouras para realização de radiografia para confirmação da suspeita, onde constatou-se a presença de um anzol ancorado na mucosa esofágica próximo a entrada do tórax. O animal teve sua veia jugular acessada para acoplar o cateter venoso 22G e manter uma via de acesso para administração de fármacos e fluidoterapia (Ringer Lactato na taxa de x mL/kg) para estabilização. Logo em seguida, realizou-se a indução anestésica intravenosa com o uso de cetamina (25mg/Kg) e midazolam (2mg/Kg) para que fosse realizada a remoção do anzol. Para isso, devido ao acesso cirúrgico dificultado por conta da profundidade do anzol e presença do casco e plastrão, foi feita a remoção parcial do anzol, utilizando uma pinça hemostática Kelly 18cm para apreender e manipular o anzol, de modo que sua ponta perfurasse e atravessasse o esôfago, a musculatura e a pele do pescoço, expondo o anzol externamente e possibilitando o corte do cabo de aço que fixava o anzol a linha. O procedimento foi realizado com muita cautela a fim de evitar ruptura da carótida, veia jugular e demais estruturas localizadas na região. Após o corte do cabo de aço com alicate, o restante da linha de aço foi tracionada pela cavidade oral do animal. Após a intervenção bem-sucedida, foi administrado cetoprofeno (2mg/Kg) intramuscular no membro torácico esquerdo. O paciente foi mantido em internação durante um dia para observação, nesse período foi realizada a alimentação utilizando patê de carne moída como base proteica, aquecimento do paciente com uso de colchão térmico, e observou-se melhora significativa do quadro, estando o animal ativo novamente e buscando alimento sozinho. Não houve saída de qualquer alimento pelo orifício perfurado no pescoço do animal e após o período de internação, o cágado foi solto em um açude na região do distrito de Morro Azul do Tinguá. De modo categórico, a intervenção do corte da porção da curvatura do anzol foi a resolução mais coerente com a situação, assegurando a saúde do cágado e permitindo recuperação pós-cirúrgica mais branda quando comparada a uma possível esofagotomia de fato.

Palavras-chave: Animal silvestre, cágado pescoço de cobra, corpo estranho esofágico, corpo estranho perfurante.

Revisão de literatura: Incidência de remissão de *Diabetes Mellitus* em cães.

Helena Costa da Silva¹, Marina Lima Gianastacio², João Felipe Halfeld Carraca¹, Luana Lopes dos Santos¹, Maria Clara Bonifácio Magalhães¹ & Mário Dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de medicina veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras - RJ - Brasil.

²Médica Veterinária autônoma, Vassouras – RJ – Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O *Diabetes Mellitus* (DM) é uma condição em que há falta de insulina e/ou a incapacidade da insulina de exercer seus efeitos adequadamente no organismo. Sua história remonta aos primeiros registros médicos egípcios, com o termo “diabetes” sendo cunhado pelo médico romano Aretaeus. A adição do adjetivo “mellitus” ocorreu posteriormente para distinguir do diabetes insipidus. Avanços significativos na compreensão e tratamento ocorreram desde a primeira aplicação terapêutica de insulina em humanos em 1922. Foi realizada a revisão de diversos estudos dedicados a esse tema, permitindo estabelecer a importância da Diabetes Mellitus e seu tratamento. A classificação do DM em cães ainda não é consensual, podendo ser dividida com base na necessidade terapêutica ou na etiologia da doença. O DM insulino-deficiente resulta na perda progressiva de células B pancreáticas, enquanto o DM insulino-resistente é caracterizado pela resistência à ação da insulina, podendo ser influenciado por diversos fatores, incluindo hormonais e genéticos. A obesidade também pode contribuir de forma considerável para a resistência à insulina, mas não é classificado como uma causa primária do DM em cães. No *Diabetes Mellitus* tipo 1, insulino dependente, causada pela carência parcial ou total na produção de insulina, ocorre um aumento exagerado na taxa glicêmica. Na DM do tipo 2, não-insulino dependente, o tecido não consegue utilizar a insulina produzida. Como tratamento é recomendado atividades físicas e uma dieta equilibrada, formulada pelo médico veterinário e aplicação de insulina para o tipo 2, enquanto o tipo 1 só é recomendado dieta balanceada, atividade física e exames regulares para acompanhando da doença. A remissão da diabetes mellitus em cães é possível, mas também é incomum. Geralmente, requer tratamento contínuo e gerenciamento cuidadoso da condição, além do ajuste de dose da insulina e acompanhamento periódico com endocrinologista. Em alguns casos, uma mudança na dieta, perda de peso e medicação podem ajudar a controlar a doença, levando a períodos de remissão parcial ou completa. No entanto, isso varia de acordo com a gravidade e o estágio da doença em cada cão. Uma das principais complicações que ocorre na rotina clínica do paciente diabético, é a cetoacidose metabólica, sendo uma condição fatal e de rápida evolução que acontece quando não há tratamento adequado, ou então quando o paciente é exposto a fatores que contribuem para a queda de imunidade. Alguns casos, intervenções no paciente como restrição calórica, aumento da atividade física e consequentemente perda de peso, geram resultados positivos na remissão do diabetes não insulino dependente, tipo 2. Conclui-se que o tratamento da DM é importante, assim como o acompanhamento veterinário periódico, porém a remissão da mesma em cães é quase incomum, pois a literatura presente sobre tal enfermidade na espécie canina, ainda é pouco estudada e descrita, justificando a necessidade de novos estudos afim de colaborar com o tratamento clínico e qualidade de vida desses animais.

Palavras-chave: Células B pancreáticas, glicemia, hormônio, insulina.

Rinite linfoplasmocitária canina com resposta ao uso de furoato de fluticasona: Relato de 3 casos de sucesso.

Monique Prado Vasconcellos¹, Helena Bianco Rosas¹, Mariana Cortes Alves¹, Lara dos Santos Gomes¹, Vinícius Vianna Paolino¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A rinite linfoplasmocitária é uma condição inflamatória crônica do trato respiratório superior em cães, caracterizada por espirros frequentes, secreção nasal e, ocasionalmente, sangramento nasal. O tratamento dessa condição pode ser desafiador, e o uso de corticosteroides intranasais, como o furoato de fluticasona, tem sido proposto como uma opção terapêutica eficaz. Este estudo descreve três casos distintos de rinite linfoplasmocitária com resposta ao tratamento com furoato de fluticasona. Caso 1: Um cão macho, de cinco anos de idade, apresentou-se à clínica veterinária com queixa de espirros frequentes, secreção nasal serosa e episódios ocasionais de sangramento nasal há dois meses. O exame clínico revelou descarga nasal serosa bilateral, sem outras anormalidades significativas. A citologia nasal confirmou a presença de infiltração linfoplasmocitária moderada na mucosa nasal, estabelecendo o diagnóstico de rinite linfoplasmocitária. O cão foi tratado com furoato de fluticasona, uma dose intranasal diária por duas semanas. Caso 2: Uma cadela da raça Golden Retriever, com sete anos de idade, foi apresentada à clínica com histórico de espirros frequentes, corrimento nasal mucopurulento e dificuldade respiratória há três meses. O exame clínico revelou hiperemia nasal bilateral e aumento dos linfonodos regionais. A citologia nasal confirmou a presença de infiltrado linfoplasmocitário. O tratamento com furoato de fluticasona foi iniciado, resultando em uma redução notável dos sintomas após três semanas de terapia. Caso 3: Um cão macho da raça Bulldog Francês, com quatro anos de idade, foi encaminhado para avaliação de espirros persistentes e secreção nasal sanguinolenta de longa duração. A endoscopia nasal revelou hiperplasia da mucosa nasal e evidência de infiltração linfoplasmocitária. O tratamento com furoato de fluticasona foi iniciado em combinação com antibióticos de amplo espectro. Após seis semanas de terapia, houve uma significativa melhora dos sintomas, incluindo uma redução no sangramento nasal e na frequência dos espirros. Estes relatos de casos adicionam à crescente evidência de que o furoato de fluticasona pode ser uma opção terapêutica eficaz para cães com rinite linfoplasmocitária. A observação de uma melhora significativa dos sintomas após duas semanas de tratamento reforça essa possibilidade. Além disso, a ausência de efeitos adversos significativos sugere um perfil de segurança favorável para o uso deste medicamento em cães. A terapia intranasal com corticosteroides pode proporcionar alívio dos sintomas e melhorar a qualidade de vida dos pacientes afetados por essa condição. No entanto, são necessários mais estudos clínicos para avaliar a segurança e eficácia do furoato de fluticasona em cães com rinite linfoplasmocitária, bem como para comparar sua eficácia com outras opções terapêuticas disponíveis. **Palavras-chave:** Cão, furoato de fluticasona, inflamação, rinite linfoplasmocitária, tratamento tópico.

Sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em felino: Relato de caso.

Milena de Oliveira Cruz¹, Luana da Silva Costa¹, Manuella Fonseca Mazzoto¹, Marcela Larissa de Almeida Costa¹, Fabiana Bernardes Almeida Santos² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ- Brasil

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O sarcoma de aplicação felino (SAF) caracteriza-se como uma neoplasia maligna de fibroblastos. Apresentam-se como nódulos cutâneos ou subcutâneos, ulcerados ou não, podendo ser únicos ou difusos. São inicialmente indolores e acometem geralmente animais de meia idade, sendo menos frequentes em gatos jovens. Os SAF podem surgir como resultado de várias causas, incluindo trauma, infecções e, notavelmente, injeções de medicamentos. O sarcoma por aplicação de soro subcutâneo é uma forma de sarcoma que pode se desenvolver após a administração de soro ou fluidos subcutâneos em gatos. Este relato de caso descreve um exemplo de sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em um felino e discute aspectos relevantes relacionados ao diagnóstico e manejo dessa condição. Um gato macho, de seis anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com uma massa subcutânea na região da escápula direita. O proprietário relatou que a massa havia se desenvolvido cerca de um ano após a administração de soro subcutâneo nessa região, realizada durante o tratamento de uma doença renal crônica. O exame físico revelou uma massa firme, não dolorosa, com aproximadamente 4 cm de diâmetro. A punção aspirativa por agulha fina (PAAF) da massa foi realizada, e os resultados foram consistentes com um sarcoma de células fusiformes. Após discussão com o proprietário, foi decidido realizar a excisão cirúrgica da massa com margens amplas. A cirurgia foi realizada sob anestesia geral, e a massa foi removida com uma margem de segurança de 3 cm. O material foi enviado para análise histopatológica, que confirmou o diagnóstico de sarcoma de células fusiformes. O sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em felinos é uma condição rara, mas documentada na literatura veterinária. A patogênese exata desse tipo de sarcoma não é completamente compreendida, mas a inflamação crônica causada pela presença do soro subcutâneo parece desempenhar um papel importante no desenvolvimento da neoplasia, associado à predisposição genética do animal. O diagnóstico baseia-se nos sinais clínicos e principalmente avaliação histopatológica. O manejo do sarcoma por aplicação de soro subcutâneo geralmente envolve a excisão cirúrgica da massa com margens amplas para reduzir o risco de recorrência local. No entanto, devido à alta taxa de metástase relatada em casos semelhantes, outras modalidades terapêuticas, como radioterapia adjuvante ou quimioterapia, podem ser consideradas como parte do plano de tratamento. Para a prevenção do SAF, qualquer aplicação em felinos deve ser feita em regiões diferentes a cada ocasião e preferindo locais que permitam a obtenção de margens cirúrgicas amplas, como região distal de membros ou cauda, evitando a zona interescapular. O sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em felinos é uma condição incomum, mas importante, na medicina veterinária. Este relato de caso destaca a necessidade de reconhecer os potenciais riscos associados à administração de fluidos subcutâneos em gatos, o que torna as medidas preventivas ainda mais importantes. Além disso, ressalta a importância do diagnóstico precoce e manejo adequado dessa condição. Mais pesquisas são necessárias para entender completamente os mecanismos subjacentes e desenvolver estratégias de tratamento eficazes para o sarcoma por aplicação de soro subcutâneo em felinos.

Palavras-chave: Gatos, histopatológico, inflamação, gatos.

Saúde bucal dos pets: Como manter a higiene oral em cães e gatos?

Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos¹, Ana Clara Ferreira Brandão¹, Maria Clara de Souza Freitas¹, Manoela Carvalho Villa¹, Olivia Soledade Junqueira Silva¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A cavidade oral representa o início do trato gastrointestinal, anormalidades, afecções ou injúrias na boca podem gerar incomodo e dor, podendo levar o animal a anorexia e adipsia, predispondo-o a condições de imunossupressão, enfermidades sistêmicas e complicações clínicas. Sendo assim, as medidas preventivas são de extrema importância para evitar complicações maiores, como antibióticos para reduzir a taxa bacteriana (tratamento auxiliar) e tratamento periodontal. Além disso, pesquisas científicas mostram que animais com saúde oral regular, estão sempre mais ativos e saudáveis, com maior longevidade. A principal causa do aparecimento de problemas na saúde bucal em cães e gatos, é o acúmulo de placa bacteriana, que se transforma em tártaro e danifica as estruturas dos dentes. Isso ocorre quando os responsáveis não realizam de forma adequada, a higienização dos dentes dos animais. Os primeiros sinais são mau hálito e gengivite, que podem se agravar e evoluir para periodontite, causando danos aos tecidos e podendo levar à perda dos dentes. Além disso, as bactérias que colonizam a cavidade oral podem se espalhar pelo corpo, afetando órgãos como o coração, fígado e rins, causando doença diversas como endocardite, nefrite, hepatite, miocardite e poliartrite. Em cães, características anatômicas, como bragnatismo e outras alterações dentárias, também contribuem para o desenvolvimento de doenças bucais e respiratórias. As enfermidades da cavidade oral são frequentes em pequenos animais acima de quatro anos de idade, sendo assim, é importante que todo clínico esteja atento no momento do exame físico e inclua a inspeção oral em sua rotina, objetivando diagnosticar as afecções, quando presentes, o mais precoce possível para que se possa instituir o protocolo de tratamento mais adequado, proporcionando uma melhor qualidade de vida para o animal. A escovação diária é o meio com maior eficácia para a prevenção da doença periodontal, pois previne a organização da placa bacteriana e promove a queratinização da gengiva aumentando a função de defesa e da microcirculação. O sucesso da escovação está diretamente relacionado com a cooperação do animal e da motivação do proprietário, além da habilidade técnica, sendo assim a escovação deve ser iniciada progressivamente e o mais cedo possível na vida do animal. O objetivo do tratamento da doença periodontal baseia-se na eliminação de sua causa principal, a placa bacteriana. A terapia consiste em impedir a progressão da doença, sendo isso possível através de um cuidadoso plano terapêutico, baseado em tratamento adequado e controle diário da placa, de modo a evitar a recorrência da doença. Sendo assim, um plano terapêutico bem sucedido deve apoiar-se em dados vinculados ao animal e ao proprietário, pois qualquer terapia periodontal profissional (raspagem, polimento, extrações dentárias, cirurgias periodontais e terapia com antibióticos e antissépticos) é temporária se não for instituída uma rotina de cuidadas domiciliares.

Palavras-chave: Cálculo dentário, doença periodontal, gengivite, pequenos animais, saúde oral.

Segurança alimentar e contaminação por *Plesiomonas shigelloides* em peixes.

Eduarda Azevedo Baiense Pinto¹, Fernanda Eiras Nascimento¹, Fernanda Ferreira Salgueiro¹, Vivian Bertolozzi Ramacciotti¹ & Mayara Ornelas Pereira².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ, Brasil.

Resumo

A preferência pelo consumo da carne de peixe tem aumentado de forma significativa, devido a busca por estilos de vida mais saudáveis. No entanto, diversos microrganismos, incluindo bactérias, podem ser encontrados em peixes, principalmente por ser o produto de origem animal mais perecível, devido ao pH próximo à neutralidade. A contaminação de peixes, incluindo tilápias, por microrganismos patogênicos, como *Plesiomonas shigelloides*, representa uma preocupação significativa para a saúde pública devido aos riscos de Doenças Transmitidas por Alimentos (DTAs). Diversos fatores influenciam a qualidade, o valor nutricional e a inocuidade dos peixes, incluindo espécie, habitat, condições de captura, armazenamento, transporte e distribuição. *P. shigelloides*, uma bactéria Gram-negativa presente em ambientes aquáticos, pode contaminar peixes e frutos do mar, representando um risco para os consumidores. A ingestão de peixes crus ou mal cozidos é identificada como um dos principais fatores de risco para infecções por *P. shigelloides*, que podem causar gastroenterite e outras infecções graves, como septicemia e infecções extraintestinais. Os métodos de detecção e análise de *P. shigelloides* em alimentos são essenciais para garantir a segurança alimentar. Isolamento e identificação em amostras ambientais, clínicas ou alimentares envolvem o uso de meios de cultura seletivos e diferenciais, como ágar Inositol Bile Verde Brilhanter (IBB) e ágar Yersinia Seletivo Base (CIN), seguidos por técnicas de confirmação bioquímica. Além disso, técnicas moleculares, como a Reação em Cadeia da Polimerase (PCR), são empregadas para aumentar a sensibilidade e especificidade na detecção do patógeno. Para estudos epidemiológicos e filogenéticos, técnicas como a Tipagem de Sequência Multilocus (MLST) e a Eletroforese em Gel de Campo Pulsado (PFGE) são utilizadas. Além disso, a Espectrometria de Massa Assistida por Matriz (MALDI-TOF MS) permite a identificação rápida e precisa de isolados bacterianos com base em suas proteínas. Em suma, a implementação de métodos robustos de detecção e análise de *P. shigelloides* em alimentos é crucial para garantir a segurança alimentar e proteger a saúde pública contra as DTAs associadas a este microrganismo patogênico.

Palavras-chave: DTAs, gastroenterite, microrganismo, PCR, tilápias.

Síndrome do nó doente com resgate sinusal em um West Highland White Terrier: Relato de caso.

Lara dos Santos Gomes¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Gabriel Duque Vargas¹, Monique Prado Vasconcellos¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A síndrome do nó doente é uma condição cardíaca caracterizada por anormalidades na condução elétrica do coração, resultando em ritmos cardíacos anormais, como bradicardia ou taquicardia. Esta síndrome pode ser complicada por resgate sinusal, uma condição na qual o nó sinusal falha em retomar a função de marcapasso natural após a cessação de uma arritmia. Este artigo relata um caso de síndrome do nó doente com resgate sinusal em um West Highland White Terrier, destacando sua apresentação clínica, diagnóstico, tratamento e prognóstico. Um West Highland White Terrier macho, de cinco anos de idade, foi encaminhado à clínica veterinária com histórico de episódios recorrentes de fraqueza, síncope e intolerância ao exercício. Durante a avaliação inicial, o cão apresentava bradicardia extrema, com uma frequência cardíaca de aproximadamente 50 batimentos por minuto. Os exames complementares, incluindo eletrocardiograma (ECG) e ecocardiografia, revelaram sinais consistentes com síndrome do nó doente, incluindo bradicardia sinusal com pausas sinusais prolongadas. Após a estabilização inicial, o cão foi submetido a um implante de marcapasso temporário para controlar a bradicardia e prevenir episódios futuros de síncope. No entanto, algumas semanas após o implante, o cão apresentou resgate sinusal, caracterizado por episódios de taquicardia supraventricular devido à falha do nó sinusal em retomar a função de marcapasso natural. A síndrome do nó doente é uma condição cardíaca relativamente comum em cães, especialmente em raças de pequeno porte como o West Highland White Terrier. Os sinais clínicos podem variar de acordo com a gravidade da bradicardia e a presença de complicações, como resgate sinusal. O diagnóstico geralmente é feito com base na história clínica, exame físico e exames complementares, como ECG e ecocardiografia. O tratamento da síndrome do nó doente geralmente envolve o controle dos sintomas e a prevenção de complicações, como síncope e insuficiência cardíaca. Em casos de bradicardia grave, o implante de marcapasso permanente pode ser necessário para manter um ritmo cardíaco adequado. No entanto, o resgate sinusal pode ocorrer como uma complicação após o implante do marcapasso temporário, exigindo monitoramento e intervenções adicionais. Este relato de caso destaca os desafios no diagnóstico e manejo da síndrome do nó doente em cães, especialmente quando complicada por resgate sinusal. A abordagem terapêutica deve ser individualizada para cada paciente, levando em consideração a gravidade dos sintomas, a presença de complicações e a resposta ao tratamento. O acompanhamento veterinário regular é essencial para monitorar a progressão da doença e ajustar a terapia conforme necessário.

Palavras-chave: Arritmia, eletrocardiograma, marcapasso.

***Staphylococcus aureus* como agente causador de mastite: Revisão bibliográfica.**

Gabriel Duque Vargas¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Lara dos Santos Gomes¹ & Mayara Ornelas Pereira².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

Resumo

A mastite é um grave problema em propriedades leiteiras, pois muitas vezes é negligenciada e geram grandes perdas e prejuízos ao proprietário e animal. A doença caracteriza-se pela inflamação do parênquima da glândula mamária havendo um aumento significativo de conteúdo leucocitário no leite das glândulas acometidas. Esta inflamação pode ser causada por diversos fatores, porém quando a doença é causada por bactérias como *Staphylococcus aureus*, a taxa de cura é muito baixa, pois o curso nos alvéolos é rápido e apresenta resistência a quase todas as classes de antibióticos, além de difícil eliminação, sendo contagiosa e em sua grande maioria leva ao descarte do animal. O *S. aureus* é uma das espécies bacterianas mais comuns e é considerada a mais virulenta do seu gênero, o que a torna um problema de saúde única devido à grande interação e adaptação ao homem, animal e meio ambiente, adquirindo o gene responsável por potencializar fatores de patogenicidade e de resistência a antimicrobianos. Uma vez que adentrada pelo esfíncter, essa bactéria gram-positiva coloniza e se desenvolve na glândula mamária, destruindo o parênquima, resultando em uma resposta inflamatória, endurecimento do quarto afetado, e sobretudo, sinais clínicos graves como: necrose, grumos e mudanças na coloração do leite. O *S. aureus* está associado principalmente a casos de mastite subclínica, causando alta detecção de contagens de células somáticas (CCS) no leite. O reservatório principal do *S. aureus* são glândulas infectadas. São transmitidos principalmente de glândulas infectadas a não infectadas durante o processo de ordenha, colonizam eficientemente o orifício do teto, o canal do teto e o epitélio danificado. Porém o *S. aureus* não são capazes de colonizar a pele íntegra e saudável. Estes micro-organismos, geralmente, são causadores de mastite contagiosa caracterizada por uma alta ocorrência de casos subclínicos, onde não são observadas alterações macroscópicas no leite, glândula mamária e sistêmica no animal. Com isso, há o risco de contaminação de equipamentos e utensílios, além da possibilidade de veiculação desse patógeno através de leite e derivados para seres humanos, podendo desencadear casos de Doenças Transmitidas por Alimentos (DTA's). Outra implicação na saúde pública de *Staphylococcus ssp.* causadores de mastites, diz respeito à presença de cepas resistentes a antimicrobianos e a capacidade da transferência dos genes de resistência a seres humanos, a exemplo da metilina. Para controle de *S. aureus* é importante, inicialmente, identificar o agente causador da mastite nos animais infectados através da cultura microbiológica do leite. Quando positivas para essa bactéria, as vacas devem ser segregadas e ordenhadas sempre por último e para a prevenção da doença, além de segregar as positivas para *S. aureus*, é imprescindível adotar boas práticas de higiene na ordenha, evitando que os animais se contaminem por esse e outros agentes causadores de mastite. Decisões importantes devem ser tomadas frente a um animal positivo para *S. aureus* visando a saúde do rebanho como um todo e o uso adequado de antimicrobianos sob supervisão do Médico Veterinário.

Palavras-chave: Bactéria, infecção mamária, mastite bovina, prevenção, *Staphylococcus aureus*.

Sutura de Flessa captonada com botões na correção de prolapso vaginal em vacas de corte: Relato de quatro casos.

Marcela Magno dos Reis Barcelos¹, Michelle Louise do Carmo Paresque¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Leila Cardozo Ott² & Pedro Henrique Evangelista Guedes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O prolapso vaginal é a projeção da parede da vagina para o exterior, podendo ser parcial ou total, de acordo com o estágio da lesão, essa afecção ocorre majoritariamente em vacas pluríparas. O grau de prolapso pode ser classificado através de graus. Existem várias causas, entre elas: gestação e/ou idade avançadas e defeitos anatômicos. Este trabalho relata a ocorrência de prolapso vaginal em quatro vacas de propriedades distintas, sendo utilizada a sutura de Flessa captonada com botões como método corretivo, mostrando-se uma técnica simples e eficaz na reparação do problema. Foram atendidas quatro fêmeas bovinas, em diferentes propriedades na região sul fluminense, com exposição da mucosa vaginal como queixa principal do proprietário. Os animais foram mantidos em estação e contidos em tronco de contenção. Foi realizado exame clínico específico para confirmação do diagnóstico de prolapso de vagina. O estágio variou entre 2 e 3, devido a afecção envolver a vagina (dois casos) e a cérvix (dois casos). Para bloqueio anestésico, utilizou-se lidocaína na dosagem de 3 mL, por via epidural, no espaço sacro-coccígeo. Foi realizada a antisepsia da massa prolapsada com detergente neutro e água gelada, seguido da aplicação de açúcar cristal e massagem local para redução da mucosa prolapsada com posterior reposicionamento manual da vagina e cérvix. Empregou-se sutura de Flessa modificada para o tratamento, utilizando-se de 6 a 8 botões de 17 mm e fio de nylon 100 mm. Os botões foram posicionados horizontalmente, nas laterais da vulva com o intuito de diminuir o atrito e tensão nos fios. Uma agulha sinuosa perfurou o lábio vulvar direito da parte externa para a interna indo para o lábio esquerdo e ancorando o botão. Depois, foi feito o caminho inverso, posicionando-se o botão na parte superior do lábio esquerdo, perfurando da parte externa para a interna e indo para o lábio direito. O procedimento foi repetido de 2 a 3 vezes. Efetuou-se nova antisepsia para remoção de coágulos com posterior aplicação de spray prata como cicatrizante e repelente, por 7 dias. Foi administrada Oxitetraciclina (Terramicina® LA - Zoetis) na dosagem de 1mL para cada 10 Kg de peso, por via IM; Ivermectina 1 mL para cada 50kg, ambas em dose única; e Flunixin meglumine (Flunixin® - ucvet) na dose de 1 mL para 50kg, por 3 dias, para controle de dor e inflamação. Nos casos aqui relatados, todas as fêmeas eram pluríparas e apresentavam gestação avançada, fatores estes que causam um relaxamento exacerbado na fixação da vagina na cavidade pélvica e maior pressão intra-abdominal. A sutura de Flessa é uma técnica simples e efetiva para a redução do prolapso, sendo adaptada com botões para a finalidade de impedir que a sutura rompa a pele e ocorra novamente a exposição das estruturas. Podemos concluir que a sutura de Flessa captonada é uma opção eficaz para corrigir o prolapso vaginal em animais, mostrando-se acessível, prática e segura.

Palavras-chave: Ancoragem, cérvix, emergência obstétrica, mucosa vaginal, pontos.

Tétano em felino de 1 ano de idade, por uso indevido de instrumental durante ovariohisterectomia: Relato de caso.

Maria Clara Bonifácio Magalhães¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Helena Costa da Silva¹, Luana Lavinias Gonçalves Rodrigues¹, Raphaely Andrade Camargo¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de medicina veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O tétano é uma enfermidade ocasionada pela neurotoxina tetanospamina, produzida pela bactéria *Clostridium tetani*. O agente pode ser encontrado em esporos em solo, ferragens e instrumentais contaminados. As neurotoxinas do *Clostridium tetani* causam intensas contrações musculares ao interromper a liberação de neurotransmissores inibitórios na medula espinhal, levando à morte se não tratado. Encontrado em fezes de animais, especialmente equinos, afeta humanos e animais, sendo mais graves nos jovens. Cães e gatos são menos suscetíveis. Sintomas surgem de 5 a 18 dias após a infecção. Os sinais clínicos podem incluir rigidez muscular, convulsões e fotossensibilidade. O diagnóstico pode ser realizado por meio do histórico clínico e sinais apresentados. O relato a seguir tem como objetivo descrever o caso de uma paciente felina, sem raça definida, pesando 5 kg, e com um ano de idade, que foi atendida emergencialmente, com intensa rigidez muscular. Segundo o tutor da paciente, a mesma procedeu a castração recente, em campanhas populares. A paciente foi examinada em decúbito lateral direito, com região peitoral flexionada e os membros estendidos. A temperatura corporal estava normal. A paciente com respiração toraco-abdominais paradoxal. Exames de hemograma, bioquímica sérica e urinálise estavam dentro da normalidade, com exceção do valor da proteína plasmática total, que apresentou discreto aumento. A urinálise revelou densidade e níveis de proteínas elevados. De acordo com a história e sintomas clínicos, o tétano foi identificado como diagnóstico primário. O paciente foi internado e recebeu fluidoterapia de suporte com ringer lactato, penicilina 3 vezes ao dia, na dose de 40.000 UI/kg IM, e diazepam, BID, na dose 0,05 mg/kg, para promoção do relaxamento muscular. O soro antitetânico foi administrado por via IM. Durante o internamento, os movimentos foram se restabelecendo, além da postura e propriocepção. Passados 6 meses, a paciente se apresenta em recuperação, mas hígida e com comportamento normal. A ocorrência de tétano em felinos é rara quando comparada a outras espécies. Assim como em cães, pode se exibir forma espástica generalizada, conforme o ocorrido. Anormalidades hematológicas podem estar presentes incluindo leucocitose, decorrentes de processos infecciosos. Contudo, a paciente não apresentou alteração possivelmente pela resolução do processo infeccioso, sendo evidenciada hiperproteinemia, associada ao quadro de desidratação. Considerando-se que o tétano é uma doença com alta taxa de mortalidade, a avaliação do comportamento do animal e anamnese é crucial para o diagnóstico precoce. O presente caso obteve sucesso devido ao tratamento suporte após busca dos fatores etiológicos, abrindo precedente para atenção nos casos que possam surgir com similaridade de manifestação.

Palavras-chave: Cirurgia, *Clostridium tetani*, diagnóstico clínico, gatos.

Tetralogia de Fallot em paciente canino de 6 meses de idade: Relato de caso.

Vinícius Vianna Paolino¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Társila Nascimento Marcelino¹, Ana Beatriz Gomes de Assunção Braga¹, Amanda de Souza Gomes¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Resumo

A tetralogia de Fallot é uma cardiopatia congênita caracterizada por uma combinação de defeitos cardíacos que resultam em shunt direito para esquerdo, causando hipoxemia arterial. Este artigo apresenta um caso de tetralogia de Fallot em um cão da raça Pastor Alemão, discutindo os achados clínicos, diagnóstico por imagem e abordagem terapêutica. Além disso, são fornecidas considerações clínicas sobre o manejo dessa condição em cães. A tetralogia de Fallot é uma das cardiopatias congênitas mais comuns em humanos e raras em cães, sendo caracterizada por quatro defeitos cardíacos: estenose pulmonar, comunicação interventricular, posição sobreposta do septo aórtico e hipertrofia ventricular direita. A combinação desses defeitos resulta em shunt direito para esquerdo, levando a uma redução na saturação de oxigênio arterial e sintomas de hipoxemia. Um cão macho, Pastor Alemão, de seis meses de idade, foi encaminhado à nossa clínica veterinária devido a episódios recorrentes de intolerância ao exercício, cianose em mucosas e letargia. O exame físico revelou cianose das mucosas e taquipneia e um sopro cardíaco sistólico audível foi detectado na região do focinho. A radiografia torácica revelou uma silhueta cardíaca aumentada e padrão de “bota” característico de estenose pulmonar. O ecocardiograma bidimensional (ECO) confirmou a presença de estenose pulmonar, comunicação interventricular, posição sobreposta do septo aórtico e hipertrofia ventricular direita. Com base nos achados clínicos e de imagem, o paciente recebeu o diagnóstico de tetralogia de Fallot. O tratamento foi iniciado com oxigenioterapia para alívio da hipoxemia. Foi prescrita terapia medicamentosa com furosemida para redução da pré-carga cardíaca e esmolol para diminuir a frequência cardíaca e otimizar o enchimento ventricular esquerdo. Apesar do tratamento, o paciente continuou apresentando sintomas de hipoxemia, e a cirurgia corretiva foi considerada uma opção para melhoria da qualidade de vida a longo prazo. A tetralogia de Fallot é uma condição complexa em cães, que requer um manejo multidisciplinar envolvendo cardiologistas veterinários e cirurgiões cardiovasculares. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são essenciais para melhorar a sobrevida e a qualidade de vida desses pacientes. A cirurgia corretiva, como a reparação da estenose pulmonar e da comunicação interventricular, pode ser indicada em casos graves. O diagnóstico precoce, o tratamento medicamentoso e, em alguns casos, a intervenção cirúrgica são fundamentais para o manejo dessa condição, juntamente com o acompanhamento regular e a monitorização cuidadosa que são essenciais para garantir o bem-estar desses pacientes a longo prazo. Embora a tetralogia de Fallot seja uma condição rara em cães, ela pode resultar em sintomas significativos que podem ser prejudiciais a qualidade de vida do animal, por isso, demanda uma abordagem multidisciplinar para o diagnóstico e tratamento adequado. Este relato de caso destaca a importância do reconhecimento precoce dos sintomas, o uso de técnicas de diagnóstico por imagem como o ecocardiograma e a consideração a cirurgias corretivas para uma melhor qualidade de vida ao animal.

Palavras-chave: Cães, cardiopatia congênita, comunicação interventricular, estenose pulmonar, tetralogia de Fallot.

Touro da raça Gir parasitado por nematódeos do gênero *Rhabditis spp.*: Relato de caso.

Amanda Alfeld Belegote¹, Thiago Luiz Pereira Marques², Piettra Bárcia Alves Rechuem³, Davi de Araujo Silva⁴, Erica Cristina Rocha Roier² & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do Programa de Mestrado profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Discente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

⁴Médico Veterinário da Fundação Severino Sombra – Vassouras-RJ.

Resumo

Devido ao papel significativo que a pecuária desempenha na economia mundial através de sua contribuição para a produção de alimentos, geração de empregos e comércio, a criação de bovinos também vem crescendo de forma ascendente em todo território nacional. Animais da raça Gir e Indubrasil possuem características produtivas de dupla aptidão, o que chama atenção de diversos criadores. Porém, possuem características anatômicas particulares, como a conformação de seu conduto auditivo, que os torna predispostos à otite parasitária ocasionada por nematódeos do gênero *Rhabditis spp.*, acarretando grandes perdas no setor econômico. Os nematódeos desse gênero estão presentes no solo de forma habitual, e possuem um ciclo de vida que contribui para sua persistência. Estão presentes em cercas, pastagens, ao redor de cochos e bebedouros, e em função de sua preferência por matéria orgânica úmida, reproduzem-se com facilidade. A contaminação pode ocorrer no momento em que o animal abaixa a cabeça para realizar o pastejo, fazendo com que os nematódeos colonizem os canais auditivos e condutos lacrimais. A sintomatologia causada por este parasito inclui sinais clínicos como inflamação do conduto auditivo externo, coceira, aumento da produção de cerúmen, anorexia e inapetência. Em casos graves, o quadro clínico pode evoluir para alterações neurológicas irreversíveis e ocasionar óbito do animal. O presente trabalho tem como objetivo relatar o caso de um bovino da raça Gir, de 6 anos e 3 meses de idade, adquirido em um leilão para fins reprodutivos, onde o mesmo não possuía histórico anterior de sintomatologia compatível com a doença. É importante ressaltar que o animal apresentou sinais de estresse quando chegou a propriedade e dificuldades com adaptação ao novo ambiente. Em função disso, houve um aumento da carga parasitária já existente em função da baixa imunidade ocasionada pelo estresse. Com o decorrer do tempo o animal apresentou sinais clínicos como ptose palpebral, úlcera de córnea, apatia, anorexia, descarga ocular, otorreia purulenta e sintomatologia neurológica. Em função dos sinais clínicos observados, histórico do animal e levando em consideração a tendência da raça em adquirir a doença, o diagnóstico foi realizado a partir da observação dos sinais clínicos associado a coleta de amostras do cerúmen para visualização dos nematódeos utilizando microscopia direta, onde foi confirmada a presença de larvas de *Rhabditis spp.* Em função da falta de um tratamento eficaz, foi iniciado tratamento experimental utilizando solução de éter e álcool com sulfato de cobre intrauricular, administração de ivermectina 3% e limpeza do conduto auditivo externo conforme a necessidade. Inicialmente foi observada diminuição da carga parasitária e da sintomatologia clínica do animal, porém o animal apresentou recidiva da doença, com piora do quadro clínico que resultou em óbito 2 meses após o tratamento. Diante disso, em função da complexidade da enfermidade causada pelo nematódeo e da ausência de um tratamento específico e eficaz, é necessário que sejam realizados mais estudos acerca do tema, uma vez que a ocorrência dessa doença em rebanhos das raças citadas

ocasiona perdas financeiras significativas além de desvalorizar as raças.

Palavras-chave: Nematódeo, raça Gir, rhabditiose, *Rhabditis* spp., síndrome vestibular.

Toxicidade cardíaca por doxorrubicina em cães: Um alerta para a importância da monitorização cardíaca e intervenção precoce: Relato de caso.

Manoela Helena de Souza¹, Yasmin Severo Pullig Sad Coelho¹, Lucas Pereira de Moura Jorge¹, Thomas Jordão¹, Gabriela Costa da Silva² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica Veterinária Residente da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A doxorrubicina é um fármaco amplamente empregado na terapia quimioterápica de diversos cânceres em cães, incluindo linfoma, sarcomas e carcinomas. Seu uso possui efeitos adversos, notavelmente a disfunção miocárdica. Este estudo de caso delinea a apresentação clínica, diagnóstico e manejo de um cão Poodle que desenvolveu disfunção miocárdica após o uso de doxorrubicina. Um cão, Poodle, com seis anos, foi encaminhado para avaliação cardiológica após o quinto ciclo de quimioterapia para linfoma multicêntrico, onde o quimioterápico foi administrado a cada três semanas. O proprietário relatou que o animal estava ativo e sem sinais clínicos até uma semana após o último ciclo de quimioterapia, quando começou a apresentar intolerância ao exercício e tosse. Ao exame físico, foram observados taquipneia, mucosas pálidas e sopro cardíaco sistólico grau III/VI, em foco mitral. A radiografia torácica indicou cardiomegalia e congestão pulmonar, e a ecocardiografia evidenciou disfunção sistólica ventricular esquerda, secundária ao uso de doxorrubicina, baseado nos exames complementares apresentados. O tratamento envolveu terapia diurética, inibidor da enzima conversora de angiotensina e inotrópico. O animal foi monitorado, não havendo melhora na função cardíaca, apesar do manejo. O paciente faleceu três meses após o diagnóstico, devido a complicações relacionadas à disfunção miocárdica. A doxorrubicina é um agente quimioterápico eficaz, porém associado a uma variedade de efeitos adversos, incluindo toxicidade cardíaca. A disfunção miocárdica induzida pela doxorrubicina é bem documentada na literatura, especialmente em cães de raças pequenos portes. Estudos recentes ressaltam a importância da monitorização cardíaca durante e após a terapia com doxorrubicina, especialmente em cães com fatores de risco, como raças predispostas, doses cumulativas e terapia concomitante com agentes cardiotoxicos. Neste caso, o paciente apresentava fatores de risco para o desenvolvimento de toxicidade cardíaca, incluindo a raça Poodle, conhecida por predisposição genética a doenças cardíacas, e a administração cumulativa de ciclos de doxorrubicina para o tratamento de linfoma multicêntrico. A apresentação de disfunção miocárdica foi observada uma semana após o último ciclo de quimioterapia, destacando a importância da vigilância atenta para sinais precoces de toxicidade. A ecocardiografia desempenhou importância no diagnóstico e monitoramento da disfunção miocárdica neste caso, fornecendo informações sobre a função sistólica do ventrículo esquerdo e permitindo a avaliação longitudinal da resposta ao tratamento. Apesar do tratamento, o paciente não apresentou melhora na função cardíaca, destacando os desafios no manejo da toxicidade induzida por doxorrubicina e a necessidade de estratégias terapêuticas mais eficazes. Ademais, ressalta a importância da comunicação entre o clínico geral e o oncologista para otimizar o manejo de pacientes com câncer submetidos a terapia com esta base. A abordagem multidisciplinar, incluindo monitorização cardíaca e intervenção precoce, é essencial para reduzir a morbidade associada à toxicidade cardíaca induzida por quimioterápico. A identificação dos sinais clínicos, juntamente com a realização de exames complementares, como a ecocardiografia, é crucial para o diagnóstico e manejo adequado desses casos. Estratégias de prevenção, como limitar as doses cumulativas de doxorrubicina

e a monitorização cardíaca regular, devem ser consideradas para minimizar o risco de toxicidade em cães submetidos à quimioterapia.

Palavras-chave: Cão, doxorrubicina, quimioterapia.

Tratamento odontológico em equino com pontas excessivas de esmalte dentário: Relato de caso.

Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹, Davidson Werlick Velosso dos Santos¹, Michelle Louise do Carmo¹, Manuely Rufino Nonato², Junio Marcos Paulino² & Pedro Henrique Evangelista Guedes³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médico(a) veterinário(a) autônomo(a), Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Atualmente, a odontologia equina desempenha um papel crucial no cuidado e bem-estar dos equinos, uma espécie que nos auxilia em atividades recreativas, no trabalho do campo e em competições esportivas. A saúde bucal adequada não é apenas essencial para o conforto desses animais, mas também afeta diretamente sua capacidade de alimentação, digestão e desempenho atlético. Cavalos com problemas dentários podem enfrentar um série de complicações, desde dificuldade para mastigar e ingerir alimentos até desconforto significativo e dores associadas. O excesso de pontas dentárias pode afetar diretamente seu escore corporal, aumentar a dificuldade no manejo e até mesmo levar ao quadro de cólica. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um equino sem raça definida, de 12 anos de idade, com 360 Kg, que apresentava grande incômodo com a embocadura, reação exacerbada ao toque do cabresto e perda de peso. Um médico veterinário foi chamado para realizar o atendimento e verificar a causa do problema. Para realização do exame clínico da cavidade oral, o animal foi submetido à sedação com Cloridrato de Detomidina (Eqdomin®), na dose de 15 µg/Kg por via intravenosa (IV). Cerca de 5 min após a administração do agonista α -2, foi realizada a colocação do espéculo oral modelo *open light*, com o animal contido em tronco próprio para espécie. Utilizando-se de fotóforo, o veterinário iniciou a inspeção da cavidade oral e, após a limpeza com água para a retirada de materiais alimentares, foram observadas úlceras disseminadas na mucosa vestibular da cavidade oral, causadas por pontas excessivas dos dentes pré-molares e molares, além de lesões na parte lateral da língua. Após o diagnóstico das lesões, optou-se por tratamento odontológico no intuito de remover as pontas excessivas de esmalte e ajustar a oclusão com uso de equipamentos específicos. Para tanto, foram utilizados: fotóforo, canetas odontológicas e motor com força adequada para evitar desgaste excessivo. Após o procedimento, o animal não precisou ficar sobre cuidado intensivo e depois de 15 dias o proprietário relatou melhoras significativas na mastigação dos alimentos, resultando em ganho de peso e facilidade de manejo. Recomenda-se realizar avaliações periódicas para evitar o desenvolvimento de doenças mais graves nos animais. Essas avaliações permitem a detecção precoce de problemas de saúde, aumentando as chances de tratamento eficaz e menos invasivo. No entanto, muitos criadores não dão a devida atenção a essa prática e só percebem os problemas quando o animal já está bastante debilitado, necessitando de intervenções mais invasivas por parte do médico veterinário, como a que foi relatada neste trabalho. A odontologia equina vem ganhando espaço na clínica de grandes animais e demonstrando ser uma importante ferramenta para melhorar a qualidade de vida desses animais, a prática de esportes e a saúde em geral.

Palavras-chave: Bem-estar, cavalos, dentes, odontologia, tratamento dentário.

***Trypanossoma evansi* em equino: Relato de caso.**

Karla Jorge Dantas de Oliveira¹, Fernanda de Almeida teixeira² & Erixa Cristina Rocha Roier³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário do ES – FAESA.

³Docente do do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O *Trypanossoma evansi*, hemoprotozoário causador da doença que popularmente é conhecida como “mal das cadeiras” ou “surra” em equinos, pode ser encontrada em áreas tropicais e subtropicais do mundo, porém no Brasil tem sido relatado no pantanal mato grossense (onde é endêmica), Rio Grande do Sul e Espírito Santo. São acometidos, por esse protozoário, diversos mamíferos como cães, gatos, bovinos, equinos, caprinos e animais silvestres e recebe esse nome por causar descoordenação dos quadris. Embora a infecção não têm sido diagnosticada com frequência em humanos, seu potencial zoonótico está sendo relatado com frequência. O parasita tem transmissão por moscas hematófagas dos gêneros *Stomoxys* sp. e *Tabanus* sp., sendo que o morcego hematófago *Desmodus rotundus* deve ser considerado também um importante vetor na América Central e do Sul. Alguns sinais clínicos são diretamente associados a esta afecção como elevação da temperatura corporal que está diretamente associada com a parasitemia, progressivo desenvolvimento de anemia, perda de condição física, fraqueza, edema das partes inferiores do corpo e petéquias nas membranas serosas. O diagnóstico desta enfermidade varia de acordo com a sensibilidade da técnica utilizada onde trabalhos citam que uma combinação entre o método do micro-hematócrito e inoculação de sangue parasitado em cobaios é o procedimento diagnóstico mais recomendado, porém o diagnóstico sorológico por técnica de aglutinação direta tenha se mostrado altamente sensível e específico para detectar infecção por *T. evansi* em cavalos. O tratamento para tripanossomose é depende do controle de vetores e de seis compostos quimioterápicos: dimazene, homidium, isometamidium (usados primariamente para tratamento e profilaxia da infecção pelo parasita em bovinos, ovinos e caprinos), quirapiramina, suramin e melarsomina (usados como agente terapêutico e com uso geralmente restrito a camelos, equídeos e búfalos). Foi atendido em uma propriedade em Aracruz – ES, um equino, macho, brasileiro de hipismo, 3 anos, apresentando anemia onde o animal apresentava 2 milhões de hemácias, e leve perda de peso, porém não apresentava outro parâmetro clínico. Como alguns casos de tripanossoma em equinos estavam acontecendo no norte do estado, foi realizado o teste para descarte da possibilidade da afecção, onde foi positivo para esse teste. Imediatamente foi tratado com isometamidium em dose única. O animal foi acompanhado com hemogramas seriados e houve a melhora e reestabelecimento dos parâmetros.

Palavras-chave: Equinos, moscas hematófagas, protozoários, tripanossomíase.

Tumor esplênico canino avançado: Metástases cardíacas e pulmonares comprometem prognóstico.

Vitória Santos de Oliveira¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Bruna Mattos de Lima e Silva, Kamila de Andrade Firmino¹, Gabriela Costa da Silva² & Mario dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica Veterinária Residente da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Metástases em órgãos distantes, como coração e pulmão, são complicações graves frequentemente associadas a sarcomas esplênicos em cães. Essas metástases podem resultar em sintomas clínicos graves e pior prognóstico para o paciente. Este relato de caso descreve o manejo e desfecho de um paciente canino de 8 anos de idade diagnosticado com sarcoma esplênico que desenvolveu metástases no coração e pulmão, destacando desafios diagnósticos, opções terapêuticas e prognóstico associado a essa condição. Um cão macho, sem raça definida, de 8 anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com histórico de letargia, anorexia e dificuldade respiratória progressiva. No exame físico, observou-se taquipneia, taquicardia e presença de sopros cardíacos audíveis. Os exames laboratoriais revelaram anemia não regenerativa e leucocitose moderada. A radiografia torácica revelou múltiplos nódulos pulmonares bilaterais e cardiomegalia. O ultrassom abdominal identificou uma massa esplênica de grandes dimensões. Após a estabilização do paciente, foi realizada uma esplenectomia de emergência para remoção da massa esplênica. A histopatologia confirmou um sarcoma esplênico de alto grau. No entanto, durante o acompanhamento pós-operatório, o cão desenvolveu sinais de insuficiência cardíaca congestiva aguda. Um ecocardiograma revelou múltiplos nódulos intracavitários no ventrículo esquerdo, consistente com metástases cardíacas. Além disso, uma nova radiografia torácica evidenciou progressão das lesões pulmonares. Diante do quadro avançado da doença, optou-se por terapia de suporte para controle dos sinais clínicos e melhora da qualidade de vida do paciente. No entanto, apesar dos esforços terapêuticos, o paciente veio a óbito devido a complicações relacionadas à insuficiência cardíaca congestiva e falência respiratória aguda. Na avaliação inicial do hemangiossarcoma esplênico canino pode-se diagnosticar uma massa solitária, multifocal ou já observar metástases, principalmente em fígado, omento, mesentério e pulmões, visto que em geral é uma neoplasia agressiva nesta espécie e apresenta rápida metástase, muito associada à sua alta vascularização. A ocorrência de metástases cardíacas e pulmonares indicou progressão avançada da doença e um prognóstico ruim. Tal paciente começou a apresentar sinais clínicos apenas em quadro avançado da doença, com quadro de metástase, o que reforça a importância do diagnóstico precoce e o manejo adequado dessas condições para melhorar a sobrevida e a qualidade de vida dos pacientes. No entanto, devido à falta de opções terapêuticas eficazes para metástases em órgãos distantes, o prognóstico para casos avançados como este geralmente é sombrio. Este relato de caso destaca a importância do reconhecimento precoce e manejo agressivo de sarcomas esplênicos em cães para evitar complicações metastáticas graves, como as observadas neste paciente. Apesar dos esforços terapêuticos, o desenvolvimento de metástases cardíacas e pulmonares resultou em um desfecho fatal para o paciente. Mais estudos são necessários para entender melhor os mecanismos de disseminação metastática em sarcomas esplênicos caninos e desenvolver estratégias de tratamento mais eficazes.

Palavras-chave: Cão, esplênico, metástase, prognóstico, sarcoma.

Urólito de biurato de amônio em um felino de 2 anos: Relato de caso.

Mariana Serra Alves¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Laura Andrade de Oliveira¹, Milena de Oliveira Cruz¹, Maria Eduarda Dias Esmeraldo¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ

Resumo

Os urólitos, ou cálculos urinários, são formações sólidas encontradas no trato urinário de animais e humanos, podendo causar obstrução e outros distúrbios graves. Entre os tipos de urólitos encontrados em felinos, o biurato de amônio é uma forma menos comum, mas ainda clinicamente relevante. Este artigo apresenta o relato de um caso de urólito de biurato de amônio em um felino de dois anos, discutindo suas características clínicas, diagnóstico, tratamento e possíveis complicações. Um felino doméstico de dois anos de idade foi apresentado à clínica veterinária com histórico de letargia, anorexia e dificuldade urinária. O exame físico revelou dor à palpação abdominal e ausência de micção. Os exames laboratoriais demonstraram presença de cristais na urina e um aumento significativo nos níveis de creatinina sérica. O exame de imagem por ultrassonografia revelou a presença de um urólito de biurato de amônio no ureter distal. O felino foi submetido à intervenção cirúrgica para remoção do urólito, seguida de terapia de suporte pós-operatório. O biurato de amônio é um tipo raro de urólito em felinos, composto principalmente por sais de ácido úrico e amônia. Sua formação está associada a distúrbios metabólicos, como a acidose tubular renal, e pode levar a complicações graves, incluindo obstrução urinária. O diagnóstico de urólito de biurato de amônio é frequentemente realizado por meio de exames de imagem, como a ultrassonografia, e análise microscópica da urina. O tratamento geralmente envolve a remoção cirúrgica do urólito seguida por terapia medicamentosa para prevenir recorrências e tratar possíveis condições subjacentes. Este relato de caso destaca a importância do reconhecimento e tratamento adequado do urólito de biurato de amônio em felinos. Embora seja uma condição menos comum, pode resultar em complicações graves se não for diagnosticada e tratada precocemente. A colaboração entre proprietários, veterinários e especialistas em diagnóstico por imagem é essencial para garantir o manejo eficaz desses casos. Mais pesquisas são necessárias para entender completamente os mecanismos subjacentes à formação desses urólitos e desenvolver estratégias de prevenção mais eficazes.

Palavras-chave: Trato urinário, ultrassonografia, urolitíase.

Uso da técnica de janelas acústicas do ultrassom (FLASH) como auxiliar no diagnóstico do abdome agudo cirúrgico em equinos.

Isabel Cristina Medeiros da Silva¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Heitor Drumond Guelber¹, Lays da Silva Mendes¹, Maria Clara Bonifácio Magalhães¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O abdome agudo em equinos é considerado uma emergência na clínica médica, que pode afetar qualquer órgão da região abdominal, sendo muitas vezes fatal. Existem vários parâmetros que devem ser avaliados, em conjunto, para o diagnóstico da causa de dor abdominal como grau de dor, frequências cardíaca e respiratória, coloração das mucosas, tempo de preenchimento capilar, temperatura retal, motilidade gastrointestinal, achados da palpação retal, cor, quantidade e odor do refluxo gástrico, dosagens de hematócrito, proteínas plasmáticas, concentração de lactato plasmático, e também as características do fluido peritoneal. A determinação precoce da necessidade ou não de tratamento cirúrgico é peça fundamental para o sucesso do tratamento, sendo atribuídos os melhores resultados em animais submetidos rapidamente a celiotomia. Para a definição cirúrgica, em muitos casos, exame clínico e análises laboratoriais não são suficientes, havendo a necessidade de avaliação através de imagem. A ultrassonografia abdominal focalizada é frequentemente utilizada na rotina de pequenos animais para avaliar a necessidade de celiotomia e, apesar dos possíveis artefatos devido à grande quantidade de gás do trato gastrintestinal dos equinos com cólica, a avaliação é possível na espécie. A técnica de avaliação ultrassonográfica denominada FLASH (Fast Localized Abdominal Sonography in Horses), permite o acesso a regiões do abdome que são inacessíveis por outros métodos de diagnóstico, como exemplo a palpação retal. É rápida, não invasiva e possibilita avaliar presença ou ausência de motilidade; avaliação das paredes intestinais quanto à presença de espessamento ou não; análise qualitativa e quantitativa do líquido peritoneal e avaliação do conteúdo presente nas diferentes porções do trato gastrintestinal. Em comparação a ultrassonografia normal essa técnica leva metade do tempo para ser realizada e consiste na avaliação de sete janelas acústicas, onde é possível visualizar (1) estômago; (2) Cólon dorsal esquerdo (CDE), rim esquerdo e baço; (3) Baço, CDE, cólon ventral esquerdo (CVE); (4) CVE, baço e intestino delgado; (5) Ceco, rim direito, cólon dorsal direito; (6) Cólon ventral direito (CVD) e (7) CDD, fígado. Os principais quadros de resolução cirúrgica são as compactações não tratáveis clinicamente, torções, deslocamentos, encarceramentos e intussuscepções, onde o animal apresenta sinais clínicos de dor severa pouco ou não responsivos a analgesia. O principal objetivo inicial de utilizar o FLASH é diferenciar os casos clínicos dos casos cirúrgicos. Abdome agudo é uma síndrome importante, que leva muitos equinos a óbito, dito isso, percebe-se a importância do diagnóstico pela ultrassonografia usando as janelas acústicas para auxiliar o médico veterinário para o melhor tratamento que promova o bem-estar desses animais.

Palavras-chave: Intestino delgado, ultrassonografia, síndrome, trato gastrintestinal.

Uso de amiodarona no controle de complexos ventriculares prematuros em medicina veterinária: Relato de caso.

Luana da Silva Costa¹, Milena de Oliveira Cruz¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, Amanda Tavares Moreto¹, Debora Azevedo Borges² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ – Brasil.

²Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os Complexos Ventriculares Prematuros (CVP`s) são arritmias cardíacas frequentes em cães e gatos, podendo ser assintomáticos ou associadas a sinais clínicos de comprometimento cardíaco. A amiodarona, um agente antiarrítmico de Classe III, é um bloqueador de canais de potássio e de sódio, prolongando, dessa forma, a duração do potencial de ação cardíaco, sendo amplamente utilizada na medicina humana e veterinária para o tratamento de diversas arritmias. As CVP`s prematuras são um dos tipos de arritmia tratadas com amiodarona. No entanto, há poucos relatos de casos relativos à sua segurança e eficácia em animais de companhia. Este caso refere-se a um cão Labrador Retriever, de oito anos de idade, que se apresentou ao hospital veterinário devido a episódios recorrentes de fraqueza e síncope. O exame físico revelou irregularidade na frequência cardíaca e diminuição dos sons cardíacos. O eletrocardiograma diagnosticou a presença de complexos ventriculares prematuros multifocais. Com base no diagnóstico de arritmia ventricular, foi iniciado tratamento com amiodarona oral na dose de 10 mg/kg a cada 12 horas, associado a monitoramento cardíaco contínuo. Durante o acompanhamento, houve uma notável melhora clínica no cão, com uma redução significativa na frequência e gravidade dos episódios de fraqueza. Os exames de controle revelaram uma diminuição progressiva na incidência de complexos ventriculares prematuros (CVP`s), e após três semanas de tratamento com amiodarona, o ritmo cardíaco foi normalizado, sem a observação de efeitos adversos significativos. Este relato enfatiza a eficácia e segurança da amiodarona no tratamento de CVP`s em cães, comprovada pela melhora clínica e redução na incidência de arritmias após o início do tratamento. Embora a amiodarona seja geralmente considerada segura para uso em cães, é essencial manter uma monitorização próxima devido ao potencial de ocorrência de efeitos adversos, tais como toxicidade hepática, pulmonar e ocular. No entanto, é importante destacar que, neste caso específico, não foram identificados eventos adversos significativos. Isso sugere que a amiodarona pode ser uma opção terapêutica segura para o tratamento de CVP`s em cães, desde que utilizada com monitoramento adequado. Embora sejam necessários estudos adicionais para confirmar esses achados, as observações sugerem que a amiodarona pode ser uma ferramenta valiosa no manejo das arritmias cardíacas em medicina veterinária.

Palavras-chave: Antiarrítmicos, cães, cardiologia, eletrocardiograma.

Uso de L-lisina no tratamento de felino com Herpesvírus felino: Um relato de caso.

Diana Ivanov Pedroso¹, Ana Clara C abral Abdu¹, Mariana Caetano Marques¹, Júlia Laport Lavinas¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ – Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O herpesvírus felino (FHV-1) é uma das principais causas de doenças respiratórias em felinos, caracterizada por rinite viral felina (FVR), conjuntivite e úlceras corneais. Embora seja uma infecção viral, episódios recorrentes podem ser desencadeados por fatores como estresse, imunossupressão e outras condições predisponentes. O tratamento tradicionalmente empregado inclui antivirais sistêmicos, antibióticos para infecções secundárias e terapias de suporte. Recentemente, a suplementação de L-lisina tem sido sugerida como uma abordagem adjuvante para controlar os surtos clínicos da doença. Um gato doméstico macho, de 2 anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com sinais clínicos de FVR, incluindo secreção ocular mucopurulenta, espirros frequentes e letargia. O paciente havia sido diagnosticado anteriormente com herpesvírus felino com base em testes moleculares de raspado conjuntival. O tratamento prévio incluiu antibióticos tópicos e sistêmicos, resultando em uma melhora transitória dos sintomas, seguida de recorrência após a descontinuação do tratamento. Com base no histórico e na gravidade dos sintomas, foi decidido iniciar uma terapia adjuvante com L-lisina oral (500 mg, duas vezes ao dia), além de continuar com a terapia antibiótica tópica. Durante o acompanhamento de quatro semanas, observou-se uma redução significativa na frequência e na gravidade dos sintomas respiratórios. A secreção ocular diminuiu progressivamente, e os espirros tornaram-se menos frequentes. O paciente demonstrou maior atividade e apetite. Não foram observados efeitos adversos associados à administração de L-lisina. Após o período de tratamento, foi recomendado continuar com a suplementação de L-lisina em uma dose de manutenção. A L-lisina é um aminoácido essencial conhecido por sua capacidade de interferir na replicação viral, inibindo a enzima DNA polimerase viral. Estudos *in vitro* demonstraram que a L-lisina pode inibir a replicação do herpesvírus felino. De acordo com a pesquisa recente de Maggs et al. (2020), o uso de L-lisina em felinos com herpesvírus felino demonstrou uma redução estatisticamente significativa na gravidade dos sinais clínicos, incluindo a duração dos surtos e a quantidade de secreção ocular. Esses resultados corroboram com a observação do presente relato de caso, reforçando o potencial da L-lisina como terapia adjuvante no tratamento da FVR em felinos. Este relato de caso destaca o uso bem-sucedido da L-lisina como terapia adjuvante no tratamento de um felino com herpesvírus felino. A suplementação de L-lisina mostrou-se segura e eficaz na redução dos sintomas clínicos e na prevenção de recorrências da doença. No entanto, mais pesquisas são necessárias para elucidar completamente o papel da L-lisina no manejo da FVR em felinos e determinar suas recomendações de dosagem ideais.

Palavras-chave: Herpesvírus felino (FHV-1), L-lisina, rinite viral felina (FVR), tratamento adjuvante.

Uso de queimadas para a limpeza de áreas de pastoreio em propriedades rurais.

Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos¹, Rodrigo Almeida Ferreira¹, Aline Maria Andrade da Silva², Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹ & Leila Cardozo Ott³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Médica Veterinária Autônoma, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O uso de queimadas como método de limpeza de áreas de pastoreio em propriedades rurais tem sido uma prática comum há décadas. O fogo foi considerado uma ferramenta essencial para a ocupação de terras inexploradas, causando inúmeros impactos ambientais como na Mata Atlântica, por exemplo, um dos principais biomas brasileiros afetado por tais efeitos e que nos dias atuais, apresenta apenas 12% de sua cobertura original devido a exploração inadequada de seus recursos naturais. Essa técnica de queimadas é frequentemente utilizada por produtores para eliminar resíduos vegetais e renovar pastagens de forma econômica e rápida. No entanto, suas implicações ambientais e de saúde pública têm suscitado preocupações crescentes, levando à necessidade de uma análise profunda dos impactos associados. Para esta revisão, foram consultadas diversas fontes de literatura acadêmica e as buscas foram realizadas em bases de dados como PubMed, Scielo e Google acadêmico, analisando, por exemplo, artigos científicos e relatórios técnicos. Os estudos revisados revelaram que as queimadas podem ter uma série de consequências negativas, incluindo a degradação do solo, a perda de biodiversidade, a poluição do ar e a contribuição para as mudanças climáticas. Além disso, foram encontradas evidências de impactos na saúde humana, decorrentes da inalação de poluentes liberados durante a queima da vegetação. Embora a queima possa favorecer a renovação da vegetação de alguma forma, já que as cinzas contêm elementos minerais, é fundamental considerar os impactos adversos a longo prazo que podem resultar desta prática, como a degradação do solo pela destruição das plantas de cobertura e eliminação da biodiversidade vegetal e animal, fatores estes de extrema importância para o controle de pragas e doenças, além da perda de nutrientes essenciais para o crescimento das plantas. Dessa forma, alternativas mais sustentáveis, como o manejo integrado de pastagens, sistemas agroflorestais e o uso de técnicas de agricultura de conservação, podem oferecer benefícios similares sem os impactos negativos associados às queimadas.. Para os casos específicos em que não há outra alternativa a não ser a prática de queima, é imprescindível seguir a legislação vigente, que exige a autorização de órgãos competentes. As penalidades para quem não cumpra à legislação envolvem a prisão do indivíduo e multas que variam de acordo com a gravidade da infração. Conclui-se que é necessário promover práticas agrícolas mais sustentáveis e que busquem soluções que minimizem impactos ambientais, o que pode ser alcançado por meio da adoção de estratégias de manejo do solo, conservação de recursos naturais e educação ambiental.

Palavras-chave: Biodiversidade, degradação de solo, impactos ambientais, práticas sustentáveis, saúde pública.

Uso do éter dimetílico associado a propano e isobutano no tratamento de pododermatite plasmocitária em felino: Relato de caso clínico-cirúrgico.

Vivian Bertolozzi Ramacciotti¹, Ana Carolina de Souza Campos² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A pododermatite plasmocitária felina (PDF) é uma doença inflamatória que afeta os coxins dos gatos, sem predileção por idade, sexo ou raça. Caracteriza-se pela infiltração de plasmócitos, hipergamaglobulinemia persistente e boa resposta ao tratamento com corticosteroides, sugerindo uma causa imunomediada. Clinicamente, a PDF manifesta-se pelo aumento de volume dos coxins, de textura suave e esponjosa, podendo apresentar edemaciação e ulceração. O diagnóstico definitivo é obtido por biópsia histopatológica, sendo essencial uma avaliação clínica precoce para evitar o agravamento das lesões e a progressão da doença. O tratamento envolve imunossuppressores, imunomoduladores e, em casos graves, remoção cirúrgica dos coxins afetados. A doxiciclina, além de sua ação antimicrobiana, funciona como imunomodulador, mostrando-se bastante eficaz no tratamento da PDF associada à prednisolona. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de um felino macho, 4 anos, pelo curto brasileiro, que apresenta sintomatologia de pododermatite plasmocitária, como nódulos edemaciados e ulcerados nos coxins palmares e plantares. No exame clínico inicial, o coxim palmar esquerdo apresentava-se com nódulos circunscritos de 2,5cm de diâmetro por 3,5 cm de altura, o coxim palmar direito com lesão de 1cm de diâmetro e o coxim plantar direito com nódulo circunscrito de 3cm de diâmetro por 2cm de altura. Foi realizado tratamento clínico com doxiciclina 10mg/kg, a cada 24 horas e prednisolona, 1mg/kg a cada 24 horas, conforme sugerido em literatura. Após 30 dias de tratamento, houve remissão nodular total do coxim palmar direito e redução significativa dos nódulos ulcerados nos demais coxins: o nódulo presente no coxim palmar esquerdo reduziu para 2,5cm x 2cm e o nódulo do coxim palmar direito reduziu para 1cm. A excisão cirúrgica associada à crioterapia foi indicada para acelerar o tratamento da PDF, pois os nódulos ainda apresentavam grande volume. A criocirurgia aplica temperaturas extremamente baixas diretamente nas lesões cutâneas, tratando condições benignas, pré-cancerígenas e certos tipos de câncer de pele com alta eficácia. Os mecanismos de ação incluem danos mecânicos por formação de cristais de gelo e estresse celular, levando à necrose celular e apoptose. O éter dimetílico, propano e isobutano (Pointts®) foi utilizado após a excisão dos nódulos para simular a crioblação, promovendo a destruição do tecido e formando uma nova camada de pele entre 10 e 14 dias. Essa abordagem visa melhorar a cicatrização e prevenir recidivas da doença, conforme sugerido em literatura. O exame histológico do tecido submetido revelou características compatíveis com a PDF, apresentando um infiltrado inflamatório intenso composto predominantemente por células mononucleares, que se estende pela derme e pelo tecido adiposo subjacente. O infiltrado consiste principalmente em células plasmáticas altamente diferenciadas, incluindo células de Mött, as quais exibem inclusões esféricas em seus citoplasmas, conhecidas como corpos de Russell, que correspondem a acúmulos de imunoglobulinas. O tratamento clínico combinado com a excisão cirúrgica e a crioterapia com éter dimetílico, propano e isobutano mostrou-se eficaz no tratamento da pododermatite plasmocitária felina neste caso. Levando à completa resolução das lesões e recuperação do paciente, sem recidiva no período de um ano, proporcionando melhora na qualidade de vida do animal.

Palavras-chave: Coxim, crioterapia, doxiciclina, nódulos ulcerados.

Utilização da criocirurgia no tratamento de habronemose cutânea em equino: Revisão de literatura.

Ana Livia Pereira Oliveira¹, Isabella Esteves Silveira¹, Maria Clara da Silva Arruda Pereira¹, Laura Andrade de Oliveira¹, Gabriel Leal do Nascimento¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A habronemose cutânea, também denominada como “ferida de verão”, é uma doença causada por nematódeos das espécies *Draschia megastoma* ou *Habronomea spp.*, que acometem vários animais, entre eles os equinos. As larvas destes parasitos são transportadas por *Stomoxys calcitrans* e *Musca domestica*, que ao pousarem em feridas abertas e úmidas contaminam o local. Elas têm preferência por olhos e lábios, causando uma lesão com intenso processo de granulação e difícil cicatrização utilizando terapêuticas convencionais. Esta afecção, além da forma cutânea, também pode apresentar-se na forma gástrica, em que o tratamento envolve a administração de antiparasitários por via oral. O tratamento da habronemose cutânea algumas vezes é longo e dispendioso, desta forma, busca-se a aplicação de terapias adjuvantes para acelerar o processo de cicatrização da lesão e reduzir os custos de tratamento. Originalmente, o tratamento para estas feridas consiste na remoção mecânica das larvas remanescentes, limpeza da lesão e utilização de anti-inflamatórios e antiparasitários, a fim de controlar a inflamação local e exterminar as larvas presentes. A formação de Tecido de Granulação Exuberante (TGE), estimulada pela presença das larvas, torna o processo de cicatrização longo, tendo a criocirurgia como uma técnica capaz de acelerar o processo de cicatrização pela retirada do TGE. A criocirurgia é utilizada há décadas para tratamento de tumores, sendo realizada a partir do uso de temperaturas extremamente baixas e controladas, associadas ao nitrogênio líquido e óxido nitroso. Suas vantagens na terapêutica de habronemose incluem redução do sangramento, destruição seletiva dos tecidos (mantendo ao máximo os tecidos saudáveis) e capacidade de extrair grandes lesões, ocasionando uma reação tecidual e cicatrização por segunda intenção. As complicações pós-cirúrgicas são raras, porém, esta técnica exige habilidade do profissional e investimento no dispositivo para aplicação do nitrogênio. Após sua execução, a ferida deve ser higienizada diariamente, além de ser necessária a utilização de anti-inflamatórios esteroidais para minimizar possíveis reações.

Palavras-chave: Cirurgia, doença parasitária, equinos, ferida de verão, terapia alternativa.

Utilização de *Saccharomyces cerevisiae* na suplementação de potros: Revisão de literatura.

Luiza Amorim Gonçalves¹, Gabriel Duque Vargas¹, Lara dos Santos Gomes¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O constante avanço na produção animal requer uma busca contínua por alternativas que possam otimizar tanto a eficiência técnica quanto a viabilidade econômica dos sistemas de alimentação. Nesse contexto, a pesquisa tem se voltado para o estudo de novas matérias-primas que possam servir como substitutos viáveis das fontes proteicas convencionais nas dietas animais. No Brasil, a levedura de recuperação (*Saccharomyces cerevisiae*) emerge como uma potencial candidata. Originária das destilarias, onde é obtida por meio da fermentação anaeróbica do caldo de cana ou do melaço, a levedura apresenta-se como uma fonte promissora de nutrientes para a alimentação animal, sendo reconhecida por sua riqueza em proteínas, vitaminas do complexo B e minerais. As leveduras destacam-se também pela composição balanceada de aminoácidos essenciais, como treonina, leucina e lisina. No entanto, estudos sobre os efeitos da utilização de leveduras na dieta de potros permanecem escassos, contrastando com o amplo uso desse recurso na criação de bovinos e outras espécies. Diante desse cenário essa revisão de literatura tem como objetivo compilar e analisar as evidências disponíveis sobre o uso de *S. cerevisiae* em dietas de potros, e seus resultados. Com base na análise de algumas literaturas selecionadas, a suplementação com cultura de levedura para potros lactantes resultou um incremento no crescimento através das avaliações de ganho de peso, altura e eficiência alimentar, quando comparados com os animais que não receberam a suplementação. Para os potros desmamados, a adição de levedura melhorou a eficiência alimentar e o ganho de peso, mas não afetou a altura na cernelha. Segundo os autores, a levedura pode influenciar o balanço de aminoácidos e o metabolismo de nitrogênio, resultando em aumento da musculatura e crescimento dos ossos. O uso de 15% de levedura seca nas rações mostrou melhores médias para os coeficientes de digestibilidade da matéria seca, fibra em detergente neutro e energia bruta quando comparado com os outros tratamentos. Em contrapartida, um experimento recente utilizou 30 potros da raça Paint Horse de 0 a 6 meses de idade, mantidos em piquetes de gramínea Tifton 85, junto às mães. Foi ofertada ração na quantidade de 0,25% peso/dia, a partir do sétimo dia de vida. O grupo de controle recebeu concentrado sem suplementação de levedura, enquanto outro grupo recebeu concentrado com suplementação por via oral a partir do terceiro dia de vida. As medidas observadas consistiam em peso, altura de cernelha e perímetros de tórax, de joelho e de canela. Os resultados demonstraram que não houve diferença ($P > 0,05$) entre os tratamentos, concluindo que a suplementação com um produto a base de levedura viva protegida (*S. cerevisiae*) não causou efeito sobre o desenvolvimento de potros. Infere-se, portanto, que a presente revisão de literatura destaca a importância da realização de novos experimentos, para avaliar a eficácia do uso da levedura *S. cerevisiae* no desenvolvimento dos potros.

Palavras-chave: Desenvolvimento, equinos, experimento, levedura.

Vacinação em cães e gatos: Qual a importância?

Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Anna Carolina Benicio Fernandes¹, João Gabriel Mulin Christo Fernandes¹, Maria Fernanda Russo Muniz¹, Isadora Funayama da Rocha¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A vacina é imprescindível para a proteção de cães e gatos contra doenças infecciosas, atuando na prevenção contra o contágio de um animal para o outro ou até mesmo em zoonoses, é um caso de saúde pública, quanto maior a quantidade de animais vacinados, menor é a chance das doenças se propagarem na população, causando assim um efeito rebanho. Sendo assim, é necessário o cumprimento de um protocolo vacinal definido pelo veterinário para cada animal, considerando as recomendações de fabricação e diretrizes para vacinação da associação mundial de veterinária. Em relação às vacinas, as vacinas V8 ou V10 são cruciais para cães, protegendo contra várias doenças como cinomose, parvovirose, hepatite infecciosa canina, adenovírus tipo 2, parainfluenza, coronavírus canino e leptospirose. Para gatos, a V4 ou V5, que se diferem apenas pela aplicação ou ausência do diluente, defendem contra rinotraqueíte, calicivirose, panleucopenia e clamidiose felina, e a quintupla (V5), previne também a leucemia felina. A vacina antirrábica é essencial para ambos, prevenindo a raiva que é uma doença fatal que pode ser transmitida aos humanos. Os protocolos consistem em: V8/V10, poderá ser administrada a cães com 6 semanas de idade ou mais, aplicar 3 doses no filhote, ou 2 doses em animais mais velhos onde não se sabe o histórico vacinal, sendo o intervalo de 2 a 4 semanas entre doses, após finalização do protocolo anterior, manter dose única de repetição anual. V4/V5, poderá ser administrada às 9 semanas ou mais de idade, aplicar 2 doses em filhotes ou em casos em que não se sabe o histórico vacinal, sendo o intervalo de 3 a 4 semanas entre doses, após finalização do protocolo anterior, manter dose única de repetição anual. E por último, a vacina antirrábica, a primeira vacinação deve ser feita a partir de 3 meses de idade, em aplicação de dose única de revacinação anual. A decisão de vacinar cães e gatos, a frequência e doses, é feita pelo médico veterinário considerando idade, saúde, exposição, ambiente. Abrigos requerem vacinação rigorosa, enquanto locais movimentados como pet shops devem considerar a exposição e as diretrizes para vacinação da associação mundial de veterinária. Gravidez ou doença leve não justificam evitar vacinas cruciais. Outro fato essencial é portar a documentação do histórico vacinal para transporte. Não há um protocolo único, cada animal precisa de avaliação individualizada para um plano adequado. Algumas doenças podem acometer não somente aos pets, mas também aos seres humanos, chamadas de zoonoses. Uma das principais zoonoses é a leptospirose e a raiva, para evitar problemas dessa natureza, é indicado que as vacinas para os pets sejam aplicadas corretamente, seguindo o calendário de vacinação, e acompanhado por um médico veterinário de confiança. Dessa forma, um esquema vacinal desenvolvido individualmente, para cada paciente, irá promover longevidade e qualidade de vida, contribuindo para o controle de importantes zoonoses e promovendo saúde única. Vacinação é, portanto, um ato médico muito importante e uma responsabilidade de saúde pública.

Palavras-chave: Cães e gatos, imunização, protocolos vacinais, vacinação, vacina polivalente.

Xeromictéria em um cão com lesão de nervo trigêmeo: Relato de caso.

Lucas Almeida Faria¹, Ana Clara Ferreira Brandão¹, Mariana Serra Alves¹, Gabriel Leal do Nascimento¹, Clara Marques Barros¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A xeromictéria, também conhecida como “nariz seco”, é uma condição caracterizada pela ausência de umidade no nariz de cães e outros animais. Esta alteração pode estar associada a uma variedade de causas, incluindo distúrbios sistêmicos, traumas faciais e lesões de nervos cranianos. Este artigo relata um caso de xeromictéria em um cão com lesão de nervo craniano, destacando sua apresentação clínica, diagnóstico diferencial, tratamento e prognóstico. Um cão da raça Golden Retriever, macho, de seis anos de idade, foi apresentado à clínica veterinária com histórico de xeromictéria persistente e dificuldade para comer e beber. Durante o exame físico, observou-se uma ferida superficial na região nasal esquerda, acompanhada de perda de sensibilidade e movimento na musculatura da região. Com base nos achados clínicos, suspeitou-se de uma lesão de nervo craniano, possivelmente decorrente de trauma. Exames complementares, incluindo radiografias e tomografia computadorizada da cabeça e do crânio, foram realizados para avaliar a extensão da lesão. As imagens revelaram uma fratura no osso nasal esquerdo, associada a uma compressão do nervo trigêmeo. Além disso, a falta de umidade no nariz foi atribuída à perda de função das glândulas mucosas devido à lesão do nervo. O tratamento incluiu cuidados locais para a ferida nasal, analgésicos para controle da dor e terapia de suporte para manutenção da hidratação e nutrição adequadas. Além disso, foi recomendado acompanhamento frequente para monitorar a recuperação da função nervosa e prevenir complicações secundárias, como infecções respiratórias. As lesões de nervos cranianos em cães podem resultar em uma variedade de sinais clínicos, dependendo da localização e extensão da lesão. No caso descrito, a xeromictéria foi atribuída à lesão do nervo trigêmeo, que é responsável pela inervação das glândulas mucosas do nariz. A perda de sensibilidade na região nasal também pode contribuir para o desenvolvimento de feridas e infecções secundárias. O diagnóstico diferencial da xeromictéria em cães inclui uma ampla gama de condições, como infecções virais, alergias, neoplasias e doenças autoimunes. A avaliação cuidadosa da história clínica, exame físico e exames complementares é fundamental para identificar a causa subjacente e determinar o plano de tratamento mais adequado. A xeromictéria em cães pode ser um sinal clínico importante de lesões de nervos cranianos, como no caso deste cão Golden Retriever. O manejo adequado desses casos requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo veterinários clínicos, especialistas em diagnóstico por imagem e cirurgiões, para garantir o diagnóstico preciso e o tratamento eficaz. O prognóstico depende da extensão da lesão nervosa e da resposta ao tratamento, destacando a importância do acompanhamento veterinário regular e da reabilitação adequada.

Palavras-chave: Golden retriever, nervo craniano, terapia de suporte, tomografia.

A importância da consulta de rotina na medicina veterinária de pequenos animais.

Caio da Silva Afonso¹, Manoela Helena de Souza¹, Lucas Pereira de Moura Jorge¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

UNIVERSIDADE DE VASSOURAS
Faculdade de Medicina Veterinária
LAPA
@lapa.uv

Discentes:
Caio da Silva Afonso,
Manoela Helena de Souza e Lucas Pereira de Moura Jorge.

Docente:
Mário dos Santos Filho

Vacinação e vermifugação:
São primordiais para impedir a disseminação de doenças, inclusive zoonoses, que são doenças transmitidas entre os animais e o homem. Seus respectivos protocolos devem ser estabelecidos exclusivamente pelo Veterinário responsável.

Quando se deve ir ao veterinário para uma consulta?
Filhotes: Necessitam de uma maior atenção, pois estão em fase de crescimento e desenvolvimento. É ideal que mantenham uma frequência mensal ao veterinário, até completarem aproximadamente 4 meses de idade.
Adultos: É recomendado que sejam submetidos, pelo menos, a uma avaliação por ano.
Idosos: Devido a maior ocorrência de processos degenerativos e maior susceptibilidade a enfermidades, devem realizar o check-up, no mínimo, a cada 6 meses.

A importância da consulta de rotina na medicina veterinária de pequenos animais.

**Prevenção é sinônimo de bem-estar e qualidade de vida!
Prevenção é um ato de amor!**

O que é?
É uma consulta com frequência regular que possui a prevenção como foco. Essa iniciativa é essencial para garantir que a relação de companheirismo entre animal e tutor seja prolongada e repleta de momentos especiais e de diversão.

Qual a sua importância?
Os animais necessitam de cuidados frequentes, assim como os seres humanos. A Medicina Veterinária preventiva é uma área que visa garantir uma vida longa e saudável. Com base nisso, é notório a importância da realização do check-up, pois é um meio que auxilia na busca do bem-estar e na detecção precoce de possíveis patologias, incluindo aquelas que não apresentam sintomas.

Quais são os procedimentos realizados?
A consulta de rotina possui como seus pilares a realização da anamnese, de exames físicos e exames complementares, caso o profissional julgue necessário para a confirmação do diagnóstico.

Principais etapas do exame físico:
-Inspeção geral: O veterinário observa o animal em busca de sinais óbvios de problemas, como a postura, o estado de alerta, a respiração e a marcha.
-Auscultação: Isso envolve ouvir os sons internos do animal, incluindo batimentos cardíacos, respiração e movimentos intestinais.
-Palpação: O veterinário palpa manualmente várias partes do corpo do animal para detectar anormalidades, como inchaços, dor, sensibilidade ou temperatura elevada.

-Exame dos olhos, ouvidos e nariz.
-Exame oral: Isso inclui a inspeção da boca, dentes e gengivas do animal em busca de problemas dentários, inflamação ou tumores.
-Exame da pele e pelagem: O veterinário examina a pele e a pelagem do animal em busca de pulgas, carrapatos, parasitas, lesões, infecções ou irritações.
-Exame neurológico: O veterinário avalia a função neurológica do animal, observando a coordenação, os reflexos, a sensibilidade e outras funções do sistema nervoso. Além do exame abdominal e do exame musculoesquelético.

Exames complementares de maior frequência na rotina clínica:
-Análises laboratoriais, como hemograma, exame de urina e fezes.
-Ultrassonografia.
-Radiografia.
-Eletrocardiograma.
-Ecocardiograma.
-Tomografia.
-Endoscopia.

Conheça mais a fundo sobre o vírus da raiva: Uma zoonose de grande importância mundial para o seu pet e para você!

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Eduardo Butturini de Carvalho², Ana Paula Martinez de Abreu², Mario dos Santos Filho², Erica Cristina Rocha Roier² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Sinais clínicos

Possui duas apresentações, em que ambas apresentam desfecho fatal para o animal.

Forma furiosa:
Atualmente não circula, porém seus sinais em animais eram agressividade; sensibilidade à luz; salivção abundante; insônia e febre.



Forma paralítica:
Diferente da primeira, esta o animal apresentará dificuldade de deglutição, pela paralisia muscular, podendo se complicar para a paralisção dos membros posteriores e do maxilar, este que levará a salivção típica.

Zoonose!?

Afinal, o que é?

Zoonose é a terminologia utilizada para definir doenças de carácter infecto contagioso transmitida entre animais e seres humanos



Como ocorre a sua transmissão?

A princípio, se dá pela inoculação do vírus, geralmente, por um morcego hematófago contaminado, afetando qualquer um dos mamíferos.

Sendo posteriormente, podendo ser transmitido novamente, pelo novo animal infectado, por meio de motidas ou arranhaduras.

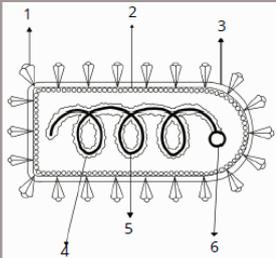
Conheça mais a fundo sobre o vírus da raiva.

Uma zoonose de grande importância mundial para o seu pet e para você!



Taxonomia e estrutura viral

Família: *Rhabdoviridae*
Gênero: *Lyssavirus*



- 1- Glicoproteína de superfície
- 2- Proteína da matriz
- 3- Envelopes viral
- 4- Nucleocapsídeo
- 5- RNA de fita simples helicoidal
- 6- RNA polimerase

Prevenção e controle

Deve ser realizado o serviço de vigilância epidemiológica a partir da vacinação anual de cães e gatos, com vacinas do vírus inativo, até mesmo em municípios onde a raiva está controlada, como também a apreensão de animais errantes. De acordo com o Programa de Controle da Raiva, preconizado pela OMS.

Você foi mordido por um animal com suspeita de raiva?

Saiba o que fazer

De imediato deve-se realizar a lavagem do local com água corrente e sabão, e logo após procurar uma assistência médica na localidade mais próxima, para, se necessário, a aplicação da vacina e soro antirrábico.



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS



Para mais informações sobre a raiva acesse o QR code acima ou disque 136, para ter contato com a Ouvidoria-Geral do SUS

Desmistificando a eficácia da terapia floral em animais: Orientações para resultados satisfatórios.

Lorryne Martins de Assis¹, Olivia Soledade Junqueira Silva¹, João Gabriel Mulin Christo Fernandes¹, Fernanda Romão Reis¹, Amanda Alfeld Belegote² & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Desafio Floral: Teste seu Conhecimento sobre Terapia Floral em Animais

UNIVASSOURAS

Autores: Lorryne Martins de Assis^{1*}; Olivia Soledade Junqueira Silva¹; João Gabriel Mulin Christo Fernandes¹; Fernanda Romão Reis¹; Amanda Alfeld Belegote²; Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹ Discentes em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.
² Discente do Mestrado Profissional de Diagnóstico em Medicina Veterinária-Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.
³ Docente em Medicina Veterinária-Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Desmistificando a Eficácia da Terapia Floral em Animais: Orientações para Resultados Satisfatórios

A terapia floral é comumente utilizada para abordar uma ampla gama de problemas comportamentais e de saúde em animais, incluindo agressividade, ansiedade, medo e questões dermatológicas. No entanto, é fundamental reconhecer que o sucesso desse tratamento muitas vezes depende da sua correta aplicação. Isso destaca a importância de buscar a orientação de um terapeuta floral especializado para garantir resultados eficazes.



A colaboração do tutor é essencial principalmente em tratamento de problemas comportamentais, pois suas atitudes influenciam diretamente o comportamento do animal. Portanto, é crucial promover mudanças tanto no animal quanto no tutor para alcançar os resultados desejados. Os florais para animais não devem ser vistos como remédios, mas como uma terapia complementar que pode ser combinada com tratamento veterinário, quando necessário. Mudanças tanto no animal quanto no tutor são cruciais para alcançar os resultados desejados.

A terapia floral é uma prática individualizada, portanto pode exigir algum tempo e experimentação para encontrar o floral mais adequado para cada situação.

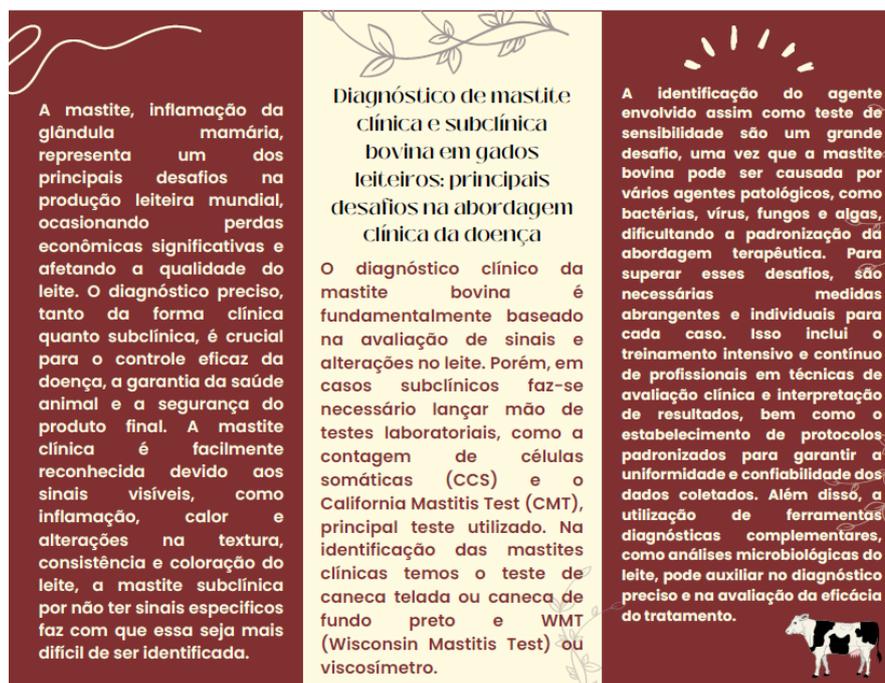
Aqueles que discordam dos benefícios dos florais argumentam que qualquer melhora nos pacientes se explica apenas devido ao efeito placebo. Embora essa teoria possa ser levada em consideração, é irrefutável que existam duas categorias de pacientes que não se aplicam a ela: crianças e animais. Apesar dos relatos frequentes sobre a ineficácia dos florais, muitas vezes isso se deve ao uso inadequado da terapia. Essências pré-fabricadas geralmente não produzem os resultados esperados, pois a abordagem correta requer um buquê de florais elaborado individualmente para cada paciente. Qualquer abordagem diferente dessa situação provavelmente não será bem-sucedida.

Diagnóstico de mastite clínica e subclínica bovina em gados leiteiros: principais desafios na abordagem clínica da doença.

Adriana Maciel de Oliveira¹, Carolina Vieira de Souza Melo Pereira¹, Juliana Fernandes Fonseca Paltrinieri¹, Luiz Felipe Sant'Ana de Souza¹, Ana Paula Oliveira Sant'Anna¹ & Otávia Reis e Silva².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, *campus* Maricá, RJ..

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.



A mastite, inflamação da glândula mamária, representa um dos principais desafios na produção leiteira mundial, ocasionando perdas econômicas significativas e afetando a qualidade do leite. O diagnóstico preciso, tanto da forma clínica quanto subclínica, é crucial para o controle eficaz da doença, a garantia da saúde animal e a segurança do produto final. A mastite clínica é facilmente reconhecida devido aos sinais visíveis, como inflamação, calor e alterações na textura, consistência e coloração do leite, a mastite subclínica por não ter sinais específicos faz com que essa seja mais difícil de ser identificada.

Diagnóstico de mastite clínica e subclínica bovina em gados leiteiros: principais desafios na abordagem clínica da doença

O diagnóstico clínico da mastite bovina é fundamentalmente baseado na avaliação de sinais e alterações no leite. Porém, em casos subclínicos faz-se necessário lançar mão de testes laboratoriais, como a contagem de células somáticas (CCS) e o California Mastitis Test (CMT), principal teste utilizado. Na identificação das mastites clínicas temos o teste de caneca telada ou caneca de fundo preto e WMT (Wisconsin Mastitis Test) ou viscosímetro.

A identificação do agente envolvido assim como teste de sensibilidade são um grande desafio, uma vez que a mastite bovina pode ser causada por vários agentes patológicos, como bactérias, vírus, fungos e algas, dificultando a padronização da abordagem terapêutica. Para superar esses desafios, são necessárias medidas abrangentes e individuais para cada caso. Isso inclui o treinamento intensivo e contínuo de profissionais em técnicas de avaliação clínica e interpretação de resultados, bem como o estabelecimento de protocolos padronizados para garantir a uniformidade e confiabilidade dos dados coletados. Além disso, a utilização de ferramentas diagnósticas complementares, como análises microbiológicas do leite, pode auxiliar no diagnóstico preciso e na avaliação da eficácia do tratamento.



Conclusão

Métodos de identificação de mastites no rebanho leiteiro:

O diagnóstico preciso da mastite bovina é essencial para o controle eficaz da doença, a garantia da saúde animal, a segurança do leite e a sustentabilidade da produção leiteira. Dentre as possibilidades aplicáveis para identificação de quadros de mastite, o uso da termografia para detecção de faixas de calor, características da inflamação, são métodos alternativos, tais quais sensores de condutividade elétrica e acelerômetros para monitoramento dos padrões físicos do leite que podem indicar mastite clínica ou subclínica. Através da superação dos desafios na abordagem clínica, da implementação de medidas estratégicas, do investimento em pesquisa e desenvolvimento, e da adoção de práticas de manejo adequadas, a indústria leiteira pode alcançar maior produtividade, qualidade do produto e competitividade no mercado global.



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

- Adriana Maciel De Oliveira
- Carolina Vieira De Souza Melo Pereira
- Juliana Fernandes Fonseca Paltrinieri
- Luiz Felipe Sant'Ana de Souza¹
- Ana Paula Oliveira Sant'Anna
- Otávia Reis e Silva

Diagnóstico ultrassonográfico na rotina de emergência.

Beatriz Gonçalves de Carvalho¹, Beatriz Viana Lopes¹, Erenice dos Santos Pacheco¹ & Otávia Reis e Silva².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, *campus* Maricá, RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.



DIAGNÓSTICO ULTRASSONOGRÁFICO NA ROTINA DE EMERGÊNCIA

O que é a ultrassonografia ?
A ultrassonografia é uma técnica de imagem médica que utiliza ondas sonoras de alta frequência para criar imagens em tempo real dos órgãos e tecidos do corpo. É um método não invasivo e indolor amplamente utilizado para diagnóstico, acompanhamento de gestações e orientação de procedimentos médicos. A técnica baseia-se no princípio do eco, onde as ondas sonoras são refletidas pelos tecidos do corpo e convertidas em imagens. É segura, versátil e essencial na prática clínica para avaliar estruturas anatômicas, fluxo sanguíneo e orientar procedimentos.



Quais são as suas aplicações

- Avaliação Abdominal
- Avaliação Cardíaca
- Avaliação Pulmonar
- Avaliação Musculoesquelética
- Avaliação de Tecidos Moles
- Oncologia
- Intervencionismo Guiado por Imagem
- Monitoramento de Doenças Crônicas



QUAIS EMERGÊNCIAS PODEM SER ATENDIDAS PELA ULTRA

- Avaliação abdominal aguda (ex: apendicite, colecistite, obstrução intestinal)
- Trauma abdominal (ex: lesões nos órgãos abdominais, sangramento interno)
- Trauma torácico (ex: lesões nos órgãos torácicos, derrames pleurais)
- Avaliação de trombose venosa profunda (TVP)
- Avaliação de derrames pleurais
- Avaliação de trauma musculoesquelético (ex: fraturas, lesões nos tecidos moles)
- Doenças respiratórias em bovinos e ovinos
- Dor abdominal em bovinos e caprinos
- Complicações durante procedimentos invasivos
- Monitoramento de gestações de alto risco

Compaixão, conhecimento e dedicação são os pilares que sustentam a nobre missão do médico veterinário, transformando vidas e fortalecendo laços entre humanos e animais



curiosidade

Uma curiosidade fascinante sobre o diagnóstico ultrassonográfico na rotina de emergência veterinária é a sua versatilidade. Além de auxiliar no diagnóstico rápido e preciso de condições emergenciais, como trauma abdominal, hemorragias internas e obstruções intestinais, a ultrassonografia também pode ser utilizada para guiar procedimentos terapêuticos, como drenagem de fluidos e biópsias, tornando-se uma ferramenta indispensável na prática veterinária de emergência.



COMO PEDIR

Identificar a necessidade: Baseado na queixa principal do paciente, histórico médico, exame físico e outros exames já realizados, o médico determina se uma ultrassonografia é necessária para avaliar uma condição específica.

Preencher o pedido: o médico preenche um formulário de solicitação de exame, incluindo informações como a razão para o exame, área a ser examinada (abdominal, torácica, musculoesquelética, etc.) e quaisquer preocupações específicas que devem ser abordadas pelo técnico ou médico radiologista.

Comunicar com o departamento de radiologia: Em alguns casos, especialmente em ambientes hospitalares, o médico pode precisar entrar em contato diretamente com o departamento de radiologia para discutir a urgência do exame, fornecer informações adicionais sobre o paciente ou solicitar uma priorização do exame, se necessário.

Encaminhar o paciente: após preencher o pedido, o médico orienta o paciente sobre o exame e o encaminha para o departamento de radiologia ou a área específica onde as ultrassonografias são realizadas na instituição de saúde.

DESAFIOS

- Tamanho e anatomia do paciente
- Profundidade de penetração
- Preparação do paciente
- Posicionamento e acessibilidade
- Interpretação das imagens

Por que pedir?

Pedir o exame diagnóstico ultrassonográfico na rotina de emergência é essencial para identificar rapidamente possíveis condições médicas urgentes em animais, permitindo intervenções médicas precoces e salvando vidas. Essa técnica não invasiva oferece uma avaliação detalhada de órgãos internos, tecidos e estruturas, fornecendo informações cruciais para o diagnóstico e o planejamento do tratamento. Em situações de emergência, o diagnóstico rápido e preciso pode fazer toda a diferença no prognóstico e na recuperação do animal.



Professora: Otávia Reis e Silva
Matrícula: 13915538701
email: otavia.silva@univassouras.edu.br

Aluna: Beatriz Gonçalves de Carvalho
Matrícula: 202010506
Aluna: Beatriz Viana Lopes
Matrícula: 202024209
Aluna: Erenice dos Santos Pacheco
Matrícula: 2202021825

Dirofilariose: Uma doença emergente.

Ana Livia Pereira Oliveira¹, Caio da Silva Afonso¹, Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹, Hanna Barbosa Pinheiro¹, Lana Costa de Queiroz¹, Marcella Larissa de Almeida Costa¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.



Legenda: Coração de cão com *Dirofilaria immitis*.
Fonte: AHS.

O inimigo pode estar
do seu lado!



Vale ressaltar que o protocolo preventivo deve ser realizado por um Médico(a) Veterinário(a).

Contato:
Instagram:
[@lacap.vassouras](https://www.instagram.com/lacap.vassouras)

DIROFILARIOSE: UMA DOENÇA EMERGENTE

Discentes: Ana Livia Pereira Oliveira, Caio da Silva Afonso, Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro, Hanna Barbosa Pinheiro, Lana Costa de Queiroz e Marcella Larissa de Almeida Costa.
Docente: Mário dos Santos Filho.

O que é?

A dirofilariose, popularmente chamada de "doença do verme do coração", é uma zoonose causada pelo nematódeo *Dirofilaria immitis*, que acomete o sistema circulatório de cães, gatos, sendo este mais resistentes, e seres humanos.

As modificações ambientais e o trânsito de animais têm aumentado o potencial de infecção. Além disso, a expansão urbana cria as "ilhas de calor", fornecendo um microambiente ideal para o desenvolvimento das larvas em mosquitos vetores, principalmente nos meses mais frios, que gera um aumento da transmissão.

Ilha de Calor

Fonte: United States Environmental Protection Agency.

Regiões endêmicas:

Sua maior prevalência ocorre em áreas litorâneas, que apresentam um clima quente e úmido. A seguir será apresentado um levantamento dos locais com maior incidência, de acordo com a região em que está inserido.



Fonte: Dr. Mário dos Santos Filho.

Sul:
2,1% em Florianópolis (SC)
7,2% em Angraquá (SC)
24,5% em Guaratuba (PR)
31,8% em Guarapuava (PR)
35,5% em Ponta da Pretaria (PR)

Sudeste:
2,8% em Guarujá (SP)
7,8% em Bertioga (SP)
16,5% em Mangaribás (RJ)
58,6% em Nilandó (RJ)
27,5% em Cabo Frio (RJ)
62,2% em Armação de Búzios (RJ)

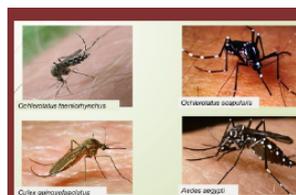
Nordeste:
20,3% em Leuro de Freitas (BA)
20% em Salvador (BA)
36,7% em Recife (PE)
49,5% em Ilamaricá (PE)

Fonte: Dr. Mário dos Santos Filho.

Principais vetores:

A transmissão é realizada por mosquitos dos gêneros:

- *Culex* spp. (pernilongo).
- *Anopheles* spp. (mosquito prego).
- *Ochlerotatus* spp.
- *Aedes* spp. (mosquito da dengue).



Fonte: Dr. Mário dos Santos Filho.

Sinais clínicos:

A gravidade da enfermidade possui relação com a carga parasitária e o nível de exercício físico.

Leve	Asintomático ou sintomas leves
Moderado	Tosse, intolerância ao exercício, presença de uma arritmia nos padrões
Sévero	Tosse, intolerância ao exercício, dispnéia, edema no coração e nos pulmões, hepatomegalia, ataxia (queda temporária da consciência devido a distúrbio de fluxo sanguíneo para o cérebro), exatose (aumento de fluidos no espaço subaracnóideo), morte
Síndrome da Vela Verde	Aparecimento súbito de letargia e fraqueza, acompanhado de hemoglobinúria e hemoglobinúria

Fonte: AHS, 2014.

Prevenção:

É a melhor forma de combater a doença.

- Uso de ectoparasitas (coleiras repelentes e spot-on).
- Combater os vetores.
- Quimioprolaxia (uso de medicamentos com o intuito de prevenir o agravamento da doença).
- Teste de antígenos e de microfilárias circulantes devem ser feitos anualmente.

A Sociedade Americana de Dirofilariose (AHS) recomenda, para os animais localizados em áreas endêmicas, que a quimioprolaxia seja realizada antes da 8ª semana de vida.

Doença de Marek x Newcastle: Saiba suas importâncias e seus impactos na avicultura brasileira.

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Eduardo Butturini de Carvalho², Ana Paula Martinez de Abreu², Mario dos Santos Filho², Erica Cristina Rocha Roier² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

DOENÇA DE NEWCASTLE

O vírus da Doença de Newcastle (NDV) é a mais importante doença de aves, pertencente à família *Paramyxoviridae*. Listada no Código Zoonosário Internacional da Organização Mundial de Saúde Animal, considerado como uma das mais devastadoras doenças de galinhas e outras aves domésticas. Além disso, apresenta potencial zoonótico.

Epidemiologia

Mesmo em países livres da doença por muito tempo, o monitoramento sistemático ocasionalmente revela infecções com sinais leves, provocadas por amostras não virulentas.

Sua principal forma de transmissão é por contato direto ou indireto, por aerossóis ou transmissão aérea e fômites.



Fonte: avianews.com

DOENÇA DE MAREK

Sendo ocasionada por um herpesvírus que afeta principalmente galinhas, podendo acometer também perus, codornas e faisões, caracterizada como altamente infectocontagiosa.

A doença de Marek em sua forma clássica acomete principalmente galinhas de doze a quatorze semanas de idade.

Causando grande impacto econômico em função dos custos de vacinação, mortalidade, condenações de carcaças e diminuição na produção de ovos.



Epidemiologia

Sua transmissão ocorre por meio da inalação da poeira contaminada com o vírus presente nos criatórios. Este podendo persistir durante longos períodos no meio ambiente, sendo presente na vida de todas as aves domésticas em algum momento.

DOENÇA DE MAREK X NEWCASTLE

Saiba suas importâncias e seus impactos na avicultura brasileira



Fonte: metalzan.ind.br

PREVENÇÃO E CONTROLE

No geral, quando falamos da prevenção e do controle dessas doenças, o uso de vacinas e o manejo adequado desses animais, com um acompanhamento médico veterinário são indispensáveis. Entretanto, a Doença de Marek apresenta controvérsias, visto que, ao longo dos dados históricos com a utilização de diversas vacinas, o vírus se mostrou uma incrível capacidade de se adaptar, tornando-se assim, mais virulentos.

Dessa forma, atualmente, o uso das vacinas serve somente como forma de diminuir o potencial viral, porém, isso permite que o vírus continue realizando mutações, podendo ocorrer cepas mais virulentas, como já mostradas ao decorrer da história.

Então, para um manejo adequado, deve ser realizado o uso de práticas de higiene no ambiente e das pessoas que tem acesso às aves, além disso, o uso de quarentena e teste de aves de reposição podem também diminuir a pressão de infecção e prevenir a ocorrência de novos surtos.



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

Para ter acesso ao conteúdo completo sobre essas doenças, escaneie os QR code abaixo



Doença de Newcastle



Doença de Marek

SINAIS CLÍNICO

Doença de Marek

A infecção nem sempre induz manifestações clínicas e a doença crônica tem apresentado cada vez menos os seus sinais. Porém, sua forma aguda pode resultar em tumores dos nervos periféricos e de vários órgãos como, por exemplo, fígado, baço, pulmões, pele, coração e rins.



Fonte: opresenterural.com.br

Doença de Marek

Podendo variar em apresentar nenhum sinal ou morte súbita em aves, essas também podem apresentar: tosse, espirros, secreção nasal, depressão e diarreia. Portanto, em humanos, apresenta sintomas leves semelhantes ao da gripe e conjuntivite, ou laringite.

Estereotipias e suas relações com o bem-estar em equinos.

Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Ian Ferraz Pires¹, Izabella Castilho Gonçalves¹, Melissa Quintella Santinon¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.



Estereotipias e suas relações com o bem-estar EM EQUINOS

Comportamento natural

Os equinos na natureza possuem um convívio social amplo em hierarquia. Eles geralmente conseguem viajar de 32 a 50 quilômetros em um dia e ficam pastando 12 a 18 horas. Tendo expectativa de vida de 30 anos em ambiente adequado.

Tipos de Estereotipias

- Aerofagia - ingerir ar;
- Lignofagia - mastigar madeira;
- Coprofagia - ingerir fezes;
- Geofagia - ingerir terra/areia;
- Síndrome do urso - andar em círculo.



ENRIQUECIMENTOS AMBIENTAIS

- Social;
- Nutricional;
- Ocupacional;
- Físico;
- Sensorial.

COMO FAZER UM ENRIQUECIMENTO IDEAL?

- Comedouros de rede;
- Amarrar frutas/verduras em cordas;
- Corredor para exercícios;
- Pedras de sal penduras nas baias.

Fonte: Cashmans



Fonte: Orchardequestrian



Fonte: Shop Veterinário



PREVENÇÃO

Para prevenir as estereotipias será necessário observar as causas que levam a tal comportamento e não somente o comportamento em si. O ideal é oferecer condições apropriadas de alojamento, manejo e alimentação.



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

Nathália de Oliveira Silva Santos¹; Bernardo Paiva Sevidanes¹; João Felipe Halfeld Carraca¹; Ian Ferraz Pires¹; Izabella Castilho Gonçalves¹; Melissa Quintella Santinon¹; Leila Cardozo Ott².

¹ Discente do curso de Graduação em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

² Professor em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Estereotipias em mini-horses.

Anna Júlia Carvalho Pires¹, Ana Julia Crivas¹, Juliana Amorim¹, Lana Queiroz¹, Valentina Cacciola¹ & Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Estereotipias em Mini Horses



Fonte: agronegocios.com

São denominados de estereotipias, quaisquer comportamentos repetitivos que, aparentemente, não tem função social e que são consideradas uma persistência de ações ao longo do tempo. Isso ocorre quando o animal não possui um recurso específico ou não consegue responder a estímulos ambientais ou corporais, gerando uma simulação mental da obtenção de tal necessidade e isso pode ser externalizado em movimentos repetitivos sem propósito.

Mini Horses

São animais pequenos, dóceis, ativos, inteligentes e que necessitam de menos espaço e alimento para sua sobrevivência, quando comparado aos cavalos maiores.

As fêmeas possuem 89cm e os machos 95cm.

Podem ser utilizados para passeios com crianças, para tração como carrocinha e charrete. Além de serem domados a partir dos 24 meses.



Fonte: Medium



Fonte: Mini fazenda Reino Encantado

Causas das estereotipias

Como estes animais acabaram sofrendo alteração em seu modo de vida e foram adaptados a viver em baias, alguns começaram a sofrer estresse e até mesmo ausência do bem estar, alguns exemplos disso são:

- Instalações pequenas;
- Falta de exercícios;
- Alimento muito energético;
- Falta de interação;



Fonte: Bonnie Dessart



Fonte: Portal cavalus

Tipos de estereotipias

Por serem muito semelhantes, suas estereotipias acabam sendo as mesmas dos cavalos maiores:

- Aerofagia: engolir o ar;
- Lignofagia: roer madeira;
- Coprofagia: ingestão das fezes;
- Geofagia: ato em que o animal ingere terra, areia;
- Síndrome do urso: consiste em andar em círculos;



Fonte: Integral mix



Fonte: dreamstime.com.pt

Como prevenir?

O ideal é oferecer um enriquecimento ambiental adequado, como: frutas, verduras e legumes amarrados em cordas, pedra de sal penduradas nas baias (necessita-se de uma atenção redobrada, pois o alto consumo da mesma, pode acarretar em um quadro de deficiência nutricional), além de terem um local apropriado de alojamento.



Fonte: Liberty equus



Fonte: Liberty equus



Fonte: Tractor Supply



Fonte: Bored panda



Autores: Ana Julia Pires, Ana Julia Crivas, Juliana Amorim, Lana Queiroz, Valentina Cacciola e Alvaro Alberto Moura Sá Passos

Gambás na agricultura (vinculado com o Projeto *Didelphis*).

Renata Garcia Rentes¹, Mariana Cortes Alves¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.



SABIAM QUE O GAMBÁ É UM ÓTIMO AGRICULTOR?

OS GAMBÁS POSSUEM UM PAPEL ECOLÓGICO MUITO IMPORTANTE E PRINCIPALMENTE NA AGRICULTURA.

COMO OS GAMBÁS NOS AJUDAM NA AGRICULTURA?

Controle de praga:
Os gambás ajudam no controle de praga e no bem estar das plantas por comerem insetos e pequenos roedores que danificam as colheitas.

Equilíbrio do ecossistema agrícola:
Reduzem a necessidade de pesticidas já que eles se alimentam de pragas, protegem as plantações de danos e melhoram a saúde do solo

MITOS E VERDADES SOBRE GAMBÁS!!

Mitos:

- Gambás transmitem raiva.
- Gambás são agressivos.
- Os gambás não soltam fedor quando são ameaçados

Verdades:

- Gambás quando estão sendo ameaçados se fingem de mortos.
- Gambás ajudam na prevenção de doenças
- Gambás são muito importantes para o meio ambiente.



FAÇA SUA PARTE!

A LIGA DE ANIMAIS SELVAGENS É RESPONSÁVEL PELA REABILITAÇÃO DOS GAMBÁS PARA RETORNAREM AO SEU HABITAT NATURAL. NOS AJUDE DOANDO ALGUNS MATERIAIS, ALIMENTOS OU MEDICAMENTOS E COMPARTILHANDO OS NOSSOS POSTS.

AJUDE A LIGA DE ANIMAIS SELVAGENS

[HTTPS://WWW.INSTAGRAM.COM/P/CYLU-VRABTO/?IGSH=EMVTDHNRNJF6DZJ6](https://www.instagram.com/p/cylu-vrabto/?igsh=emvtdhnrnjf6dzj6)

@vet.renatagarcia
@marianacortes.vet
@referreirauff
@med.vet.alvaropassos

UNIVASSOURAS

DISCENTES: RENATA GARCIA RENTES, MARIANA CORTES ALVES.
DOCENTES: RENATA FERNANDES FERREIRA DE MORAES, ÁLVARO ALBERTO MOURA DA DOS PASSOS

Medicina Veterinária Integrativa.

Laura Andrade de Oliveira¹, Ellen Caroline Costa Candido¹, Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹, Fernanda Eiras Nascimento¹, Amanda Alfeld Belegote² & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Conheça a nossa Liga:

A LAMI (Liga acadêmica de medicina integrativa) é uma liga pertencente ao curso de Medicina veterinária da Universidade de Vassouras, que tem como objetivo a maior visibilidade e exploração de assuntos relacionados a medicina integrativa, com ajuda de membros e colaboradores, a liga realiza cursos e palestras com temas deste meio.

No nosso instagram vão encontrar diversas postagens informativas, e com conteúdos didáticos sobre os ramos da medicina veterinária integrativa.

Autores: Laura Andrade de Oliveira¹; Ellen Caroline Costa Candido¹; Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹; Fernanda Eiras Nascimento¹; Amanda Alfeld Belegote²; Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹ Discentes em Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.
² Discente do Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária-Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.
³ Docente em Medicina Veterinária- Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil.

Medicina Integrativa Veterinária

O que é a medicina integrativa:

A Medicina Veterinária Integrativa leva em conta uma abordagem orientada para um sentido mais amplo de cura, que visa tratar o paciente em relação ao seu corpo, mente e espírito. Atua fazendo uma associação de práticas tradicionais da medicina veterinária com terapias complementares e alternativas, como acupuntura, quiropraxia, fitoterapia e nutrição holística, para promover o bem-estar animal de forma abrangente.

Na medicina veterinária integrativa, o objetivo é tratar o animal de forma holística, considerando não apenas os sintomas físicos, mas também o seu bem-estar emocional, mental e espiritual. O foco está em promover a saúde e o equilíbrio do animal como um todo.

Algumas áreas da medicina integrativa:

Ozonioterapia: A ozonioterapia é uma técnica que envolve a aplicação de ozônio medicinal para tratar diversas condições de saúde em animais. O ozônio é uma forma de oxigênio com propriedades antimicrobianas e anti-inflamatórias. Essa terapia é usada em animais para ajudar na cicatrização de feridas, aliviar a dor, fortalecer o sistema imunológico e tratar infecções, entre outros benefícios.

Nutrição funcional: Por meio da genética do indivíduo e pelas manifestações de doenças do mesmo, se utiliza de alimentos específicos como aliado para tratamentos.

Acupuntura: O principal objetivo é trazer qualidade de vida para os animais e cura de diversas doenças, através do estímulo aos pontos energéticos do organismo por meio de inserção de agulhas.

Fitoterapia: é uma abordagem terapêutica que utiliza plantas medicinais para prevenir e tratar doenças em animais. Essas plantas contêm compostos ativos que podem ter propriedades medicinais, como anti-inflamatórias, antioxidantes, antimicrobianas e analgésicas. A fitoterapia pode ser administrada de várias formas, sendo utilizada para uma ampla gama de condições de saúde em diversas espécies animais.

Quiropraxia: é uma terapia complementar que se concentra na manipulação manual da coluna vertebral e articulações para promover o alinhamento correto e a função adequada do sistema musculoesquelético em animais.

Proteja sua fazenda e o meio ambiente: Guia para o uso e descarte seguro de agulhas, seringas, medicamentos e vacinas na produção animal.

Lorena Bonin Costa Reis¹, Nicollas Henrique de Paula Eustáquio¹ & Glenda Ribeiro de Oliveira².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.



PROTEJA SUA FAZENDA E O MEIO AMBIENTE:
Guia para o Uso e Descarte Seguro de Agulhas, Seringas, Medicamentos e Vacinas na Produção Animal



A Importância da Conscientização Ambiental

Neste material, abordaremos um aspecto crucial da produção animal: o uso e descarte seguro de agulhas, seringas, medicamentos e vacinas. Entender a importância desse processo não só para a **saúde animal**, mas também para a **segurança humana** e a **preservação do meio ambiente** é essencial para todos os envolvidos na atividade agropecuária.

O Uso nas Fazendas

Esses itens são frequentemente utilizadas em diversas práticas veterinárias na fazenda, tais como:

- Administração de oxicitina.
- Vacinação para prevenir doenças em animais.
- Tratamentos medicamentosos para o controle de enfermidades.



Cuidados no Uso de Medicamentos: "Os 5 somente"

Ao administrar medicamentos, siga os princípios dos "5 Somentes" para garantir tratamentos eficazes e seguros. São eles:

1. **SOMENTE** o medicamento prescrito pelo Médico Veterinário.
2. **SOMENTE** quando necessário, pelo tempo necessário, seguindo como recomendado.
3. **SOMENTE** na dose prescrita, respeitando a duração do tratamento e período de carência.
4. **SOMENTE** adquiridos de distribuidores autorizados.
5. **SOMENTE** associados às boas práticas de manejo, vacinação e higiene.

Dessa forma, buscamos garantir a **Saúde Única no Campo**: saímos todos ganhando!



Uso Correto de Medicamentos

<p>Atente-se à validade</p> 	<p>Consulte o Médico Veterinário para fazer o tratamento correto</p>	<p>Administre pela via de aplicação correta</p>
<p>Leia sempre a bula</p>	<p>Cuidado ao usar mais de um medicamento ao mesmo tempo</p>	<p>Respeite o tempo de carência dos produtos veterinários</p>
<p>Só compre produtos registrados no MAPA</p>	<p>Lembre de respeitar a dose e o tempo de tratamento</p>	<p>Armazene em local ideal e seguro, longe de animais e crianças</p>

E porque o Descarte Adequado é essencial?

O descarte inadequado desses itens pode representar **sérios riscos**, incluindo:

- Ferimentos acidentais em pessoas e animais.
- Propagação de doenças.
- Contaminação do solo e da água.

Dicas para Descarte Seguro:

- Utilize **recipientes rígidos e resistentes** para descartar as agulhas usadas. Uma **garrafa pet** pode ser uma ótima alternativa para isso
- **Nunca reutilize** agulhas descartáveis.
- **Identifique corretamente** os recipientes de descarte e mantenha-os **fora do alcance de crianças e animais**.
- Procure **pontos de coleta específicos** para descarte de materiais perfurocortantes.



Lembre-se:

O descarte adequado de agulhas, seringas, medicamentos e vacinas não é apenas uma **responsabilidade**, mas uma **obrigação** para todos os envolvidos na produção animal. Praticar boas condutas é essencial para garantir a **saúde** e a **segurança** de todos os seres vivos e para **preservar o nosso meio ambiente**.



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

Juntos, podemos garantir práticas **sustentáveis e seguras** na produção animal, contribuindo para um **ambiente mais saudável** e para o **bem-estar de todos**. O descarte adequado é um passo importante nessa direção. Para **dúvidas** ou **orientações**, entre em contato:

Boas Práticas no Uso de Produtos Veterinários na Produção Animal
Treinamento Profissional

WhatsApp: (32) 99870-3721
Email: boaspraticasvet@gmail.com
Instagram: @boaspraticasvet

Conheça nosso projeto:






UNIVASSOURAS

